

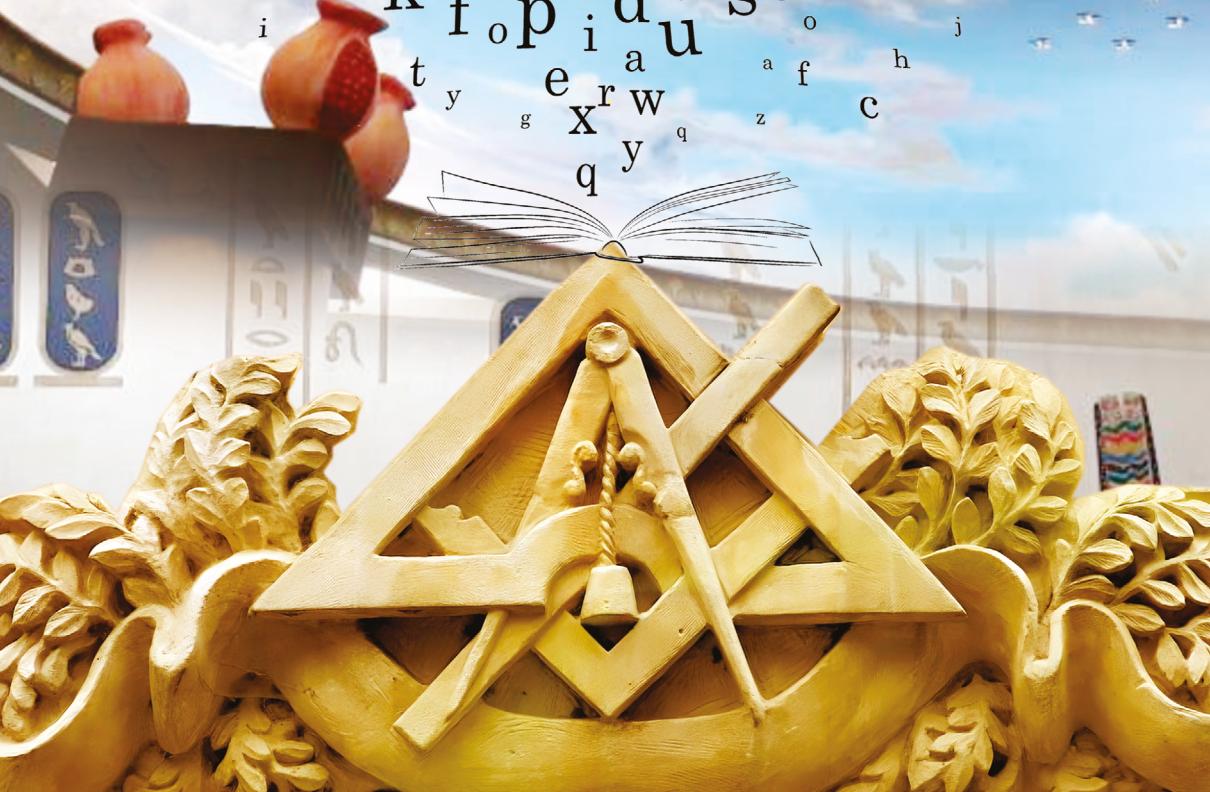
MILTON DE SOUZA



Fundada em 25-10-2018
CERTIFICADO
DE QUALIDADE

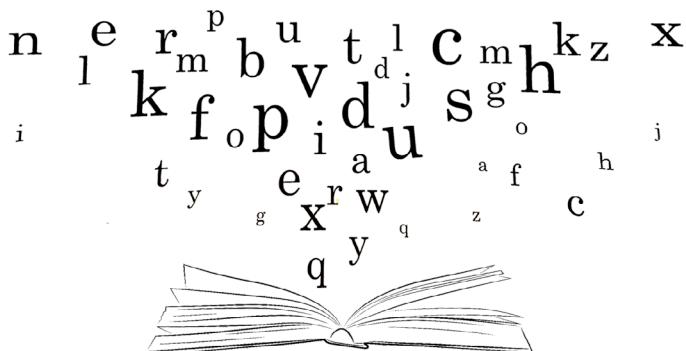
ABC DOS SIGNIFICADOS MACÔNICOS

n l e r^p m b u t^d l c m h k z x
i k f o p i d j s g o j
t y e r w a u a f h
g X y q z c



MILTON DE SOUZA

ABC DOS SIGNIFICADOS MAÇÔNICOS



GOIÂNIA | 2023

APOIO CULTURAL



AGRADECIMENTOS

A todas as pessoas que possibilitaram a realização desta obra:

*Incialmente, a SEBASTIÃO FERREIRA MENDES JÚNIOR,
que contribuiu na catalogação dos textos.*

**À ACADEMIA GOIANA MAÇÔNICA DE LETRAS,
nas pessoas de**

ADEGMAR JOSÉ FERREIRA
AMÉLIO DO ESPÍRITO SANTO
ANDERSON LIMA DA SILVEIRA
CHARLES W. DE MATOS PINHEIRO
GETULIO TARGINO LIMA
HELDER VINHAL DE CARVALHO
JOÃO BATISTA FAGUNDES
JOSÉ EDUARDO MIRANDA
JOSÉ MARIANO LOPES FONSECA
KENNYO ISMAIL
MÁRIO MARTINS DE OLIVEIRA NETO
QUINÍDIO SOLAR FERNANDES
TITO SOUZA DO AMARAL

*Em especial, à Grande Loja Maçônica do Estado de Goiás
e ao Grande Secretário de Cultura da GLEG,
José Mendes da Silva Neto.*

Este livro não se tornaria realidade se não fosse pelo apoio recebido.

Aos demais irmãos e a toda família maçônica.

HOMENAGEM

*À minha adorada esposa e companheira de jornada,
GERALDA MARTINS DE SOUZA,
pela paciência e tolerância com as minhas inúmeras ausências a fim
de cumprir os compromissos com a Ordem por mais de 40 anos.*

Aos filhos:

*Ao querido filho e Irmão MILTON SÉRGIO DE SOUZA (in memoriam).
À minha querida filha PATRÍCIA MARTINS DE SOUZA, pelo apoio.
Ao meu querido filho SÉRGIO DAMÁSIO DE SOUZA, por confiar em mim.*

*Aos amados Irmãos de minha
Loja Simbólica União do Horizonte 119*

- Ao querido Irmão da minha Loja-Mãe, Joaquim Mesquita.*
- Ao Sereníssimo Grão-Mestre Tito Souza do Amaral, pela Sinceridade.*
- Ao Eminente Grão-Mestre Adjunto Mário Martins, pela Retidão.*
- Ao Querido Irmão Hamilton Rios de Araújo, Gr.: Sec.:; pela Atenção.*
- Ao Estimado Irmão Willes Antônio, Diretor da Sec.: Geral, pelo Apoio.*
- Ao querido Irmão e amigo Maurício Lopes Ferreira, pela amizade sincera e pelo carinho.*
- Ao adorado Irmão e amigo Foze Abrão, pelos atributos da Sinceridade, Amizade Verdadeira e Enorme Coração (Inesquecível).*

Aos queridos Irmãos:

*José Mesquita, Neri Mesquita, Bruno Medeiros Duarte,
Adolfo Ribeiro Valadares e Artur Duarte Pinto (in memoriam);*

*João Batista Fagundes, José Alvarenga dos Santos,
Ruy Rocha de Macedo e Américo Gomes de Moura,
pelas profundas marcas de bondade gravadas em minha vida.*

Da edição: © Academia Goiana Maçônica de Letras – 2023
Do texto: © Milton de Souza- 2023

A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio,
seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

Editor/designer:

José Mariano L. Fonseca – Cadeira nº 06

Conselho Editorial: Absaí Gomes Brito | Anderson Lima da Silveira
Getulio Targino Lima | Alexandre Avelino Giffoni Júnior
| Luiz Antônio Signates Freitas

Divulgação: Físico / Digital [<http://agml.com.br/>]

Projeto gráfico: AD Arte Design | Adriana Almeida

Revisão: Fátima Toledo

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte (CIP)
(Elaboração: Filipe Reis – CRB 1/3388)

Souza, Milton.

S729a ABC dos significados maçônicos / Milton Souza. –
Goiânia : AGML, 2023.

380 p. ; 16 x 23 cm.

ISBN 978-65-87737-61-4 (Digital)

ISBN 978-65-87737-59-1 (Impresso)

1. Maçonaria. 2. Organizações fraternas. I. Título.

CDU: 061.251

Esta obra em formato de e-Book/impresso foi produzida com apoio cultural da Grande Loja Maçônica do Estado de Goiás. A exatidão das referências, a revisão gramatical e as ideias expressas e/ou defendidas nos textos são de inteira responsabilidade do autor. As instituições envolvidas ficam isentas de quaisquer eventualidades/opinião. Qualquer sugestão de alteração ou acréscimo, serão acatadas em uma próxima edição.

Contatos com o autor:

miltonsouza1942@gmail.com | (62) 99943-3909

Sumário

Apresentação do autor.....	11
Nota editorial da AGML	13
Nota à obra – <i>Adegmar José Ferreira</i>	15
Menção especial – <i>Getulio Targino Lima</i>	19
Nota sobre o autor – <i>João Batista Fagundes</i>	23
PREFÁCIO – <i>Kennyo Ismail</i>	29
APRESENTAÇÃO – <i>Tito Souza do Amaral</i>	31
UM MESTRE, UM IRMÃO, O MAÇOM! – <i>Mário Martins de Oliveira Neto</i>	35
UM PROFESSOR DE MAÇONARIA – <i>Charles Wellington de Matos Pinheiro</i>	39
BREVE INTRODUÇÃO – <i>Helder Vinhal de Carvalho</i>	43
ABC DOS SIGNIFICADOS MAÇÔNICOS	49
Referências.....	377

Apresentação do autor

Há no mercado uma infinidade de informações e conhecimentos iguais ou melhores que os nossos, transmitidos neste exemplar: *dicionários excelentes, enorme variedade de livros de grandes escritores com títulos os mais variados, revistas, jornais, trabalhos falados e escritos.* Acontece que este trabalho é direcionado (*gratuitamente, de forma digital*) à nossa região maçônica da Grande Loja Maçônica do Estado de Goiás, na pretensão única de incentivar os Irmãos jurisdicionados aos “estudos e pesquisas” e, consequentemente, ajudar na “alfabetização Maçônica” dos Aprendizes e Companheiros. Quanto aos Mestres, seria uma oportunidade de recordarem as lições aprendidas, aprimorando, assim, suas habilidades no caminho da disseminação da Maçonaria.

Quem sabe as mesmas informações existentes em outros materiais, ao serem veiculadas por um irmão da região e da mesma Potência Maçônica, possam despertar maior interesse dos irmãos.

Procuramos neste trabalho, sempre que possível, respeitar e transcrever as opiniões oferecidas pelos entendimentos diversos: de escritores, instituições, grupos, irmãos estudiosos, não importando a Potência Maçônica de cada um, embora, claro, focando no R.:E.:A.:A.:, na segurança da pesquisa e na lógica.

ENCAMINHA-SE

Este exemplar é uma exposição das opiniões e pesquisas de diversos grandes escritores brasileiros sobre a maçonaria, bem como fruto do nosso modesto aprendizado durante mais de 40 anos na Ordem.

PROPÓSITO

Esta obra visa a divulgar os entendimentos, estudos e pesquisas de diversos escritores maçônicos, não somente nosso ponto de vista.

Toda a arrecadação deste livro será destinada às Obras Sociais Batuíra da Vila Rosa, em Goiânia-GO. A sua distribuição será de forma impressa e digital através do site <https://agml.com.br/abc-dos-significados-maconicos/>, oferecido aos irmãos interessados, obreiros das Lojas jurisdicionadas à Grande Loja Maçônica do Estado de Goiás.

Nota editorial da AGML



Estamos muito felizes em iniciar o ano de 2023 da Academia Goiana Maçônica de Letras (AGML) em um momento duplamente simbólico. Primeiro, porque é o início de uma nova era, com a esperança de que dias melhores sempre virão. Em segundo lugar, porque estamos comemorando a publicação deste volume, que contém a quarta edição dos livros editados pela instituição. Vale ressaltar que, neste início de ano, a AGML apresenta quatro livros físicos e mais de 50 livros eletrônicos publicados, produzidos e lançados, que dão força e vitalidade à produção literária de duas forças maçônicas, a saber, o Grande Oriente do Estado do Brasil-Goiás e da Grande Loja Maçônica do Estado de Goiás.

Este compromisso institucional concebido por ambos os poderes formou, desde a sua criação – em 2018 –, um conselho editorial nas primeiras reuniões da Academia, cujo objetivo era preparar e acolher textos representativos de vários gêneros literários escritos pela família maçônica. Criou-se, assim, um terreno fértil, que abriu um novo campo para os escritores maçônicos, que constantemente nos procuravam para cumprir suas publicações, como aconteceu com o muito preocupado escritor Milton de Souza, que, após cuidadosa pesquisa, aprofundou seus conhecimentos nas entrelinhas da literatura maçônica ao longo de vários anos e hoje exibe esta cuidadosa contemplação-ação-reflexão.

Sua obra, intitulada *ABC dos significados maçônicos*, inicia-se com um ponto de partida que inclui uma seleção de textos transcritos após o ingresso do autor na Maçonaria, bem como seu estudo da estrutura do livro. Em seguida, marcada a reunião, todo o material foi apresentado aos Irmãos da Grande Loja do Estado de Goiás: Sereníssimo Grão-Mestre Tito Souza do Amaral; Vice-Grão-Mestre Mário Martins de Oliveira Neto; Hamilton Rios de Araújo, Quinídio Solar Fernandes; e a José Mariano Lopes Fonseca, membro do Conselho Editorial e atual presidente da AGML, para reconhecimento e avaliação de todo o contexto. Essa iniciativa foi de imediato aceita, por ser considerada uma bela obra, além de ser um dos eixos sobre os quais se fundou a Academia no seio da Maçonaria. Assim, a Academia Goiana Maçônica de Letras chancelou com o selo de garantia de publicação.

Sublinhando a observação técnica, refira-se que algumas características e redação do livro foram substituídas no âmbito da correção ortográfica e gramatical por uma cuidadosa uniformização dos textos, que garante a qualidade e integridade da obra, respeitando a versão e originalidade, de responsabilidade exclusiva do autor.

A AGML é, sem dúvida, um espaço de promoção e reconhecimento do talento intelectual de vanguarda de seus Irmãos e de toda a família maçônica, e visa despertar, promover e incentivar outros escritores por meio da publicação desta obra – material pré-acordado. Os membros da AGML sentem-se honrados em ter a oportunidade de selar o selo de qualidade da AGML a mais esta obra maçônica de Goiás, deixando assim um novo marco para as gerações futuras, com o exemplo de que, para realizar seus sonhos, é preciso dar asas à imaginação, além de ser sempre corajoso, porque não há dúvidas de que o conhecimento intelectual é um mundo sem fim.

Por último, mas não menos importante, queremos aqui, do fundo do coração, agradecer a todos os membros da AGML, à diretoria, ao autor, Milton de Souza, e aos nossos Irmãos pela colaboração.

Nota à obra

Adegmar José Ferreira¹

O *ABC dos significados maçônicos*, obra magnífica de autoria do grande intelectual maçom Milton de Souza, vanguarda do conhecimento e da cultura maçônicos, é, na verdade, muito mais que um livro, é uma série de grandes aulas sobre simbolismo, filosofia, ética, retidão, entre outros fundamentos e princípios norteadores da nossa SUBLIME ORDEM.

Somado a tudo isso, não há de se olvidar de que criador e criatura (autor/livro), em o *ABC dos significados maçônicos*, se juntam, e, consequentemente, formam uma simbiose perfeita, ou seja, os valores do livro, pelo seu magistral conteúdo, somados aos valores e atributos humanos do grande construtor social que é o maçom e pesquisador Milton de Souza.

Vejamos, caro leitor, o que esse grande maçom registra humildemente nas primeiras linhas de sua obra:

ENCAMINHA-SE Este exemplar é uma exposição das opiniões e pesquisas de diversos grandes escritores brasileiros sobre a maçonaria, bem como fruto do nosso modesto aprendizado durante mais de 40 anos na Ordem. PROPÓSITO Não há de nossa parte a mínima pretensão de registrá-lo, muito menos de comercializá-lo; mesmo

1. Membro da Academia Goiana Maçônica de Letras, cadeira nº 21.

porque, em sua grande parte, divulgamos os entendimentos, estudos e pesquisas de diversos escritores maçônicos, não somente nosso ponto de vista. Portanto, a sua distribuição será de forma “gratuita e digital”, através dos sites <https://gleg.com.br> e <https://uh119.com.br>, oferecido aos Irmãos interessados, obreiros das Lojas jurisdicionadas à Grande Loja Maçônica do Estado de Goiás.

O fragmento da fala inicial de Milton de Souza, acima destacado, fala por si mesmo o quanto estamos diante de um grande ser humano, um grande maçom, um grande construtor social e, por conseguinte, de um GRANDE LIVRO.

Desde os primórdios das civilizações se discute o poder da escrita, o poder do livro e de quem escreve, bem assim, o poder de intervenção da linguagem materializada no discurso e na intencionalidade do sujeito que escreve. Milton de Souza, nesta magnífica obra que doravante passa a integrar o acervo bibliográfico maçônico brasileiro, cumpre com maestria sua função de escritor, pesquisador e interventor social no seio da maçonaria universal, brasileira e goiana, de sorte que a expressão de alegria materializada no Editorial da nossa Academia Goiana Maçônica de Letras, por si mesma, expressa minhas modestas palavras e o júbilo de toda nossa SUBLIME ORDEM.

Vejamos como essa alegria está ali estampada:

Estamos muito felizes em iniciar o ano de 2023 da Academia Goiana Maçônica de Letras (AGML) em um momento duplamente simbólico. Primeiro, porque é o início de uma nova era, com a esperança de que dias melhores sempre virão. Em segundo lugar, porque estamos comemorando a publicação deste volume, que contém a quarta edição dos livros editados pela instituição. Vale ressaltar que, neste início de ano, a AGML apresenta quatro livros físicos e mais de 50 livros eletrônicos publicados, produzidos e lançados, que dão força e vitalidade à produção literária de duas forças maçônicas, a saber, o Grande Oriente do Estado do Brasil-Goiás e da Grande Loja Maçônica do Estado de Goiás.

Assim, caro Irmão Milton e estimados leitores, nossa SUBLIME ORDEM, a partir do lançamento desta magnífica obra, pode se considerar em festa, justamente por poder dizer em alto e bom som:

“Temos uma obra doutrinária de vanguarda à disposição de todos os Irmãos estudosos e ávidos de conhecimento, do simbolismo aos altos graus filosóficos.”

Uma boa leitura e bom aprendizado a todos nós!

Goiânia, 23 de janeiro de 2023.

Menção Especial

Getulio Targino Lima¹

A edição de livros é sempre algo especial e interessante, mas vem, pouco a pouco, perdendo o significado pela usual mesmice de sua repetição. Como no cinema, em seu início. Ao se saber que um filme fora produzido, cabe só esperar para ver a disparada... todo mundo queria ter o gosto de assistir. E não só isso, mas de ter sido o primeiro a ter feito isso, ter estado na primeira sessão...

E não foi diferente com a literatura, com o livro. A publicação era um evento excepcional e único. E quando alguém lançava um, o feito era louvado, até porque os que se atreviam a fazê-lo eram gênios nessa arte. Mas o tempo passou, as técnicas foram mudadas.

Hoje, para que as salas de exibição fiquem lotadas ou os canais de televisão sejam objetivo da escolha de milhões de telespectadores, é preciso que uma carga maciça de propaganda, de divulgação, de convites e sugestionamentos seja feita e espalhada aos quatro cantos. E são poucas as vezes em que não nos decepcionamos, porque o filme não é nem metade daquilo que foi possivelmente anunciado.

¹ Professor Emérito da UFG, jornalista, compositor e escritor. Membro da Academia Goiana Maçônica de Letras, cadeira nº 13.

Não é diferente na literatura. Já tive oportunidade de ler excelentes obras que, todavia, não estavam na lista das mais procuradas ou das mais lidas ou das mais divulgadas, mas maiores e melhores do que muitas que ocuparam o topo da lista das melhores!

Numa palestra proferida há alguns anos por um crítico e escritor português, ouvi a seguinte frase: “Desconfiem dos *best sellers!*” E explicava: “Não sou contra o *best seller*. Ocorre, porém, que muitos deles são fabricados pela força do dinheiro e da propaganda.”

Não adquiram um exemplar apenas porque a mídia assim o declarou, mas porque a obra, o seu conteúdo, o engenho com que foi escrita merecem esta qualificação.

Pois bem, Irmãos e caros leitores que estão dedicando minutos de seu tempo à leitura desta Menção: o *ABC dos significados maçônicos*, de autoria de nosso Irmão Milton de Souza, com mais de três centenas de páginas, é um verdadeiro *best seller* não no sentido da divulgação, ou da venda, ou de qualquer outra razão que não seja o enormíssimo valor de seu conteúdo semeado em palavras devidamente adubadas e nutridas de experiência, paciência, pesquisa séria e finalidade nobre e relevantíssima: a explicação clara e convincente do significado das palavras, coisas, símbolos e rituais maçônicos.

Caminhando célere para os 60 (sessenta) anos de vida maçônica, (Iniciação na Loja Liberdade e Justiça II do GOB-GO, Oriente de Anápolis em julho de 1964), sempre entendi e tenho me batido pela imperiosa necessidade de o maçom entender por que diz uma frase, por que pratica um gesto, por que faz uma saudação. Necessário que se faça luz sobre os símbolos que decoram o Templo, as alegorias que ilustram o histórico de cada grau, simbólico ou filosófico.

Quando não dominamos estes altos e profundos significados, por mais que saibamos de memória todas as palavras e frases, ou conheçamos todos os passos ou gestos, ao dizer os nomes de todas as alegorias existentes no Templo, sem errar ou tropeçar numa delas, asseguro que, assim, seremos seres humanos robotizados, repetidores

de slogans, edificações feitas na areia, proas a ruírem à primeira tempestade.

Mas quando sabemos o porquê, a motivação, estaremos mais fortes para a batalha. É a diferença entre o combatente que está na guerra porque assim lhe foi ordenado e o que recebeu a mesma ordem, mas conhece os valores, os ideais pelos quais luta.

Pois é este iluminado e abençoado papel que esta maravilhosa obra procura desempenhar.

E o seu Autor o faz pelo caminho certo.

Primeiro o da humildade. Nomeou o seu livro de ABC.

Ora, todos sabem que o ABC é o mínimo, apenas o começo, os primeiros passos. E esta obra é muito mais do que isso. É estudo aprofundado e sério.

Segundo a seriedade. Não se trata de um compêndio de opiniões, um rosário de palpites, é o produto de longa experiência de vida maçônica, séria e aprofundada pesquisa nas fontes mais autorizadas e, de consequência, a obra se apresenta como repositório necessário e indispensável de lições maçônicas, apontando significados e sentidos que fazem direcionar a vida e o comportamento, até a superação do homem material (pedra bruta) pelo homem espiritual (pedra polida).

Verdadeiro espelho polido a refletir e direcionar a luz não só do conhecimento, mas de verdadeira SABEDORIA!

E tudo escorreito: gramatical e essencialmente.

Parabéns à Academia Goiana Maçônica de Letras pela chancela do Livro “Selo de Qualidade”. E ao meu Irmão, muito obrigado, no terceiro nível da gratidão, pela dádiva de sua obra.

Goiânia, 25 de janeiro de 2023.

Nota sobre o autor

João Batista Fagundes¹

O Exemplar Maçom Milton de Souza, que escreveu esta obra especial em reconhecimento a toda a população maçônica, tanto membros da Grande Loja Maçônica do Estado de Goiás quanto de outros Poderes, a manteve acesa em todos os lugares. Foi extraordinário.

Irmão Milton de Souza foi o Mestre do meu Ensino Grão-Mestre, realizado de 2005 a 2008. Ele apresentou uma palestra no data show sobre “O Mestre Instalado”. O grande Milton apresentou essa palestra em todas as dependências dos novos Veneráveis Mestres. Excelente palestra, sem precedentes em outras forças.

Agora meu Irmão Milton escreveu um *ABC dos significados maçônicos*, onde fala sobre Gnose, Abóbadas, Acácia, Águia de Duas Cabeças, Alfabeto Maçônico, Altares Maçônicos, Constituição de Anderson, Egrégora Maçônica, Avental e Balandrau de maçons antigos, livres e aceitos.

¹ Membro da Academia Goiana Maçônica de Letras, cadeira nº 16.

Ele fala de um banco maçônico estabelecido na cidade de Nova York para facilitar o fornecimento de fundos para cumprir o pedido. Ele escreve sobre a bandeira nacional no Templo Maçônico... todos os símbolos e alegorias da Maçonaria. Trata-se do pilar da sepultura, local onde estão escritos os nomes dos Irmãos mortos. Ele também fala sobre a “queda”. Fala sobre os equinócios – os pontos de rotação da Terra em torno do Sol de uma era comum, a mesma da era cristã, nossa era atual do nascimento de Jesus Cristo.

Escreveu sobre o Rito Escocês Antigo e Aceito, Grau 33. Do Escocês Filosófico, em 18 graus. Da Escócia reformada da Alemanha e Prússia, com 7 graus. Fala de uma estrela flamejante que simboliza o homem perfeito. Ensina o nome do Ganso e da Rede, uma loja maçônica que em 2 de junho de 1717, juntamente com três lojas maçônicas, formou a Grande Loja da Inglaterra. Outras lojas foram “a Coroa”, “a Macieira”, “O Copázio” e as “Uvas”.

O autor explica detalhadamente o Salmo 133, que é recitado na Loja de Aprendizagem, quando interpreta: “Oh! Como é bom e suave para os Irmãos viverem em comunhão... é como óleo precioso para a cabeça.” Milton escreveu sobre todos os símbolos da Maçonaria e alegorias. Esta obra é uma das que podemos chamar de justa e perfeita.

O irmão Milton de Souza tem uma formação invejável na escola da vida. Essa formação qualificou-o e fez dele uma âncora na Maçonaria e na sociedade em que se faz guerra, ergue-se templos à virtude e cava-se antros de vício. Para tanto, e perante a grande obra *ABC dos significados maçônicos*, afirma a extraordinária pesquisa e dedicação ao estudo maçônico e sua posição entre os maçons que buscam o mundo do conhecimento através da leitura desde sua Iniciação, por meio de textos dos mais diversos gêneros, sempre em contato com versos repletos de ensinamentos que abrem luz e direção a cada amanhecer e tomam a forma de uma coletânea organizada por seu autor.

Assim, meu Irmão poderoso e amigo especial, escritor Milton de Souza, posso te garantir que nunca duvidei de sua competência

em tudo que já conquistou e continuará fazendo na vida. Veja! Que peça maravilhosa que descreve nossa Maçonaria e nossa vida.

Mas o que é a vida? A vida é um sopro que toca e muitas vezes afasta de nós nossos melhores amigos, que sucumbem em nossos braços, causando uma separação física repentina e os mantendo ligados pela fé e pela certeza de sua presença em um nível espiritual que nos acalma e nos dá esperança de que a vida é contínua.

Como membro da Academia Goiana Maçônica de Letras, tenho a honra de escrever, de forma muito singela, esta nota sobre o maçom/escritor Milton de Souza, exemplo de maçom que busca o crescimento da humanidade de forma legível.

Goiânia, 20 de janeiro de 2023.

“O que é ser Maçom? É ser melhor. Não melhor que o outro, mas melhor para o outro. Eis a diferença.” – (O Pensador)

“Foi na escuridão que encontrei a Luz, e foi na luz que vi as sombras que me cercavam.” – (Maçonaria Hiram Abif – O Pensador)

“Aprender é muito mais que Compreender.” – (Actavox)

Na Maçonaria, como em qualquer agrupamento, falar sem explicar, ouvir sem entender ou entender mal pode constituir verdadeiro projeto arquitetônico comportamental da Obediência Compulsória, Instintiva e da Fé Cega. – (Milton de Souza)

Prefácio

Kennyo Ismail¹

Esta obra, *ABC dos significados maçônicos*, apresenta uma coletânea de centenas de temas maçônicos abordados de modo “curto e grosso”, sem floreios ou rodeios. Da letra “A” até “Zodiacal”, o Irmão Milton de Souza deixa sua singela, porém significante contribuição à literatura maçônica, oferecida à Maçonaria em geral e aos Irmãos goianos em particular, e que servirá como mais uma fonte útil de consulta e de temas para trabalhos e abordagens em reuniões.

A literatura maçônica divide-se, há mais de 100 anos, em duas escolas primordiais. A primeira, chamada de “Romântica”, tem um viés esotérico, místico, primando pelas opiniões pessoais e sentimentos dos autores. A segunda, chamada de “Autêntica”, tem um compromisso com os fatos, as fontes e os métodos, apresentando uma visão mais academicista.

Ao longo dos últimos anos, temos visto o florescer da Escola Autêntica de Maçonaria no Brasil, com o surgimento de várias pesquisas, periódicos, livros, traduções de clássicos maçônicos e desenvolvimento de cursos *lato sensu* ou livres, de curta duração. Contudo, a Escola Romântica mantém sua hegemonia, com uma

¹ Escritor maçônico.

infinidade de obras lançadas no século passado, e que moldaram a cultura maçônica brasileira como a conhecemos.

Sem pretensão de oferecer uma palavra final sobre qualquer um dos assuntos tratados, o Irmão Milton entrega uma obra que navega nesses dois mares das escolas romântica e autêntica, o que, com certeza, agradará a ambos os públicos.

Para aqueles que amam a Maçonaria e apreciam a leitura de assuntos relacionados a ela, este livro proporcionará momentos agradáveis de leitura e, com certeza, boas reflexões.

Boa leitura!

Apresentação

Tito Souza do Amaral¹

Seja por formação acadêmica, ou por princípios, resguardo firme a convicção de que uma obra deve nascer sempre e quando seu conteúdo for próprio para aquiescer a busca do conhecimento. Os livros não devem ser produzidos e publicados sem propósitos, livres de uma destinação específica. Isso, é certo, não é o caso do trabalho desenvolvido pelo Ir.. Milton de Souza!

A obra que tenho o privilégio de prefaciar surge de forma diferenciada, ecoando em seu conteúdo os ensinamentos de reconhecidos literatos da Maçonaria, como Rizzato da Camino, Nicola Aslan, Xico Trolha, José Castellani, Theobaldo Varoli Filho e Kenryo Ismail.

Firmo, assim, a convicção de que se tem, em mãos, uma nova ferramenta que servirá tanto para fortalecer o tirocínio do M.. M.. como para incrementar o processo de formação do Apr.. e do C..

Ressalto, com isso, meu entusiasmo com o convite do Autor, destacando que a alegria e a honra pelo encargo se consolidam sobre duas colunas específicas: a primeira, de cunho subjetivo, relacionada

¹ Grão-Mestre da Grande Loja Maçônica do Estado de Goiás.

diretamente à pessoa de Milton de Souza, e a segunda, de aspecto objetivo, vinculada à própria obra.

É nesse sentido que inicio dizendo que o Autor, Ir.. Milton de Souza, não é somente um reconhecido e respeitado Maçom, Soberano Grande Inspetor-Geral, como é um homem probo; um Ir.. especial que engrandece tanto a Maçonaria como a vida de cada um daqueles que têm o privilégio de ser seus II.. e amigos, dentre os quais me incluo.

A despeito de seus atributos humanos, sobram-lhe qualidades de estudo profícuo e exercício maçônico louvável.

Membro da Aug.. Resp.. Benem.. Benf.. Loj.. Simb.. União do Horizonte nº 119, do Oriente de Goiânia-GO, foi Iniciado em 21/08/1981, Elevado em 19/03/1982 e Exaltado em 18 de junho do mesmo ano. Desde seu ingresso na Sublime Ordem, revela-se um expoente da cultura maçônica, vivendo a Maçonaria de maneira incansável, ética e apaixonadamente.

Como causa de seu empenho e dedicação, o *ABC dos significados maçônicos* surge como resultado de uma precisa investigação, mostrando-se, desde já, indispensável para todos aqueles que respiram a Maçonaria, independentemente do tempo.

Prezado leitor, a presente obra vai além de uma singular compilação dos termos maçônicos. Se desponta como um verdadeiro decodificador das informações imprescindíveis à conformação do conhecimento maçônico.

A tangência de *ABC dos significados maçônicos* inaugura um significativo momento para os estudos maçônicos, pois oferece a descrição da linguagem e do simbolismo que alimentam a ritualística, sustentando os nossos mistérios.

Observando uma estrutura pedagógica e utilizando-se de uma locução acessível, a obra reúne informações tenazes, necessárias ao entendimento dos símbolos, dos ritos e dos enigmas maçônicos.

Vejo, portanto, no seu conjunto, um adereço bem lapidado, que resplandecerá, não tenho dúvidas, no recôndito cognitivo-maçônico daqueles que investirem no relacionamento com cada uma de suas páginas.

Ressalto, com isso, que o Ir.. Milton de Souza traduz com sabedoria, habilidade e brilhantismo tudo aquilo que repousa escondido na alma daqueles que resguardam dúvidas perenes, não suplantadas pelo medo injustificado.

Rubrico, desse modo, que este livro é substancial não somente para desvendar o ‘ser’ da Maçonaria, mas, sobretudo, para viabilizar o entendimento do ‘eu’ de cada Maçom.

As páginas que se seguem são muito mais do que um glossário maçônico...

Por isso, sugiro que você, estimado Ir.., entregue-se à obra escrita por Milton de Souza.

Entregue-se sem temor, que prontamente você sentirá sair-se de um ancoradouro idiomático para aportar em diversos portos, onde chegam apenas aqueles que não temem cumprir a indelével jornada de crescimento maçônico.

Goiânia, 2 de janeiro de 2023.

Um Mestre, um irmão, o maçom!

Mário Martins de Oliveira Neto¹

A maçonaria é capaz de abrir muitas portas para quem nela se inicia. Não portas de riqueza ou ascensão social, como muitos imaginam, mas, sim, as portas de conhecimento, de esclarecimento da vida em muitos aspectos, de relacionamento com boas pessoas, de crescimento íntimo e evolução espiritual. Com nossa entrada nessa instituição, somos levados a uma reflexão sobre nossa real participação no mundo, na sociedade e na vida de outras pessoas. Claro que, infelizmente, não será possível conseguir atingir a todos os que nela ingressam, seria muita pretensão, embora seja esse o objetivo, conseguir o mesmo nível de transformação para todos aqueles que nela se iniciam, mas, com certeza, mesmo para o mais bruto dos seres, alguma mudança será real e palpável.

Na caminhada que trilhamos nessa estrada de transformação, vamos nos esbarrando, aqui e acolá, em algumas pessoas que nos deixam marcas profundas pela forma como são e como trabalham na instituição. Algumas dessas pessoas imprimem traços pequenos e outras imprimem grandes marcas em nós, principalmente aquelas que, pelo exemplo e não pelas palavras, mostram-se verdadeiramente

¹ Grão-Mestre Adjunto da Grande Loja Maçônica do Estado de Goiás.

como são e como agem ante a todas as situações que a vida lhes apresenta. Com certeza, uma dessas pessoas que a maçonaria nos proporciona conviver, admirar e aprender chama-se Milton de Souza. Um maçom que, ao longo de sua jornada na Ordem, tem se dedicado quase que exclusivamente a dois propósitos: aprender e ensinar. Não necessariamente nessa sequência, pois sabemos que a dinâmica dos dois atos se faz de forma conjunta e contínua, ocorre quase que ao mesmo tempo, pois ensinar pressupõe aprender da parte de quem se lança ao desafio, e aprender é ensinar pelos exemplos, interesse e vontade. Aliás, essa dinâmica de mão dupla faz do maçom um ser em constante evolução.

Milton de Souza é um Irmão que sempre se dispôs para a maçonaria, e em especial para a Grande Loja Maçônica do Estado de Goiás. Nunca mediou esforços para contribuir de forma positiva, altruísta e sem buscar a própria glória com os Irmãos que aprenderam a esperar dele sempre o melhor e o mais grandioso conhecimento. Mesmo nas intempéries que a vida lhe apresentou de forma abrupta, ele mostrou pelo seu exemplo como enfrentar, superar e aprender com esses revezes, sempre ensinando com denodo e com resignação.

Para a Grande Loja do Estado de Goiás, em particular, ele dedicou-se ao árduo trabalho e função de Grande Instrutor de Ritualística e Liturgia, sem dúvida um dos cargos que mais exigem de um maçom depois da função de Grão-Mestre ou seu adjunto, isso porque, além de se dedicar ao ensino do rito, palestras e outras demandas a mais, ele também debate constantemente com os achismos e com os comodismos de quem aprendeu de um jeito e não aceita qualquer modificação ou instrução que o tire da situação de conforto, sobretudo se isso exige dele uma aceitação de erro ou de reaprendizado, ou seja, admitir que precisa alterar o que aprendeu.

Dentro desse trabalho da Grande Loja, coube também a esse laborioso Irmão uma missão radical de dar ao ritual que usamos uma nova roupagem, uma nova versão e algumas modificações e normas que geraram a ele muito mais dissabores do que louros, pois, como

disse, achismos e comodismos são da personalidade humana, em especial, dos mais experimentados na idade. Mas, de qualquer forma, foi um avanço na interpretação do ritual e que hoje é reconhecido pelos que se interessam pelo assunto como um grandioso trabalho a bem da Ordem, embora uma outra modificação tenha sido feita posteriormente.

Paralelamente a isso, esse Irmão foi ensinando, por meio de palestras, simpósios e artigos – sendo alguns de sua autoria e de outros autores – aos demais Irmãos que não há aprendizado maçônico sem estudo, sem leitura e sem prática.

Agora, mais uma vez, esse Irmão vem nos apresentar quase que um resumo de sua obra, isto é, do seu estudo e de sua dedicação.

Sempre pensando na evolução da Maçonaria e dos maçons, o Irmão Milton nos apresenta o *ABC dos significados maçônicos*. Como disse anteriormente, seu maior objetivo é a evolução da Ordem e dos maçons, por isso mesmo este livro é uma ponte entre o desejo e a conquista, entre a vontade de aprender e o aprendizado efetivo. Juntando pérolas aqui e acolá, colhidas de fontes seguras e confiáveis, este livro, organizado de forma didática e acessível, é uma grande contribuição que esse Irmão dá não apenas aos maçons da Grande Loja Maçônica do Estado de Goiás, mas a todos que, Iniciados na sublime instituição, buscam por meio da Arte Real sua evolução, seu melhoramento e daqueles que estão próximos.

Reitero que o trabalho do Irmão Milton de Souza é uma obra maçônica endereçada aos maçons; não cabe aos não iniciados decifrar os símbolos, códigos e ensinamentos da Maçonaria, isso porque esses não se compromissaram a tal missão. Mas nós, que um dia assumimos o compromisso solene de melhorar, estudar, crescer, ampliar nossos horizontes através da aplicação prática dos ensinamentos de nossos rituais, a esses, com certeza, este livro encontrará uma razão pela qual foi escrito e para qual foi escrito, bastando para isso vontade e disciplina.

No título deste texto, descrevi três pontos da personalidade do Irmão Milton de Souza. Um Mestre, pois foi o que ele mais fez na sua trilha maçônica, estudar, pesquisar e ensinar, de forma despretensiosa e sem buscar vantagens para si. Um Irmão, afinal ninguém dedica o trabalho de uma vida a uma comunidade sem que exista nessa pessoa um sentimento de fraternidade pura e plena à causa e aos seus membros. Um Maçom, que nos lega por meio de seu exemplo como membro da instituição o verdadeiro sentimento de evoluir, de vencer suas paixões, e de fazer progressos na Maçonaria, estreitando os laços fraternais entre todos.

Diz-se que: “As palavras convencem, mas os exemplos arrastam.” Dessa forma, nos fixemos nos exemplos desse ser humano, desse espiritualizado Irmão que soube e continuará a saber como ser Maçom, como ser Irmão e como ser um Mestre nas palavras e nas atitudes.

Um professor de Maçonaria

Charles Wellington de Matos Pinheiro¹

A poetisa goiana Cora Coralina deixou registrado que: “Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina.” Sem dúvida, esse é um adágio de profundo saber e de alguém que durante a vida compartilhou seu saber aprendido nas lutas diárias. Com esse pensamento, inicio essas considerações para falar de alguém que, dentro da Maçonaria, tem buscado levar isso como lema na sua vida.

A Maçonaria é por si uma escola, definida como uma instituição capaz de ensinar por símbolos e alegorias, e que busca de cada um de seus membros vencer a ignorância, os preconceitos e os erros. Uma escola que torna o bom em melhor, o bruto em polido, o polido em útil. Aquele que faz parte de suas fileiras e aprende pela convivência e pela observação tornar-se-á capaz de ensinar, e é assim que nosso conhecimento vem sendo sistematicamente transmitido de geração a geração. Todos nós somos investigadores da verdade, somos obreiros da arte real, a arte do pensamento.

O que torna a nossa instituição única e singular chama-se ritualística, que nada mais é que um sistema de trabalho descrito em nossos rituais, aonde em cada grau somos levados a estudar, aprender,

¹ Membro da Academia Goiana Maçônica de Letras, cadeira nº 38.

ensinar e abstrair toda a essência da nossa Ordem. O estudo do rito é capaz de aperfeiçoar nossos trabalhos em loja, de dar sentido a ele e de nos fazer entender qual o objetivo a ser alcançado. Nesse quesito, nossa Ordem tem muitos professores excelentes, Irmãos que se dedicam a buscar um conhecimento aperfeiçoadão e embasado nas verdades maçônicas, sem achismos ou suposições, mas dentro dos preceitos descritos nos rituais e bibliografia verdadeiramente maçônica.

Na Grande Loja Maçônica do Estado de Goiás, já ouvi histórias de grandes Irmãos do passado que a vida não me permitiu conhecer. No entanto, tenho a chance e a oportunidade de conviver com um desses grandes vultos da maçonaria e que sempre está disposto a compartilhar de maneira integral e despretensiosa seus conhecimentos: nosso Irmão Milton de Souza.

Tive a chance de conhecê-lo em 2005, quando pela primeira vez fui Venerável de minha loja. Naquela ocasião, tive a felicidade de ouvir muitos ensinamentos e formas de proceder e conduzir uma loja maçônica, e fui apresentado a esse Irmão, que era e ainda é um zelador da boa ritualística, que mesmo com os embates de muitos que se consideravam superiores em conhecimento ou eram fiéis ao que aprenderam, sem se preocupar se estava correto ou não, ele, de modo cortês, fraternal e com a humildade do bom mestre, defendia sua tese, e quando percebia que seria inútil o bom debate, se recolhia, e com o sorriso de Irmão saía de cena.

Posteriormente, fui apresentado a um ritual reformado e detalhado, feito a muitas mãos e tendo como maestro esse mesmo Milton de Souza, um ritual que não deixava dúvidas sobre o que deveria ser feito em uma sessão maçônica, e assim minha admiração pela grandiosidade desse Irmão foi crescendo aos poucos. Fui percebendo que apenas o estudo é capaz de tornar o maçom um mestre de fato, e não apenas de direito.

Como a vida é cheia de idas e vindas, tivemos esse Irmão afastado de nós por um tempo, mas, como o bom filho nunca se afasta em

definitivo, o tivemos de volta, e assim pudemos novamente tê-lo em loja a nos ensinar. E como a Divina Providência a tudo controla, me aproximei novamente desse Irmão, agora com a honrosa missão de ocupar o cargo que um dia foi sua cátedra, ou seja, ser Grande Instrutor de Ritualística e Liturgia da Grande Loja do Estado de Goiás. E é aqui que quero mostrar a grandeza de um legítimo professor, pois assim que assumi o cargo ele me procurou e colocou à minha disposição todo o seu conhecimento maçônico em forma de trabalhos, artigos, apresentações, além de uma boa troca de aprendizados em forma de bate-papo fraternal e rico de conhecimento. Tudo assim de forma espontânea, desinteressada e sem esperar nada em troca, afinal, o que um aluno pode oferecer a seu mestre senão sua atenção e gratidão?

Agora, mais uma vez, vem ele a nos presentear com uma obra maçônica, um livro que nos remete de novo ao ensino maçônico baseado na leitura e no estudo, um livro que oferece ao Aprendiz, ao Companheiro e ao Mestre conceitos e ensinamentos de forma organizada, fundamentada em estudos e pautada em sólidas bases. Isso tudo sem novamente esperar nada em troca, apenas para dividir tudo o que a vida lhe ofereceu pelo seu esforço e dedicação, deixando registrado em definitivo e de forma indelével sua passagem pela maçonaria goiana e universal.

O que posso dizer a esse Irmão? Nada além de MUITO OBRIGADO. Um agradecimento simples e sincero pelo trabalho, pela dedicação, pela fraternidade e pelo exemplo que nos lega a todos. Novamente lembrando as palavras da poetisa goiana, esse Irmão vem ao longo de sua carreira maçônica transferindo o que sabe e aprendendo o que ensina, compartilhando conhecimento, dividindo seu saber e, como todo bom professor, dando chance ao aluno de crescer, de melhorar e de se tornar também um mestre.

Aprendemos que as glórias do mundo são passageiras (SIC TRANSIT GLORIA MUNDI), mas que a gratidão é eterna. Obrigado, Irmão Milton de Souza.

Breve introdução

Helder Vinhal de Carvalho¹

Gratidão pelo ABC dos significados maçônicos! O Irmão Milton conseguiu produzir uma verdadeira obra literária com conteúdo autêntico e com a qualidade necessária para a edificação de um Maçom. A Maçonaria Universal agradece pelo detalhamento que faz dessa coletânea baseada em fontes primárias e secundárias, de autores e instituições, que têm o mesmo pensamento e não o contrário. O Autor é um educador, logo, é natural que sintetize em forma do abecedário algo sublime para um Iniciado na Ordem Maçônica.

Diria que o livro é para todos os homens de bem e bons costumes, pois, se assim não for, que sentido teria de ler esse conteúdo? Se o leitor for alguém não iniciado, talvez pudesse aguardar no tempo certo. Diria que é uma enciclopédia daquelas que já reservei na cabeceira de minha cama, ao lado do breviário e do livro *Um minuto de sabedoria*, ou seja, leitura indispensável para qualquer Maçom de uma potência regular. Se não for Potência não regular, não importa, pois a mesma sempre luta e busca caminhos para a tal regularidade diante dos livres preceitos da Loja Mãe, a Grande Loja Unida da Inglaterra.

¹ Loja Mahatma João Racy nº 28.

A obra é para todos os maçons, independente do grau. Isso revela a preciosidade da nossa igualdade. Isso nos eleva entre Irmãos que comungam da mesma taça e fortalece a nossa fraternidade. O conhecimento e a capacidade de sintetizar diante da história da humanidade desde seus primórdios nos fazem emergir na espiritualidade necessária para os gritos da liberdade e, sobretudo, do deixar-se lapidar dia a dia.

Algo que me chamou a máxima atenção foi que, além de saborear os verbetes, ampliando o nosso vocabulário com esse conteúdo edificante, temos bônus de trabalhos maçônicos com fontes para ampliar o conhecimento dos autores e empoderar-se com o que pensa e acha necessário para a prática ritualística e litúrgica. Obter novos conhecimentos, além de intensificar a qualidade de nossos trabalhos, aproxima o Maçom de Deus, nosso Grande Arquiteto do Universo.

A diversidade de Ritos na Maçonaria, dentro de nossas Potências Regulares e Reconhecidas, atrai no mesmo modo de fazer a maçonaria que idealiza, e essa obra, mesmo que baseada no REAA, atrai todos ao mesmo ponto de convergência sem diálogo ou discussão no que tange à grandiosidade que foi a sua elaboração a partir dos elementos da natureza, passando por civilizações, contemplações de ritos. A rica cultura da Maçonaria Operativa até a Especulativa, com a premissa de que a escada de Jacó é única e cristaliza a sua essência até a contemporaneidade da física quântica.

Assim, esta obra de cabeceira ilumina os caminhos do homem contemporâneo, pois conhecer o Universo e valorizar tudo que vemos e ouvimos no templo requer a maturidade de buscar em cada degrau a efervescência de cada palavra dita, que será depois contemplada na ação. Para isso, a verdadeira necessidade de compreendê-la e valorizá-la no contexto adequado para o que chamamos de crescimento. Talvez alguns perguntarem: Por que crescer? Por que ir além dos rituais? Por que nascer de novo se temos a convicção de ser Maçom? A real intenção é provocar no interior as suas descobertas propiciando assim, uma sintonia e percepção para atingir a máxima de tornar feliz a humanidade.

A maçonaria é uma instituição que tem o papel de educar, fazer perceber em cada um o seu significado, e com isso tem esses significantes ímpares – modo de crenças diversas – que nos unem em entendimento e nos fazem promissores como a verdadeira união em gomos, feito uma romã. Unir para fortalecer um ao outro, unir para produzir a salada de pólen, como algo indivisível.

Valorizar os conceitos e seus significados cria na individualidade o aperfeiçoamento de ampliar novos conceitos e novas dinâmicas sem ferir os Landmarks e, sobretudo, traduzir para os dias atuais o que de fato importa na sociedade sadia. Talvez daí teríamos a sabedoria para diagnosticar os males que afetam nossos lares e nossas relações para o crescimento que tanto defendemos.

A arte desta obra extrai o néctar que necessitamos para, com a habilidade de ler, estudar e desenvolver ações para a Maior Glória de Nosso Senhor, e isso nos une, mesmo com credos distintos. Unir a Deus, nosso Pai Celestial. Aproximar-nos de Deus, já que todo Maçom acredita em Deus. Servir quando se é tocado na caridade e buscar na festa litúrgica em nossos templos a capacidade de amar o próximo, nos atos de servir e, acima de tudo, na capacidade de unir a família maçônica.

Reunir tantas palavras importantes para a prática maçônica é, sem dúvida, uma forma salutar de afastar a ignorância e de construir novos templos a virtudes tão importantes na humanidade. Os exemplos do passado na antiguidade, anteriores ao surgimento da maçonaria especulativa, em 24 de junho de 1717, resgatam o que foi de mais importante registrado pelo homem. E quantas informações foram apagadas ou extraviadas pelo domínio do mal? Quantas bibliotecas foram queimadas e quantos autores, esquecidos?

Uma forte ilusão de achar que todo conhecimento está em algumas páginas chamadas de Ritual – e muitos Irmãos insistem em dizer que não precisam estudar mais nada além dos Rituais. Ledo engano! A Maçonaria Universal, mesmo que regular e reconhecida,

não tem o direito de restringir o conhecimento só para si, como se fosse a dona da verdade. Até pode ser que possamos proteger algumas lendas para melhor ajudar na retidão, mas a verdade é muito maior. Quanto mais estudamos, seja a história da humanidade, práticas de alguns povos e até mesmo as origens do Universo, nada sabemos. Combater a ignorância é uma prática diária que produz atos de desbravar a verdade para nos libertarmos cada vez mais.

Daí, como metodologia de aprendizado desta obra, pode-se ler da primeira página até a última, ou da última até a primeira, ou do meio em diante. Tenho certeza de que esta obra será muito mais fácil do que fazermos uma pesquisa em “sites” como o Google, pois trata-se aqui de uma coletânea de significados confiáveis e de fontes mais que confiáveis. Creio que desta obra vão surgir centenas de outras obras descobrindo o homem estudioso em busca da verdade e descobertas que vão enriquecendo com novas e infinitas descobertas.

Assim, primeiro leia! Depois, estude! Depois, escreva! Deixe alimentar-se com olhos fechados do sentimento do amor e, sobretudo, arranque todos os preconceitos que possam existir. Busque com esta obra o verdadeiro maçom que possa existir no interior e se una a outros com a mesma percepção, para que juntos possamos produzir a árvore genealógica e voltar ao Paraíso, e quem sabe deixar de trabalhar na terra ou nas construções e bater com força no avental pele de cordeiro imolado em sacrifício.

O Irmão Milton de Souza, como autor, é um bom homem que soube coletar tantas palavras em cada letra do alfabeto. Pronto! A minha cabeceira da cama já está iluminada com tanto conhecimento introdutório que me fará crescer como Homem e só daí deixar que Deus possa nos guiar pelos caminhos verdejantes de muita luz, seja pelo mundo ou pela escada que te convida a perceber o quão suave é viver entre Irmãos.

Esta obra traz o resgate da História da Humanidade, amparando histórias edificantes de homens livres e de bons costumes dispostos

a valorizar a presença do Grande Arquiteto do Universo em nossas vidas, atraindo o que há de melhor no Homem e colhendo frutos cada vez mais doces com a verdade desde a sua criação. Jogando para debaixo da nossa terra todo mal que tanto tem prejudicado o próprio Homem. Daí, estamos diante da grandeza de valorizar as virtudes que alimentam o Homem do Bem. O Bem Maior é deixar tocar-se pelo entendimento e compreensão de cada palavra desse seletivo abecedário.

Busque um tempo precioso para a sua leitura e medite sobre cada uma delas. Acima de tudo, não tenha pressa para saboreá-las, pois terá a vida toda para o entendimento e a busca crescente.

A natureza está presente como elemento que nos une em dimensões que ultrapassam as dimensões da compreensão, por isso é necessária a iniciação peculiar para melhor intensificar as descobertas que não estão escritas, nem faladas e sim assimiladas, para que possamos falar menos, ouvir mais e tudo que temos e possuímos esteja em alinhamento com a vontade de Deus.

Estejam prontos para viver e trazer ao coração o Ser Maçom. Muitas vezes mal-interpretados e mal compreendidos, mas a consciência nos alimenta e nos motiva para abrilhantar os caminhos do Bem, deixando que as arestas ruins possam ser conduzidas pela retidão, que nos faz melhores, e acima de tudo ter o entendimento da felicidade sua e dos seus, e, depois, prontos para tornar feliz a humanidade, seja em sua comunidade ou na sociedade.

Levantem-se em cada palavra desse abecedário e desenvolvam para sair da zona de conforto. Utilizem desses conhecimentos para crescer cada vez mais como Irmãos e Amigos, longe dos vícios e próximos das virtudes cada vez mais intensas à medida que forem descobrindo em seu interior saindo as lascas do desbastar dessa pedra bruta. Eis sábio só de ter este livro de cabeceira para bons sonhos de novas realidades que possam surgir para ajudá-lo não apenas a conhecer a sublime Ordem Maçônica como tornar-se um Homem Melhor.

Após a leitura, estudo e entendimento, tentem praticar ensinando aos outros, e não necessariamente os mais jovens maçons. Daí, uma boa dinâmica é realizar grupos de estudo, com leitura histórico-crítica que os faça reviver em sua origem e perceber nas engrenagens que há do melhor mel. Isso é uma boa prática! Outro método é não faltar às reuniões, pois essas são uma boa forma de praticar, e também de construir suas peças de arquitetura cada vez mais salutares para que os outros possam também obter o mesmo conhecimento que está recebendo.

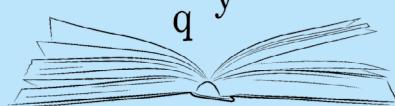
A leitura da referida obra abrange o verdadeiro significado não apenas da terminologia maçônica, mas um convite para viver como Maçom. Ser Maçom acima de tudo é a prática de sua Fé religiosa e trazer ao templo a melhor de sua experiência, pois se não é praticante de nenhuma crença, como vai poder entender os laços de união que nos unem à sabedoria, à força e à beleza? Se não pratica a sua crença, corre o risco de tornar-se um Maçom Ateu, que está ali presente, e até mesmo ausente, apenas por conveniência social de um clube.

Portanto, aprecie cada palavra e medite! Desvende e busque a verdadeira Luz que está em seu interior. Não é difícil, tente! A misericórdia é algo sublime, assim como a verdadeira maçonaria perfeita estará pronta para recebê-lo, iluminando seus passos e deixando que suas viagens no dia a dia possam ser cada vez melhores. O amargo é algo cotidiano, mas a grandeza de estar entre Irmãos experimentando sabores cada vez mais doces irá conduzi-lo para o bom caminho. Acredite! Esta obra irá revolucionar a sua vida para trazer o sorriso necessário para suportar as intempéries da vida como ela é. Que o nosso Grande Arquiteto do Universo abençoe a cada um e ao Irmão Milton de Souza por trazer esta relevante obra, fruto de suas experiências na Grande Loja do Estado de Goiás, e que agora compartilha a todas as bibliotecas de todas as Lojas da Maçonaria Universal.

A B C

DOS SIGNIFICADOS MAÇÔNICOS

n l e r_m^p b^u v t_d^l c_m h^k_z x
i k f_o p_i d_j s^g_o j
t_y e^a_g r^a_w^z_q f^h_c
x^y_q

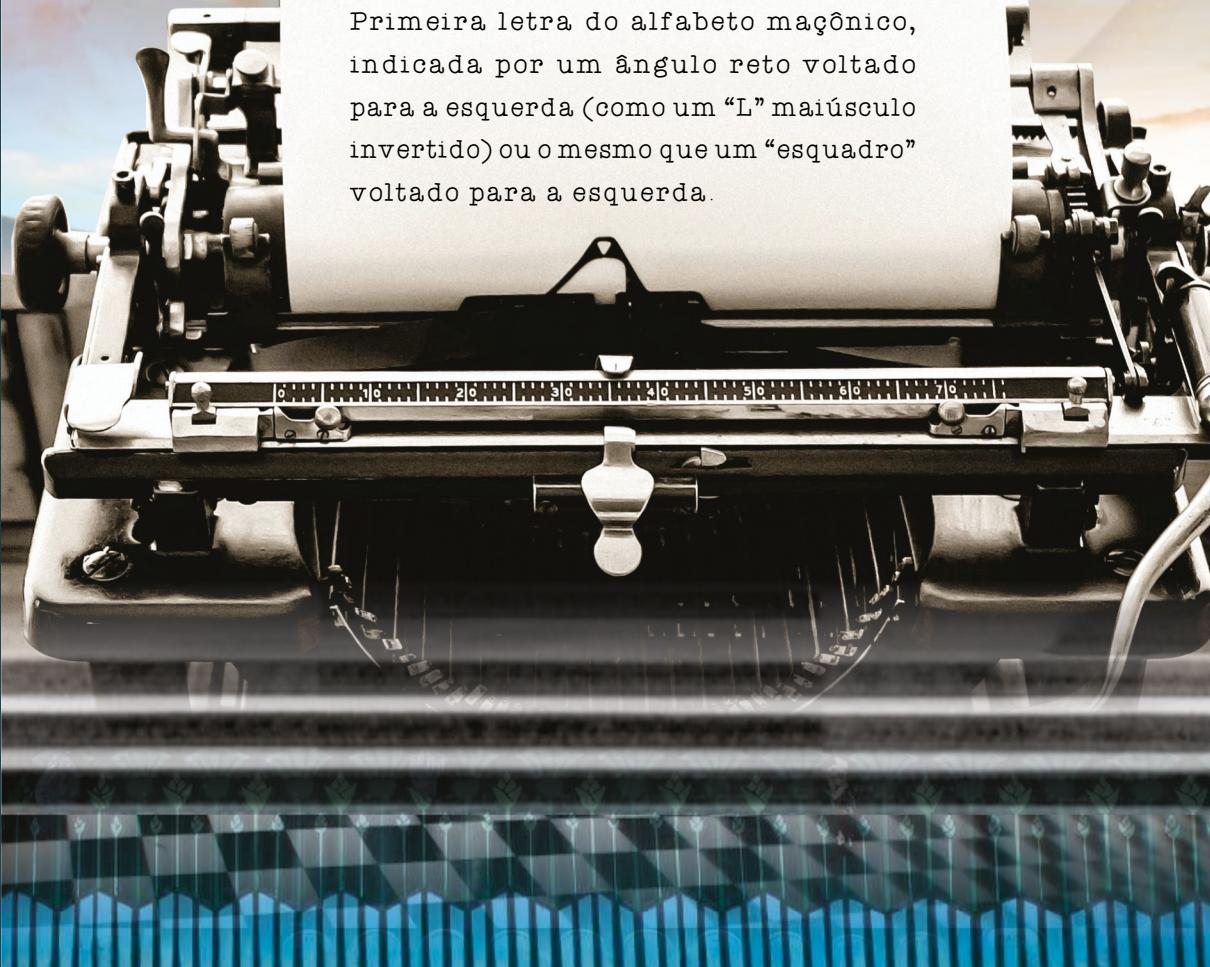




Primeira letra do alfabeto maçônico, indicada por um ângulo reto voltado para a esquerda (como um "L" maiúsculo invertido) ou o mesmo que um "esquadro" voltado para a esquerda.



Primeira letra do alfabeto maçônico, indicada por um ângulo reto voltado para a esquerda (como um "L" maiúsculo invertido) ou o mesmo que um "esquadro" voltado para a esquerda.



Pintura: Valdson Ramos



A COBERTO

A Cobertura nos trabalhos maçônicos indica estar livre das indiscrições profanas e significa estar a loja com as portas fechadas e vigiadas por um Irmão armado de espada no seu exterior, o mesmo que um cobridor, e por um Irmão também armado de espada em seu interior (Guarda do Templo). Diz-se, também, em algumas regiões, que se trata de um Irmão que nada deve em metais à Oficina a que pertence. (*Nicola Aslan*)

A GUINOSE (OU GNOSE)

Segundo Albert Pike, “a Gnose é a essência e o miolo da Maçonaria”. Dessa forma, devemos entender por Gnose o conhecimento tradicional que constitui o fundo comum de todas as iniciações, cujas doutrinas e símbolos se têm transmitido, desde a mais remota antiguidade até os nossos dias, através das fraternidades filosóficas, cuja extensa cadeia jamais foi interrompida.

A MIM, MEUS IRMÃOS

Ao final da abertura dos trabalhos, quando o Venerável diz: A mim, meus Irmãos..., o verdadeiro significado é: Fazei como eu; acompanhem-me nos movimentos. (Assim é o estudo maçônico)

Do contrário, não se explica o que o Venerável quer dizer “a mim”. Estaria dizendo “para mim”? Ou “por mim”?

Embora haja diferentes opiniões na elaboração de Rituais, inclusive entre os adotados nas gestões subsequentes da GLEG, este estudo e a lógica nos levam a expor o seguinte ponto de vista:

(O Venerável Mestre e, logo depois, os Vigilantes, após tal pronunciamento, depositam seus malhetes sobre os AAlt.: e compõem o S.: de Ord.:):

Venerável: “A mim, meus Irmãos”: pela Saudação (*todos executam*); pela Bateria (*todos executam*); pela Aclamação (*todos aclamam*).

Justificativas

O comando “*pelo sinal*” não teria muito sentido nesse momento ritualístico, já que a sua “única utilidade” é a reafirmação do juramento prestado, e, nessa passagem, não é necessário tal afirmação, destoando do conjunto da obra.

A saudação maçônica, por si só, não deixa, também, de executar a primeira parte do sinal de ordem (gutural), porém, para a saudação pura e simples usa-se somente a simulação do c.: na g.:, não se estacionando a m.: nessa posição.

Mas o leitor maçom poderia dizer: “*Ora, tanto faz o Venerável dizer pelo sinal ou pela saudação, já que em ambos se executa a primeira e a segunda partes do sinal maçônico, ou seja, o s.: g.: e a simulação do c.: na g.:, e, em seguida, desenha-se o esquadrado*”, colando a m.: d.: na coxa.

Vamos lá! Acontece que todos os movimentos, na ritualística maçônica, são uma questão de “finalidade” e “terminologia”, ou seja, “lógica”, já que tudo na Maçonaria é questão de lógica, principalmente por se basear, inclusive, nas leis da natureza.

Mais à frente, em O comando “*pela saudação*”, vamos falar sobre a finalidade da saudação maçônica na passagem ritualística em questão.

A presente exposição se justifica, também, pelo fato de esse procedimento já haver sido adotado nos Rituais da Grande Loja de Goiás na gestão 2005/2008.

Porém, ALERTAMOS, neste exemplar, para o fato da obrigatoriedade e fiel cumprimento dos Rituais em uso em cada Grande Loja, especialmente na Grande Loja de Goiás (Gestão 2005/2008).

Este estudo, no entanto, se fundamenta nas várias fontes pesquisadas e na **lógica** (*desculpem a repetição*) estampadas nos argumentos apresentados.

Vemos, portanto, a necessidade de discutirmos sobre o assunto e, se for o caso, cedermos às evidências, para o bem de todos.

O COMANDO “PELA SAUDAÇÃO”

Dois (ou mais) podem ser os objetivos desse movimento

Primeiro – Seria a saudação à presença do Grande Arquiteto do Universo, porquanto a loja já está aberta, pronta para a execução dos trabalhos, simbolizando que a construção se fez, que o Universo acabou de ser construído, por JUSTIÇA e com PERFEIÇÃO.

a) Justiça porque Deus, com sua Justiça, não poderia deixar de criar meios para que as suas criaturas evoluíssem naturalmente e por seus esforços.

b) Perfeição porque Ele não poderia deixar de criar condições: leis imutáveis (naturais), e leis arbitráveis (pelos envolvidos), ambas convergentes para a Lei de REAÇÃO para cada AÇÃO realizada.

Segundo – O S.: de Ord.: Maçônico recorda, sempre, o juramento prestado.

Para que entendamos e recordemos o juramento através de gestos, é necessário que essa gesticulação seja sempre completa, ou seja, o S.: de Ord.: e a seguir o S.: de Saud.:, sinal esse (*de Saudação*) que nem sempre é usado como saudação, mas, também, dependendo do momento, como o gesto de descarregar o sinal de Ord.:, ou seja, desenhando no ar a figura simbólica do esq.:, completada com o gesto de baixar a m.: d.: em direção à coxa, depois de haver simulado o c.: na g.:, que é parte integrante e indispensável do sinal de reconhecimento maçônico.

O gesto de descarregar o sinal ou o chamado sinal de saudação é entendido por alguns escritores como a segunda parte do sinal de reconhecimento maçônico, nos três graus, chamada por “eles” de sinal penal.

Fica ratificado que essa “segunda parte” do sinal de reconhecimento maçônico (sinal penal) também é usada como sinal de saudação.

O COMANDO PELA BATERIA

A Bateria Maçônica é um som de percussão produzido ou pelas palmas das mãos ou pelos Malhetes, ou ainda pelas lâminas das Espadas.

O som forte emanado elimina os pensamentos negativos e tem a faculdade de deslocar o ar, provocando o afastamento do que resta de profano. Levado para dentro do Templo por alguns Irmãos, é um som de proteção que alivia as tensões, ameniza os resíduos de influências e pensamentos inconvenientes trazidos pelos problemas de cada Membro da Loja.

A Bateria protege cada Irmão de si próprio, de suas emoções e paixões, contribuindo ao mesmo tempo para a formação do plano sagrado com a presença da EGRÉGORA, porém, pode ser usada também para produzir outros efeitos, como, por exemplo, quando,

durante os debates, surgirem palavras ásperas e sinais de violência, o Venerável Mestre pode colocar os Irmãos de pé e a Ordem e comandar uma Bateria de três batidas; o som produzido neutralizará os distúrbios e os trabalhos podem voltar à normalidade.

Assim, a Bateria deve ser executada com plena consciência de sua importância, pois cada Irmão, ao bater as palmas com suas mãos, fará certa limpeza espiritual de vibrações negativas, para que seja merecedor da presença do Grande Arquiteto do Universo.

O COMANDO PELA ACLAMAÇÃO

Aclamação = Ato ou efeito de aclamar; ovação.

Aclamação Maçônica é o mesmo que grito de alegria, nesse caso, pela presença do Grande Arquiteto do Universo; pelo fato de estarem os presentes reiniciando os trabalhos (ou treinamentos para os trabalhos no mundo profano). A aclamação é feita através da palavra HUZZÉ, que seria o mesmo que pronunciarmos: Viva! Viva! Viva!

A palavra Huzzé, com a qual se aclama, é de origem hebraica e significa Força e Vigor.

Os povos primitivos não prescindiam dos sons que produziam batendo com as mãos uma pedra à outra; posteriormente surgiram os tambores e os sons produzidos por instrumentos de sopro.

Na terapia moderna para tratamento dos alienados, é comum deixá-los gritar à vontade: quanto mais alto o grito, mais terapia significa. Esses loucos encontram nos seus berros um modo primitivo de relaxar e de se acalmar.

Na Maçonaria, quem grita a palavra HUZZÉ retira de si o peso da agonia, da ansiedade e do medo. Após a aclamação, o Maçom liberta-se de todas as pressões e poderá com muita tranquilidade participar dos trabalhos, assim como ao final poderá retirar-se, mantendo a tranquilidade.

A palavra Huzzé tem origem na seguinte passagem bíblica:

Tomou Davi a ajuntar todos os escolhidos de Israel, em número de trinta mil. Levantou-se e partiu com todo o povo que estava com ele de Baalim de Judá, para fazerem subir de lá a Arca de Deus, sobre a qual é invocado pelo nome de Jeová dos Exércitos, que se assenta sobre os querubins. Colocaram a Arca de Deus sobre um carro novo, e levaram-na da casa de Abinadab, que estava sobre o outeiro; 'HUZZÁ' e AHIO, filhos de Abinadab, guiavam o carro novo. Levaram-no com a Arca de Deus da casa de Abinadab e Ahio ia adiante da Arca.

Numa ocasião em que Davi mandou transportar a Arca da Aliança, Oza ia a seu lado. Quando os bois que puxavam o carro se agitaram e fizeram a Arca pender para o lado, Oza (Huzza) susteve-a com as mãos: como que atingido pelo raio, caiu morto no mesmo instante.

Algumas Lojas Maçônicas possuem estampada em seus Templos, logo na entrada, do lado direito (geralmente), a imagem de um carro puxado por dois bois transportando a Arca da Aliança. Esse é o retrato dessa passagem bíblica, cujo nome de uma das pessoas foi adotado pela Maçonaria (Uzzá) pelo seu significado (Força e Vigor).

(Fundamentado no trabalho elaborado por Milton de Souza e Amélio do Espírito Santo, em 2007, intitulado "Símbolos e Simbolismos da Sessão Maçônica")

ABATER COLUNAS

Significa suspender os trabalhos ativos de uma Loja, fechá-la ou dissolvê-la, temporária ou definitivamente (*Livro Simbologia dos Painéis*).

ABERTURA DOS TRABALHOS (Representação do Caos)

Quando a porta do Templo é aberta e os Irmãos penetram em seu interior meio que desordenadamente, ou seja, sem uma ordem hierárquica precisa dos Irmãos investidos nos cargos, o simbolismo é

de que o Caos está predominando. Então, há de ser ordenado a seguir, assim que o Mestre de Cerimônias, que se reveste simbolicamente de uma atividade criadora, distribuir os Irmãos em seus cargos, os quais participarão do ordenamento.

É como se o Universo (o Templo Maçônico) acabasse de ser criado e os seres, as coisas estivessem sendo colocadas em seus devidos lugares, para as mais diversas funções. (*Pesquisa Freemason*)

Abertura e Encerramento dos Trabalhos – I (Caráter moderno – Especulativo)

No campo da especulação, hoje, os maçons, nos momentos da abertura e encerramento dos trabalhos, executam as mesmas tarefas, simbolicamente, tomando os mesmos cuidados, só que, em relação à construção do TEMPLO HUMANO, ao homem, prevenindo-se para caso os Irmãos venham a desvirtuar-se pelo contato com o mundo COMUM, ante o afastamento temporário de uma semana.

Em cada Sessão da Loja se verifica e se REATIVA no Iniciado as virtudes simbólicas do Esquadro, do Nível e do Prumo. É observado se no seu trabalho no mundo dos não iniciados, enquanto esteve fora do convívio dos Irmãos:

a) Ele não foi violado em seu senso de “Equidade, Retidão e Justiça” (esquadro);

O Esquadro simboliza a Equidade, Justiça e Retidão, e constitui a joia do cargo de Venerável Mestre, porque este deve ser o maçom mais reto e justo da Loja.

Em conjugação com o compasso, que representa Deus, ou o Eu Superior, para o qual deve o iniciado dirigir constantemente suas aspirações, o esquadro substitui o quadrado para representar o mundo, ou o eu inferior, com seus desejos e paixões subjugadas e dominadas, e recorda ao Maçom que deve buscar unir-se à sua fonte de origem e desprender-se das ilusões terrenas.

b) Não foi violado em seu senso de “Igualdade”, de horizontalidade (Nível);

O Nível é o símbolo da Igualdade entre os maçons. Na Maçonaria, os homens são iguais perante as leis naturais e sociais. Lembra-nos, ainda, que tudo na vida deve ser encarado com igual serenidade, trazendo a noção exata de igualdade, de tolerância e de imparcialidade.

c) Se não foi violado ou prejudicado em seu senso de “Retidão, Justiça, Equilíbrio e estabilidade” (Fio de Prumo);

O Prumo, instrumento usado para medir a perfeita verticalidade de uma superfície, é o símbolo da Profundidade do Conhecimento, da Retidão e da Justiça. Representa, também, o Equilíbrio, ou Estabilidade, quando perfeitamente a Prumo. Está presente na Saudação do Grau, no movimento vertical da mão direita ao longo do tronco. É a Joia do 2º Vigilante. (*Pesquisa Freemason*)

Abertura e Encerramento dos Trabalhos – II (Representação dos maçons antigos)

A abertura e o encerramento dos trabalhos maçônicos representam, inclusive, os momentos em que os obreiros das construções medievais – então organizados como instituições construtoras de moradias, igrejas, palácios, prédios para administrações públicas e fortificações militares – se preparavam para iniciar ou para deixar os trabalhos.

Na verdade, pelo que se vê, de forma simbólica, ser executado pelos maçons especulativos dentro de um Templo Maçônico, naqueles momentos da abertura e do encerramento era desencadeada uma série de conferências, localizações de funcionários e atribuições de responsabilidades.

O que pode ser verdade, já que várias perguntas que foram feitas para a abertura também são feitas para o encerramento, basicamente

aos Vigilantes e Diáconos, tais como: onde se sentam e para quê ocupam aqueles lugares.

Pelos Oficiais consultados se nota uma preocupação com a condição física da obra, principalmente no ponto em que se vai interrompê-la no final do dia.

O Venerável atua como o supervisor da construção, no que se refere ao Esquadrejamento da obra.

O 1º Vigilante, em relação ao Nivelamento da obra.

E o 2º Vigilante, em relação ao Aprumamento da construção.

É como se fiscalizassem justamente estas três posições da construção: esquadrejamento, nivelamento e aprumo, para que no dia seguinte (próxima sessão da Loja), ao conferirem os mesmos pontos para o reinício dos trabalhos, nada tivesse sido alterado.

É que, já naquela época, havia enorme concorrência entre os construtores, correndo-se o risco de sabotagens; como também havia o risco de alguém do próprio grupo construtor sabotar o projeto ou a perfeição da obra.

Por isso o cuidado que se tinha ao conferir Esquadro, Nível e Prumo, nos momentos de suspensão e reinício dos trabalhos.
(Pesquisas Freemason)

ABÓBADA

A palavra abóbada remonta à palavra em latim “volvita”, que significa revirado ou curvado.

Há indícios de que as primeiras abóbadas teriam sido edificadas durante o período neolítico, em 6.000 a.C., na região da América do Sul onde hoje está o Chile.

Contam que, na Idade Média, a Igreja Católica fez uso de tetos abobadados para suas igrejas por todo o mundo. (*Maçonaria sem Fronteiras*)

ABÓBADA CELESTE

Na Maçonaria, é o forro (teto) da Loja que simboliza a sua universalidade, bem como o céu estrelado.

É, também, uma expressão que corresponde ao que se enxerga, da terra, um espaço no céu.

Também pode ser um conceito astronômico, no qual se usa cálculos da trigonometria esférica para o estudo dos astros. O teto do Templo Maçônico é chamado “abóbada celeste”. (*Maçonaria sem Fronteiras*)

ABÓBADA DE AÇO

É formada por Irmãos colocados em duas fileiras, a partir da porta do Templo, armados de espadas cruzadas no alto, a fim de que, por baixo delas e entre eles, passem autoridades e convidados ilustres.

No entanto, conforme o ritual em uso na GLEG, destina-se a tributar honra exclusivamente ao Grão-Mestre e ao Grão-Mestre Adjunto.

Conforme o mesmo ritual, a abóbada de aço é composta por nove obreiros portando espadas com a mão direita e nove portando estrelas, sendo cinco espadas do lado norte e quatro do lado sul, e cinco estrelas do lado sul e quatro do lado norte. As espadas e estrelas devem ser intercaladas de forma que na frente da formação fiquem duas estrelas. (*Arte Real Trabalhos Maçônicos*)

ABÓBADA ESTRELADA

A decoração estelar dos tetos dos Templos Maçônicos, conquanto não seja obrigatória, é habitual no Rito Escocês Antigo e Aceito, dentre aqueles reconhecidos pelas Grandes Lojas do Brasil.

O teto do Templo representa, pois, a Abóbada Celeste com as nuances de cor (do vermelho ao alaranjado, ao amarelo, ao azul e

ao negro), mostrando a transição do dia, ou da Luz (Oriente), para a noite, ou para as trevas (Ocidente); retrata uma noite de 24 de junho, no hemisfério norte, por isso a dificuldade de identificação a partir da nossa região.

É pintada de azul e estrelada como o céu, por abrigar todos os homens, independentemente de cor ou de classe.

Os Templos da antiguidade, assim como as igrejas, também eram decorados com essas abóbadas, entretanto, “abóbadas estreladas” constituem, hoje, uma exclusividade da Maçonaria.

A astrologia foi criada na Mesopotâmia pelos sumérios, imbuídos da ideia de superioridade celestial; olhavam para cima em busca de orientação, considerando o astro como divindade.

Os homens da Mesopotâmia, no céu estrelado, notaram o movimento rápido de sete corpos celestes principais: o Sol, a Lua, Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter e Saturno.

Tais astros representavam deuses com poder de dirigir a vida dos homens da época, e a religião nasceu a partir dessa concepção astrológica.

Na época babilônica, quando já se fazia observações astronômicas, o panteão divino já estava plenamente estabelecido, cabendo a cada deus astro um poder particular sobre uma área da experiência humana.

A Maçonaria muito auferiu do culto solar criado pelos sumérios e da astrologia, aperfeiçoada pelos babilônios.

O mito solar, surgido na Mesopotâmia, adquiriu, na Maçonaria, fundamental importância na mística utilizada para armar a doutrina moral, espiritual e filosófica maçônica, já que a caminhada do iniciado representa uma marcha em direção à luz, mente transcendental dos povos amigos.

O fascínio do Sol está presente em muitas esferas na mística humana. Assim como para a alquimia ele representa o ouro e para a magia, a fonte de luz astral, para a Maçonaria, o Sol representa a luz do conhecimento, a mente do iniciado que caminha nas trevas do Ocidente em direção à luminosidade do Oriente, onde o Sol nasce e de onde veio a luz das antigas civilizações.

Assim, quando um candidato penetra em um Templo Maçônico para ser iniciado, o faz pelo Ocidente, onde simbolicamente não há luz ou há pouca luz.

Em sua posterior caminhada mística, irá passear pela parte menos atingida pelos raios solares – o Norte, no hemisfério norte, e o Sul, no hemisfério sul – até chegar ao Oriente.

Pode-se notar que o Templo Maçônico é cósmico ou universal na sua representação da terra com seus pontos cardeais e seu firmamento, estendendo-se de Norte a Sul e do Oriente ao Ocidente.

As duas colunas que se encontram no pórtico representam os trópicos de Câncer e Capricórnio.

Os principais cargos de dirigentes de uma Loja Maçônica são associados ao misticismo religioso dos mesopotâmicos, através de sua representação astronômica, que engloba os sete então considerados planetas conhecidos na antiguidade, como podemos ver ainda neste trabalho, com o título “Cargos em Loja”, onde tratamos do assunto. (*Arte Real Trabalhos Maçônicos*)

ABRAÇO FRATERNAL

(OU “ACOLADA”)

É uma demonstração de boa acolhida dada pelos maçons, nos seus diferentes ritos, ou para a transmissão de cargos nas administrações das Lojas e da Grande Loja.

Faz parte da Cerimônia de Iniciação e consiste em o Venerável abraçar por três vezes o recipiendário, dando-lhe o nome de Irmão.

Alguns escritores (inclusive a Grande Loja de S. Paulo, salvo engano) sugerem que o abraço fraternal seja dado de forma que os Irmãos estejam com o braço direito levantado e o esquerdo baixado, a fim de se evitar confusão quanto a quem e onde colocar o primeiro braço, organizando, dessa forma, os movimentos.

É comum notarmos a indecisão dos Irmãos no momento do abraço fraternal, quando um deles levanta o braço direito e o que vai receber o abraço levanta o braço esquerdo, ambos pendem as cabeças para o mesmo lado, encontram os rostos. Ao desfazer o nó dos braços, além de difícil, causa o sorriso (embora sem maldade) dos assistentes.

O abraço em três movimentos está ligado ao simbolismo do número três na Maçonaria, não se sabendo nada mais que cause interesse até o momento.

Porém, a palavra Acolada, sobre a qual pouca literatura se encontra, significa: ato de abraçar ou passar os braços pelo pescoço daquele que era armado cavaleiro, após esse ter recebido nos ombros um leve golpe com a prancha da espada.

Nesse pormenor, vale nos lembrarmos da Cerimônia de Instalação, para aqueles que já foram veneráveis.

O pior é que (diz o autor do livro pesquisado), principalmente na Maçonaria, sempre que um costume é esquecido, é sempre enxertado um outro no lugar.

Embora a maioria dos rituais não preveja, diz a tradição que quando se dá o T.: F.: A.:, os Irmãos devem colar os rostos e encostar os corpos, como prova de real amizade e de amor fraterno.

Sempre vemos alguns Veneráveis darem um primeiro abraço no novo Irmão com o rosto afastado, como se tivessem medo de se

contaminar (diz o autor do livro pesquisado), parecendo preconceito ou ato machista.

Com o nome de Acolada, o T.:F.:A.: era complementado pelo beijo (ósculo), primeiro na face esq.:, a seguir na face d.: e finalmente na face e.:, hoje em uso apenas em alguns graus filosóficos.

Talvez daí, diz o autor do livro *Símbolos Maçônicos*, a dificuldade em se preservar a tradição. (*Livro O Aprendiz Maçom*)

ABRILHANTAR

Condecorar as colunas de uma Loja com a presença dos Irmãos.
(*Dicionário de Termos Maçônicos*)

ACÁCIA

Árvore de muitas espécies, disseminada no Egito, Arábia e Palestina, que provia os hebreus da sua sagrada e aromática madeira. Consta na Bíblia, em Êxodo 30: 24, que era muito usada em construção de tabernáculos e seus acessórios.

A palavra Acácia deriva do latim ACASSHIA; vinda do grego AKÁ-KIA.

Alguns escritores a traduzem da seguinte forma: AK = (sem); e AKIA = (nódoa). Ou seja: sem nódoa, para se referir ao Obreiro Exaltado, o M.:M.:.

Nas escrituras sagradas é conhecida como SHITTAH ou SITTIN, aí, sim, derivada, por sua vez, do Egito antigo, como sendo uma árvore misteriosa, de qualidades maravilhosas atribuídas pelos hebreus. Desta árvore se extrai o óleo da Santa Unção.

É madeira pura, muito leve, compacta e se distingue pela característica de não ser atacada por pragas diversas, como a broca, e de não apodrecer com a umidade.

Por todos esses motivos, Moisés ordenou que se construísse com essa madeira não só a Arca da Aliança, como também a Mesa para os Pães de Proposição e demais móveis sagrados, por considerar que deveriam durar eternamente.

A Maçonaria toma essa planta como símbolo de incorruptibilidade e da imortalidade da alma. (*Revista Consciência*)

UM TRABALHO MAÇÔNICO SOBRE A “ACÁCIA”

A Acácia é o símbolo característico do Terceiro Grau. No Brasil, floresce no mês de junho e por ocasião das festividades do “solstício do inverno”, com a adoção de Lawtons ; no dia 24 de junho, a flor passa a adornar os Templos.

Por ocasião da cerimônia de Pompa Fúnebre, seja quando presentes no féretro ou nas homenagens do 33º dia, os maçons, em seu giro em torno do ataúde, depositam um ramo de Acácia, qualquer que seja o grau do homenageado.

É, porém, na ritualística do 3º Grau, quando o recipiendário é deitado e coberto por um pano da cor apropriada, que surge o Ramo de Acácia. O ramo é depositado sobre quem representa H. A. e relembra que, quando os Assassinos :. do M.: H.: Abif o enterraram, marcaram o local para, mais tarde, dar-lhe destino definitivo.

A LENDA

Os MM.: buscavam o corpo de H.A. e, muito cansados, pararam para descanso. Nesse momento, um deles se encostou num arbusto de Acácia, que, apenas enterrado em terra solta, não suportou o peso e cedeu.

A Acácia é uma planta abundante em Jerusalém e, apesar de crescer em qualquer parte do mundo, as suas características deferem de região para região.

A Acácia oriental produz a denominada goma arábica, mas, em nosso País, essa variedade não vingou.

No Sul do Brasil, temos múltiplas variedades de Acácia, entre elas, a denominada Acácia Negra, de onde se extrai o Tanino.

Há cerca de 300 variedades de Acácia, assim, torna-se difícil definir qual, precisamente, constitui a planta maçônica.

Acácia deriva do grego Aké, com significado de “ponta”, de um instrumento de metal por exemplo.

Existem variações no nome, a saber: AKAKIA, KASIA ou KASSIA. AKANTHA seria a própria planta sustendo os espinhos.

AKAKIA significa inocência, ingenuidade. A Acácia é planta da família das leguminosas-mimosas; um arbusto com folhas leves e elegantes, das regiões tropicais ou subtropicais; possui flores miúdas, ordinariamente amarelas, perfumadas e agrupadas.

Os egípcios tinham a Acácia como uma planta sagrada; os árabes a adoravam, porém Maomé destruiu o mito da Acácia, que os árabes denominavam de Al-Uzzá.

Para os antigos, a Acácia era um emblema solar, como as folhas do Lótus e do Heliotrópio, porque as folhas acompanham a evolução do Sol, com uma espécie de plumagem.

A Al-Uzzá, que Maomé baniu por considerar um ídolo, era venerada pelas tribos árabes de Ghaft-tam de Pinheiro do Egito.

Portanto, vamos encontrá-la apenas evocada na literatura hebraica; se Moisés recomendara que o Tabernáculo, a Arca da Aliança, a Mesa dos Pães da Proposição e demais adornos sagrados fossem construídos com a madeira de Acácia, isso não significa que seu uso fosse originário daquela época, pois, como vimos acima, nos mistérios egípcios havia o uso da Acácia Sagrada.

Nas Escrituras, o nome da Acácia vem como SHITTAH e SHITUIN, com tradução SETIM.

Hiram Abif esculpiu os querubins e todos os demais ornamentos em Acácia e, posteriormente, os recobriu com ouro.

Todas as religiões místicas antigas tinham uma árvore simbólica para venerar. Na Maçonaria antiga, vamos encontrar o Lótus no Egito, o Mirto na Grécia e o Carvalho na Gália dos Druidas.

Os antigos rituais maçônicos não mencionam a Acácia e somente com o surgimento do 3º Gr.: é que ela aparece.

Os Templários, ao levarem as cinzas de Jacques de Molay, as cobriram com ramos de Acácia, evidentemente já cônscios do paralelismo que existia com Hiram Abif.

Uma obra maçônica antiga diz que a Acácia é invocada nas cerimônias do 3º Grau em memória à cruz do Salvador, porque ela foi feita nos bosques da Palestina, onde abundava essa madeira, e a própria coroa de espinhos teria sido formada por ramos de Acácia, que é espinhenta. Porém, a adoção da Acácia, no sentido místico e simbólico, tem o significado do indestrutível, imperecível, porque trata-se de uma madeira imputrescível, devido às suas resinas.

Os primeiros maçons, organizados, retiraram da história de Israel seus principais princípios e conceitos; daí, a Acácia passar a ser um símbolo sagrado da imortalidade da alma foi uma consequência natural.

O significado místico da imortalidade, que equivale à indestrutibilidade e que o Ser é imperecível, é o ponto culminante da filosofia maçônica, saindo o Mestre do Túmulo, do círculo, como iniciado final, e que permaneceu soterrado no silêncio e na escuridão, qual crisálida transformada em borboleta que se lança ao espaço em direção ao Sol.

O Sol, esse luminar misterioso, anunciado pela MIMOSA flor amarelo ouro, símbolo da magnitude e do poder, alerta o homem que, sendo revestido de elementos materiais, portanto, perecíveis,

possui um elemento mais valioso, permanente e eterno, que jamais pode perecer, a alma. É a lição principal da Maçonaria.

A Vida ergue-se do Túmulo, para, jamais, tornar a morrer. Na Cerimônia de Iniciação, a planta simboliza a presença da Natureza.

Natureza que difere do homem, por pertencer a um outro reino. A cerimônia não pode prescindir da presença de uma planta, por isso, sempre houve uma em todos os ritos da antiguidade.

Nas cerimônias fúnebres orientais, onde os corpos são incinerados, as fogueiras são formadas com madeiras odoríferas consideradas sagradas. Por ironia, na Idade Média, os mártires eram sacrificados em fogueiras.

Para o maçom, a Acácia, além do mais, constitui-se em um chamamento nostálgico, pois de imediato traz a lembrança do sacrifício de Hiram Abif.

Na Cerimônia de Pompa Fúnebre, o fato de todos depositarem um ramo de Acácia (de pequenas dimensões) sobre o esquife simboliza a crença de que a morte é provisória.

Hiram Abif foi sepultado três vezes: a primeira, sob os escombros dos materiais de construção; a segunda, na cova aberta na terra; e a terceira vez, com honrarias dentro do Templo.

Porém, o sepultamento foi, simplesmente, o do corpo. Na primeira e segunda vez, o corpo foi removido; na última, permaneceu definitivamente, eis que a crença de Salomão era de que o Templo jamais poderia ser destruído.

A história provou que nada é definitivo na Terra, pois o que é matéria perece. Assim, ao serem depositados ramos de Acácia sobre o esquife, há a manifestação da crença de que alguma coisa é imperecível no homem, como o é simbolicamente a Acácia.

Portanto, a Acácia está ligada à crença da vida além-túmulo.

Uma parcela expressiva do Cristianismo crê piamente que no final dos tempos os escolhidos ressuscitarão em carne, daí repelirem a cremação. A ressurreição da carne, posto tratar-se de um mito, faz parte do conhecimento esotérico maçônico. O cuidado e a veneração que o dispensa ao corpo inerte de seu Irmão falecido e as homenagens que lhe rende no e pelo dia do seu passamento constituem prática usual, porém não compreendida por todos.

Durante a Cerimônia de Pompa Fúnebre, são dadas três pancadas sobre os altares, com som surdo e lúgubre; essas pancadas simbolizam as três fases *post mortem*, ou seja, como já foi dito, as três sepulturas. Durante a cerimônia, é formada a Cadeia de União, bem como ao ser transmitida a Palavra.

Recebendo-a, o Mestre de Cerimônias anuncia que a corrente se encontra quebrada e a Palavra, perdida.

Todo o ceremonial se desenvolve numa evocação à Lenda de Hiram Abif e, evidentemente, com o mesmo significado esotérico. Assim, a Acácia representa, sempre e primordialmente, um duplo símbolo: o da imortalidade e o da mortalidade. (Carlos Capelas M.: M.: – 2008)

ACANTO – CAPITEL CORÍNTIO

Acanthus mollis, também conhecido por erva-gigante, branca-ursina e pé-de-urso. Planta espinhosa de folhas largas. É originária da Europa, onde é usada como ornamento nas colunas coríntias.

Lenda I

Sua origem no uso arquitetônico surgiu do arquiteto Calímaco, que, para expressar sua dor pela morte de sua amada, colocou sobre o túmulo, esculpido em pedra, um vaso a cujos pés brotavam algumas folhas de Acanto; para fechar o vaso, colocou uma telha, simbolizando que a sua inspiração para a arquitetura havia cessado. O Acanto

adorna os capitéis das colunas coríntias, localizadas no ocidente das Lojas Maçônicas do R.E.A.A.

Lenda II

“Uma virgem de Corinto mal chegada à idade núbil, acometida por uma enfermidade, faleceu.

Após seu sepultamento, sua ama reuniu e dispôs num cesto as poucas coisas às quais ela se afeiçoara enquanto vivera.

Levou-as a seu túmulo e as colocou sobre ele, e, para que elas se conservassem dia após dia, teceu por cima delas um pequeno teto.

O cesto havia sido colocado casualmente sobre raízes de Acanto, e, nesse ínterim, premidas por seu peso, verteram na primavera folhagens e hastes em profusão.

As hastes do Acanto, crescendo ao longo das bordas do cesto e empurradas pela beira do teto, em razão do seu empuxo, foram forçadas a curvar suas extremidades.

Calímaco, que em virtude da elegância e da graça de sua arte de trabalhar o mármore foi denominado pelos atenienses o Príncipe dos Artífices, ao passar perto desse monumento, reparou no cesto e na delicadeza da folhagem que medrava ao redor e, encantado com a novidade das formas produzidas, executou colunas para os coríntios segundo esse modelo e instituiu suas proporções, e atribuiu as relações da ordem coríntia a partir daquilo que está presente na perfeição de suas obras.” (*Castellani*)

ACEITO

Diz-se daquele que foi admitido ou iniciado na Maçonaria. Equivale ao termo admitido, iniciado ou adepto da Franco-Maçonaria.

Muitas explicações são dadas por diversos escritores, e uma delas é a seguinte: em 1739, vários Irmãos recalcitrantes separaram-se da

Grande Loja de Londres, uniram-se aos remanescentes de algumas corporações de pedreiros construtores que ainda existiam e formaram uma Grande Loja, sob a constituição da grande corporação de obreiros de Londres.

Depois, os dissidentes aplicaram à Grande Loja da Inglaterra o título de Modernos e adotaram para si o de Grande Loja do Regime Escocês Antigo. Tendo, posteriormente, conseguido seu reconhecimento pelas Grandes Lojas da Escócia e da Irlanda, acrescentaram ao seu título a frase: “e Aceito”. Daí o título “Rito Escocês Antigo e Aceito”. Logicamente, outras informações existem e são também consideradas, sendo a história bem mais extensa que esse comentário. (*Aslan e Castellani*)

ADJUNTO

Suboficial da Loja ou da Grande Loja, eleito para substituir o titular efetivo em caso de sua falta ou ausência temporária. Apenas alguns cargos possuem adjunto, geralmente. (*Rituais da GLEG*)

ADOÇÃO DE LOWTONS

Cerimônia denominada Batismo, por meio da qual uma Loja Maçônica adota, solenemente, os Lowtons, filhos de membros do quadro. Outros casos de adoção poderão existir.

Alguns autores informam que a cerimônia tem origem muito antiga e estaria ligada aos Mistérios de Ísis no Antigo Egito; seu significado seria: “festa do jovem lobo”. Esse seria o motivo de usarem o nome de “lobo” ou “lobinho” ao Lowton. (*Site da GLMESP*)

Significado de Lowton / Lowtons

O nome “lowton” seria uma derivação da palavra francesa “louvetateau”, modo como os maçons franceses chamam seus filhos, e que significa “lobinho”. Já no caso da Maçonaria de língua inglesa,

o termo utilizado está explicitamente ligado à Maçonaria Operativa: Lewis.

Lewis se trata de uma ferramenta dos antigos, própria para se levantar grandes pesos expressa no painel alegórico da maçonaria.

ADONIRAMITAS

São os que se dizem continuadores da linha de Adoniram, sucessor de Hiram Abif. Em Goiás, as Lojas que praticam o Rito Adonhiramita são filiadas ao Grande Oriente do Estado de Goiás. Tem-se Adonhiram como o Intendente de Edifícios de Salomão.

Em hebraico Adoniram (ou Adonhiram) significa “meu Senhor exaltou”. Adoniram foi um dos oficiais de Salomão, designado como o superintendente dos trabalhadores braçais (I Reis 4:6). O Rito Maçônico Adonhiramita foi criado em 1787, é composto de 13 Graus. (www.carlosmagnorbravo.com.br). diz que na verdade a criação do rito se deu em 1758. (Dicionário Enciclopédico Maçônico do Rito Escocês Antigo e Aceito). Em Goiás, por muitos anos, o Rito Adonhiramita foi praticado por três Lojas: Luz e Saber 2380, Estrela no Horizonte 1575, Francis Bacon 2610, vindo a ser fundada, em 2010, a Loja Maçônica Acadêmica Jair Assis Ribeiro Nº. 4108, a fim de acolher acadêmicos das Universidades de Goiânia.

ADORMECIDA E ADORMECIDO

Diz-se “Adormecida” à Loja que não fechou definitivamente, mas permanece com suas atividades ou trabalhos suspensos temporariamente.

Enquanto estar “adormecido” significa o maçom afastado oficialmente de sua Loja.

Vale mencionar que o maçom que prefere se afastar de seus Irmãos e de sua Loja sem justos motivos estará tomando rumo incerto e possivelmente cruel, uma vez que todos os Irmãos da Loja serão

atingidos; além de ser uma corrente sem um de seus elos, ele perderá a sua “renovação e reposição” periódica (semanal) de energias.

ÁGAPE

Refeição em que os cristãos primitivos se reuniam para comemorar a última ceia de Jesus Cristo.

Ágape Fraternal no ritual da Maçonaria tem origem religiosa, sendo a confraternização após o término dos trabalhos, referindo-se à reunião de Zoroastro com os seus discípulos. (*Dicionário Encyclopédico Maçônico do Rito Escocês Antigo e Aceito*)

AGNÓSTICO

O termo deriva do grego *agnostos*, que significa “negar um conhecimento”. Aquele que não aceita os fenômenos metafísicos. Agnóstico é aquele que não acredita, porém não nega que Deus exista. (*Dicionário Encyclopédico Maçônico do Rito Escocês Antigo e Aceito*)

ÁGUIA BICÉFALA

A “Águia de Duas Cabeças de Lagash” é sem sombra de dúvida o emblema mais antigo do mundo. Mais de 2.000 anos antes da construção do Templo de Salomão, ela já era conhecida como emblema real. E nenhuma outra criação heráldica nem divisas emblemáticas conhecidas até hoje tem essa idade, pois, mil anos antes do Êxodo do Egito, esse emblema já era conhecido.

É o Distintivo dos mais elevados Graus da Maçonaria Filosófica e Administrativa (Graus 30 em diante). É o emblema do Grau 33 do Rito Escocês Antigo e Aceito e figura nos símbolos dos Cavaleiros Kadosh, e outros graus filosóficos. (*Bartolomeu Martins dos Santos, ARLS “Cavaleiros de Antares nº 14” Or.: de Parnaíba – PI*)

ÁGUA DE DUAS CABEÇAS – ORIGEM

Originária da cidade de Lagash (daí o seu nome), na Samaria (terra dos samaritanos). Depois, passou a ser usada como símbolo pelo povo de Akhad, dali para os Hititas e mais tarde se tornou o emblema de alguns povos da Ásia Menor, especialmente dos sultões de Selkujian. (*Dic. Maçônico*)

ALAVANCA

Barra rígida que auxilia a remoção ou o levantamento de objetos pesados. Na Maçonaria, simboliza a força de vontade, que, aliada à inteligência, é capaz de remover qualquer obstáculo. A alavanca é um dos utensílios do Companheiro. (*Freemason*)

ALEGORIA

Palavra de origem grega que representa certos atos ou ideias (o mesmo que símbolo). É uma representação figurativa que transmite um significado outro que o da simples adição ao literal. É geralmente tratada como uma figura da retórica. Alegoria é uma forma figurada de um pensamento, ficção ou metáfora. Na Maçonaria, diz-se de um sistema moral velado e ilustrado por meio de símbolos. (*Castellani*)

ALFABETO MAÇÔNICO

A Maçonaria Universal adota mais de um alfabeto convencional, cujo uso, no entanto, parece cada vez mais em desuso.

Há maçons que nunca ouviram falar em alfabeto maçônico. Claro que nunca ouvir falar é um exagero, já que consta do nosso ritual do Grau de Mestre.

O alfabeto maçônico aconselhado seria o inglês moderno, condizente com o alfabeto profano em português, em número de caracteres, e de melhor entendimento.

Em julho de 2003, quando da Reunião da CMSB de Porto Alegre, os Grão-Mestres decidiram em assembleia que a Pal.: Semestral passaria a ser comunicada, tanto às Grandes Lojas como às Lojas, por meio do alfabeto maçônico em inglês moderno. No nosso entendimento, foi um avanço importantíssimo. Vejamos a chave do alfabeto em questão:

Em “quatro cruzes gregas” ligadas aos pares estão as letras: (ab) (cd) (ef) (gh) (ij) (kl) (mn) (op) (qr);

Em forma de “X” (cruz de Santo André) estão as letras: (st) (uv) (wx) (yz), na ordem de leitura normal, da esquerda para a direita. (*Gazeta Maçônica*)

ALFAIAS – ADORNOS – PARAMENTOS

São utensílios de adorno, tanto de casas quanto de pessoas. São alfaias maçônicas: o avental, o colar e as joias do grau, entre outros. (*Rituais*)

ALFANJE

Pequena espada vista na C.: de RRef.:, desenhada na parede. É, também, a joia do Irmão cobridor. Ferramenta semelhante a uma foice com cabo comprido. É utilizada na agricultura, mas também na mão da “Dona Morte”. Essa palavra é usada para designar faca nos Banquetes Ritualísticos. (*Rituais*)

ALQUIMIA

Precursora da química moderna, é extensamente abordada na Maçonaria, tanto na sua forma mística quanto na prática.

Nessa última, a abordagem se dá pelo uso dos compostos químicos, a exemplo do sal e, principalmente, pelos elementos naturais: Água, Ar, Terra e Fogo. (*Freemason*)

ALTAR

Espécie de mesa em que os antigos egípcios e outros povos ofereciam sacrifícios às suas divindades.

Depois de erguido o Tabernáculo, apareceram, entre os hebreus, duas espécies de altares: o dos sacrifícios e o do incenso.

Podemos considerar o altar maçônico como a representação de ambas essas formas.

Salienta-se que a mesa usada pelo Venerável também é um Altar, assim como as dos Vigilantes, embora frequentemente se confunda o Altar do Venerável – principalmente os novatos e os não estudiosos – com o Trono.

A cadeira em que toma assento o Venerável Mestre é chamada de Trono, assim como antigamente Salomão tinha seu trono. Embora o grande escritor Rizzardo da Camino, em uma de suas obras, defina como Trono todo o conjunto sobre o plano elevado no Oriente. (*Rizzardo*)

ALTAR DAS ABLUÇÕES

Próximo ao altar do 1º Vigilante, entre a entrada do Templo e o Norte, estará situado o Altar das Abluções, onde descansa o Mar de Bronze. Seu simbolismo é de origem Hindu e remonta à tradição de que a Iniciação deve ornar o coração do iniciado. Ablução (do latim) significa lavar, limpar, purificar. O simbolismo do Mar de Bronze será mais bem explicado no seu próprio item. (*Rizzardo*)

ALTAR DO 1º VIGILANTE

De forma triangular, localiza-se à esquerda e um pouco à frente da Coluna B.:, estando sobre dois degraus (um degrau mais o patamar) que significam Justiça e Fortaleza e conduzem à Perfeição. Sobre o Altar está um candelabro de três luzes. O significado das

três luzes varia de escritor para escritor. Uns dizem que têm relação com o número três; outros, com o grau em que se esteja trabalhando.

Há ainda uma coluneta da ordem Dórica, que representa uma das ordens clássicas de arquitetura do passado. Ali está representando a forte raça dos Dóricos entre os gregos.

Há ainda neste Altar um malhete, que representa a autoridade no comando da Loja. (*Rizzardo*)

ALTAR DO 2º VIGILANTE

Também triangular, localizado a meia distância entre a grade do Oriente e a parede do Ocidente, encimado por um degrau (apenas o plano), que simboliza a virtude da Prudência.

Sobre o Altar estão um candelabro, também com três luzes, uma coluneta de Ordem Coríntia, representando a Beleza, tal como é aquela coluneta, tendo em seu capitel os adornos das folhas de Acanto, e há ainda um malhete, ambos os símbolos com as representações idênticas às do 1º Vigilante. (*Rizzardo*)

ALTAR DO VENERÁVEL MESTRE

À frente do Trono (cadeira), sobressaindo-se sobre os demais em dimensão, fica o Altar do Venerável Mestre, com a face frontal voltada para o Ocidente e sobre o qual devem estar um malhete, um candelabro de três braços, uma coluneta Jônica e a Espada Flamejante em seu escrínio. Constanam em alguns rituais a Constituição e o Regulamento Geral da Grande Loja, o Estatuto da Loja, um exemplar do ritual do grau e objetos de escrita.

A descrição dos materiais que deverão compor o Altar do Venerável pode diferir de um ritual a outro. (*Rizzardo*)

ALTAR DOS JURAMENTOS

De forma triangular, no centro do Templo, assim como estava no centro do grande Templo de Jerusalém com o nome de Altar dos Holocaustos ou dos Sacrifícios.

O Altar dos Juramentos em nossas Lojas mede aproximadamente um metro de altura por 66 centímetros em cada face.

Dizem os escritores que os chifres nos cantos dianteiros, às vezes usados até hoje, nada têm a ver com o Rito Escocês.

Entretanto, o ritual em uso na Grande Loja de Goiás, destoando totalmente do Ritual que antecedeu o atual, destoando totalmente dos usos do RE.: A.: A.:, conceitua como uso o seguinte: “Esse Alt.: contém uma chapa dourada, com chamas ou chifres de bronze, ou latão, em cada ângulo.”

Não tínhamos, até então, tal representação em nossos Templos Maçônicos da Gr.: Loja do Estado de Goiás.

Em torno do Altar dos JJur.:, do lado do Oriente, Sul e Norte, haverá três lâmpadas ou velas acesas em castiçais com altura de 1,12m denominadas luzes místicas, ou representando a Trindade Divina.

Sobre o Altar dos Juramentos estão as três luzes emblemáticas da Maçonaria: o L.: da L.: o E.: e o C.:, os quais serão posicionados de acordo com cada grau. (*Rizzardo*)

ALTAR DOS PERFUMES

À frente do Altar do Venerável Mestre, no Oriente, fica o Altar dos Perfumes, em forma de prisma triangular, ou ainda por um tripé, onde haverá um vasilhame contendo perfumes ou incenso a ser queimado em um incensador ou Turíbulo (nome dado pelo segmento católico), pendente do próprio Altar, por meio de delgadas correntes. (*Rizzardo*)

ALTO CORPO

Grupo de Irmãos nomeados pelo Grão-Mestre para assessorá-lo nos trabalhos das Grandes Lojas de cada Estado. Os maçons investidos de cargos no Alto Corpo das Grandes Lojas dos Estados sempre representam, na Ausência do Grão-Mestre, a Sereníssima Grande Loja junto às Lojas jurisdicionadas. (*Rituais da GLEG*)

ALTURA DA LOJA

Simbolicamente, vai do Nadir ao Zênite (da Terra ao Céu), sendo um dos símbolos da sua universalidade. (*Rituais da GLEG*)

AMOR

É o dever primário de todo maçom. O primeiro dos três passos regulares dado pelo Apr.: Maçom e por todos os maçons em suas marchas é executado com o p e.:, do lado e próximo do coração, para lembrá-los de que o amor deve imperar sobre todas as suas decisões. (*Rituais da GLEG*)

AMOR FRATERNAL

Lema milenar da Ordem Maçônica e dever a que se obrigam todos os maçons do mundo.

Debate-se nas Oficinas sobre como se manifesta o “Amor Fraternal” no coração do maçom. Para que todos possam entender melhor, faremos comparações com o Sol, o astro adorado pelos antigos, meio de vida de todos os seres.

Vemos que o nosso sistema solar é composto de astros que giram em torno de um centro, atraídos por um sistema gravitacional onde todos os demais astros, numa ordem perfeita em suas órbitas, numa formação que, além de atraídos, também obedecem às

distâncias naturais, porém, sempre atraídos pelo centro gravitacional.
(Freemason)

Os astros dependem uns dos outros para se modificarem, evoluírem, para se completarem.

Assim vemos os maçons em Loja. Amparam-se mutuamente, na alegria, na tristeza, nos estudos, no lado financeiro.

Somos como uma corrente que tem a exata resistência de seu elo mais fraco. Somos um conjunto que é atraído por um centro gravitacional chamado Amor Fraternal. Somos atraídos mecanicamente. Às vezes tentamos resistir a este impulso de estarmos em Loja, entre os Irmãos, mas não conseguimos.

Nós, os maçons, como diz o próprio Hino da Maçonaria, somos filhos da Mãe Natureza.

Todas as nossas instruções exemplificam-se na obra da natureza, com base na palavra de Deus, e nos ensinam a procurar alguma coisa preciosa que existe dentro de cada um indistintamente.

Entendemos que a Iniciação na Maçonaria desperta ainda mais no ser humano este anseio de ser bom, de ser melhor ainda quando se depara com outros seres, agora Irmãos, também iniciados, nas mesmas condições que as suas e nos quais ele vê a grande chance de juntar forças para o aprimoramento do seu lado bom, de suas virtudes.

É como se, mesmo com todos os defeitos, os seus Irmãos fossem ainda melhores que todos os profanos que conhece.

O seu sentimento mostra os seus Irmãos como tábua de salvação no sentido de proteção e de progresso moral.

Portanto, há ali um centro, um núcleo de força que atrai, que leva o obreiro ao convívio dos Irmãos mesmo que não entenda aquela atração, chegando a dizer, nos momentos de desencanto, não saber por que ainda não se afastou. Assim definimos **o Amor Fraternal entre os Maçons.**

AMPULHETA

Espécie de relógio de areia utilizado para marcar um tempo. Na Maçonaria, representa a efemeridade das coisas terrenas. É encontrada na Câmara de Reflexões. (*Sérgio Quirino Guimarães, ARLS Presidente Roosevelt nº 25 – GLMMG*).

ÂNCORA

Aquilo que se diz sobre desenhistas criativos vale também para a Âncora.

Esse símbolo não teve guarida na Maçonaria primitiva e não tem na Maçonaria moderna.

O pouco que se sabe sobre esse símbolo que está inserido na Escada de Jacó é que está ligado mais a uma Ordem Feminina Maçônica, de duração efêmera.

Era uma espécie de Maçonaria androgina que apareceu na França no ano de 1745, segundo Mackey.

O Grau 21 dessa Ordem levava o nome do Cavaleiro da Âncora.

A Âncora sempre foi um símbolo cristão, significando esperança, e por ser um símbolo tipicamente cristão, alguém o associou à Maçonaria. Mas associá-lo não significa que esse símbolo foi adotado pela Maçonaria; daí não se achar nenhuma justificativa plausível para a inserção de uma Âncora no Painel (escada), apesar de o respeitarmos e o ensinarmos como símbolo em obediência às leis emanadas da nossa Potência.

Nem no Dicionário de Mackey, nem no de Nicola Aslan conseguimos subsídio que justificasse a presença deste símbolo no Painel (diz o autor do livro pesquisado). No *Dicionário de Símbolos*, de Juan-Eduardo Cirlot, encontramos o seguinte:

“Nos emblemas, signos e grafismos do Cristianismo primitivo, a âncora aparece sempre como Símbolo de Salvação e de Esperança”.
(Assis Carvalho)

Com grande frequência aparece em posição invertida, com uma Estrela, Cruz ou Crescente Lunar, alusivos à sua condição mística. Disse São Paulo: “A Esperança, nós a temos por âncora da Alma.”

Como símbolo individual, a Âncora não tem amparo na Simbologia Maçônica. Talvez como emblema, juntando-se três símbolos mais a Escada, tida como a Escada de Jacó, possa significar algo mais. Todavia, nem a Escada de Jacó, embora muito citada, é um símbolo, um emblema maçônico, especialmente dos graus simbólicos.

Talvez os nossos Irmãos cabalistas, teosóficos, ou simplesmente metafísicos, que conseguem captar mensagens além da física, justifiquem, e com bons argumentos, a presença da Âncora nesse Painel, respeitando-se e entendendo-se as demais opiniões, principalmente de religiosos. (*O Simbolismo da Maçonaria*)

ÂNGULO RETO

Simboliza a perfeição ou a reta conduta que todo maçom deve visar. (*Dicionário Encyclopédico Maçônico do Rito Escocês Antigo e Aceito do REAA*)

ANO LUCIS OU ANO-LUZ

É a unidade de medida correspondente à distância percorrida, no vácuo, pela luz em um ano. Considerando que a velocidade da luz é de 300.000 km/s, um ano-luz equivale a $9,463 \times 10^{12}$ km. Em metros, essa distância é de 9.460.207.068.01.6 (*Dicionário Encyclopédico Maçônico do Rito Escocês Antigo e Aceito do REAA*)

ANO MAÇÔNICO

Varia entre ritos. Começa em março ou julho, acrescentando-se 4.000 anos ao Ano Vulgar ou Era Cristã (era de hoje). Baseia-se na concepção bíblico-judaica da idade da criação do mundo.

Era Vulgar e Era da Verdadeira Luz

(Parte do texto do escritor Pedro Juk sobre o assunto)

Vulgar, do adjetivo latino *vulgare*, menciona, dentre outros, o que é relativo ou pertencente ao vulgo; comum, trivial, usual.

O termo “vulgar” relacionado à “era” (tempo) está presente, segundo alguns autores, embora ainda discutível, desde que os judeus estabeleceram o título *Era Vulgar* em substituição ao *antes e depois de Cristo*, fato que viria a servir de parâmetro para designar o mundialmente conhecido Calendário Gregoriano, já que a Era Cristã e a Era Vulgar, por força das circunstâncias, se tornariam análogas.

Em se tratando de Maçonaria e do seu particular calendário, neste, o primeiro ano rotulado que aparece em antigos documentos do século XVIII é o Ano da Verdadeira Luz, em latim *Anno Lucis*, tido como a “*idade dos cortadores de pedra*” (*Age of Stonecutters*).

Buscando dar uma classificação independente de religião, bem como também dar um caráter de universalidade à Ordem, James Anderson, autor da Constituição de 1723, baseado nos cálculos do bispo irlandês anglicano James Usher, que teria desenvolvido um estudo relativo à criação do mundo conforme o Livro de Gênesis e aos comentários críticos da massorat, segundo os quais a criação do mundo teria ocorrido em 4.004 antes de Cristo, Anderson então cogitou no texto constitucional que o início da Era Maçônica havia se dado 4.000 anos antes da Era Vulgar ou Era Comum (antes de Cristo).

Embora se perceba um pequeno arredondamento de quatro anos entre o resultado proposto por Usher e o adotado por Anderson, prevaleceria maçonicamente o acréscimo da constante de 4.000 anos

somada à Era Vulgar, cujo ano teria a mesma duração do Gregoriano, com a diferença de que o ano maçônico começaria no dia 1º de março, tendo os títulos dos meses designados conforme o seu número ordinal correspondente.

A bem da verdade, segundo *Pedro Juk*, essa inserção de Anderson não pode ser considerada como uma regra geral e única adotada pela Moderna Maçonaria (a partir de 1717), até porque, com a evolução e a proliferação de ritos e sistemas maçônicos, particularidades nesse sentido devem ser criteriosamente observadas, sobretudo sob o ponto de vista cultural e até mesmo religioso que possa envolver o costume. (*Dicionário Encyclopédico Maçônico do Rito Escocês Antigo e Aceito do REAA*).

Exemplo de Calendário Maçônico do R.:E.:A.:A.:

Ano Maçônico	Inicia-se dia	Ano Civil	Inicia-se em
6022	1º de março	2022	1º de março
6023	1º de março	2023	1º de março
6024	1º de março	2024	1º de março
6025	1º de março	2025	1º de março

ENTENDENDO O TERMO “MAÇONS ANTIGOS, LIVRES & ACEITOS” *Kennyo Ismail – CMSB*

O termo “Maçons Antigos, Livres & Aceitos”, que, utilizando a abreviação maçônica do REAA, fica “MM AA LL & AA”, talvez seja, depois de GADU, o termo mais usado na Maçonaria. Apesar disso, parece que poucos são os maçons que sabem seu verdadeiro significado e o que se vê são muitos maçons experientes inventando significados mirabolantes e profundamente filosóficos para um termo que teve caráter político na história da Maçonaria.

Geralmente é utilizado após o nome da Obediência ou, muitas vezes, faz oficialmente parte do nome. Em inglês, a sigla é AF&AM (*Ancient, Free and Accepted Masons*), cujo significado é o mesmo do termo em português: **Maçons Antigos, Livres & Aceitos**.

Porém, os Irmãos também podem, em muitas Obediências, se depararem com termo diferente, sem o uso do “Antigo”, apenas: “**Maçons Livres & Aceitos**” ou “**F&AM – Free and Accepted Masons**”.

Afinal de contas, o que significa esse termo e qual o motivo da variação?

Em primeiro lugar, diferente do que muitos pensam, o termo nada tem com o Rito Escocês. Pelo contrário, foram os fundadores do Supremo Conselho do Rito Escocês em Charleston, influenciados pelo termo, que resolveram pegar emprestado o “Antigo” e o “Aceito”.

Na verdade, o termo e sua variável surgiram do nome oficial das duas Grandes Lojas inglesas rivais, historicamente conhecidas por “**Antigos**” e “**Modernos**”.

O nome da 1ª Grande Loja (1717) era “**Grande Loja dos Maçons Livres e Aceitos da Inglaterra**”.

Já sua rival (1751) foi fundada com o nome de “**Grande Loja dos Maçons Livres e Aceitos da Inglaterra de acordo com as Antigas Constituições**” e por isso costumava ser chamada de “**Antiga Grande Loja da Inglaterra**”.

Dessa forma, a mais nova se proclamava “**Antiga**” e chamava a primeira, que era mais velha, de “**Moderna**”.

A partir daí, nos 60 anos de rivalidade entre essas duas Grandes Lojas, os maçons da Grande Loja dos “**Modernos**”, ou daquelas fundadas por essa, usavam o termo “**Maçons Livres e Aceitos**”, enquanto os da Grande Loja dos “**Antigos**”, ou daquelas fundadas por essa, eram tidos como “**Maçons Antigos, Livres e Aceitos**”.

Nesse período, a Grande Loja da Irlanda (1725) e a Grande Loja da Escócia (1736) se aproximaram dos “**Antigos**” e de certa forma aderiram ao termo. As duas Grandes Lojas inglesas resolveram se unir em 1813, porém, os termos permaneceram nas Grandes Lojas constituídas por essas, que consequentemente passaram àquelas que se constituíram depois.

O maior reflexo dessa “rivalidade”, com o uso dos termos que a representam, ocorreu nos EUA, que tiveram Grandes Lojas fundadas pelos Modernos, pelos Antigos, e pelas Grandes Lojas da Irlanda e da Escócia. Com isso, 26 Grandes Lojas Estaduais (*dos EUA – grifo nosso*) usam o termo COM “Antigos” e outras 25 Grandes Lojas usam SEM “Antigos”.

F&AM (trad.: Maçons Livres & Aceitos) = 25 GLs: Alabama, Alaska, Arizona, Arkansas, Califórnia, DC, Flórida, Geórgia, Havaí, Indiana, Kentucky, Louisiana, Michigan, Mississippi, Nevada, New Hampshire, New Jersey, New York, Ohio, Rhode Island, Tennessee, Utah, Vermont, Washington e Wisconsin.

AF&AM (trad.: Maçons Antigos, Livres & Aceitos) = 26 GLs: Colorado, Connecticut, Delaware, Idaho, Illinois, Iowa, Kansas, Maine, Maryland, Massachusetts, Minnesota, Missouri, Montana, Nebraska, Novo México, Carolina do Norte, Dakota do Norte, Oklahoma, Oregon, Carolina do Sul, Dakota do Sul, Texas, Virgínia, West Virgínia, Wyoming e Pensilvânia.

Apesar de a rivalidade ter acabado no início do século XIX, os termos permaneceram e podem ser vistos em várias outras partes do mundo. Alguns exemplos:

COM “Antigos”: Bolívia, Chile, Cuba, Costa Rica, Equador, Grécia, Guatemala, Honduras, Israel, Nicarágua, Panamá, Peru, África do Sul, Espanha, Venezuela.

SEM “Antigos”: Argentina, China, Finlândia, Japão, Filipinas, Porto Rico, Turquia.

Com o “**Antigos**” já desvendado, cabe aqui compreender a expressão “**Livres & Aceitos**”: “Livres” se refere aos maçons que tinham o direito de se retirar de suas guildas e de viajar para a realização de trabalhos em outras localidades, enquanto os “**Aceitos**” seriam os primeiros maçons especulativos, que, apesar de não praticarem o Ofício, ingressaram na Fraternidade.

Hoje, usar ou não o “**Antigos**” não faz mais tanta diferença. O importante é que não nos esqueçamos de que o “**Livres & Aceitos**” é um elo, um registro histórico da transição entre a Maçonaria Operativa e a Especulativa. Qualquer interpretação diferente é tentar jogar nossa história fora.

ANTIMAÇÔNICO

São todos os atos que se opõem às leis morais da Maçonaria. Uma conduta antimaçônica de um membro da Ordem é passível de julgamento. (*Dicionário Encyclopédico Maçônico do Rito Escocês Antigo e Aceito do REAA*)

APRENDIZ

Designação emprestada das antigas corporações obreiras de construtores, em que o aprendiz ocupava também o grau mais inferior, ou inicial.

No simbolismo maçônico, representa o homem na sua primeira infância humana e espiritual. (*Castellani*)

AR

Um dos quatro elementos da Natureza, considerado pelos antigos como o princípio das coisas.

É usado, na Maçonaria, para a realização de uma das provas por que passam os Iniciados. No hermetismo, o Ar era o símbolo

das qualidades quente, úmida e intermediária entre o Fogo e a Água. Corresponde à primavera, à manhã, à adolescência.

Em alquimia, o Ar, como os outros elementos, é representado por um triângulo. O que o representa é um triângulo isósceles, com o vértice para cima, e cortado por um traço horizontal. (*Rizzardo*)

ARCA DA ALIANÇA

No Grau 4 do REAA . . ., ela aparece junto ao Candelabro Místico, no canto direito do Oriente. A Arca da Aliança, ou do Testemunho (Êxodo, 25 – 10 a 22), é uma alegoria bíblica que simboliza a terceira aliança de Deus com o homem. (*Castellani*)

ARITMÉTICA

Irmã da geometria, é também abordada pela ciência maçônica, já que é necessária aos projetos de construção de edifícios, além de surgir, também, na numerologia maçônica. (*Ritual da GLEG*)

ARQUITETO DO UNIVERSO

No cristianismo, dependendo da região, muitas vezes é usado o conceito de Deus como o Grande Arquiteto do Universo.

Há informações de que desde a Idade Média são encontrados na Bíblia Sagrada registros dessa natureza, que são regularmente empregados pelos cristãos e até mesmo por professores.

O conceito do Grande Arquiteto do Universo está além de qualquer credo religioso.

A crença em um Ser Supremo é ponto indiscutível para que se possa ser Iniciado na Maçonaria regular, uma realidade filosófica.

Portanto, “Arquiteto” para a Maçonaria, se referindo ao profissional de arquitetura, tem por base o trabalho em construções físicas na época medieval pelos antigos pedreiros.

A Grande Loja do Estado de Goiás, na gestão do então Grão-Mestre João Batista Fagundes, normatizou a expedição de correspondências entre as suas Lojas quanto ao cabeçalho, devendo sempre conter a menção ao Grande Arquiteto do Universo, em português, com a seguinte abreviatura: À G.: D.: G.: A.: D.: U.:

Já os certificados expedidos pelo Supremo Conselho do Grau 33 do R.: E.: A.: A.: da Maçonaria para a República Federativa do Brasil regulamentaram seus cabeçalhos da seguinte forma:

“Universi Terrarum Orbis Architectonis ad Gloriam Ingentis”, que significa: *À Glória do Grande Arquiteto da Terra e de Todo o Universo.*

Essa mesma inscrição, com pequena modificação, era ou ainda é grafada nas Cartas Constitutivas expedidas pela Grande Loja Maçônica do Estado de Goiás:

“Ad Universi Terrarum Orbis Summi Architecti Gloriam”: *À Glória do Sumo Arquiteto da Terra e de Todo o Universo.*

As diferenciações podem ocorrer devido à autonomia das administrações de cada Grande Loja do Brasil. (*Bib. Fernando Pessoa*)

ARQUITETURA

A relação é profunda no sentido da arte de construir, antigamente na construção física, hoje, na construção simbólica dos templos espirituais, na humanidade, simbolizados na régua, esquadro, compasso, prumo, nível, prancha de desenho, malho, cinzel, alavanca, lápis etc. (*Alto Astral*)

ARRANHA-CÉU

A palavra “arranha-céu” originou-se da denominação norte-americana *Skycraper*. (*Segredos da Maçonaria - infomegashop.com.br*)

Essa palavra foi empregada para denominar, em 1892, o maior edifício do mundo, então existente na cidade de Chicago, e que foi construído para abrigar as Lojas Maçônicas da Grande Loja de Illinois.

ARTE REAL

Uma das antigas definições da Franco-Maçonaria, por se exercer ali a arte superior. Outros têm remontado essa denominação ao fato de se basearem seus símbolos em atos do rei Salomão.

Fundamentalmente é o nome que os maçons aplicam à disciplina que observam.

A expressão é considerada como um termo difícil de definir. O primeiro a empregar essa expressão na Maçonaria foi Anderson, e o fez nas Constituições de 1723, com o sentido de Geometria, Arquitetura, Arte de edificar.

Na França, porém, a expressão “Arte Real” ou “Ordem Real” designou a Fraternidade Maçônica até o dia 27 de dezembro de 1774, quando o Grande Oriente de França a substituiu pela denominação de “Ordem Maçônica”, por considerá-la contrária ao princípio de igualdade.

Alguns escritores deram ao termo uma interpretação simbólica ou filosófica, argumentando ter sido a Instituição assim chamada, por ser a mais nobre de todas as artes. (*Dicionário Enciclopédico Maçônico do Rito Escocês Antigo e Aceito do REAA*)

ASSENTOS DOS RECÉM-INICIADOS

Em que lugar do topo senta-se o Iniciado? No topo da Coluna do Norte, onde se sentam os Aprendizes, e o recém-iniciado deve

tomar assento próximo ao 1º Vigilante, não pelo “topo”, que é como é vista toda a parede Norte, entretanto, é no topo dessa Coluna que estão situadas as Colunas Zodiacais, cujas três primeiras representam a estação da Primavera, ou o renascimento para a Luz, daí o recém-iniciado é ali colocado para simbolizar essa primeira estação da vida (início da jornada).

Justificativa:

Afinal, primeiro vem a flor para que depois possa aparecer o fruto.

Fruto à frente da flor:

Agora, partir do topo da Coluna, porém do ponto próximo à balaustrada, é equívoco dos mais sérios, já que isso produziria um efeito contrário e sinistro cêntrico, ou colocaria o fruto na frente da flor, já que o Aprendiz que procura a Luz, inadvertidamente, estaria se deslocando em sentido contrário – da Luz para as trevas.

Justificativas para o fato de o Aprendiz sentar-se ao Norte:

É simples: a Loja possui três Luzes que a governam: Venerável Mestre, 1º Vigilante e 2º Vigilante. Essas três Luzes ficam localizadas em três lados do Templo: Oriente (VM), Ocidente (1º Vig.) e Sul (2º Vig.). Ora, o Templo possui quatro lados, então um não possui Luz: o Norte! Por esse motivo, a Coluna do Norte é considerada o “lado escuro do Templo”.

Ritual em uso na Grande Loja de Goiás

Entretanto, sobre o Ritual em uso na Grande Loja de Goiás (sendo ele quase uma cópia do Ritual de Mato Grosso), na página 20 diz o seguinte:

O novo Iniciado senta-se na bancada da Coluna do Norte, próximo ao lugar do Arquiteto Decorador (*vale salientar que esse Oficial senta-se ao lado do Mestre Arquiteto e, ambos, junto ao Tesoureiro – grifo nosso*), pois, sendo costume inaugurar os trabalhos de construção dos edifícios sagrados com a colocação de uma pedra no seu ângulo Nordeste, fica ele colocado nesse lugar para, simbolicamente,

representar essa pedra, sobre a qual se deve apoiar uma superestrutura perfeita, em todas as suas partes, e honrosa para o construtor, que é ele próprio.” Vejam o comentário do escritor Kenryo Ismail – CMSB:

O que acontece é que essas ‘amarrações’ dos Aprendizes com o 1º Vig.: são típicas do REAA ‘brasileiro’, não ocorrendo na maioria dos outros ritos. Há ainda a interpretação de que o Aprendiz se senta no Nordeste porque antigamente havia o costume de posicionar as pedras fundamentais no Nordeste dos canteiros de obras. Porém, é outra interpretação sem base sólida. (Kenryo Ismail – CMSB)

ASSENTOS NO ORIENTE

À direita do Altar do Venerável Mestre, abaixo do sólio, sentam-se as autoridades maçônicas; à esquerda, os MM.: IIInst... (*Rituais GLEG*)

ASTROLOGIA

Tem a representação nos Templos de alguns ritos, principalmente do Escocês, por meio das 12 Colunas Zodiacais que sustentam a abóbada representativa do firmamento.

Porém, os signos zodiacais significam, também, na Maçonaria simbólica, todo o caminho místico percorrido pelo Iniciado, desde o seu ingresso na Ordem Maçônica, como Aprendiz, até o fim de sua trajetória iniciática, no Grau de Mestre Maçom.

Existe, pois, uma estreita relação mística entre os signos do zodíaco e a renovação anual da natureza, representando, eles, as constantes mortes e ressurreições de toda natureza. Simbolizado pelo imutável ciclo dos vegetais e pela fabulosa Fênix (ave mitológica que renasce das próprias cinzas), o Iniciado também morre, simbolicamente, para as trevas da ignorância, renascendo para a luz, numa repetição do ciclo dos vegetais, que morrem no inverno e renascem com a plena luz do Sol na estação posterior. (Rizzardo)

ASTRONOMIA

São encontradas nos Templos das várias seitas e religiões existentes as representações do Sol, da Lua, do Planeta Vênus, tendo, inclusive, simplificações ritualísticas evidentes com a Maçonaria, como, por exemplo, os principais cargos em Lojas, descritos anteriormente em Abóbada Estrelada. Além disso, a Maçonaria usou dos antigos, com certeza, vários estudos sobre os astros. (*Freemason*)

ATA

Registro do ocorrido nas reuniões ou sessões das Oficinas, *chamado regularmente balaústre, sendo Ata, termo profano.* (*Dicionário de Termos Maçônicos*)

ATO

Documento expedido pelos dirigentes maçônicos (Grão-Mestres e Veneráveis das Lojas). É normativo (estabelece normas administrativas), podendo ser revogado pela autoridade que o expediu (baixou) ou pelo dirigente sucessor. Diferente do Decreto (ver Decreto). (*Manual de Instruções*)

ÁTRIO

Entre a Sala dos Passos Perdidos e o Templo encontra-se o Átrio, que contém três portas: uma para a Sala dos Passos Perdidos, outra para a Câmara de Reflexões e outra para o Templo. O Átrio do Templo maçônico tem como origem o Átrio do Tabernáculo, erigido no deserto, por Moisés, bem como no Átrio do Templo de Salomão.

Na Sala dos Passos Perdidos, os Irmãos começam a refrear os impulsos adquiridos no mundo profano, durante o tempo em que estiveram afastados dos trabalhos maçônicos.

No Átrio, dão prosseguimento à moldagem dos pensamentos, entregando-se à meditação, ao silêncio, se preparando definitivamente para a entrada no Templo. (*Dicionário Encyclopédico Maçônico do Rito Escocês Antigo e Aceito*)

AUMENTO DE SALÁRIO

O aumento de salário decorre da passagem de grau a grau, após um determinado período de frequência e exames que, no passado, para Aprendizes, era de três anos e, para os Companheiros, de sete.

Aumento de salário significa passar para o próximo grau simbólico. O maçom não deve se preocupar com o recebimento do salário, mas, sim, com fazer jus a esse recebimento. (*Dicionário Encyclopédico Maçônico do Rito Escocês Antigo e Aceito*)

A.: U.: T.: O.: S.: A.: G.:

Significa:

“*Ad Universi Terrarum Orbis Summi Architectonis Gloriam.*”

Tendo a seguinte tradução:

“À Glória do Sumo Arquiteto da Terra e de Todo o Universo.”

(Essa passagem já foi explicada anteriormente). (*Dicionário Encyclopédico Maçônico do Rito Escocês Antigo e Aceito*)

AVENTAL

Uma das vestimentas simbólicas mais importantes na Maçonaria, cuja origem data pelo menos do Antigo Egito.

Significa a primeira vestimenta da qual o homem se serviu na terra para cobrir a sua nudez, desde que perdeu a sua inocência. Pode, em determinado termo, significar “Corpo”, vestimenta após a queda.

Em nosso caso, na Maçonaria simbólica, o avental significa emblema do trabalho, como se explica quando se reveste o novo Irmão com o avental. Todos os povos, credos e profissões sempre usaram e usam aventais, sendo uma parte importante da vestimenta para o trabalho, para enfeites e como insígnias.

O avental maçônico tem origem direta naquele que era usado pelos maçons operativos, e, nos primeiros tempos da Grande Loja da Inglaterra, não era diferente.

Não vamos entrar em estudo mais amplo, o nosso propósito não chega a tanto neste trabalho, mas podemos relacionar o avental do Aprendiz – com a abeta levantada, formando assim cinco lados, sendo um quadrado na parte baixa com apenas três lados e um triângulo na parte de cima com dois lados – com os cinco sentidos: visão, audição, olfato, gustação e tato, por meio dos quais podemos colocar o mundo material em que vivemos em contato com os C.: PP.: P.: que a Maçonaria procura desenvolver dentro de si.

A abeta levantada significa que o Aprendiz ainda se encontra na fase infantil e assim é dominado pela inocência, que lhe permite, sem vexame, apresentar-se a seus Irmãos com as partes pudendas à mostra, como faziam Adão e Eva no Paraíso. (*Assim disse o escritor Júlio Doim Vieira, em A Revista Trolha*)

O mesmo escritor diz que a abeta do avental do Aprendiz levantada protege o epigastro (ou epigástrio, que é uma das nove divisões da anatomia de superfície da parede abdominal. Localiza-se acima da cintura, até o limite do diafragma, na parte média superior da parede abdominal), que está ligado ao plexo solar e que este, por sua vez, corresponde ao chackra umbilical, de que dependem claramente os sentimentos e as emoções contra as quais o Aprendiz, sobretudo, deve se proteger, a fim de conseguir serenidade de espírito, o que fará dele um verdadeiro Iniciado.

O maçom revestido de seu avental será um homem na expressão máxima do termo. O avental branco do 1º Grau indica a pureza da

alma atingida nesse grau. (*Dicionário Enciclopédico Maçônico do Rito Escocês Antigo e Aceito*)

AVISO

Em Maçonaria, significa que nenhum maçom deve deixar de assistir aos trabalhos da sua Loja sem dar prévio aviso ao Venerável ou a um dos oficiais responsáveis pela direção da Oficina. (*Rituais GLEG*)

AZEITE

Um dos ingredientes empregados nas grandes cerimônias da Maçonaria, como as de consagração das Lojas, apadrinhamento de crianças (Lawtons), banquetes entre Irmãos e certas Iniciações. O azeite é o símbolo da dádiva da sabedoria, que, assim como os seus aliados – o trigo, o vinho e o sal –, remonta à mais recuada antiguidade.

Em um dos graus da Maçonaria filosófica, do Rito Moderno e Francês, ensina-se que a trolha com que se tocou em sua fronte, lábios e coração, para simbolicamente substituir por bons os maus pensamentos, palavras e sentimentos, estava ungida com leite, azeite, vinho e farinha, tipificando a docura, a sabedoria, a energia e a beleza, qualidades essenciais aos eleitos àquele grau. (*Rituais GLEG*)

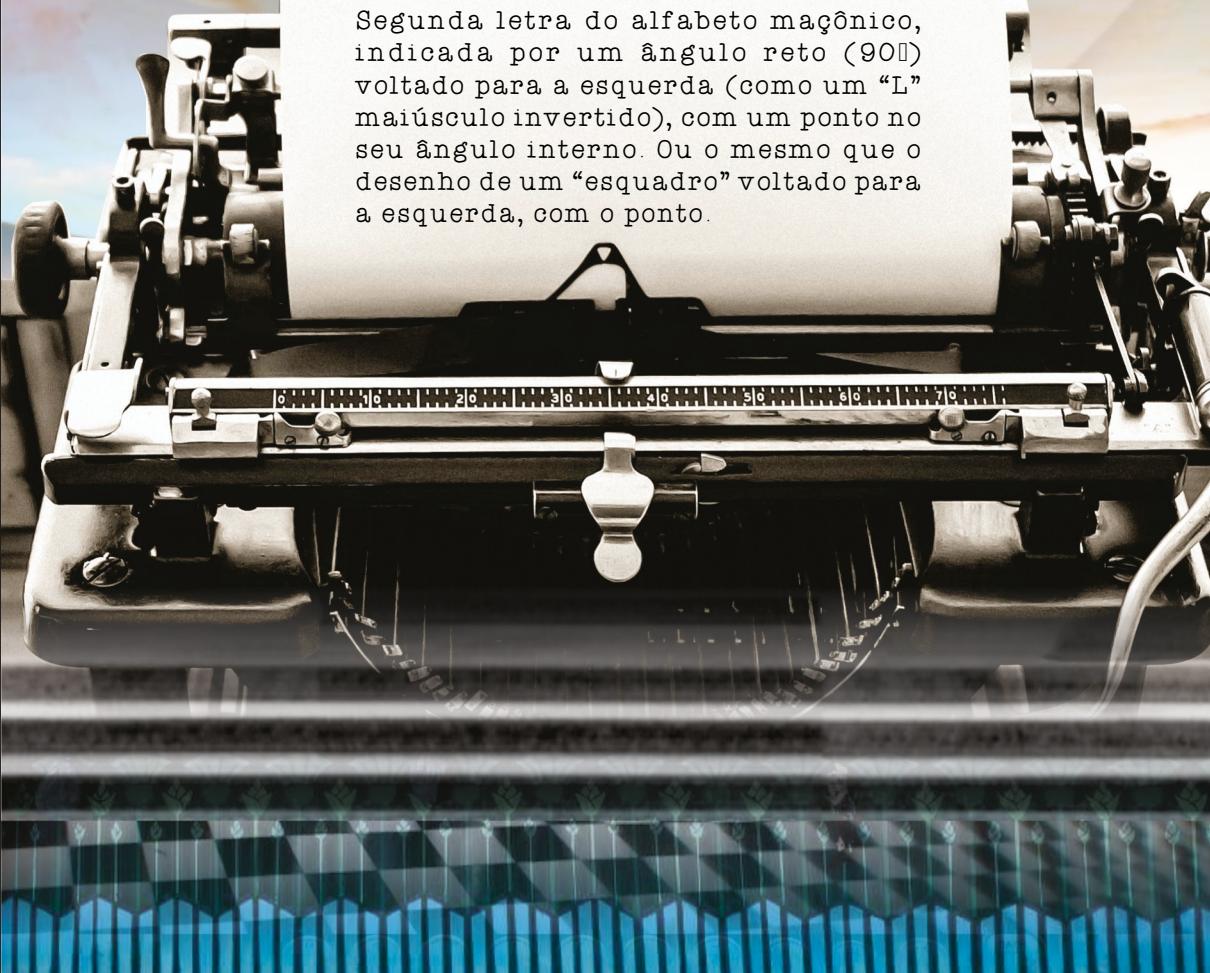
AZUL

Cor da safira, que simboliza a piedade, o equilíbrio, a lealdade e a sabedoria. É uma das três cores primárias (azul, amarelo e vermelho); tem simbolismo com essas cores a trina manifestação de Deus. É a cor celeste que caracteriza as Lojas simbólicas e os maçons dos três primeiros graus no simbolismo das Grandes Lojas brasileiras. (*Freemason*)

Segunda letra do alfabeto maçônico, indicada por um ângulo reto (90°) voltado para a esquerda (como um “L” maiúsculo invertido), com um ponto no seu ângulo interno. Ou o mesmo que o desenho de um “esquadro” voltado para a esquerda, com o ponto.



Segunda letra do alfabeto maçônico, indicada por um ângulo reto (90°) voltado para a esquerda (como um “L” maiúsculo invertido), com um ponto no seu ângulo interno. Ou o mesmo que o desenho de um “esquadro” voltado para a esquerda, com o ponto.



Pintura: Valdson Ramos



BABEL

Vocabulário hebraico que significa confusão e com o qual se denominou a torre que, segundo a Bíblia (Gênesis 11:2-9), se ergueu nas planícies de Shinar e foi depois desfeita. É uma alegoria.
(Dicionário Encyclopédico Maçônico do Rito Escocês Antigo e Aceito)

BABILONIA

Capital da Caldeia, situada à beira do Rio Eufrates. Em um dos graus do filosofismo, a Loja representa a Câmara do Conselho que o rei Ciro, da Pérsia, tinha nessa cidade. *(Dicionário Encyclopédico Maçônico do Rito Escocês Antigo e Aceito)*

BALANDRAU

Antigo vestuário de capuz e mangas largas, usado em nossa Grande Loja do Estado de Goiás somente para MM.: MM.: em Sessões Econômicas, exceto em sessões Brancas e Magnas.

O uso do Balandrau constitui-se em uma característica bem brasileira na Maçonaria, pois não há referências bibliográficas sobre ele nos livros fora do Brasil, diz o autor do livro mencionado anteriormente.

Porém, segundo Nicola Aslan, a presença do Balandrau remonta à última metade do século XIX, tendo sido introduzido na Ordem Maçônica pelos Irmãos que faziam parte, ao mesmo tempo, de irmandades católicas e de Lojas Maçônicas e que foram, sem dúvida, o motivo da famigerada “Questão Religiosa”, nascida no Brasil por volta de 1872.

Em nossas Lojas, o uso do Balandrau parece contribuir com os Irmãos, que, de certa forma, não se preocupam em se vestir bem. Mas em decorrência do comprimento dos balandraus de alguns Irmãos, às vezes muito curtos, aparecem calças de todas as cores, com sapatos e meias também de outras cores, com a vestimenta faltando botões em todos os lugares e principalmente nas golas, que deveriam estar abotoadas, destoando sobremaneira da padronização do uniforme maçônico. (*Dicionário Enciclopédico Maçônico do Rito Escocês Antigo e Aceito*).

BALAÚSTRE

A parte administrativa de uma Loja Maçônica inicia-se após abertos os trabalhos, com a leitura do Balaústre, e vem regulamentada, além do roteiro do Ritual, pelo seu regimento interno.

Balaústre: substantivo masculino (do italiano: balaustro) que designa o pequeno pilar ou coluna, que, com outros, sustenta uma travessa, faixa ou corrimão; é, também, a coluna delgada de madeira ou metal, que serve para ajudar alguém a subir a um veículo, ou a dele descer; em Arquitetura, é a parte lateral da voluta de um capitel jônico.

A Grade do Oriente, que separa o Oriente e o Ocidente, é formada por duas vigas horizontais, sustentadas por balaústres (colunas postadas na vertical).

Na Maçonaria, geralmente, balaústre é a ata redigida pelo secretário, em qualquer sessão maçônica. Assim como os pilares que sustentam uma travessa, faixa ou corrimão, o balaústre maçônico,

junto com outros, sustenta a História da Oficina, ou da Obediência, pois cada ata é uma verdadeira reportagem dos acontecimentos, o que constitui um registro histórico importantíssimo.

O balaústre ajuda, também, a entender (subir), seguramente, os lances mais importantes da História da Loja, ou da Obediência.

Uma expressão maçônica que, hoje, lamentavelmente, é pouco utilizada é “levantar” o balaústre”, como sinônimo de redigir a ata, que significa, realmente, levantar-se o balaústre (o pilar, a coluna) de sustentação. (*Sérgio Quirino – BH*)

BANCO MAÇÔNICO

Acha-se instalado na cidade de Nova York, onde foi fundado pelas Lojas dependentes daquele Oriente, com o fim de facilitar fundos para atender objetivos da Ordem. (*Wikipédia*)

BANDA OU VENDA

Faixa ou cinta com que se tapa os olhos dos profanos durante as provas de Iniciação. (*Freemason*)

BANDEIRA

Pano com desenho variado usado como distintivo por certas Oficinas e pela própria Ordem Maçônica. (*Dicionário Encyclopédico Maçônico do Rito Escocês Antigo e Aceito*)

BANDEIRA DO BRASIL

A Bandeira do Brasil, criada pelo Decreto nº 4, assinado pelo Marechal Deodoro e seus ministros: Quintino Bocaiúva, Aristides Lobo, Rui Barbosa, Campos Sales, Benjamin Constant e Eduardo Vandelcock, é um dos nossos símbolos nacionais. Foi projetada em

1889 por Raimundo Teixeira Mendes e Miguel Lemos, com desenho de Décio Villares.

Ela é inspirada na Bandeira do Império, desenhada pelo francês Jean-Baptiste Debret, com a esfera azul-celeste e a divisa positivista “Ordem e Progresso” no lugar da coroa imperial. Aliás, é a única Bandeira Nacional que apresenta um dístico, sendo, esse, ideia de Benjamin Constant, cujo lema é a abreviação da filosofia positivista:

“O amor por princípio, a ordem por base e o progresso por fim.”

Dentro da esfera está representado o céu do Rio de Janeiro, às 20h30 de 15 de novembro de 1889, Dia da Proclamação da República.

Informa-se que a imagem está invertida, como se a olhássemos num espelho.

Em 1992, a Lei nº 8.421, sancionada pelo então presidente Fernando Collor de Melo, altera a Bandeira para permitir que todos os 26 Estados brasileiros e o Distrito Federal estejam representados por estrelas, restabelecendo o tradicional significado destas e suas correspondências com o Distrito Federal e os Estados da União. O Dia da Bandeira é comemorado em 19 de novembro, data em que ela foi adotada no ano de 1889.

Regras para a confecção da Bandeira Nacional:

Dar-se-á por base a largura desejada, dividindo-a em 14 partes iguais. Cada uma das partes será considerada uma medida (módulo).

O comprimento será de 20 módulos.

As demais distâncias deverão ser estudadas minuciosamente, cada uma obedecendo a um padrão, sempre se usando a medida do “módulo” acima descrita.

Há ainda a normatização para a utilização da Bandeira do Brasil, quando usada nos mais variados locais:

Em portas e janelas;

Sacadas e balcões;

Procissões e funerais;

Palácios, Câmara Municipais, Federais, Estaduais e Prefeituras e Lojas Maçônicas;

Em florões, junto ou não com outras bandeiras etc.

Hasteamento:

Quando hasteada em mastro, içada, ficará no topo;

Quando junto com outras bandeiras de outros países, à mesma altura;

Quando em funerais, de pessoas com direito a essa homenagem, ficará com a estrela isolada do lado direito do morto, devendo ser a bandeira retirada antes do sepultamento;

Nos dias de feriados, a bandeira não poderá ser usada em funerais;

Quando a meio-mastro, deverá ser içada até o topo antes de ser baixada, quando do arriamento;

Deve ser hasteada às 8h e arriada às 18h.

É proibido:

Colocar indicações sobre a Bandeira;

Usá-la em mau estado de conservação;

Dispor de maneira errada ou desproporcional seus elementos;

Utilizá-la como ornamento ou roupagem em qualquer ato que não se revista de caráter oficial;

Usá-la como propaganda em rótulos ou invólucros de produtos expostos à venda;

Usá-la como cobertura de placas, de retratos, painéis ou monumentos a serem inaugurados.

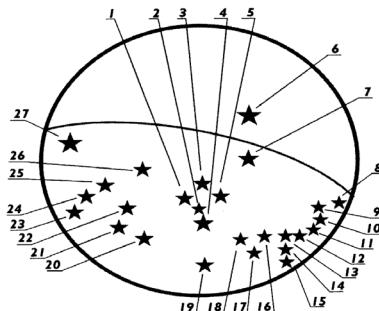
Ritual de dobramento da Bandeira Nacional:

Há um verdadeiro ritual sobre dobrar e desdobrar a Bandeira Nacional, devendo-se evitar que ela seja encostada ou arrastada ao chão.

Incineração:

Já que o uso das bandeiras em mau estado de conservação ou desgastadas é proibido, devem essas bandeiras ser entregues, para incineração, ao comando das unidades, onde, solenemente, em 18 de novembro de cada ano, no quartel de uma unidade militar ou local designado pelas autoridades, será realizado esse procedimento.

Representação das estrelas na figura da Bandeira:



- | | | |
|-------------------|-----------------------|--------------------|
| 1. Minas Gerais | 11. Rio G. do Norte | 21. Tocantins |
| 2. Espírito Santo | 12. Paraíba | 22. Roraima |
| 3. Bahia | 13. Pernambuco | 23. Amapá |
| 4. São Paulo | 14. Alagoas | 24. Mato Grosso |
| 5. Rio de Janeiro | 15. Sergipe | 25. Rondônia |
| 6. Pará | 16. Santa Catarina | 26. Mato G. do Sul |
| 7. Acre | 17. Rio Grande do Sul | 27. Amazonas |
| 8. Maranhão | 18. Paraná | |
| 9. Piauí | 19. Distrito Federal | |
| 10. Ceará | 20. Goiás | |

Entrada da Bandeira Nacional no Templo Maçônico:

A entrada no Pavilhão Nacional só ocorrerá em sessões Magnas ou Especiais, sendo conduzida pelo porta-bandeira, que deve estar com luvas brancas, acompanhado da Guarda de Honra e do Mestre de Cerimônias, estando todos os Irmãos perfilados (*essa posição – perfilados – consiste em estar de pé, corpo ereto, pés unidos e braços caídos naturalmente ao longo do corpo*).

Por ser o símbolo maior de nosso País, deve ingressar no Templo após a entrada de todas as autoridades, antes da abertura do Livro da Lei e não deverá sair do Templo.

No momento da execução do Hino Nacional, o pavilhão será desfraldado.

Ou seja, será posicionado na vertical (como se estivesse ao sabor do vento), lado direito do corpo. Jamais se coloca o mastro na horizontal.

Tal procedimento significa “abater” a Bandeira Nacional – (*A Bandeira Nacional nunca se abate em continência – Lei 5.700, de 1º de setembro de 1971, Art. 23*).

(Dicionário Enciclopédico Maçônico do Rito Escocês Antigo e Aceito / Site: www.todamateria.com.br)

BANQUETE MAÇÔNICO

Festividade maçônica realizada em Loja ou Oficina de Banquete, em Grau de Aprendiz, para que dele possam participar todos os maçons. Consiste em uma refeição servida numa mesa em forma de cruz grega, ou de círculos concêntricos, ou de ferradura, com o fim de solenizar determinados acontecimentos relacionados com a vida da Ordem.

Embora seja uma tradição muito antiga, as primeiras regras normativas dessa cerimônia datam de 1721 e referiam-se aos banquetes

anuais realizados no Dia de S. João Batista, por motivo da eleição do Grão-Mestre da Grande Loja de Inglaterra.

Os utensílios usados em um banquete maçônico, bem como os ingredientes, são designados por uma nomenclatura simbólica, que em geral é a seguinte; na Segunda coluna:

Água= (pólvora fraca);
 Beber= (atirar um canhonaço);
 Cadeiras= (mochos);
 Cerveja ou Cidra= (pólvora amarela);
 Colher= (trolha);
 Comer= (mastigar);
 Comidas em geral= (materiais);
 Copo= (canhão);
 Faca= (alfange);

Garfo= (espeque);
 Garrafa= (barrica);
 Guardanapo= (bandeira);
 Licores= (pó fulminante);
 Luzes= (estrelas);
 Mesa= (oficina);
 Pão= (pedra bruta);
 Pimenta= (cimento ou saibro);
 Prato= (telha);
 Prato do centro= (bandeja);
 Sal= (areia);
 Tesouras= (tenazes);
 Toalha= (véu);
 Trinchar= (desbastar);
 Vinho= (pólvora forte). (*Rituais da GLEG*)

BASTÓES

Na luta contra Amaleque, em Rephidim, enquanto Josué, futuro sucessor de Moisés, comandava os israelitas, Moisés, Aarão e Hur estavam sobre um outeiro, conduzindo o combate como chefes de estratégia. Moisés tem na mão uma “Vara de Deus” e, diz a Bíblia, todas as vezes que a levantava, “Israel prevalecia”.

E Amaleque ficou nos campos de Rephidim, porque a mão do Grande Patriarca se manteve alçada, sustentando a “Vara de Deus”, numa invocação terrível à força incoercível do Senhor dos Exércitos.

Como acabamos de ver, a história bíblica nos apresenta, em épocas e lugares diferentes, uma simples, mas prodigiosa vara como um SÍMBOLO ilimitado de sustentação absoluta e invencível, de favor inapreciável e até de poder sobrenatural.

Davi, assim canta no Salmo 23, Vers. 4:

Ainda que eu andasse pelo vale da sombra da morte, não temeria mal algum, porque Tu estás comigo; a tua vara e o teu cajado me consolam.

E no Salmo 110, Vers. 2:

O Senhor enviará o cetro da tua fortaleza desde Sião, dizendo: Domina no meio dos teus inimigos.

Ficou evidente que tanto a vara dos patriarcas como o cajado pastoril e o cetro bíblico sempre foram, na história religiosa, não apenas um instrumento, mas, também, um símbolo de comando e de autoridade, considerando que todos os seus portadores foram os homens mais distinguidos nas épocas em que viveram.

Pesquisando a História, a tradição, usos e costumes de outros povos mais antigos ou contemporâneos dos hebreus, vamos encontrar entre os romanos a “vara” como insígnia de Jurisdição. Os ministros de Justiça usavam o bastão como marca de sua autoridade. Nos primeiros tempos do cristianismo já aparece esse bastão encimado por uma cruz para que sobre ele fossem prestados os juramentos. O caduceu de Mercúrio, que é uma “vara” (viga) fina, lisa, com duas asas abertas em sua parte superior, tendo em toda sua extensão duas serpentes entrelaçadas e enroscadas, era o símbolo da Paz.

Mais tarde, o caduceu foi considerado como símbolo do comércio.

Conta a lenda que Mercúrio, o deus mais ocupado, encontrou no Monte Cytheron duas serpentes em luta e, querendo apaziguá-las, lançou a sua vara entre as serpentes contendoras, enroscando-se, ambas, naquela vara. E assim o caduceu foi considerado como símbolo da Paz.

As varas, em todas as épocas, desempenharam, também, importante papel nos castigos impostos pelas autoridades aos rebeldes e aos condenados pela Justiça comum. São citadas várias passagens a esse respeito na Bíblia: Levítico, Cap. 19, Vers. 20; II Reis, Cap. 7, Vers. 14; nos Provérbios, indica amiúde a vara para castigar.

Na Maçonaria, além do significado de autoridade, as varas ou bastões também simbolizam proteção e segurança quando usadas pelos Diáconos e pelo Mestre de Cerimônias ao percorrerem o interior do Templo como se fossem arautos do Altar, onde reside a Sabedoria, ou zelosos servidores na proteção e desenvolvimento do trabalho litúrgico.

BATERIA

Certo número de pancadas ou golpes, simbólicos, que durante a abertura, desenvolvimento e encerramento dos trabalhos de uma Loja são dados pelo Venerável e pelos Vigilantes com a ajuda de malhetes, e pelos demais Irmãos com as mãos. A mão esquerda parada recebe os golpes dados pela mão direita. É diferente de bater palmas. (*Dicionário Encyclopédico Maçônico do Rito Escocês Antigo e Aceito*)

BATISMO MAÇÔNICO

O mesmo que adoção de Lawtons, ou cerimônia que acolhe filhos de Irmãos do quadro.

BEIJO

O mesmo que ósculo ou beijo na face.

BELEZA

Designação de uma das três colunas da Maçonaria. Está representada por uma coluna de ordem Coríntia e pelo 2º Vigilante,

situada ao sul e figurando a beleza que orna o Universo e de que é um rápido reflexo a passagem do Sol pelo meridiano.

BEM GERAL

Comumente chamada de “Palavra a Bem da Ordem em Geral e do Quadro em Particular”.

Nessa fase do Ritual, franqueia-se a palavra a todos os Obreiros, para usarem-na livremente e sem apartes.

Qualquer Irmão dela pode fazer uso e pronunciar-se sobre o assunto que lhe aprouver.

Há, todavia, limites, quais sejam os impostos pela ética e pela retórica maçônica.

Nenhum Irmão falará por seu cargo, mas por si próprio. Não cabe, pois, a palavra de ofício, mas de ordinário, uma vez que os assuntos administrativos foram dados por esgotados na Ordem do Dia.

Não são permitidos apartes, discussões ou diálogos. Aconselha-se que todos utilizem bom senso para que o assunto seja abordado de forma sucinta.

Qualquer tema que gere algum tipo de polêmica deve ser tratado na Ordem do Dia, previamente agendado com o Venerável Mestre ou, no mínimo, com o secretário e este, de bom senso, deve informar com antecedência ao Venerável Mestre sobre o agendamento.

Em Sessões Magnas, a palavra deve ser utilizada exclusivamente sobre o ato realizado. (*Site: Mestres do Imaginário*)

BENEFICÊNCIA

Uma das bases e finalidades da Franco-Maçonaria em todos os seus ritos. (*Asllan*)

BÍBLIA

Do grego, significa coleção de escritos. Com o Antigo e o Novo Testamento, é o livro sagrado do Cristianismo.

Na grande maioria das Lojas, constitui o seu volume de conhecimento sagrado ou Código de Leis Morais. (*Asllan*)

BÍBLICA

Segundo *Ragon*, uma das 75 maçonarias existentes no mundo.

BODE

O macho da cabra. Caprino, termo de origem incerta. Na Índia, o bode é um animal solar, consagrado ao deus do fogo. Na Grécia Antiga, era a oferenda consagrada a Dionísio e à montaria dele, de Afrodite e de Pã.

Na Bíblia, constituía a oferenda para eliminar os pecados do povo e, nesse contexto, também o “bode expiatório” atirado ao deserto. Além disso, é considerado um animal asqueroso, impuro e demoníaco, símbolo dos condenados ao Juízo Final.

Exatamente como o carneiro, o bode simboliza a pujança genésica, a força vital, a libido e a fecundidade. Essa similitude, porém, transforma-se ocasionalmente em oposição: pois, se o carneiro é, sobretudo, diurno e solar, o bode, na maior parte das vezes, é noturno e lunar. No teosofismo, o bode era geralmente considerado o símbolo da fecundidade; era o deus Pã ou princípio fecundante da natureza, isto é, o “Fogo Inato”, princípio de vida e geração. Quando os sacerdotes queriam representar a fecundidade da primavera e abundância, pintavam uma criança sentada sobre um bode, voltada para Mercúrio.

Pã, deus dos pastores e dos rebanhos, oriundo provavelmente da Arcádia (Grécia Antiga), tinha a seguinte figura: o rosto barbudo

e enrugado, queixo saliente e a testa é ornada por dois cornos. Tem uma expressão animalesca pela manhã,

Tem também o corpo peludo, os membros inferiores são de bode, os pés apresentam um casco fendido, a pata é magra e nervosa. Está dotado de prodigiosa agilidade.

Rápido na corrida, sobe facilmente nos rochedos. Sabe ainda dissimular-se nas moitas, onde se esconde para espiar as ninfas ou para dormir, quando ao meio-dia o Sol abrasa, altura em que é perigoso incomodá-lo.

Pã é também uma divindade com uma considerável atividade sexual. Persegue ninfas e mancebos com igual paixão. Dizia-se ainda que, sempre que a sua incursão amorosa era infrutífera, procurava sozinho um meio de se satisfazer sexualmente. Sua ligação com os pastores de rebanhos se dá pelo gosto pelas fontes frescas e pela sombra dos bosques.

BODE EXPIATÓRIO

**O Levítico menciona pela primeira vez,
na Bíblia, o Bode Expiatório.**

Por ocasião do Dia da Expiação, o Grande Sacerdote recebia dois bodes oferecidos pelos personagens mais importantes. De acordo com o resultado do sorteio, um deles era imolado e o outro recuperava a sua liberdade, mas esta liberdade era onerada com todos os pecados do povo.

O bode mantido à porta do Tabernáculo via-se efetivamente carregado de todos os pecados e, em seguida, era levado para o deserto, onde o abandonavam. Segundo outras versões, ele era atirado em um precipício.

A versão de que um dos bodes era levado para o deserto e lá abandonado se concentra na narrativa de que havia um ritual de envio

do bode à Azazel (autor da morte), nome dado ao espírito maligno que morava no deserto, terra de relegação para os inimigos de Jeová.

O animal enviado ao deserto significava ou representava somente a parcela demoníaca do povo, o peso de seus pecados.

O bode expiatório, carregado com os pecados do povo sem ao menos ter cometido nenhum deles, sofria o banimento, o afastamento, a relegação, que simbolizavam a condenação e a rejeição do pecado, não tendo retorno a sua partida, ao contrário do outro bode, que era imolado.

Portanto, o homem é chamado de Bode Expiatório na medida em que é culpado pelos erros dos outros, sem que seja feito qualquer apelo à Justiça, sem que ele possa apresentar sua defesa e sem que ele tenha sido legitimamente condenado.

A tradição do Bode Expiatório é quase universal, podendo ser encontrada em todos os continentes e estende-se até o Japão. Representa a profunda tendência do homem de projetar sua própria culpabilidade sobre o outro, assim, satisfazendo a sua consciência, sempre a necessitar de um responsável, de um castigo e de uma vítima.

BODE NA MAÇONARIA

Dentro da Maçonaria, muitos desconhecem o nosso apelido de Bode. A origem dessa denominação data do ano de 1808.

Porém, para saber mais do seu significado, temos necessidade de voltarmos no tempo. Datava por volta do III ano d.C. quando vários apóstolos saíram para o mundo a fim de divulgar o cristianismo. Alguns foram para o lado judaico da Palestina. E lá, curiosamente, notaram que era comum ver um judeu falando ao ouvido de um bode, animal muito comum naquela região. Procurando saber o porquê daquele monólogo, foi difícil obter resposta. Ninguém dava informação, e com isso aumentava ainda mais a curiosidade dos representantes cristãos em relação àquele fato. Até que Paulo, o

Apóstolo, conversando com um rabino de uma aldeia, foi informado que aquele ritual era usado para expiação (forma silenciosa de reparação dos erros cometidos). Fazia parte da cultura daquele povo contar a alguém de sua confiança quando cometia, mesmo escondido, as suas faltas. Com isso, ficaria mais aliviado junto a sua consciência, pois estaria dividindo o sentimento ou problema. Mas por que o bode?, quis saber Paulo.

“É porque o bode é seu confidente. Como o bode nada fala, o confessor fica ainda mais seguro de que seus segredos serão mantidos”, respondeu-lhe o rabino. A Igreja, 36 anos mais tarde, introduziu no seu ritual o confessionário, juntamente com o voto de silêncio por parte do padre confessor – nesse ponto, a história não conta se foi o Apóstolo que levou a ideia aos seus superiores da Igreja, o certo é que ela faz bem à humanidade; aliado ao voto de silêncio, o povo passou a contar as suas faltas.

Voltemos a 1808, na França de Bonaparte, que após o golpe do 18 de Brumário se apresentava como novo líder político daquele país. A Igreja, sempre oportunista, uniu-se a ele e começou a perseguir todas as instituições que não seguissem o governo ou a Igreja. Assim, a Maçonaria, que era um fator pensante, teve seus direitos suspensos e seus Templos fechados e foi proibida de se reunir. Porém, Irmãos de fibra se reuniram, na clandestinidade, para tentar modificar a situação do país. Nesse período, vários maçons foram presos pela Igreja e submetidos a terríveis inquisições. Porém, ela nunca encontrou um covarde ou delator entre os maçons. Chegando ao ponto de um dos inquisidores dizer o seguinte a seu superior: “Senhor, esse pessoal (maçons) parece BODE, por mais que eu os flagele, não consigo arrancar-lhes nenhuma palavra.”

Assim, a partir disso, todos os maçons tinham, para os inquisidores, esta denominação: “BODE” – aquele que não fala, e sabe guardar segredo.
(*Texto do Ir.: José Castellani*)

BOLAS

São usadas nos escrutínios para expressar os votos dos Irmãos.
(Rituais)

BOLSA

Nas Oficinas ou Lojas de todos os ritos, destina-se a recolher, durante as sessões, as doações em dinheiro para a finalidade da solidariedade e das propostas ou informações entre os Irmãos.
(Rituais)

BOLSA DE PROPOSTAS E INFORMAÇÕES

A “Bolsa de Propostas e Informações”, também chamada de “Saco” ou “Sacola” em algumas Potências, é um recipiente de papel, pano, couro ou material plástico, aberto em um dos lados, para recolher, transportar ou acondicionar coisas.

No R.:E.:A.:A.:, mediante ritualística própria, é feita a “circulação da Bolsa de Propostas e Informações” pelo Mestre de Cerimônias entre todos os Obreiros para receber as propostas e as informações em uma determinada Sessão Maçônica.

Mencionamos o R.:E.:A.:A.:, pois nem todos os ritos adotam essa prática como parte da Ritualística.

Propostas são as de Admissão, as Administrativas (enviadas às comissões competentes para posterior inclusão na Ordem do Dia) e as solicitações e pedidos em geral. Informações são os resultados de sindicâncias, os pareceres de comissões, as comunicações da Tesouraria e da Chancelaria sobre a situação de Obreiros, o resultado de visitas a Irmãos enfermos ou faltosos, as comunicações de mudanças de endereço, de falecimento etc.

Os Certificados, ou Atestados de Frequência, enquadraram-se nesse último caso, pois são informações idôneas sobre a presença de Obreiros a sessões de outras oficinas. (*José Castellani*)

Desde que se conhecem rituais maçônicos, sabe-se do costume de se coletar propostas e informações por meio de uma bolsa confeccionada de tecido.

É a forma mais adequada de se atingir dois objetivos: primeiro, para o Obreiro manter sigilo sobre o que está depositando; segundo, agora esotérico, é que todos têm o dever de introduzir a mão dentro da bolsa para depositar e, assim, beneficiar-se dos fluidos dos demais Irmãos. (*Pílula Maçônica nº 185*)

BOOZ OU BOAZ

Representa o nome do bisavô de Davi. Significado: “B” = (em); OAZ = (força). Portanto, EM FORÇA.

Era o nome simbólico da primeira coluna à esquerda do pórtico do Templo de Salomão (I Reis 7:21 e II Crônicas 3:17) e se conserva nas lojas maçônicas operativas. (*Rizzardo*)

BORDA OU ORLA DENTADA

É a borda que circunda o pavimento e mosaico e pertence aos ornamentos da Loja Maçônica.

É uma borda (*ou orla*) marchetada, a exemplo de dentes caninos.

Alguns rituais maçônicos a consideram um emblema da Muralha de Guardiões Protetores da humanidade, constituída pelos Adepts ou Homens Perfeitos que galgaram o pináculo da perfeição evolutiva.

Outros rituais informam que a borda dentada é a representação de corda de 81 nós que é colocada em toda a extensão do Templo, no topo das Colunas Zodiaciais.

Dizem ainda que os dentes da Orla Dentada em torno do Pavimento de Mosaico representam o princípio da atração universal, com base no amor. Representam, ainda, os filhos em torno do pai, os planetas em torno do Sol etc. (*Rituais*)

BORLAS

As Quatro Borlas pendentes dos quatro cantos da Loja, que são mencionadas nas instruções sobre o Painel do Primeiro Grau em nossos rituais, estão diretamente relacionadas com os métodos utilizados pelos mestres pedreiros operativos ao definir os quatro cantos do prédio e ao implantar os cantos em um canteiro de obras.

Mesmo hoje em dia, um mestre de obras, ao construir os cantos das linhas de um prédio, irá suspender prumos a partir de suportes de madeira, adjacentes aos cantos, para garantir que os cantos sejam perpendiculares, bem como corretamente localizados com relação aos demais pontos de canto estabelecidos.

As Quatro Borlas também aludem às linhas de prumo, que foram colocadas nos cantos do prédio durante a construção.

O conceito teológico dessas quatro virtudes, segundo a Doutrina da Igreja Católica, é que são perfeições habituais e estáveis da inteligência e da vontade humanas que regulam os nossos atos, ordenam as nossas paixões e guiam a nossa conduta segundo a razão e a fé.

As virtudes cardeais são quatro:

Prudência, Justiça, Fortaleza e Temperança.

Em tempos operativos, as *Quatro Borlas* que eram suspensas nos quatro cantos do alojamento representavam guias, que foram destinados a ajudar um maçom a manter uma vida justa e correta, de onde derivou a referência para as quatro virtudes cardeais. (*Eduardo Bandeira – ARLS Guardiões da Arca – Porto Alegre-RS.*).

BRANCO

Significa candura na Maçonaria, uma das cores mais importantes nas cerimônias e atributos da Ordem. Representa também os Graus Administrativos ou os Graus 31, 32 e 33 do Rito Escocês Antigo e Aceito. (*Dicionário Encyclopédico Maçônico do Rito Escocês Antigo e Aceito*)

BRASIL

Nome dado ao nosso País em virtude da grande quantidade de pau-brasil aqui existente, madeira muito cobiçada pelos estrangeiros.

Três períodos marcaram a Maçonaria no Brasil e os autores citam os tópicos mais importantes:

1º – Período “Colonial”

O Alferes Joaquim José da Silva Xavier (Tiradentes) chegou a fundar uma Loja Maçônica no Tijuco (hoje Diamantina), Minas Gerais. Os primeiros passos foram dados no Norte, em Pernambuco, pelo Grande Oriente da França, com o Rito Moderno ou Francês, e no Sul, isto é, no Estado do Rio de Janeiro, pelo Grande Oriente de Portugal, com o Rito Adonhiramita, a partir de 1801/1802.

Em 1821, a fundação da Loja Virtude e Razão, em Salvador. Em 2 de agosto de 1822, o príncipe D. Pedro é iniciado na Loja Comércio e Artes, sob o nome simbólico de Guatimosim, sendo exaltado no dia 4 desse mesmo mês. Consta que uma semana depois do Grito da Independência, no dia 14 de setembro de 1822, Dom Pedro era investido no cargo de Grão-Mestre.

Há informações seguras, no entanto, que dão conta de que na verdade a posse de Dom Pedro I no Grão-Mestrado deu-se exatamente no dia 4 de outubro e não em setembro.

Seguramente, o Grande Oriente daquela época seguia rigidamente o calendário equinocial, que inicia o ano na Lua Nova que se segue ao equinócio de março. Naquele calendário, o ano começava em 21 de março, acrescentando-se ao número de anos do calendário gregoriano (Era Vulgar) o número 4.000, para se chegar ao Ano da Verdadeira Luz.

Assim, a Iniciação de D. Pedro data do 13º dia do 5º mês = a 02 de agosto; sua posse no Grão-Mestrado data do 14º dia do 7º mês = dia 4 de outubro. Descobrimos ainda que a data de 14 de setembro para a posse de D. Pedro no Grão-Mestrado tem por base a opinião de alguns escritores de que o Grande Oriente da época usava o calendário francês, que toma por início do ano o dia 1º de maio, aí, sim, poderia coincidir com aquelas datas mencionadas.

2º – Período “Monárquico”

O fato marcante desse período é que o Grande Oriente do Brasil foi fechado pelo seu Grão-Mestre, o Imperador Pedro I, a apenas quatro meses de sua instalação.

Mas, em 1827, alguns irmãos iniciaram outro movimento para reacender a Maçonaria no País, e em 1828 criaram um corpo diretor denominado Grande Oriente Brasileiro, porém apenas simbólico e com uma Loja funcionando no rito Escocês Antigo e Aceito.

Depois que D. Pedro I abdicou do trono, houve a reinstalação do Grande Oriente, em 23 de novembro de 1831.

3º – Período “Republicano”

Seguiu mais ou menos regular a Maçonaria no Brasil, até que, em 1927, o Supremo Conselho, convocado pelo Grande Comendador Dr. Otávio Kely, resolveu romper o tratado de união com o Grande Oriente do Brasil, que havia sido firmado em 1864, para constituir-se uma potência maçônica mista.

Esse ato provocou a fundação das Grandes Lojas soberanas em vários Estados do Brasil, com jurisdição nas lojas de seu território, tendo todas as lojas fundadas trocado representantes com as Grandes Lojas do mundo. Ao mesmo tempo, o Supremo Conselho, funcionando no Grande Oriente do Brasil, fundado ao arrepio das grandes constituições e resoluções da Confederação dos Supremos Conselhos, é julgado espúrio e irregular pelos demais Supremos Conselhos, não tendo por isso sido recebido no Congresso dos Supremos Conselhos, realizado em Paris, em 1928, e em Bruxelas, em 1935. Por esses motivos, o Grande Oriente do Brasil tem sofrido contínuas fragmentações, pois muitas Lojas têm se retirado de sua jurisdição para fundar novas potências, umas regulares e outras não. (*José Castellani*)

BRINDES

São os sete que se faz durante os banquetes maçônicos.

BURILAR

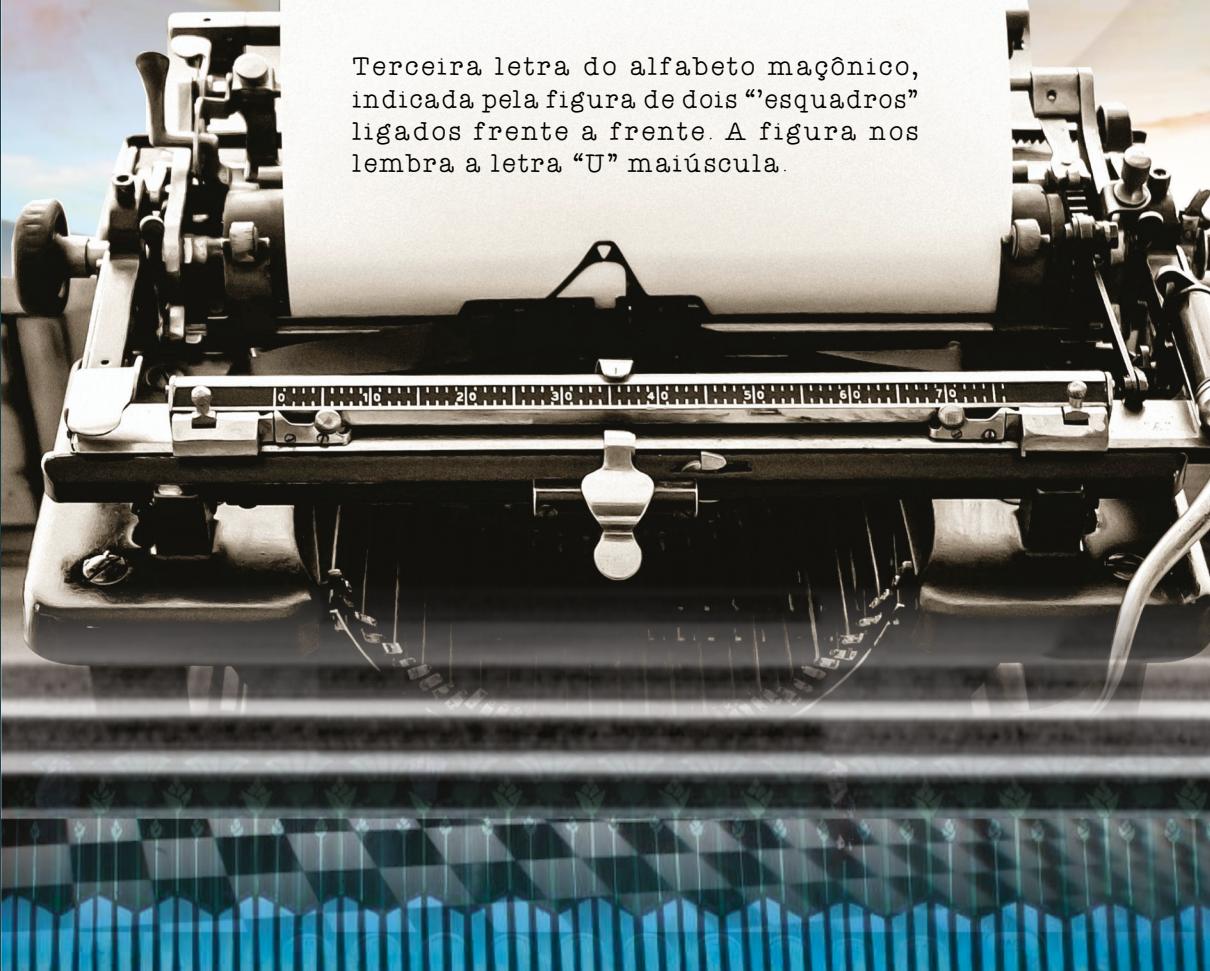
Aperfeiçoar; melhorar; o Obreiro polido em suas asperezas morais, educado para ter liberdade, principalmente psicológica, não escravizando em primeiro lugar a si mesmo, para IGUAL, aos demais semelhantes em termos de criação de um só Pai; finalmente para ter FRATERNIDADE, principalmente com a humanidade que desconhece a LUZ. (*Dicionário Encyclopédico Maçônico do Rito Escocês Antigo e Aceito*)



Terceira letra do alfabeto maçônico, indicada pela figura de dois “esquadros” ligados frente a frente. A figura nos lembra a letra “U” maiúscula.



Terceira letra do alfabeto maçônico, indicada pela figura de dois “esquadros” ligados frente a frente. A figura nos lembra a letra “U” maiúscula.



Pintura: Valdson Ramos



CABALA (KABALÁ)

Significa “tradição”. Significa ainda a sabedoria oculta dos rabinos da Idade Média. Sabedoria derivada de doutrinas secretas mais antigas, concernentes às coisas Divinas.

Em suma, a literatura cabalista não passa de uma porção escrita de certos ensinamentos pertencentes aos judeus, herdados por uma linha independente e que, todavia, pode haver cruzado com a Ordem Maçônica e tê-la influenciado posteriormente em certa medida. É uma literatura multissecular, desenvolvida sob a influência de muitos tipos de pensamento: judaico, gnóstico, neoplatônico, grego, árabe e persa, não sendo nunca a Kabalá totalmente traduzida para qualquer língua europeia.

A tradição judaica pressupõe uma tradição mais que até o então divulgado pela escrita; por exemplo, o conjunto de livros “Zohar” (o principal) refere-se a cada passo a um grande corpo de doutrinas como algo muito bem conhecido pelo círculo de iniciação, com base nos livros de Ezequiel, Daniel e Enoque e ainda o Apocalipse de S. João.

O simbolismo maçônico nos sugere o esquema deste corpo de doutrinas (sendo o escrito mais importante o *Livro do Esplendor*), conquanto, em linha diferente.

Na Cabala se pode achar a chave para muita coisa ainda obscura nos modernos rituais maçônicos, e muitas de suas passagens projetam

luz nas cerimônias e símbolos da Maçonaria. Ao maçom pesquisador pode, pois, ser muito útil e interessante um estudo da teosofia cabalista. (*Manual de Maçonaria de Andrés Cassard*)

CABALA – ÁRVORE DA VIDA

A Árvore da Vida é composta de dez esferas ou círculos, chamados Sephiroth (no singular, sephirah). No estado da Cabala, elas representam princípios energéticos da criação. Estão dispostos em três triângulos, estando a décima esfera isolada embaixo.

As esferas, ou Sephiroth, são ligadas entre si por 22 linhas que indicam o caminho, perfazendo 32 pontos de meditação, pontos de estudo, pontos de conhecimento, cheios de simbolismo arquétipo que nos é revelado com o estudo. (*Manual de Maçonaria de Andrés Cassard*)

CADEIA DE UNIÃO

Círculo ou cadeia formada pelos maçons no curso de uma cerimônia.

De acordo com o nosso Ritual da G.: L.: M.: do Estado de Goiás, consiste na formação de um círculo com os membros regulares e ativos da Loja dando-se mutuamente as mãos, com os braços cruzados, o direito sobre o esquerdo, calcanhares unidos e as pontas dos pés tocando a ponta dos pés dos Irmãos dos lados.

Essa formação, diz o Ritual, tem por finalidade o estreitamento dos laços de fraternidade, de união de pensamentos e sentimentos, a invocação de forças do alto, o desejo de saúde a alguém, e a transmissão da P.: Sem.:, não tendo acesso a essa formação os Irmãos visitantes, sejam de quaisquer potências.

A formação se dá após o fechamento do L.: L.: e antes do Jur.: de Sig.:, da seguinte forma:

Em torno do Pav.: de Mos.:, o Ven.:, de costas para o Or.:, no centro, ladeado pelos Irmãos Orad.: à direita e Sec.: à esquerda; à sua frente, de costas para a porta de entrada, fica o Irmão M.: de CCer.:, ladeado pelos Irmãos VVig.:, cada qual do lado de sua Col.:, sendo que os demais Irmãos tomarão os lugares vagos entre essas duas formações.

A Cadeia de União é um ato litúrgico que se tornou um símbolo.

Representa os elos de uma corrente, sendo que cada elo representa um Obreiro dentro da Loja; um elo disperso nada significa; a união de todos forma um círculo e completa o símbolo, significa a fusão dos que permitem entre si as forças espirituais. Várias são as figuras dentro da Loja que refletem a Cadeia de União: o cordão do avental; os colares, a Corda de 81 Nós, o próprio Pav.: de Mos.: e tantos outros; enfim, tudo o que for círculo, como a própria marcha dentro do Templo.

Tudo em nós vive em cadeia ou mesmo em corrente, como acharmos melhor. As leis da natureza vivem em cadeia, um elemento no centro (núcleo) e outros elementos gravitando em torno.

Às vezes, toda essa formação passa a ser o centro (o núcleo) de uma outra formação que, por sua vez, passa a ter outro microcosmo.

No nosso caso, a Cadeia de União nada mais é que a representação da repetição das leis da natureza e por isso as formamos dentro dos Templos Maçônicos.

Na natureza, tudo corre em círculo, em cadeia, doando e recebendo. Doação e recepção; não existe uma sem a outra e a união dessas duas forças completam o ciclo da natureza, e nada mais adequado e importante que ser feita a troca dentro da Cadeia de União. (*Rizzardo da Camino*)

O corpo humano, unido em Cadeia de União, submete-se a uma constante troca por meio da excitação dos toques.

Esses toques são feitos pelas mãos e pelos pés, contudo, dada a proximidade dos corpos, há os toques mentais, eis que as células nervosas captam, a curta ou longa distância, as doações.

Recepções e doações não passam de permutas, havendo, após determinado lapso de tempo na unidade da respiração, um perfeito equilíbrio, ninguém mais tendo que doar ou receber, havendo uma só identidade.

“É a Vida em União”, como dizia Davi em seus Salmos. É a frase de JESUS, “Eu e o Pai somos Um”.

Após alguns momentos de profundo silêncio e reflexão ou de meditação e recolhimento, o Ven.: sussurra a P.: no ouvido esq. do Orad.: e no dir. do Sec.:, que, de forma idêntica, a transmitirão ao Irmão que estiver ao lado até chegar aos ouvidos do M.: de CCer.: através dos VVig.:.

Ao receber a Pal.:, o M.: de CCer.: une as mãos dos Vigilantes, sai da formação, passando por dentro do círculo (e não por fora, como se executa na maioria das nossas próprias Lojas do Estado de Goiás), indo levá-la ao Ven.: que se certifica de sua correção, inclusive se está coincidindo a da direita com a da esquerda, ouvindo-a do transmissor em ambos os ouvidos. Terminada a conferência, o M.: de CCer.: retorna ao seu lugar e se a P.: estiver correta, o Ven.: M.: diz:

“Meus Irmãos, eu vos comunico que a P.: está correta. Conservemo-la em segredo como penhor de nossa regularidade.” Se a P.: não estiver correta, deverá ser transmitida novamente, até que o objetivo seja atingido.

Após a transmissão da P.: Sem.:, todos elevam e abaixam os braços, mantendo-os cruzados, sempre o direito sobre o esquerdo, como antes, por três vezes, exclamando em todas as vezes: “S.: S.: S.:”.

A P.: Sem.: é estabelecida pela Confederação da Maçonaria Simbólica do Brasil (CMSB), que a comunica a todas as Grandes Lojas do Brasil, sendo renovada semestralmente. Sua transmissão é feita às Lojas jurisdicionadas pela Grande Loja de cada Estado, por meio de Prancha, em escrita cifrada através do alfabeto maçônico.

Além do mais, outras dificuldades para a decifração da P.: Sem.: são agregadas, para preservação do sigilo.

A P.: Sem.: é transmitida somente de forma regulamentar aos Irmãos do quadro da Loja, para apurarem a regularidade.

A P.: Sem.:, quando é pedido para atestar a regularidade, deve ser pronunciada pelo maçom em uma frase aleatória.

O Irmão faltoso deve solicitar (antes de adentrar o Templo) ao Venerável Mestre a P.: Sem.:, a qual lhe será transmitida ao ouvido e, no Or.:, após o encerramento dos trabalhos.

Estando presentes Irmãos de outras Lojas, mesmo que sejam da mesma Potência Maçônica, deverão cobrir temporariamente o T.:, até que se transmita a P.: Sem.:, sendo retornados às posições anteriores para o J.: de Sig.: e a menção do Ven.: quanto aos OObre.: se retirarem em paz.

Devemos nos lembrar de que uma Loja está aberta e é fechada exatamente quando se abre o L.: da L.: e quando se procede seu fechamento, respectivamente.

O que o Ir.: 1º Vig.: o faz momentos antes, à batida do malhete, restando ao final, após a transmissão da P.: Sem.:, apenas a informação do Ven.: de que os trabalhos “foram” (por assim dizer) encerrados e que é necessário manter sigilo sobre o que se passou, até mesmo numa alusão ao nosso concurso ao trabalho pertinaz, sempre que se fizer necessário, independente de a Loja estar em funcionamento.

Do livro “A Cadeia de União”, de Rizzardo da Camino, Editora Aurora:

Lembra ainda que os visitantes que cobrem o Templo para que os Irmãos do Quadro recebam a P.: Sem :., conforme Norma Ritualística (nº 0172) da época, emitida pela GLEG, não retornam ao Templo para o juramento de sigilo, aguardando, no entanto, na sala dos PP.: PP.: para as despedidas. O Ritual em uso não menciona.

CAIFÁS

Um dos autores das três sentenças contra Jesus.

CAIM

Simbolicamente, na Maçonaria, representa os males, as paixões e, de maneira geral, o gênio da perversão contra a virtude ou gênio do bem; este, bíblicamente representado por Abel.

No entanto, é um personagem citado na Bíblia de que teria matado seu irmão Abel por pura inveja e ciúmes de sua capacidade e admiração dos pais. Pesquisamos em outros segmentos (Livro *Os Exilados de Capela*) e verificamos a inexistência desses personagens, pelo menos assim como descritos, dadas as colocações conflitantes. (*Wikipédia*)

CALENDÁRIO

Sistema de calcular e registrar o tempo da ocorrência de certos acontecimentos desde a incidência de um fenômeno ou ciclo, coordenação dos dias da semana, dos meses e do ano.

O calendário hebreu é calculado desde 3761 a.C., data tradicional da criação do mundo, e baseia-se no ciclo ou mês lunar a começar da primeira Lua Nova depois do Equinócio Vernal (21 de março), sendo Nissan o primeiro mês do ano eclesiástico.

A maioria dos ritos maçônicos ainda se atém ao calendário eclesiástico hebreu, mas datando seus atos desde o ano 4000 a.C., ou

seja, acrescentando 4.000 à data de emissão do documento. (*Dicionário Encyclopédico Maçônico do Rito Escocês Antigo e Aceito*)

CALENDÁRIO MAÇÔNICO

Quadro dos dias de reuniões das Lojas e das Grandes Lojas. Estabelecido pelas Grandes Lojas de cada Estado. (*Dicionário Encyclopédico Maçônico do Rito Escocês Antigo e Aceito*)

CÁLICE OU TAÇA

Seu emprego também remonta às mais antigas religiões e sociedades iniciáticas. É geralmente um símbolo da Alma aberta ao fluxo da vida anterior, como a flor à luz solar, para em seu interior verter-se o extasiante “Vinho” da espiritualidade (*Mistérios Gregos*).

O nosso Ritual diz que o •candidato bebeu na taça da boa e da má sorte. Que provou da doçura e do amargor daquela bebida, simbolizando os contrários da vida, e que não devemos faltar com a moderação nos momentos em que a vida nos oferece flores, que não devemos nos orgulhar exageradamente perante os nossos semelhantes ao ponto de humilhá-los com as demonstrações da nossa sorte maior que a deles. (*Rituais*)

CAM

Um dos filhos de Noé (Gên. 9:22) figura nas lendas bíblicas da Maçonaria. Um dos nomes mencionados na variante do S.: de S.: dos MM.: MM... (*Dicionário Encyclopédico Maçônico do Rito Escocês Antigo e Aceito*)

CÂMARA

Seja no simbolismo ou no filosofismo, essa palavra vem seguida de um complemento designativo de finalidade, dependendo do grau

ou da cerimônia a ser executada. Câmara do Meio, por exemplo, designa o Templo, a Loja de MM.: MM.:; Câmara de RRef.: significa o lugar onde fica recolhido o candidato à Iniciação e assim por diante, com significado litúrgico enorme. (*Rituais*)

CÂMARA DE REFLEXÕES

A Câmara de Reflexões é um local num Templo Maçônico, secreto, sem janelas, parecido com uma gruta ou caverna, semelhante às antigas iniciações, onde o candidato fica só um determinado tempo, sempre em caráter simbólico, já com sua Iniciação em andamento, realizando a primeira prova, à qual chamamos a prova da terra.

A Câmara de Reflexões simboliza o centro da terra, de onde viemos e para onde iremos, ou voltaremos. É um local para meditação e introspecção. Nesse local o candidato inicia a procura do Eu e a consciência da relação desse Eu com o Absoluto ou G.: A.: D.: U... .

Existem na Câmara de Reflexões inúmeros símbolos, a maioria de fundo hermético esotérico ou fúnebre. Entre eles destacamos os principais, como a ÁGUA, o PÃO, a palavra VITRIOL, O GALO, A BANDEIROLA E A AMPULHETA. Os Elementos presentes na C.: de RRef.: são os seguintes:

ÁGUA

Líquido incolor e inodoro, composto de hidrogênio e oxigênio. Hidrogênio: elemento químico, símbolo H, de peso atômico. Oxigênio: elemento químico gasoso, símbolo O, de peso atômico, indispensável à vida e que constitui 21% do ar atmosférico.

Procuraremos aqui dar a composição desse líquido tão precioso e necessário à própria vida no planeta em que vivemos. Porém, o objetivo é outro, devemos focalizar a água nas cerimônias ligadas à Maçonaria. Um dos quatro elementos purificadores de iniciação ou elevação do candidato.

Nas iniciações, localizamos sua presença no Altar das Abluções em algum lugar do Templo. Sua presença e purificação são para o candidato sentir que a limpeza do corpo físico é uma das condições prévias para a pureza da alma. No Conselho Geral, a abluição tem sido considerada uma cerimônia de purificação, porém, a Maçonaria adota a remotíssima tradição hindu, de que tem de ornar o coração humano, por ser a sede dos sentimentos. A água, por estar presente em maior proporção no corpo do ser humano, também é verificada nas sagradas escrituras. Citaremos a seguir algumas delas.

O Batismo de Jesus

“Eu não conhecia; aquele, porém, que me enviou a batizar com a água me disse: Aquele sobre quem vires descer e pousar o Espírito, esse é o que batiza com o Espírito Santo (São João, Cap. 1 Vers. 33). No Cap. 2, Vers. 7, Jesus transformou a água em vinho, fato que está registrado em as bodas em Caná da Galiléia.”

O evangelista João não conhecia quem o havia enviado para batizar o povo e mais tarde o próprio Cristo, sabia, porém, que a água seria uma substância purificadora.

Na Câmara de Reflexões, a água representa o prolongamento da vida; sem sua presença nesse local, a Iniciação seria falha e o Iniciando não suportaria o ressecamento da solidão e a secura de seu corpo; estaria na certa privado de dar esse passo decisivo.

Já nas Abluções, representa a limpeza. O neófito não poderá prosseguir na sua caminhada iniciática se não for purificado pela água, sendo, esta, um dos quatro elementos da criação de Deus e que está presente em tudo que existe nos reinos mineral e vegetal e no próprio reino animal, desde no menor inseto sem valor até no corpo do ser humano.

Razão pela qual foi registrado em João, Cap. 2, Vers. 5, que quem não nascer da água e do espírito não entrará no Reino dos Céus.

PÃO

O pão não é apenas um alimento, torna-se sagrado com o propósito de simbolizar o laço de fraternidade entre os comensais. Comer pão é a comunhão dos Irmãos, cerimônia esta que se encontra em vários Graus e ritos maçônicos.

É um antigo costume religioso que vem da mais alta antiguidade, pelo qual sacrificavam aos deuses e a eles se uniam ao comer parte do alimento oferecido. Entre os judeus, o sacrificador era obrigado a comer com os entes do senhor, com o qual se unia em um banquete das oferendas. Comer pão com alguém significa concluir uma aliança.

As Escrituras compararam o pão à sabedoria e referem-se ao pão da inteligência e a água do conhecimento. Tanto é verdade que o próprio Cristo, na sua ceia com os Discípulos, tomou o pão, quebrou-o, dizendo: "Tomai e comei, isto é o meu corpo."

Na Câmara de Reflexões, o pão aparece como sendo o alimento do corpo e do espírito, pois um depende do outro; em um corpo mal alimentado, o espírito não encontra apoio para sua evolução. Vemos indiretamente a presença do pão no Grau de Companheiro e sua presença patente no Grau de Cavaleiro Rosa Cruz.

A sua presença na Maçonaria é patente e necessária, igual à chuva de maná que Deus fez cair no deserto para que os seguidores de Moisés não morressem de fome durante o Êxodo. Mas o mestre afirmou que Ele daria de comer o pão do céu (João, Cap. 4, Vers. 31 em diante), confirmando o que Jesus disse: "Eu sou o pão da vida." Esse alimento caracteriza na Maçonaria por força dos costumes egípcios.

V.I.T.R.I.O.L.

Não se trata de uma palavra, mas, sim, de um conjunto de palavras que se encerra em um ensinamento filosófico e alquímico. Como diz Wirth, em realidade, o inferno dos filósofos não é outro

senão o mundo interior que levamos em nós. É o centro da terra, à qual se relaciona o preceito alquímico:

Definição

Visita Interiora Terrae, Rectificando, Invenies Occultum Lapidem, ou seja: “*Visita o interior da terra, retificando-te, encontrarás a pedra oculta.*”

Assim, V.I.T.R.I.O.L. é a própria representação da Câmara de Reflexões, que conduz o candidato ao interior da terra, onde fica encerrado, como os pensamentos ficam sepultados no íntimo da sua alma. E com isso ele fica convidado a investigar a profundidade do seu ego, para descobrir seus defeitos e suas qualidades. Às vezes se escreve VITRIOLUM, e traduzem-se as duas últimas letras por *Verum Medicinam*, ou seja, A Verdadeira Medicina.

A simbólica Câmara de Reflexões, porém, quer também apresentar a real Câmara de Reflexões: “a memória”. Nessa se acham ainda mais coisas empilhadas e depositadas pela experiência do que na simbológica câmara.

A reflexão vai tirá-las dos seus esconderijos e fazer uso conveniente. Nós somos matéria e vida. A vida demonstra-se pela atividade, originada nos sentimentos e pensamentos. A matéria é o recurso da vida.

A separação da vida do organismo chama-se morte, considerando esta como finalização positiva. Porém, nada no mundo finaliza; nada pode esquivar-se para fora do mundo, pois tantas que morreram numa parte renascem numa outra, continuando incessante a vida. As eternas gerações vão e vêm.

A gravura do VITRIOL nos dá um exemplo do quanto é necessário aproveitar as oportunidades para escaparmos do orbe terráqueo.

Finalmente, VITRIOL nos induz à busca da pedra oculta, que nada mais é do que a famosa Pedra Filosofal, representada na Maçonaria pela Pedra Cúbica.

GALO

O Galo é uma ave da ordem dos galiformes, da família dos fasanídeos. Teria aparecido no sul da Europa nos tempos pós-homéricos, cerca de cinco a seis séculos a.C.

Ao que tudo indica, ele foi trazido pela Guerra dos Persas, sendo incluído na Europa. Segundo narrativa grega, Áries (Marte) tinha incumbido Alektraon de ficar vigiando, enquanto ele, Áries, passava a noite com Afrodite durante a ausência do esposo dela, Hefaístos (Vulcão). Todavia, o que aconteceu foi que Alektraon dormiu e o marido surpreendeu os adulteros. Áries, para castigar o falso vigilante, o transformou em GALO.

Alektraon em grego antigo quer dizer GALO, uma ave castigada à eterna vigilância. Diz-se que o GALO, ao cantar na madrugada (embora cante também em outras horas), assombra o leão, espanta os demônios e dissipá o terror da noite, pois prenuncia a claridade. Na língua Líbia, os viajantes levavam consigo um galo, pois acreditavam que ele os protegeria dos leões e dos basiliscos.

Os basiliscos eram monstros míticos semelhantes aos lagartos de hoje, cujo olhar matava instantaneamente quem os mirasse. Seriam produtos da concepção de um ovo de galinha chocado por uma serpente. Com o canto do galo, esses monstros morreriam em convulsões.

Já entendemos que o galo que aparece como símbolo na Câmara de Reflexões na Maçonaria não é um símbolo maçônico. A Maçonaria o tomou emprestado.

Ele praticamente está presente em todas as culturas. Logo, apesar de sempre usado na Ordem, não é um símbolo criado pela Maçonaria.

O GALO simboliza a vigilância, lembrando que o maçom deverá ser vigilante na função que desempenhar na sociedade. Na Câmara de Reflexões, perto da Ampulheta, significa que o tempo não para, não cessa para o maçom. O GALO também anuncia a luz que o neófito irá receber, como se fora uma verdadeira ressurreição, porque o maçom, ao ser Iniciado, morre para o vício e nasce para a virtude.

O GALO também faz alusões adormecidas que a Iniciação tenta despertar nos neófitos. Quanto à bandeirola, a qual, segundo alguns, também se chamaria flâmula, que seria uma espécie de banda ou bandeirola que, por cima dos escudos ou brasões ou isoladamente, aparece com a legenda VIGILÂNCIA E PERSEVERANÇA, relacionada diretamente com a simbologia do GALO. (*Pesquisa do Irm.: Milton Sérgio de Souza – in memoriam*) – em Símbolos Maçônicos)

CAN.:

Abreviatura de canela, quando se trata de mencionar a parte da perna de um esqueleto em decorações fúnebres das Lojas. (*Rituais*)

CANAPÉ

Móvel luxuoso que geralmente as Lojas colocam numa plataforma, em frente ao altar (*Trono*), nas cerimônias de adoção. (*Rituais*)

CANAPÉ CELESTE

Um ponto vertical do Zênite, também denominado Abóbada Celeste, onde se supõe que esteja situado um Supremo Conselho do Grau 33º, ou donde este expede os seus documentos. (*Autor desconhecido*)

CÂNCER

Um dos 12 signos zodiacais que figuram nas Lojas, nas 12 colunas que sustentam a Abóbada Celeste. (*Rituais*)

CANDELABRO

Um dos objetos que entram em todas as cerimônias maçônicas, sendo que o número de luzes varia de acordo com a cerimônia, sendo, no simbolismo, a sustentação das velas (luzes) que figuram nos altares. Seu uso, com certeza, vem das Igrejas Católicas da Idade Média. (*Dicionário Encyclopédico Maçônico do Rito Escocês Antigo e Aceito*)

CANDELABRO DE SETE BRAÇOS

Usado nas Sessões do 3º Grau, representa de forma sucinta os sete astros conhecidos na antiguidade: Sol, Lua, Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter e Saturno. Na Grande Loja de Goiás, caiu em desuso sem maiores explicações.

Segundo Nicola Aslan, um dos nossos maiores escritores maçônicos, tanto Flávio Josefo como Fílon, também Clemente, bispo de Alexandria, pretendem que o Candelabro de sete braços representava os sete planetas conhecidos da antiguidade. (*Nicola Aslan*)

CANDIDATO

Maçonicamente, é o solicitante à admissão na Ordem ou aspirante ao aumento de salário. (*Dicionário Encyclopédico Maçônico do Rito Escocês Antigo e Aceito*)

CANHÃO

Nome que se dá à taça ou copo nos banquetes maçônicos. (*Rituais*)

CÂNONE OU CAPTAÇÃO

Nome dado à cota anual que as Lojas pagam às Potências Maçônicas a que se acham filiadas. (*Dicionário Encyclopédico Maçônico do Rito Escocês Antigo e Aceito*)

CANTEIROS

Uma das agremiações que, na Alemanha, integravam a antiga confraria dos franco-maçons construtores. Homens que faziam cantos em pedras; tornavam as pedras como tijolos para se ajustarem nas construções. Vemos ainda hoje os canteiros de obra para uma construção civil, por exemplo. Podemos deduzir, em termos maçônicos, que são homens que lidam com a Geometria. (*Nicola Aslan*)

CAOS

Abismo a grande profundidade, personificado no Antigo Egito pela deusa Neith, anterior a todos os deuses. Segundo a Bíblia, é o nada donde surgiu o mundo. Na Maçonaria, está simbolizado no primeiro grau do simbolismo.

Essa palavra aparece como distintivo em graus filosóficos do R.:E.: A.:A.: (*Ordo Ab Chao – A Ordem Vinda do Caos*), que no caso, como informam alguns escritores, se diz da reorganização de um programa desmantelado com o tempo, caso da então legalidade de somente um Supremo Conselho para o Brasil, assim como para cada país, exceto os Estados Unidos. Podemos deduzir que significa a ordenação, a organização de algo, assim como a própria Ordem Maçônica na sua formação. (*Freemason*)

CAPITAÇÃO

O mesmo que Cânone. Taxa ou cota anual que as Lojas ou membros do Supremo Conselho, Consistórios e Corpos Subordinados

pagam às suas filiadas. (*Dicionário Encyclopédico Maçônico do Rito Escocês Antigo e Aceito*)

CAPITÃO

Título que designa um cargo nos graus filosóficos. C.: das GG... (*Rituais*)

CAPITEL

Parte superior das Colunas de uma Loja Maçônica. Três são as principais partes de uma coluna: base, fuste e capitel. (*Rituais*)

CAPÍTULO

Em Maçonaria, diz respeito aos Corpos Subordinados nos graus 15 ao 18 do filosofismo. (*Rituais*)

CARACTERES MAÇÔNICOS

Letras convencionais dos maçons para sua mútua correspondência. Estão inseridos no Ritual do 3º Grau e, neste trabalho, é encontrado sob o título de **Alfabeto Maçônico**.

CARGOS EM LOJAS

Os sete principais cargos em Lojas Maçônicas Simbólicas, pelas suas atribuições, são associados ao misticismo religioso dos mesopotâmicos, através de sua representação astronômica, que engloba os sete “planetas” (ou astros) conhecidos na antiguidade, e são assim descritos:

Venerável

Corresponde ao Planeta Júpiter, que traz no seu simbolismo a sabedoria, a preservação, benevolência paternal, a expansão à nobreza de sentimentos, a ordem à coesão, conservantismo, o sentido do dever, a retidão, o respeito pela autoridade e a sensualidade. No panteão dos deuses babilônicos, era o régio senhor dos homens, simbolizado pela sabedoria.

1º Vigilante

Tem correspondência no Planeta Marte, símbolo da ação, energia, força, movimento, iniciativa, entusiasmo e absolutismo. Como deus mesopotâmico, era o Senhor da Guerra, simbolizado pela força.

2º Vigilante

Corresponde ao Planeta Vênus, representante do sentido artístico, da sociabilidade, benevolência, harmonia, beleza, prazer, vida sentimental, os amigos, a predileção pela música e a agilidade. Na mitologia babilônica, sendo a deusa mágica da fertilidade e do amor, simboliza a beleza.

Orador

É, no Templo, a vida, o espírito, a vontade, a síntese, o sentido de organização, o Eu consciente, a autoridade, o dia, a dignidade, o patrão e o pai. Esse guarda da lei maçônica é o responsável pelas peças de oratória, representado pelo Sol, pois dele emana a luz.

Secretário

Esse Obreiro reflete na confecção das atas as conclusões legais do Orador. Tendo como símbolo a Lua, ao Secretário são conferidos os atributos de receptividade, a alma, a vida psíquica inconsciente, a

noite, a matéria, a memória, a inteligência e os meios de comunicação de expressão, a engenhosidade e a destreza.

Tesoureiro

Correspondente ao Planeta Saturno, que, com seus “anéis”, simboliza a riqueza. Tem como atributos a solidez, a reflexão, a prudência, a paciência, economia, rigidez e frieza.

Mestre de Cerimônias

Correspondente ao Planeta Mercúrio – habilidade manual e mental, grande poder de assimilação e astúcia. É o oficial maçônico veloz, astuto, sempre circulando pelo Templo como elemento de ligação, numa imitação do planeta que mais rapidamente circula em torno do Sol, o que é confirmado pelo universo cósmico de Copérnico, por ser um dos planetas mais próximos do sistema solar.

Os demais cargos, caso haja somente sete Irmãos em Loja, deverão ser acumulados de acordo com as exigências do Ritual de cada Potência ou Região. (*José Robson Gouveia Freire, M.: I :.*)

CARIDADE

Um dos deveres principais e mais antigos da Maçonaria, cujas instituições e obras benficiais são numerosas, a caridade é praticada quase que naturalmente, como parte das virtudes inerentes dos maçons. (*Dicionário Encyclopédico Maçônico do Rito Escocês Antigo e Aceito*)

CARTA CONSTITUTIVA

Título outorgado às Oficinas, pela autoridade que as constitui. Temos as cartas Constitutiva Provisória e a Definitiva. A Carta Provisória tem a duração de não menos que três anos desde a

instalação da Loja, sendo a seguir concedida a Carta Constitutiva Definitiva. (*Ritual da GLEG*)

CATAFALCO

Ataúde. Urna mortuária. Caixão. (*Dicionário*)

CAVALEIRO

Na Maçonaria Filosófica, todos possuem algum dos graus baseados na antiga Cavalaria. (*Rituais*)

CAVEIRA

Parte do esqueleto humano que aparece nos ritos maçônicos. É vista pelo candidato para meditar na transitoriedade da vida terrena e nas transformações operadas pela morte. (*Rituais*)

CENTROS DE FORÇA

O nosso “corpo espiritual” é regido por sete centros de força (Chakras), que captam energias vitais. São a causa de muitas enfermidades quando se desorganizam. Sempre que executamos um S.: de Ord.:, estamos massageando um centro de força, de energia vital ou chakra do nosso corpo. (*Aslan*)

CERIMÔNIA FÚNEBRE

Segundo Jean Pierre Bayard, o rito funerário trata da relação teatralizada e derradeira com o morto no sentido de fazer-lhe menção honrosa e, também, de dar aos seus o consolo de que a vida não se extinguiu de todo.

A GRANDE LOJA DO ESTADO DE GOIÁS POSSUI RITUAL ESPECIAL ORIENTANDO SOBRE O ASSUNTO, DENOMINADO “RITUAL DE FUNERAL MAÇÔNICO”.

Introdução do Ritual:

A muito Respeitável Grande Loja Maçônica do Estado de Goiás não possui ritual para velórios aos seus membros falecidos, sejam eles realizados dentro ou fora dos Templos.

Da mesma forma, não autoriza nenhum procedimento ritualístico, fora do Templo, no velório ou no momento do sepultamento.

Os acontecimentos dessa natureza são copiados de outras potências maçônicas, sem o parecer da Grande Loja, cuja prática pelas nossas Oficinas, além de comprometer os usos e costumes, gera dúvidas, despadronização e procedimentos inconvenientes.

Com o objetivo de padronizar e atender os anseios, achou-se por bem implantar o Ritual de “Funeral Maçônico”, a ser aplicado em cerimônias fúnebres, quando do falecimento de Irmãos regulares.

Em vigor em várias Grandes Lojas do Brasil, o Ritual de “Funeral Maçônico”, ou “Cerimônia de Corpo Presente”, trata-se de sessão ritualística realizada, com o corpo presente, no interior do Templo

O velório, no entanto, deverá acontecer em outro local, podendo até ser nas dependências da Loja, se houver espaço apropriado – na sala dos Passos Perdidos, por exemplo –, mas nunca no interior do Templo. O falecimento de um Irmão não impõe, em regra, à sua Loja, o dever de realizar, maçonicamente, o seu funeral de corpo presente no Templo.

Esse dever existirá quando o Irmão, em vida, tiver manifestado por escrito, ou verbalmente em Loja, com registro em balaústre,

o desejo de que uma parte de suas exéquias fosse maçonicamente executada. Ou seja, fosse realizado ritualisticamente o seu funeral.

Mesmo assim, por ocasião do passamento do Irmão, cabe ao Venerável, ou por meio do Irmão Hospitaleiro, informar à cunhada-viúva que consta em Loja o desejo daquele Irmão de que uma parte do seu ceremonial fúnebre fosse desenvolvido no Templo, ao qual ela e os familiares poderão assistir.

Somente com o seu consentimento é que – mesmo existindo o pedido do Irmão falecido – o corpo poderá ser trasladado para o desenvolvimento do ritual fúnebre no Templo.

É de inteira e exclusiva responsabilidade da Loja o traslado do corpo, esteja onde estiver na cidade de seu domicílio, para o Templo, bem como o transporte dos principais familiares, estando na mesma cidade, para assistirem ao ceremonial maçônico.

Não tendo o Irmão falecido deixado manifestação de vontade quanto ao seu funeral maçônico, ainda assim poderá ele ser realizado, se houver solicitação clara e inequívoca da cunhada-viúva naquele sentido, caso em que, então, tocará aos familiares a providência quanto ao encaminhamento do corpo ao Templo e sua remoção após findada a cerimônia; salvo se as condições financeiras da família não permitirem esse custeio, quando então caberá à Loja o correspondente dispêndio.

CERTIFICADO

Atestado do grau de um maçom, expedido pela Grande Loja, a quem compete conferir graus ou designar a autoridade competente que o faça, fornecido por uma Loja a um de seus membros. (*Reg. Geral GLEG*)

CÉU

Abóbada Celeste – forro de uma Loja, semeado de estrelas.
(*Ritual*)

CHAMAS

Uma das provas simbólicas pelas quais passa o candidato à Iniciação, alegorizando que o fogo purifica as impurezas. (*Ritual*)

CHAPÉU

O costume de cobrir a cabeça em alguns ritos tem origem nas antigas cortes europeias: em sessões públicas ou em qualquer reunião com inferiores hierárquicos, só o rei tinha direito de ficar com a cabeça coberta, pois isso simbolizava a sua soberania; junto a seus pares, todavia, todos mantinham a cabeça coberta, em sinal de igualdade hierárquica.

É por isso que, em Lojas de 1º e 2º Graus, só o Venerável fica coberto, enquanto em Lojas de 3º Grau todos se cobrem.

Em todo caso, a prática tem origem hebraica, existindo nela uma conotação metafísica e uma concepção hermética, no melhor estilo da mística, consolidada nos textos cabalísticos, visto em toda cerimônia religiosa judaica ser obrigatório para os homens o uso da cobertura na cabeça, e significa a crença na existência de Deus e um gesto de submissão à sua grandeza. (*No Esquadro*)

CHARLESTON

Cidade norte-americana, onde em 1783 se estabeleceu uma Grande Loja de Perfeição para toda a Carolina do Sul; em 1788 se criou um Grande Conselho de Príncipes de Jerusalém, e em 1801 se inaugurou o primeiro Supremo Conselho do Grau 33 para todos os Estados Unidos.

Escritores informam que o Grau 33 teria se estabelecido em decorrência de o paralelo 33 cruzar ao meio a cidade de Charleston. (*Dicionário Encyclopédico Maçônico do Rito Escocês Antigo e Aceito*)

CHAVE

Relacionado com a guarda de segredos, portanto, de prudência e discrição – quanto ao alfabeto maçônico, por exemplo. (*Nicola Aslan*)

CHAVES CRUZADAS

Joia distintiva do Tesoureiro da Maçonaria em geral, pendente no colar em que se usa quando no exercício do cargo. (*Rituais*)

CHOVER

Expressão alegórica que significa haver profanos próximos ou penetrando numa conversação maçônica. Exemplo: se um maçom diz ao outro: *Chove!* = denota que pode estar presente um profano ou alguém que não pode ouvir o assunto em andamento. *Neva!* = rituais antigos dizem que o sentido é o de que pode estar se aproximando uma mulher e a conversa sobre Maçonaria deverá ser interrompida. (*Simbologia dos Painéis*)

(Veja Goteira ou Cowan neste exemplar, com explicações mais detalhadas.)

CIMENTO

Pimenta, na linguagem convencional dos banquetes. Alegoriza ainda o amor que, quando verdadeiro e puro, reúne e “cimenta” as almas antes dispersas. (*Rituais*)

CINZEL

Instrumento do Grau de Aprendiz que, por meio de batidas do malho, serve para desbastar simbolicamente a pedra bruta, que representa a personalidade do homem ainda não educada. Parece uma talhadeira e representa o intelecto do homem, agindo com a razão e a inteligência. (*Rituais*)

CIRCULAÇÃO

A circulação no T.: é feita no sentido horário, ou seja, da esquerda para a direita, contornando o painel da Loja, que simboliza, no caso, a mancha do sol, e significa que o maçom caminha em direção à luz. (*Rituais*)

Esse costume tem profunda origem pré-histórica mística e surgiu com o homem olhando o céu, vendo os astros e os considerando sobrenaturais, como deuses. Encantava-se com o Sol, por dar luz e calor, por fazer germinar os vegetais, por influenciar os corpos humanos, era, enfim, a fonte da vida.

CÍRCULO

Figura geométrica tomada pela Franco-Maçonaria como símbolo da criação e do Universo. Aparece no fundo da decoração da Loja do Grau 4 ou M.: S.: do R.: E.: A.: A.:, tendo inscrito um triângulo em cujo centro se acha a E.: F.:

Nas Lojas Simbólicas do mesmo rito, aparece como estando no Oc.::, no centro do T.::, limitado por duas linhas paralelas: ao N.:: representa Moisés (do lado Norte) e ao S.:: representa Salomão (do lado Sul).

No centro do círculo, também simbolicamente, existe um ponto, com a acepção de que não errará, jamais, o maçom que orientar por ele a sua conduta.

Nesse caso, o centro, o ponto, simboliza o Eterno ; a circunferência representa a conduta, e as duas linhas, as leis de Moisés e Salomão, ou a Lei e a Justiça, ou o mesmo que Dharma e Karma dos hindus.

O círculo é imaginário, bem como as linhas paralelas e o ponto dentro do círculo.

Tudo isso deve ser lido, explicado e aprendido por todos os Irmãos e, acima de tudo, colocado em prática na vida maçônica, na vida profana e, principalmente, na vida familiar.

Resulta em manter os meus limites de ação na convivência moral e em sociedade, cumprindo com os meus deveres e respeitando os direitos das pessoas sem considerar a sua situação financeira, racial, cultural, religiosa, etc. (*No Esquadro*)

COBERTURA DO TEMPLO

Trata-se das precauções para se preservar a Loja da intrusão de profanos, ou de guardar-se nas reuniões com relação às indiscrições profanas.

Apesar da segurança oferecida pelas portas devidamente fechadas (trancadas), é obrigatória a presença de um Irmão, armado de espada, que esteja investido, no mínimo, como Mestre Maçom. Sua permanência fora do Templo dura enquanto são abertos os trabalhos ou quando se fizer necessária a sua presença naquele local.

Também se diz “cobrir o Templo” ao Irmão que deve se retirar da Loja durante a sessão. Ou o mesmo que fazer um Irmão cobrir o T.: de forma temporária ou em definitiva, por medida disciplinar ou para se tratar de um assunto pertinente a um grau acima do qual ele está investido. Não confundir com o Ir.: Cobridor. (*Rizzardo da Camino*)

CÓDIGO MAÇÔNICO

O mesmo que Constituição, ou ainda a coletânea de preceitos que constituem o código moral, ético e administrativo da Maçonaria. Diz-se também de todo o conjunto de leis, morais organizacionais, tais como: Constituição; Livro da Lei; Mandamentos; Máximas e Preceitos. (*Rituais*)

COMPOSIÇÃO DA LOJA MAÇÔNICA

A grande maioria dos rituais diz que três maçons formam uma Loja, cinco a tornam justa e sete a tornam “perfeita” (3, 5 e 7).

Grandes ritualistas brasileiros dizem também que os três maçons que formam a Loja na sua forma “simples” são o Venerável e os dois Vigilantes, os quais são denominados “Luzes”.

A Loja se torna “justa” quando se juntam a esses o Secretário e o Orador. Finalmente, a Loja é “perfeita” quando aos cinco se juntam o Mestre de Cerimônias e o Guarda do Templo.

Outros ritualistas e estudiosos dizem que no lugar do penúltimo oficial (o Mestre de Cerimônias) deve estar o Experto (sem mencionar qual deles: 1º ou 2º), donde se deduz seja o primeiro.

Então, a sequência ficaria da seguinte forma:

Venerável, presidente, responsável pelo Oriente.

Primeiro Vigilante, responsável pela Col.: do N:..

Segundo Vigilante, responsável pela Col.: do S:..

Orador, responsável pelas Leis e as conclusões.

Secretário, responsável pelo registro (balaústre).

Mestre de Cerimônias, responsável pelo trabalho de circulação em Loja.

Guarda do Templo, responsável pela proteção.

E os outros cargos?

É bom lembrar que não se acumula cargo e nem se usa mais de um colar, pelo fato de duplicação de “funções”.

O acúmulo de uma ou mais “funções” não investe o obreiro desses cargos. Portanto, o uso de mais de um colar pelo mesmo obreiro torna-se um contrassenso.

Resumo:

O Orador acumula a “função” do Tesoureiro;

O Secretário acumula a “função” do Chanceler;

O Mestre de Cerimônias acumula as “funções” do Hospitaleiro e dos Diáconos. (*Rituais e Escritores diversos*)

COLMEIA

Trata-se de importante símbolo maçônico, que não é lembrado ou é até mesmo desconhecido por muitos escritores maçons brasileiros.

Dizem que, mesmo lá fora, se fala muito pouco sobre esse símbolo, presente até hoje na cultura egípcia, romana, da era dos cristãos primitivos e que inspirou imperadores como Napoleão.

Existem vários registros de colmeias como parte integrante e de destaque de Templos e rituais maçônicos na Inglaterra, Irlanda, Escócia e EUA no século XVIII.

Porém, com a renovação dos rituais em boa parte do Reino Unido a partir de 1813, esse importante símbolo foi de certa forma ignorado, surgindo vez ou outra em Lojas de Pesquisa, com exceção da Maçonaria Americana, que manteve sua importância no Ritual.

Enfim, “Colmeia” é um dos símbolos maçônicos com significado e ensinamentos mais profundos que está simplesmente perdido nas brumas do tempo e nas páginas das incontáveis “revisões” promovidas pelos “sábios” de outrora. Esse é o verdadeiro “símbolo perdido” da Maçonaria.

Para nós, hoje, não passa de símbolo de operosidade e solidariedade nas cerimônias maçônicas, embora os rituais não mencionem. É também o nome dado ao grupo de cunhadas que se reúne para os movimentos de ação social e filantrópicos nas Lojas Maçônicas. (*No Esquadro*).

COLUNA

Pilar cilíndrico que serve de ornato ou sustentáculo da abóbada, e que consta de base, fuste e capitel. Diz-se da sustentação da Loja em termos materiais, em termos de funcionalidade, de apoio. No que diz respeito à Coluna (Pilar), há cinco ordens conhecidas: a Jônica, a Dórica, a Coríntia, de origem grega; a Compósita e a Toscana, de origem italiana.

São também os dois grupos de Irmãos colocados longitudinalmente à direita e à esquerda da entrada do T.:

À direita, a Coluna do S.::, representando Salomão (a Justiça), e à esquerda, a Coluna do N.::, representando Moisés (a Lei).

Os Aprendizes se sentam na Coluna do N.:: e os CComp .::, na Coluna do Sul, sendo que os MM.:: se colocam indiferentemente numa ou noutra Coluna.

Suas denominações variam de acordo com o momento ritualístico: “B e J”.

Colunas Simbólicas Pontos Cardeais

A Coluna “B”, colocada do lado N.:: do T.::, deriva de “B”, que significa (em) e “oaz”, que significa (força), resultando: em força (ou na força) e era o nome da primeira Coluna à esquerda do pórtico de Salomão (I Reis 7:21 e II Crôn. 3:17); era ainda o nome do bisavô de Davi, pai de Salomão: “Boaz” (Ruth 1:13-22).

A Coluna ao sul do Templo tem a denominação de “J”, que significa fartura, abundância; está representada no Painel do Grau por uma espiga de trigo, estando ligada aos mistérios de Ceres, cujo simbolismo era agrícola, embora o Iniciado devesse, em Eleusis, sofrer, alegoricamente, a sorte do grão de trigo, que morre, no inverno, sob a terra para renascer na primavera, sob a forma de planta nova (assim diz o nosso Ritual).

As colunas B e J tinham medidas significativas e aprendemos que eram as seguintes: altura de 35, circunferência 12 e diâmetro 4, unidade de medida igual a côvados, que, convertidos, é igual a 0,66cm cada um.

Diz-se que a razão dessa medida vem das constelações descobertas naquela época, em número de 47 (não temos tanta certeza).

As colunas foram feitas em bronze, eram ocas e suas espessuras eram de 4 polegadas e ali guardavam os utensílios, ou arquivo de fraternidades, ou ainda os registros constitucionais. No topo das colunas viam-se os capitéis, com altura de 5 côvados, cercados por delicadas ordens de malha entrelaçadas e ornadas de lírios e romãs. (*Símbolos e Simbolismos Maçônicos*)

COLUNA DA HARMONIA

É o cargo exercido pelo Irmão Mestre de Harmonia, ou ainda um grupo de artistas que presta seus concursos às cerimônias maçônicas. É a sustentação à Loja em termos de musicalidade. (*Símbolos e Simbolismos Maçônicos*)

COLUNA FUNERÁRIA

Local onde se escreve os nomes dos Irmãos falecidos. (*Dicionário Encyclopédico Maçônico do Rito Escocês Antigo e Aceito*)

COLUNAS DO TEMPLO MAÇÔNICO

Colunas são pilares cilíndricos que servem de ornato ou sustentáculo da abóbada e que constam de base, fuste e capitel.

Diz-se das 12 colunas zodiacais; das duas colunas solsticiais (B e J); das duas colunas Toscanas, que sustentam o Dossel, e das três

colunetas Jônica (da Sabedoria), do Venerável; Dórica (Força), a do 1º Vigilante, e Coríntia (a da Beleza), do 2º Vigilante.

Há cinco ordens conhecidas das colunas usadas na maçonaria: Jônica, Dórica e Coríntia, de origem grega; Compósita e Toscana, de origem italiana. (*Símbolos e Simbolismos Maçônicos*)

COLUNAS SOLSTICIAIS

Coluna “B”

A Coluna do lado esquerdo da entrada do Templo, “B”, denomina-se Coluna da FORÇA.

A força é atributo do 1º Vigilante de uma Loja Maçônica, sendo simbolizado pelo deus Ares (ou Marte, para os romanos); é uma Coluna da ordem Dórica.

É por isso que a Coluna do 1º Vigilante é chamada de Coluna da Força, sendo que é nela que se sentam, exclusivamente, os homens não maçons, em sessões públicas, ou brancas, enquanto as mulheres tomam assento na Coluna da Beleza, do 2º Vigilante.

A Coluna “B” fica do lado em que se sentam os Aprendizes, ao norte, lado mais escuro (simbolicamente) do Templo. “B” vem de BOOZ ou Boaz, que significa o nome do bisavô de Davi, aquele que não conseguiu construir o Templo e deixou a incumbência para seu filho Salomão.

A Coluna do norte corresponde a Hiram, rei de Tiro, que usou a força física na construção do Grande Templo, ou seja, forneceu homens e madeira do Líbano.

Coluna “J”

À direita da entrada do Templo fica a Coluna “J”, denominada Coluna da Beleza.

Beleza é um atributo do cargo do 2º Vigilante, correspondente à mitologia greco-romana, à deusa Afrodite (ou Vênus, para os romanos), deusa do amor e da beleza.

Um dos motivos de chamar-se Beleza a Coluna do sul, em Maçonaria, é porque faz referência a Hiram Abif, que ornamentou o Templo, embelezou-o com a sua arte.

A Coluna “J” fica do lado em que se sentam os Companheiros, ao sul, lado mais claro que o norte e mais escuro que o Oriente.

Ali é onde ao meio-dia há a luz do Sol, que passa pelo meridiano. Em sessões brancas, as mulheres devem sentar-se nesta Coluna da Beleza.

“J” vem de Jaquim (ou jakinai). Essa palavra é dividida em duas partes: JAH é a abreviatura do nome de JEOVÁ (DEUS) – está em Salmos Cap. 68, Vers. 4 –, enquanto “KIM” significa ESTABELECER.

As duas Colunas juntas, assim como estão no Templo, têm o seguinte significado: *DEUS ESTABELECERÁ COM FORÇA, ou COMO UMA FORTALEZA.*

Pode-se traduzir, ainda, a palavra Jaquim como simplesmente: ESTABILIDADE, FIRMEZA.

As duas Colunas à entrada do Templo são chamadas também de SALOMÔNICAS ou SOLSTICIAIS. Solstício de Inverno e de Verão. (*Símbolos e Simbolismos Maçônicos*)

COLUNETAS

Do Venerável

O Pilar Jônico adorna o Altar do Venerável Mestre (Sabedoria).

A sua altura é igual a 9 vezes o seu diâmetro. O fuste é assentado sobre um pedestal.

Possui 24 estrias, separadas por filetes, contornando o seu fuste. Em seu capitel, apresentam-se duas volutas, dando ao pilar a elegância e a esbelteza de uma bela mulher.

Há uma lenda sobre ela:

Conta-se que Íon, chefe grego, foi mandado à Ásia, onde construiu templos na cidade de Éfeso, dedicados a deuses gregos. Íon observou que as folhas de cortiça colocadas no topo dos pilares, para evitar a infiltração, a vibração e amortecer o peso das traves, iam com o tempo cedendo à pressão, contorciam-se em forma de volutas (de forma espiral), imitando madeixas de mulher (cabelos em cachos) peculiaridade que é a principal característica da Ordem Jônica.

O Pilar Jônico foi associado ao Venerável Mestre, em virtude da Sabedoria demonstrada na sua construção.

Do 1º Vigilante

A Coluneta do 1º Vigilante obedece à Ordem Dórica, originária do Egito; por sua robustez, representa o próprio 1º Vigilante, que é a Força (representa Hércules e recorda Hiram).

A Força do 1º Vigilante ordena e dirige, mas obedece à orientação da Sabedoria vinda do Venerável.

A altura do Pilar Dórico corresponde a oito vezes o seu diâmetro. Não tem base. O fuste é assentado diretamente no solo, sem base ou pedestal. Seu contorno é circundado por 20 caneluras. O capitel é formado de molduras, imitando uma taça.

Lenda

A lenda conta que Doros (Do povo Dório – que penetrou na Grécia a partir de séc. XII a.C. e instalaram-se na Esparta. Eram guerreiros), filho de Heleno, mediu o pé de um homem de estatura

mediana e constatou ser essa medida (em centímetro), correspondente a 8 vezes a altura do corpo.

Guiando-se por essa relação, ideou-se o Pilar Dórico, robusto, forte e nobre.

O Pilar Dórico foi associado pela Maçonaria ao 1º Vigilante, para representar a sua robustez, a sua Força.

Coluneta do 2º Vigilante

A Coluneta do 2º Vigilante é da Ordem Coríntia – abriga formas belas, elegantes e proporções delicadas, a mais bela das três, lembrando também uma bela donzela. A altura do pilar coríntio é igual a 10 vezes o seu diâmetro. O fuste pode ser liso ou estriado, podendo ser esculpido em granito ou pórfiro (termo aplicado a um tipo de rocha, “rocha extrusiva = efusiva”).

Lenda

A lenda diz que uma ama levou uma cesta contendo brinquedos à sepultura de uma criança e cobriu-a com uma telha, por causa das chuvas. Ao chegar a primavera, um pé de Acanto (planta egípcia, espinhosa, de folhas largas e recortadas) germinou e cresceu, transformando-se em formosa árvore. As folhas do Acanto, ao crescerem e se encontrarem com a telha que cobria a cesta, contorceram-se, o que teria produzido um belíssimo efeito, magistralmente captado pelo poeta e escultor Calímaco (representante da Poesia Alexandrina), que esculpiu um pilar de rara beleza, como o capitel copiado da cena. (*Símbolos e Simbolismos Maçônicos*)

CONSTITUIÇÃO

No sentido geral, é a lei magna dos maçons; uma lei básica de uma potência maçônica, que apenas obriga as Lojas e maçons sob

sua jurisdição particular. (*Dicionário Enciclopédico Maçônico do Rito Escocês Antigo e Aceito*)

CONSTITUIÇÃO DE ANDERSON

A Constituição de Anderson, a mais conhecida, regula os francos-maçons desde 1723 – é considerada o principal documento e a base legal da Maçonaria Especulativa e que aos poucos foi substituindo os preceitos tradicionais que até então regulavam as atividades da Maçonaria Operativa.

Um dos textos básicos, aceito pela totalidade dos Ritos da Moderna Maçonaria, a CONSTITUIÇÃO DE ANDERSON determina, exatamente, OS DEVERES DE UM MAÇOM.

Encarregado, em 1721, de ordenar a história maçônica, as obrigações e os regulamentos da ANTIGA CONFRARIA dos pedreiros ingleses, o Pastor JAMES ANDERSON redigiu um texto legal que, depois de apreciado por uma comissão de 14 Irmãos, foi aprovado em 1722, e publicado em 1723 pela Grande Loja de Londres.

No seu texto integral, encontramos na sua primeira parte afirmativas meramente históricas, lendárias, fantasiosas de uma Maçonaria, desde a criação do mundo até o Grão-Mestrado do Duque de Montaigu; a segunda, de real importância, trata das obrigações do maçom; a terceira contém o regulamento geral da Grande Loja de Londres, em 39 artigos; a quarta indica a maneira de se constituir uma nova Loja; finalmente, a quinta inclui letra e música de quatro canções entoadas nas Lojas que constituem a LEI MAÇÔNICA:

1º – Referente a Deus e à Religião;

2º – Referente ao governo civil;

3º – Referente às Lojas;

4º – Referente aos Veneráveis, Vigilantes, Companheiros e Aprendizes;

5º – Referente ao andamento dos Trabalhos em Loja;

6º – Referente aos Trabalhos nas Sessões das Lojas.

O artigo primeiro, modificado em 1738, restabelecido e reformado várias vezes pela Grande Loja da Inglaterra, originalmente dizia: “Um maçom é obrigado, pela sua dependência à Ordem, a obedecer à Lei Moral; e deve ele compreender melhor que Deus vê de maneira diferente do homem; pois o homem vê a aparência exterior, enquanto Deus vê o coração.”

Qualquer que seja a religião de um homem ou sua maneira de adorar, ele não será excluído da Ordem, contanto que creia no glorioso arquiteto do céu e da terra, e que pratique os deveres sagrados da moral.

Na Maçonaria, os “laços de amor” da Corda de 81 nós são a representação dos maçons unidos, em uma corrente, sem, no entanto, perderem a individualidade ou personalidade. *“A força de uma corrente não é maior que a de seu elo mais frágil.”* Fonte: Rizzardo da Camino – Livro A Corda de 81 nós.

ANDERSON

É tido como o promotor da Reforma Mmaçônica de 1717, que resultou na fundação da Grande Loja de Londres. Nascido em Edimburgo, Escócia, por volta de 1675, James Anderson tornou-se teólogo e ministro da Igreja Presbiteriana de Londres.

Em reunião da Grande Loja em 1721, tendo o Grão-Mestre Mestre e a Grande Loja encontrado várias deficiências nas anti-gas constituições, incumbiram o Irmão James Anderson de compilá-las por um novo e melhor método.

Desincumbindo-se da tarefa, em 17 de janeiro de 1723, quando submeteu ao exame a sua obra, o “Livro das Constituições”. Vinte Lojas eram então filiadas. (*Freemason*)

COR DO TEMPLO

Embora a cor predominante e original do REAA seja o vermelho, no Brasil prevalece o azul-celeste, prática iniciada pelas Grandes Lojas brasileiras e incorporada ao Grande Oriente. Entende o escritor pesquisado que o fato pode ter por base o relacionamento do Irmão Mário Bering com a Maçonaria norte-americana, onde predomina o Rito de York ou Rito Americanizado. (*Pedro Juk*)

CORDA DE 81 NÓS

O *Dicionário de Termos Maçônicos* diz que Corda de 81 nós é a corda que circunda a Loja, que simboliza a União e a Fraternidade que devem existir entre todos os maçons à face da Terra.

Próximo à Abóbada Celeste, uma corda, denominada de “Corda de 81 nós”, contorna todo o Templo,,, tendo um nó sobre o Olho Divino, 40 nós circundando a parede sul, e 40 circundando a parede norte, deixando pendente dos lados da porta duas pontas, nas quais estão duas borlas, denominadas Justiça (ao norte) e Prudência (ao sul).

O significado dessa interrupção da corda à altura da porta prende-se ao fato da abertura dos maçons a todas as novas ideias, desde que dentro dos preceitos ministrados pela Maçonaria.

Os 40 nós de cada lado do Templo têm significado bíblico de grande amplitude, inclusive fazem alusão aos 40 dias e 40 noites do dilúvio que destruiu o mundo.

Esotericamente, a Corda de 81 nós simboliza a união fraternal e espiritual que deve existir entre todos os maçons do mundo; representa, também, a comunhão de ideias e de objetivos da Maçonaria, os quais, evidentemente, devem ser os mesmos em qualquer parte do planeta, simbologia que todo maçom deve ter na mente em todas as circunstâncias da sua vida.

O número 81 nesta corda obedece muito mais a conceitos místicos que realistas.

Oitenta e um é o quadrado de nove, que é o quadrado de três, número perfeito e de valor místico.

Essa é a explicação primeira que os escritores dão ao número 81 na corda colocada nos Templos da Maçonaria, quando elevaram o nosso três à quarta potência, chegando-se ao número 81, embora se digam pretensamente inspirados na tabuada da antiga Babilônia, no Grau de Companheiro, em que as lojas maçônicas dos quatro cantos do mundo se saúdam por três vezes três. Assim seria: $(3 \times 3) = 9$; $(9 \times 9) = 81$.

O que na verdade seria mais lógico dizer: por três vezes – por três vezes e por três vezes, embora com isso não se mude o resultado.
(Referência: Brasil Maçom – José Castellani)

CORTEJO

O cortejo de entrada no Templo, formado no Átrio, com duas colunas em fileiras de componentes, tem suas origens principais no hábito das antigas cortes reais.

Durante as audiências em festas, as pessoas formavam duas filas de entrada no salão, permaneciam de pé, o “arauto” (nossa Mestre de Cerimônias) anunciava o rei, a rainha e eventuais ministros mais importantes, dirigindo-se, todos, para o fundo da sala onde o casal real (ou somente o rei nas audiências) subia para o trono no fundo da sala, enquanto os eventuais ministros se sentavam no plano mais baixo, em colunas laterais. *(Dicionário Encyclopédico Maçônico do Rito Escocês Antigo e Aceito)*

COWAN (OU “GOTEIRA”)

COWAN (pode ler-se “covan”) é uma palavra desconhecida para boa parte da população maçônica, principalmente da nossa região.

“Goteira”, porém, muda um pouco de figura, sendo um termo nosso conhecido, que é o personagem considerado perigoso entre os maçons.

Na Inglaterra, esse ser “curioso” dos assuntos de Maçonaria também tem o significado de Goteira e de Profano; porém o termo Covan não figurou na maçonaria Inglesa até ser introduzido como que oficialmente pelo escocês Dr. James Anderson, em seu segundo *Livro das Constituições*, em 1738.

Se derivado do grego, o termo Cowan significa “CÃO” – devido aos curiosos e asquerosos hábitos daquele animal, quando se esgueira nas sombras, bisbilhotando tudo. Queriam eles dizer com esse termo que cães e porcos estão sempre associados à sujeira.

Um dicionário de linguagem francesa, de Jeiniesom, diz que Cowan é derivado da palavra francesa COION (um companheiro covarde ou um miserável covarde), sendo para alguns escritores um disparate essa colocação.

As pesquisas dos Irmãos Assis Carvalho e Chico Trolha apontam como “Covan” um maçom que construía “muro seco” – isto é, muros ou paredes sem o uso de cimento ou argamassa, somente empilhando as pedras talhadas.

Significa que os maçons da época queriam dizer que aqueles homens (os covans) não tinham o principal elemento cultural para ligar convenientemente (com argamassa) as pedras preparadas com o uso do “Maço” e do “Cinzel” (ferramentas usadas pelos “canteiros ou fazedores de cantos em pedras da época”), então, faziam paredes e muros amontoando e aprumando simplesmente as pedras preparadas. Significa, na Maçonaria, não possuir as ligações pelas quais se faz reconhecer como maçom.

Dizem, ainda, que o termo Covan foi extraído de um documento maçônico em 1730, portanto, antes da reforma da Constituição de Anderson, em 1738 (criada em 1723), quando Samuel Prichard

introduziu a referida palavra num diálogo existente no seu livro MASONRY DISSECTED, com o seguinte questionário:

P. Onde se assenta o Aprendiz?

R. No Norte.

P. Qual a sua ocupação?

R. Afastar os “COVANS” curiosos.

P. Se um bisbilhoteiro for apanhado, como deve ser castigado?

R. Deve ser colocado sob o beiral da casa até que as goteiras da chuva, a escorrer pelos seus ombros, saiam pelos sapatos.

Como podemos ver, em 1930, duas palavras nossas conhecidas nos dias de hoje aparecem no referido livro inglês.

Levantou-se ainda que a Ata nº 0, da Loja Mãe do Mundo “KILWINNING”, na Inglaterra, de 1707, portanto, antes ainda de 1730, registrou que nenhum maçom deve empregar um “Covan” (maçom sem a Palavra) para trabalhar.

Isso significa que, naquela época, quem não tinha uma certa senha não podia trabalhar para os maçons regulares ou junto com eles.

Assim como hoje não temos ingresso às Lojas sem a P.: Sem.:, sabendo-se, inclusive, como transmiti-la; pelo menos deve ser assim.

A palavra Covan aparece frequentemente nos textos escoceses, significando: espião, abelhudo, bisbilhoteiro, etc., embora seu significado na Maçonaria não fosse só isso. Covan pode dar significação a um pedreiro da época que, após trabalhar determinado tempo e, ao término, não conseguir renovar o seu contrato, mesmo que tivesse trabalhado sete anos, esse Aprendiz de Pedreiro, somente pelo tempo de serviço, poderia não entrar em definitivo para a “Fraternidade” (grupo organizado de homens do Maço (Maçons), passando a ser considerado um Covan, ou seja, um bisbilhoteiro, um estranho, uma Goteira.

Seria o mesmo, nos dias de hoje, que um Aprendiz ou Companheiro que, ao final do seu Interstício, não conseguisse, por algum motivo, ser Elevado ou Exaltado, sendo desligado do quadro e não tendo mais acesso aos trabalhos, e ainda mais, sua aproximação seria considerada, a partir daí, um ato de curiosidade.

Como dissemos, o termo COWAN entrou oficialmente para a Maçonaria em 1738, significando Profano, embora se saiba que essa designação fora da Maçonaria signifique uma pessoa estranha às coisas religiosas, um ignorante às coisas sagradas etc.

O nosso Irmão Assis Carvalho informa, inclusive, que o cargo de Cobridor Externo (Tyler em inglês) originou-se devido à presença do Covan (Goteira), que se aproximava para observar os trabalhos da Loja e ouvir o que os maçons falavam ou faziam.

Quando um Covan (Goteira) se aproximava da Loja ou de um grupo de maçons, eles diziam: *CHOVE, GOTEIRA*. Se era uma mulher que se aproximava, diziam: *ESTÁ NEVANDO!*, e imediatamente todos paravam de falar, pelo menos em assuntos da Maçonaria.

O termo Goteira ou Covan nos chama a atenção até mesmo na C.: de RRef.: : “*Se a curiosidade aqui te conduz, retira-te.*” O curioso sempre foi malvisto pelos maçons.

No passado, na Maçonaria Operativa, o tratamento dado aos Covans (Goteiras) era o seguinte: quando se pegava alguém espionando os trabalhos da Loja, que na verdade funcionava em tavernas (tabernas), aplicavam-lhe uma tremenda surra e o colocavam embaixo de uma goteira da chuva para molhar-se todo.

Se fosse tempo seco, davam-lhe um bom banho, isso depois de uma boa surra.

Finalmente, depois de contarmos todos os milagres pesquisados no livro *Símbolos Maçônicos*, dos Irmãos Assis Carvalho e Xico Trolha, vamos contar a origem do termo ora estudado, o nosso famoso “Goteira”, conforme nosso entendimento

Consta nos velhos escritos ingleses que, durante as reuniões de Pedreiros, alguns curiosos subiam nos telhados das tavernas (tabernas), penduravam-se nas calhas ou nos beirais, ou ainda, deitados nos telhados e com as cabeças penduradas como se fossem goteiras da chuva, tentavam ouvir o que falavam ou ver o que faziam os maçons durante as reuniões.

Quando eram surpreendidos, acontecia tudo aquilo que dissemos anteriormente: apanhavam e eram colocados sob as goteiras da chuva, já que gostavam de assim se comportarem, como goteiras.

Daí a origem da palavra que jamais se perdeu no tempo.

Afirmam os escritores que a presença de um Irmão armado de espada fora dos Templos (Cobridor Externo) originou-se da necessidade dos maçons de se protegerem das Goteiras daquela época. O escritor do livro pesquisado (*Símbolos Maçônicos*) posiciona-se mais de uma vez quanto à necessidade de termos uma única Pal.: Sem.: entre todas as Potências, desde que consideradas regulares (reconhecidas por maçonarias regulares). De certa forma, não podemos deixar de concordar.

Uma só P.: Sem.: entre as Potências a que visitam e convivem harmoniosamente facilitaria a verificação entre os maçons quanto à regularidade, independentemente de potência maçônica. (*Símbolos Maçônicos – Assis Carvalho*)

CRUZ

A cruz é um símbolo universal, pré-cristão e dos mais antigos. De origem fisiológica, esteve associada às ciências iniciáticas e religiões antiquíssimas, como as do antigo Peru, Egito, Índia, China, Japão, Coréia, Tibete, Babilônia, Assíria, Caldeia, Pérsia, Fenícia, Armênia, Argélia e entre habitantes pré-históricos da França, Germânia e América.

Faremos estudo à parte sobre tal assunto, porém, desde os tempos mais primitivos, a cruz simbolizou o amor Divino, o ato de Deus, o Absoluto, limitando-se a condicionar-se a relatividade do tempo e do espaço e engendrar um universo para o nascimento, crescimento e aperfeiçoamento de seus filhos. (*Dicionário Encyclopédico Maçônico do Rito Escocês Antigo e Aceito*)

CURIOSIDADES NA MAÇONARIA

Curiosidade I

A palavra “arranha-céu” originou-se da denominação norte-americana “Skycraper”.

Essa palavra foi empregada para denominar, em 1892, o maior edifício do mundo, então existente na cidade de Chicago, e que foi construído para abrigar as Lojas Maçônicas da Grande Loja de Illinois. (*Wikipédia*)

Curiosidade II

Até hoje existe uma Loja na jurisdição da Grande Loja da Escócia que aceita unicamente maçons operativos. Trata-se da Loja “Operative” nº 150, na cidade de Aberdeen. Os seus membros são pedreiros, carpinteiros, escultores ou arquitetos. (*Wikipédia*)

Curiosidade III

O célebre Búfalo Bill nasceu em 26 de fevereiro de 1846, numa humilde cabana de madeira nos bosques do Condado de Scott, no Estado de Iowa, na América do Norte.

Aos 18 anos de idade, alistou-se no 7º Regimento de Cavalaria de Kansas, onde serviu como batedor. Foi Iniciado na Lona Platte Valley nº 32, nos Estados Unidos, em 10 de junho de 1871. Travou

inesquecíveis combates com os índios Cheyennes, quando colocou em prática os aprendizados maçônicos, estendendo a mão ao grande chefe Touro Sentado, fazendo dele um grande amigo.

Búfalo Bill recebeu dos índios diversos exemplos de comportamento que coincidem com os postulados maçônicos que o deixaram impressionado para sempre. Dizia ele:

- Os índios entendem que um homem deve ter palavra.
- Não compreendem que se possa mentir ou fingir, já que se estaria fazendo para si mesmo, e em primeira mão.
- Os índios preferem mutilar-se a proferir alguma inverdade.

“Búfalo Bill, nosso Irmão maçom, faleceu em 9 de janeiro de 1917.” (*Wikipédia*)

Curiosidade IV

Os maçons dos Estados Unidos da América do Norte e do Canadá contribuem com mais de meio milhão de dólares, diariamente, para a caridade, por intermédio de suas Grandes Lojas. Mais de 60% dessa importância é gasta com pessoas que nada têm a ver com Maçonaria. (*Wikipédia*)

Curiosidade V

O único Templo Maçônico flutuante de que se tem conhecimento está a bordo do navio “Argentina”, da linha de navegação McCormack. Durante as viagens, são feitos trabalhos maçônicos pelos oficiais de bordo e Irmãos passageiros. (*Wikipédia*)

Curiosidade VI

A Loja Jewel nº 374, da Grande Loja da Califórnia, na cidade de São Francisco, é a única Loja existente que começa os seus trabalhos

à meia-noite. A grande maioria de seus membros são músicos, atores e jornalistas, e para eles, meia-noite é a hora ideal para o trabalho maçônico. (*Wikipédia*)

Curiosidade VII

A Maçonaria na República de Costa Rica foi fundada pelo Padre Jesuíta Francisco Calvo. Anteriormente, o Padre Calvo fundou diversas Lojas na Colômbia. (*Wikipédia*)

Curiosidade VIII

A Aldeiazinha de Iredel, no Estado do Texas, tem ao todo cerca de 40 habitantes. Desse total, 14 homens são adultos e todos são maçons da Loja Iredel nº 405, existente na localidade. (*Wikipédia*)

Curiosidade IX

O ex-presidente dos Estados Unidos William McKinley, perguntado certa vez por que se tornara maçom, informou o seguinte: “Depois de uma batalha, fui com o médico do Regimento Ohio a um campo de prisioneiros, onde havia cerca de 5.000 prisioneiros confederados.

Quase imediatamente depois de passarmos pela guarda, notei que o médico e vários dos prisioneiros se davam cordiais apertos de mão. Também notei que o médico tirava dos bolsos cédulas de dinheiro e as distribuía entre os presos. Fiquei assombrado e não sabia o que aquilo significava.

No nosso regresso ao acampamento, perguntei-lhe: –Conhecia você estes homens, ou já os viu antes alguma vez? – Não –, retrucou-me o médico. ***Nunca os vi antes.***

– Então, como os conheceu e por que lhes deu dinheiro?
– perguntei-lhe.

Por uma questão de disciplina militar e vendo que não se comprometeria (entendi depois), ele disse:

– *Nós somos maçons, temos meios de nos reconhecermos e o dever de ajuda mútua.*

Porém, insisti:

– Você lhes deu muito dinheiro, praticamente tudo que tinha no momento, uma grande quantia. Como espera receber de volta essa quantia, se, com certeza, nunca mais os verá?

Ele disse:

Se eles alguma vez estiverem em condições de pagar-me, eles o farão, estejam onde estiverem. Porém, isto me é indiferente. São irmãos maçons em desgraça e eu estou cumprindo o meu dever.

Então, disse para mim mesmo: ‘Agora sei o que é Maçonaria, que sempre ouvi falar’.”

Assim nasceu o desejo do então futuro presidente dos Estados Unidos, McKinley, de ingressar na Sublime Ordem. (Wikipédia)

CURIOSIDADE X

A Maçonaria norte-americana estava interessada em adquirir o terreno existente em Jerusalém, onde foi situado o Templo do Rei Salomão, a fim de erguer naquele local um Templo Maçônico gigantesco.

Já haviam planejado fazer um gasto de cerca de 100 milhões de dólares. Entretanto, os maometanos, que são donos do terreno, informaram que não venderiam um centímetro sequer da área, por preço algum. (Wikipédia)



Quarta letra do alfabeto maçônico, indicada pela figura de dois “esquadros”, ligados, frente a frente. A figura nos lembra a letra “U” maiúscula com o ponto no centro.



Quarta letra do alfabeto maçônico, indicada pela figura de dois “esquadros”, ligados, frente a frente. A figura nos lembra a letra “U” maiúscula com o ponto no centro.



Pintura: Valdson Ramos



DECORAÇÃO DA LOJA

Trata-se do volume da Ciência Sagrada, o Esquadro e o Compasso, juntamente com a Carta Constitutiva, formam a decoração da Loja. (*Wikipédia*)

DECRETO

Decisão de um Alto Corpo regulador. É uma Lei, e pode ser revogada somente por decisão de uma assembleia. Enquanto o ato é normativo. (*Wikipédia/Rituais*)

DEGRAUS

Maçonicamente, os degraus da escada do conhecimento, que o postulante tem de subir gradativamente, até atingir o trono da Sabedoria.

Porém, existem os degraus no plano dos Templos, os quais dão acesso aos alteres dos Vigilantes e do Venerável, inseridos neste contexto de aperfeiçoamento do homem Iniciado, cada um representando uma etapa do crescimento.

Para se chegar ao Primeiro Vigilante, galgamos dois degraus que se denominam Justiça e Fortaleza.

Enquanto que, para se chegar ao Segundo Vigilante, galgamos apenas um degrau de nome Prudência.

Existem ainda os degraus que demandam ao Or.º, denominados: Força – Trabalho – Ciência e Virtude. Quando se está no Or.º, para se chegar ao Trono do Venerável Mestre temos mais três degraus, denominados: Pureza – Luz e Verdade.

Resumindo

Estando no Oriente, para se chegar ao Altar do Venerável temos que galgar os seguintes degraus: *FORÇA – TRABALHO – CIÊNCIA E VIRTUDE; PUREZA – LUZ E VERDADE (F.: T.: C.: V.: P.: L.: V.:)*.

Certa feita, quando no cargo de Instrutor Litúrgico de nossa Of.º, na tentativa de auxiliar os Irmãos a decorar os nomes dos degraus do Templo, montamos um versinho, sendo suas palavras o começo do nome de cada degrau. Esse versinho tem tudo a ver conosco, os Iniciados: “Formamos a Turma de Combate ao Vício; Podemos Lutar e Vencer.” (*mais um achismo? – grifo nosso*).

Ao pronunciar cada palavra principal do versinho, podemos lembrar a letra que inicia o nome do respectivo degrau. Força – Trabalho – Ciência – Virtude; Pureza – Luz – Verdade.

A ideia não é introduzir nada na maçonaria; apenas oferecemos uma maneira mais fácil para memorização, nada que venha a comprometer ou modificar a nossa ritualística. (*Arte Real*)

DELTA

Quarta letra do alfabeto grego. É o nosso triângulo. É o plano polígono. É às vezes figurado por três pontinhos, aqueles mesmos que apomos na nossa assinatura como maçons, marcando os pontos de interseção de suas três retas e o símbolo do tetragrama IEVE.

O Delta, representado pelo triângulo, está inserido em nossos Templos: o Delta Sagrado no Dossel e o Delta Luminoso centrado na parede ao fundo do Templo, atrás do trono de Salomão, tendo no centro o “Olho Divino ou que tudo vê”, significando o Criador. (*Freemason*)

DEPUTADO

Irmão eleito por uma Loja para representá-la numa Grande Loja ou Câmara Superior. Muito comum na potência G.: O.: B.: e, em 1998, foi instituído na Grande Loja de Goiás, vindo, no entanto, posteriormente, a ser abolido. Portanto, não há deputados da Assembleia Legislativa na Grande Loja de Goiás. (*Constituição*)

DESBASTAR

Frequentemente usado na preparação do maçom, principalmente na parte moral. Conhecer o próprio interior para que ele lhe obedeça. (*Rituais*)

DESPOJAR DE METAIS E VALORES

Procedimento a que o profano se submete antes de passar pela Iniciação Maçônica. Significa que deve retirar o que tiver nos bolsos. (*Rituais*)

DEUS

Ser Supremo em que se alicerçam todas as religiões, e cuja denominação varia em cada povo, seita ou instituição. Para a Maçonaria, Grande Arquiteto do Universo. (*Wikipédia*)

DEUS MEUMQUE JUS

Lema dos maçons do Grau 33, gravado em seus documentos. Significa “Deus é Meu Direito”. (*Dicionário Enciclopédico Maçônico do Rito Escocês Antigo e Aceito*)

DEUS VULT

Deus o quer. Lema de alguns grupos de Cavaleiros Kadosh do Brasil, gravado em estandarte branco. (*Dicionário Enciclopédico Maçônico do Rito Escocês Antigo e Aceito*)

DIA DO MAÇOM

O dia 20 de agosto foi declarado como o “Dia do Maçom”, em homenagem ao discurso proferido por Gonçalves Ledo em defesa da Independência do Brasil, na ARLS.: Arte e Comércio em 20 de agosto de 1820. Gonçalves Ledo era o Primeiro Grande Vigilante, e o discurso proferido por ele foi aprovado e nos levou à Independência do Brasil. (*academia.edu*)

DIÁCONO

Significa “Servidor”. Na Maçonaria, no R.: E.:A.:, é o nome dado ao Irmão encarregado de transmitir ordens das Luzes aos demais Irmãos e o cumprimento de determinadas cerimônias, como a formação da abóbada quando da abertura do L.: da L.:.

O Primeiro Diácono toma assento à direita do Venerável, sendo encarregado de transmitir suas ordens ao 1º Vigilante, demais dignitários e oficiais.

O Segundo Diácono toma assento à direita e um pouco à frente do primeiro vigilante, encarregando-se de transmitir suas ordens ao 2º Vigilante e de velar para que os Irmãos de ambas as colunas ali se conservem, com disciplina, respeito e ordem.

A joia usada pelos diáconos é uma pomba, que significa suas qualidades de mensageiros.

Na Igreja Católica, é o nome que se dá aos oficiais de segunda ordem, ou clérigo. (www.maçonaria.org)

DIGNIDADES

São dignidades os cinco primeiros cargos da Loja: o Venerável, o 1º e o 2º Vigilante, o Orador e o Secretário. As três primeiras dignidades se chamam Luzes.

Há escritores e regiões que preferem regulamentar assim: “As dignidades da Loja constituem seu Poder Executivo, com exceção do Orador, que é membro do Ministério Público.” (*Simbologia Maçônica dos Painéis*)

DIGNITÁRIOS

Os membros da Loja investidos de altas funções. (*Simbologia Maçônica dos Painéis*)

DIONISO OU DIONÍSIO

Dioniso (ou Dionísio, conforme a Wikipédia), nome do deus Baco. Era considerado o Sol personificado e foi morto por Titãs e dividido em 14 pedaços. Dioniso nasceu no Monte Sinai e recebeu de Deus vários regulamentos para seu povo (Êx. 16:15). Era o deus grego do vinho, das festas e um dos mais importantes deuses da mitologia grega. (Wikipédia)

DOSSEL

Lugar onde se senta o Venerável, no Oriente da Loja. Dossel Celeste é a aura do homem real, do maçom ideal, cujo simbolismo significa o corpo glorioso que a alma se reveste no mundo invisível,

o que se vê na túnica multicolor de José, filho de Jacó, na esplendente túnica do Iniciado (Gên. 37:3 e 32).

As duas colunas que sustentam (por assim dizer) o Dossel são as Toscanas.

A palavra DOSSEL vem de uma armação ornamental, saliente, forrada e franjada, que encima o altar, o trono etc., e significa sobrecéu.

Na estrutura da vegetação, é o estrato superior da formação vegetal. É a camada de folhagem contínua de uma floresta, arvoredo ou cerradão, composta pelo conjunto das copas das plantas lenhosas mais altas. Aplicável, sobretudo, à vegetação mais fechada.

O Dossel Maçônico parece ter origem e finalidade na Idade Média, quando se organizavam sobrecéus móveis para certas autoridades. (*Dic. Informal*)

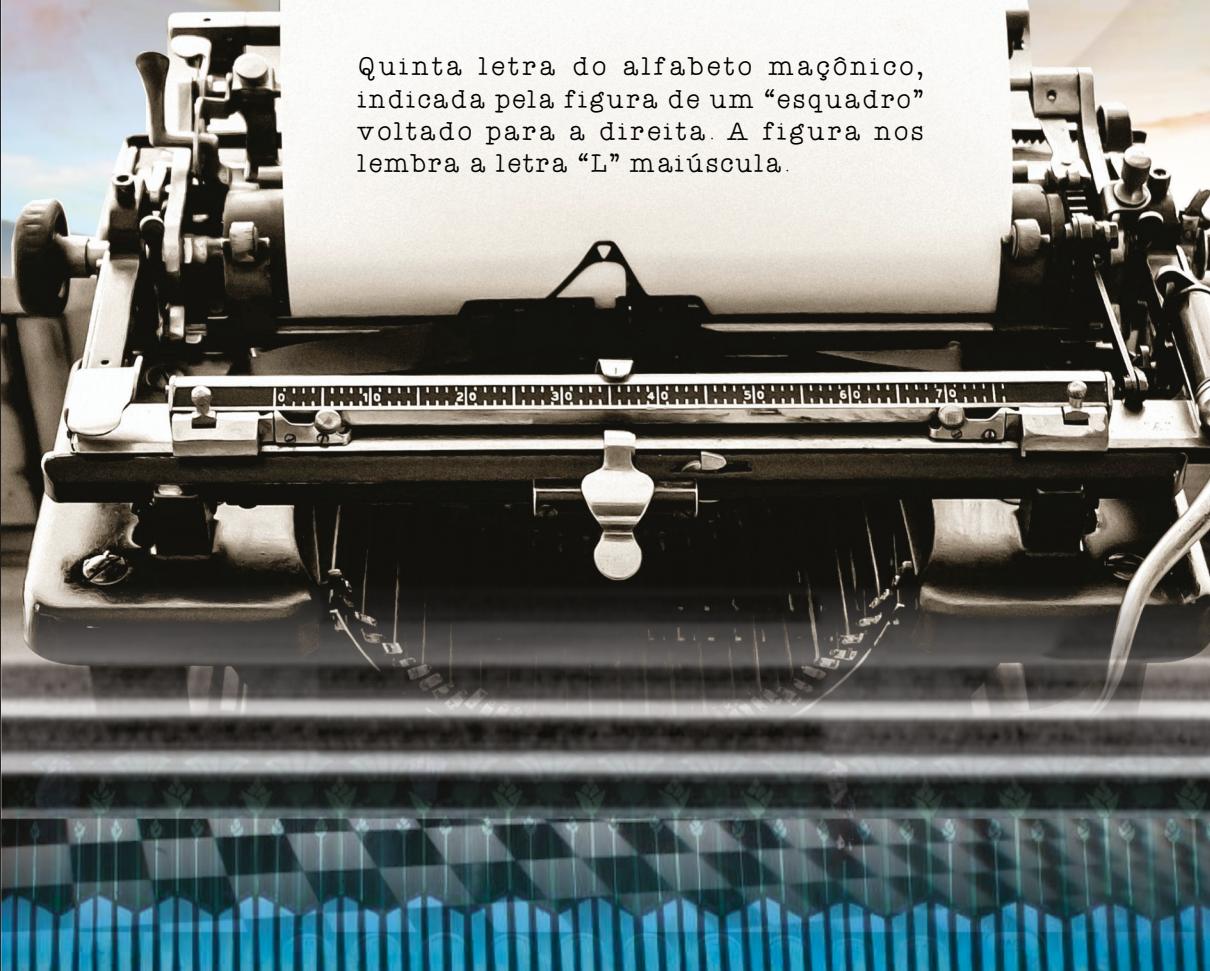
DOUTRINA MAÇÔNICA

Prende-se à tradição milenar contida em antigos documentos dos grêmios de operários da época medieval. Ao passar para a fase “Especulativa”, os velhos ensinamentos escritos foram revistos, alterados, modificados e adaptados, de modo a constituírem as novas “Constituições”. (*Wikipédia*)

Quinta letra do alfabeto maçônico, indicada pela figura de um “esquadro” voltado para a direita. A figura nos lembra a letra “L” maiúscula.

L

Quinta letra do alfabeto maçônico, indicada pela figura de um “esquadro” voltado para a direita. A figura nos lembra a letra “L” maiúscula.



Pintura: Valdson Ramos



EDUCAÇÃO E MORAL – LOJA MAÇÔNICA

Em 1832 foi fundada a Loja Maçônica Educação e Moral (*no Rio de Janeiro? – grifo do autor*), por Joaquim Gonçalves Ledo. Foi a primeira Loja Maçônica do Brasil a trabalhar no Rito Escocês Antigo e Aceito.

Instalada por João Paulo dos Santos, essa Loja recebeu carta-patente do Grande Oriente da França para fundar todos os Graus do Rito, inclusive os Consistórios.

Com o tempo, várias outras Lojas Educação e Moral surgiram no Brasil. Podemos citar a de Goiânia, jurisdicionada à Grande Loja Maçônica do Estado de Goiás, fundada em 07/07/1949, sendo a 3^a das Oficinas fundadas sob a jurisdição da Grande Loja de São Paulo, vindo, a seguir, juntamente com as outras duas primeiras do nosso Estado (Adoniram e Roosevelt), a promover a fundação da Grande Loja de Goiás. (*História da Grande Loja de Goiás*)

EGRÉGORA

(EGRÉGORA – ENERGIA CONCENTRADA)

José Eduardo Stamato, M.’I.’. ARLS Hórus 3811, REAA

Santo André – Grande Oriente de São Paulo, Brasil.

Nosso planeta tem um campo eletromagnético que se forma entre o solo e a parte inferior da ionosfera, perto de 100 km acima de nós. Esse campo possui uma ressonância, a ressonância Schumann, – que recebeu esse nome porque foi constatada pelo físico alemão Schumann em 1952.

É mais ou menos constante, da ordem de 7,83 pulsações por segundo. Não podemos ser saudáveis fora dessa frequência biológica natural.

Por milhares de anos, a Terra permaneceu nessa vibração. A partir dos anos 80 e de forma mais acentuada a partir dos anos 90, essa frequência passou de 7,83 Hz para 11Hz e depois para 13 Hz. Com essa alteração, aumentaram as perturbações climáticas e atividades sismológicas, criando desequilíbrios no planeta e no “comportamento das pessoas”.

Todo agrupamento de seres gera uma força de coesão que mantém o grupo unido, não importa se consciente ou não. Isso possibilita um poder, um vigor que pode ser usado para uma batalha ou trabalho grupal, incitando a participação individual na busca do objetivo. Observamos isso na natureza em todos os seres vivos, é uma ação instintiva e por vezes incontrolável, a não ser por um poder mais forte que iniba a ação.

A força criada pelo agrupamento sempre é estimulada e utilizada por um elemento que se destaca do grupo (um líder), direcionando essa energia para um objetivo que o grupo pode acatar, seguindo-o, ou dissolver-se lentamente.

Essa força é criada pelo nosso cérebro, que é um acumulador e gerador de energias que já estão identificadas e mapeadas pela ciência. O eletroencefalograma (como exemplo) mede essas forças, nominando-as como ondas. Essa força criada pelo nosso cérebro tem como causador a nossa vontade, com boas intenções ou não, podendo ser dissimulada = encoberta.

AS ONDAS E SUAS FINALIDADES CONFORME A CIÊNCIA

Ondas Épsilon, frequência abaixo de 0,5 Hz: favorecem estágios profundos e avançados de meditação; estados de êxtase da consciência; inspiração e criação de alto nível; intuição espiritual e experiências místicas fora do corpo.

Ondas Delta, frequência entre 1/3,9 Hz: favorecem o sono profundo sem sonhos; hormônio de crescimento liberado; perda de consciência corporal; relaxamento físico profundo; acesso à mente inconsciente coletiva.

Ondas Teta, frequência entre 4/7,9 Hz: favorecem a consciência reduzida; sonhos; meditação profunda, intuição; a aprendizagem e memória; alta criatividade, picos de intuição e inspiração; cura espontânea; ação da hipnose.

Ondas Alfa, frequência entre 8/13,9 Hz: favorecem a atenção relaxada (calma) e boa saúde; coordenação mental; memória de longo prazo; criatividade e visualização; associadas à meditação leve; relaxamento “acordado”.

Ondas Beta, frequência entre 14/30 Hz: favorecem a ação linear (sem variações), pensamento do hemisfério esquerdo; associadas ao estresse, ansiedade e ao medo; ondas não sincronizadas; útil para memória de curto prazo e trabalhos de rotina; pensamento consciente, foco externo; sujeita a alterações emocionais, a mais instável e a que estamos funcionando no dia a dia.

Ondas Gama, frequência entre 30/100 Hz: favorecem a hiperconcentração e foco; fundamentais para a autoconsciência e discernimento; não são bem compreendidas, mas ligadas à percepção e atenção.

Essa energia é cumulativa, quando estimulada com consciência produz resultados independentes de ações físicas; age num plano além do físico, atingindo as mentes que se identificam com interesses

mais elevados, não importando tempo ou espaço, é uma “mobilização das reservas latentes do cérebro”, estabelecendo um equilíbrio dessas frequências. (*Acreditamos que o autor, na descrição dos efeitos dessa onda, abordou um pouco o seu estudo espiritualista, o que é motivo de elogio de nossa parte – grifo nosso*)

EGRÉGORA DA MAÇONARIA **(grifo nosso)**

O termo que utilizamos em nossa Ordem é Egrégora, que corresponde ao estado de consciência dos integrantes da Loja, onde frequentamos e nos manifestamos. “É um conceito ‘espiritualista’ moderno, segundo o qual a conjunção de pensamentos de um grupo forma uma espécie de entidade viva e invisível, capaz de auxiliar os membros de tal agrupamento.”

Esse “estado de consciência” é estabelecido com a comunhão (com o empenho, dedicação e auxílio) de todos que participam dos nossos trabalhos por meio de nossa Ordem, gerando uma força que pode ser utilizada, fortalecendo a instituição.

É enfraquecida quando há um distanciamento dos Princípios Gerais que nos unem, dissociando seus fins – Liberdade, Igualdade, Fraternidade.

Essas frequências, quando equilibradas na Loja e correspondem com o grau de consciência de cada um (mesmo propósito), se tornam um campo, gerando um crescimento da Loja e dos IIr.:, proporcionando a fixação dos princípios propostos pela Ordem e estimulando o grupo a promover ações que possam dignificar a coletividade, orientando-a e auxiliando em sua existência.

O trabalho formal exercido pela ritualística promove em nossas mentes uma integração em nossa percepção e atenção, proporcionando uma sessão coerente e harmônica, aumentando a eficiência do mecanismo cerebral por meio da regularidade da prática.

É uma meditação. É preciso ter nossos princípios “incorporados” e ter disciplina na execução ritualística para fortalecimento dessa “energia”.

Cabe lembrar que todas as frequências que se propagam pelo espaço normalmente não são percebidas pela nossa consciência, mas atingem os nossos órgãos receptores e podem ser percebidas em formas compreensíveis.

NOTAS

Como entender o Hertz (*grifo do autor*) – Exemplo: A taxa de atualização de um monitor se refere ao número de vezes que uma nova imagem pode ser exibida por segundo. Isso é medido em Hertz (Hz). Por exemplo, se o seu monitor tem uma taxa de atualização de 144 Hz, a imagem será atualizada 144 vezes por segundo.

Definição de atualização – Versão de um produto informático destinado a corrigir, melhorar, documentar, completar ou substituir funcionalidades de uma versão anterior (*grifo do autor*).

Hertz – Unidade de frequência equivalente à frequência de um fenômeno periódico cujo período é de 1 segundo. Nome atribuído em homenagem ao engenheiro elétrico alemão Heinrich Hertz (1857/1894), que confirmou a tese de Maxwell que estabelecia a identidade de transmissão entre a eletricidade, a luz e o calor irradiante; descobriu também a ação exercida pela luz ultravioleta nas descargas elétricas.

Do grego *egregorein*, que significa «velar, vigiar». As pesquisas atuais confirmam essas frequências cerebrais como alicerce no equilíbrio da mente e do corpo; o termo “espiritualista” pode confundir a verdade atrás dos fatos comprovados.

Participação em comum de crenças, ideias ou opiniões. (Não há Liberdade quando o I.: se sobrepõe sobre os demais; não há Igualdade quando um ego está exaltado; não há Fraternidade quando um Ir.: se considera o centro).

Em nossos rituais, é informado pelo Cobridor (um guardião) que o Templo está “protegido”, isto é, estima-se que todos os presentes estejam “preparados”, isto é, em harmonia para os trabalhos. O Templo é o interior de cada um dos IIr...:

Winfried Otto Schumann (1888/1974) demonstrou que a Terra é cercada por um campo eletromagnético pulsante com a frequência de 7,83 Hz, embora essa ressonância já teria sido detectada por Nikola Tesla (austríaco de nascimento e naturalizado norte-americano – 1856/1943) 60 anos antes. Tesla criou (1893) a transmissão sem fio de energia para aparelhos eletrônicos por meio do projeto Wardenclyffe Tower, mencionado hoje como inacabado.

BIBLIOGRAFIA

Wikipédia – A encyclopédia livre – WEB
Dicionário da Franco-Maçonaria – Alec Mellor – Ed. Martins Fontes
(Neste dicionário, a explicação foi de expor de uma maneira inteligível (para a época) o que se apresentava como obscuro, sem uma base real.)

(Adaptação para apresentação (falar e explicar, ouvir e entender) efetuada por Milton de Souza, preservando e respeitando, na íntegra, as ideias, conceitos e pesquisas do autor do trabalho, além de conceder os merecidos créditos.)

EL HANAN

(Do hebraico El = Deus + Hanan = graça, dádiva, misericórdia). Palavras de graus filosóficos. (*Dicionário Encyclopédico Maçônico do Rito Escocês Antigo e Aceito*)

ELEIÇÃO

Sistema democrático adotado pela Maçonaria em geral, e suas Lojas em particular, para a seleção de ocupantes de postos, cargos ou comissões. (*Dicionário Encyclopédico Maçônico do Rito Escocês Antigo e Aceito*)

ELEITO

Todo Obreiro escolhido mediante eleição. (*Rituais*)

ELEMENTOS

Substâncias usadas nas provas simbólicas iniciatórias: terra, água, ar e fogo. (*Wikipédia*)

ELEVAÇÃO

Promoção de um maçom a um grau superior. Denomina-se Elevação a passagem do Grau de Aprendiz para o Grau de Companheiro. (*Rituais*).

ELIAH

Do hebraico, significa Deus Excelsos. (*Dicionário Encyclopédico Maçônico do Rito Escocês Antigo e Aceito*)

ELOAH

Um dos nomes femininos de Deus. No Plural, Elohim. (*Dicionário Encyclopédico Maçônico do Rito Escocês Antigo e Aceito*)

EMMANUEL

Significa “Deus seja Convosco”. Palavra de reconhecimento de vários graus filosóficos. (*Dicionário Encyclopédico Maçônico do Rito Escocês Antigo e Aceito*)

ENTRADA DE RETARDATÁRIOS

Os Obreiros retardatários deverão adentrar ao Templo obrigatoriamente, com formalidades, ou seja, executarão a Marcha

Ritualística, respondendo a seguir as perguntas formalizadas pelo Venerável Mestre (o chamado Trolhamento), devendo aguardar entre Colunas a autorização para ocupar seu lugar.

Todos os obreiros presentes permanecerão sentados, mesmo no caso de o retardatário ser Mestre Maçom ou Mestre Instalado. De acordo com o Ritual em uso naquela Potência Maçônica, poderá o Venerável Mestre ou o Grão-Mestre, em circunstâncias excepcionais, dispensar o cumprimento desta formalidade. (*Rituais*)

ESTAR ENTRE COLUNAS

É costume na Maçonaria dizer que se está Entre Colunas quando se está entre as Colunas B e J (*Colunas vestibulares*)

O termo Entre Colunas é amplamente utilizado pelos maçons tanto dentro dos Templos como fora dele, no mundo profano, e seu significado é bastante amplo e controverso, apresentando uma rica variedade de interpretações e várias conotações.

Fora dos templos, quando um maçom adverte o outro de que o assunto em questão vai ficar Entre Colunas, leva necessariamente a uma mudança no rumo dos fatos, a uma maior seriedade à conversa, nos relembrando de que somos maçons e como tal deveremos nos portar diante do que ouviremos ou faremos.

Muitas vezes será um pedido de sigilo absoluto sobre o assunto tratado, ou a solicitação de um favor especial, ou ainda alguma advertência sobre nossa conduta, nos obrigando a escutar conselhos, a tomar atitudes e posicionamentos muitas vezes diferentes, pois fomos alertados da nova situação por um Irmão.

O interior de uma loja Maçônica (Templo) é dividido em quatro partes, onde ela simboliza o Universo. Assim, temos o Oriente, o Ocidente, o Norte e o Sul.

Em algum tempo na história, logo após a construção do primeiro Templo Maçônico do mundo, o Freemasons Hall, em Londres, no

ano de 1776, baseado inteiramente no parlamento inglês, construído em 1296, estabeleceu-se que as áreas pertencentes ao norte e ao sul chamar-se-iam Coluna do Norte e Coluna do Sul.

Assim, quando um Irmão, em Loja, está Entre a Coluna do Norte e a do Sul, e não entre as Colunas B e J, mesmo próximo à grade que separa o oriente do resto da Loja, o Irmão estará Entre Colunas.

Dessa forma, é extremamente incorreto dizer que o passo ritualístico dos maçons tem de começar entre as Colunas B e J.

Tanto é verdade, que os Templos modernos, especialmente de Lojas de Jurisdição da Grande Loja Unida Sul-Americana, têm as Colunas B e J junto à porta de entrada do templo pelo lado de dentro; já o Grande Oriente do Brasil de MG tem suas Colunas B e J no Átrio e não no interior do Templo.

Em toda Assembleia Maçônica, o Irmão poderá fazer uso da palavra em momento oportuno; caso queira obter a palavra estando *Entre Colunas*, poderá solicitá-la com antecedência ao Venerável Mestre, e obrigatoriamente levar ao seu conhecimento o assunto a ser tratado. (www.freemason.com.br)

EQUINÓCIO

Pontos da órbita da Terra ao redor do Sol. (*Wikipédia*)

ERA MAÇÔNICA

Época em que começaram a ser contados os anos da cronologia da Ordem. Também chamado de ano da Verdadeira Luz. Esse calendário é análogo ao ano judaico.

Começa em março ou julho, acrescentando-se 4000 anos ao ano vulgar. Baseia-se na concepção bíblico-judaica da idade da criação do mundo. (*Wikipédia*)

ERA VULGAR

É o mesmo que era cristã, a nossa era atual, a partir do nascimento de Jesus Cristo. (*Wikipédia*)

ESCADAS

Relaciona-se com Evolução dentro da Iniciação. (*Rituais*)

ESCADAS DE JACÓ

E Jacó sonhou: e eis que uma escada era posta na terra, porque o Sol era posto, e eis que os anjos de Deus subiam e desciam por ela, e eis que o Senhor está em cima dela (Gên. 28:12, 13).

A escada mística vista por Jacó simboliza singelamente o ciclo involutivo e evolutivo da vida, em seu perpétuo fluxo e refluxo, através de nascimentos e mortes, a desdobrar-se em hierarquias de seres, mundos, reinos de vida e raças.

Segundo a tradição maçônica, escada com esse significado consta de 14 degraus, correspondentes também às sete cavernas iniciatórias.

Mas em verdade seus degraus são tantos quantos são as virtudes necessárias ao aperfeiçoamento individual, e das quais as três principais são a Fé, a Esperança e a Caridade, ali simbolizadas pela Cruz, a Âncora e o Cálice.

Acreditavam os antigos que a evolução da alma se operava em sete globos, exatamente os que se conheciam como planetas: Saturno, Mercúrio, Vênus, Júpiter, Marte, Lua e Sol.

Assim, se deduz que a escada de Jacó na Maçonaria nos recorda perpetuamente a universal lei da evolução e a existência de poderosas hierarquias cooperando maravilhosamente na sua execução através de milênio de milênios. (*Freemason*)

ESCADA EM CARACOL

Lenda do 2º Grau simbólico maçônico,, alegoricamente baseada no relato bíblico (I Reis 6:8) que diz: “*A porta da câmara do meio está à banda direita da casa, e por caracóis se subia à câmara do meio.*”

Não obstante ter se materializado bastante essa lenda, não é difícil atinar-se com o seu sentido esotérico. Significa pura e simplesmente que a evolução em geral não se desenvolve numa progressão retilínea (reta) constante, matematicamente invariável, mas por etapas, em ciclos ascendentes (ou em espiral) cujas volutas vão se alargando cada vez mais até se confundirem com o infinito.

Teoricamente, o candidato é quem busca incessantemente mais e mais luz, e cada cerimônia iniciatória visa satisfazer-se essa aspiração, passo a passo, em sua escalada ascensional do grau inferior para o superior, para o seu progressivo autoaperfeiçoamento.

Pode-se figurar esse fato, graficamente, por uma penosa e dramática marcha feita de avanços e paradas, de retomadas de posições, de quedas e de ascensões, de derrotas e triunfos, porém por um vitorioso coroamento final de seus esforços, através, alegoricamente, de uma escada em caracol.

Conforme o Ritual, o significado da Escada em Caracol vista no Painel da Loja do 2º Grau alegoriza, também, um jovem que, tendo passado à adolescência como Aprendiz, e à virilidade como Companheiro, tenta ousadamente avançar e subir, apesar do caminho tortuoso e da subida difícil, na esperança de, pela diligência e pela perseverança, chegar à idade madura como um Mestre esclarecido. Por outro lado, ao iniciarmos a subida de uma escada em caracol, se fixarmos o olhar no ponto central de sua base, poderemos enxergar sempre o mesmo ponto a cada degrau que galgarmos, mas cada vez de um plano mais elevado.

A Escada em Caracol é dividida em três seções de 3, 5, 7 ou mais degraus, por onde os Companheiros subiam ao serem verificados

pelo 1º Vigilante. Os três primeiros degraus simbolizam as três Luzes que governam a Loja: Venerável, 1º e 2º Vigilantes; os cinco degraus simbolizam os Irmãos que constituem a Loja, ou seja, os três que a governam, mais dois Companheiros; sete ou mais degraus da escada simbolizam os sete Irmãos que a tornam perfeita, ou seja, os cinco que a compõem, mais dois Aprendizes.

Três Irmãos Mestres dirigem a Loja porque foram três os Grão-Mestres que presidiram a construção do primeiro Templo de Jerusalém: Salomão, rei de Israel; Hiram, rei de Tiro; e Hiram Abi. Cinco Irmãos, sendo que os três primeiros e mais dois Companheiros a dirigem em alusão às cinco ordens nobres da arquitetura: Toscana, Dórica, Jônica, Coríntia e Compósita.

Sete ou mais Irmãos tornam a Loja perfeita, porque Salomão gastou mais de sete anos na construção, acabamento e consagração do Templo de Jerusalém a serviço de Deus. Há também, nesse número, uma alusão às sete artes e ciências: gramática, retórica, lógica, aritmética, geometria, música e astronomia. (*Rizzardo*)

ESCOCÊS (RITO; ESMOLER)

Denominação de Ritos da Maçonaria, que vulgarmente os maçons pouco instruídos confundem numa só denominação. São sete os Ritos chamados Escoceses, a saber:

Escocês Antigo e Aceito, em 33 graus, adotado pela Grande Constituição de 1786, sob os auspícios, “diz-se”, do rei da Prússia, Frederico II.

Escocês Filosófico, em 18 graus, também denominado Loja Mãe Escocesa de Marselha, fundado no ano de 1850.

Escocês Filosófico em 15 graus, em Paris.

ESCOCÊS PRIMITIVO (I)

Em 25 graus, também chamado Conselho dos Imperadores, em Paris.

ESCOCÊS PRIMITIVO (II)

Formado em 10 graus, na França.

ESCOCÊS PRIMITIVO (III)

Formado em 33 graus, na Bélgica.

ESCOCÊS REFORMADO (IV)

Em sete graus, na Alemanha e Prússia.

ESMOLER

Nome dado às vezes ao Irmão hospitaleiro no Escocês.

ESOTERISMO

(Grego – *esotérikoς* = “interno”).

Doutrina que se oculta à generalidade das pessoas e se revela apenas aos Iniciados.

É o conhecimento direto da verdade, acessível aos moral e intelectualmente preparados, e adquirível por meio do estudo dos símbolos e alegorias, meditação no seu significado interno, intuição e realização das instruções recebidas. (*Freemason*)

ESPADA

Usada nas cerimônias maçônicas como símbolo do poder e autoridade, e emblema dissipador das trevas da ignorância. (*Rituais*)

ESPADA FLAMÍGERA

Que tem a lâmina ondulada, qual língua de fogo serpentino. É usada pelo Venerável Mestre, símbolo do poder criador do GADU...

Só deve tocar na Espada Flamígera um Mestre Instalado, quando o Iniciado é admitido nas fileiras da Ordem. (*Rituais*)

ESPAÑA

A organização da Maçonaria na Espanha data de 15 de fevereiro de 1728, por Duque Filipe de Wharton, maçom inglês, delegado da Grande Loja da Inglaterra, que, achando-se ali, fundou a primeira loja, denominada Matritense.

Mas, em 1940, o Rei Felipe resolveu coadjuvar a bula de 28 de abril de 1738 do Papa Clemente XII contra os maçons, e ele mesmo publicou o édito contra a Ordem, resultando em tenaz perseguição aos maçons. (*Dicionário de Maçonaria*)

ESPÍRITO SANTO

Terceiro aspecto ou divindade da Trindade Divina cristã, cuja manifestação se comemora no Dia de Pentecostes, e de que é um símbolo a cruz de quatro braços iguais. (*Dicionário de Maçonaria*)

ESQUADRO

Um dos símbolos maçônicos mais usuais e que, junto ao compasso, representa o emblema mais conhecido dos maçons. Simboliza a Equidade, Justiça e Retidão, e constitui a joia do cargo de Venerável, porque este deve ser o maçom mais reto e justo da Loja.

Em conjugação com o Compasso, que representa Deus, ou o Eu Superior, para o qual deve o Iniciado dirigir constantemente suas aspirações, o Esquadro substitui o Quadrado para representar o mundo, ou o eu inferior, com seus desejos e paixões subjugados e

dominados, e recorda ao maçom que deve buscar unir-se à sua fonte de origem e desprender-se das ilusões terrenas.

Por isso se diz que o verdadeiro maçom se encontra sempre entre o Esquadro e o Compasso.

Nos três graus simbólicos, o Esquadro é o símbolo de retidão e disciplina maçônica, sendo uma joia móvel da Loja devido à sua transferência a outro Irmão a ocupar o cargo de Venerável. (*Aslan*)

Ramos do Esquadro (Pedro Juk – jukirm@hotmail.com)

...Todavia, na doutrina maçônica, o cumprimento dos seus ramos distingue o esquadro operativo do esquadro componente das Três Grandes Luzes Emblemáticas, ou das Três Luzes Maiores.

Nessa distinção, o Esquadro que compõe as Luzes Emblemáticas tem ramos iguais, isto é, sem cabo e sem graduação, já que esse símbolo, como componente da tríade emblemática, sugere parte da constituição do código de moral inerente ao conjunto composto ainda pelo Livro da Lei e pelo Compasso.

Na Potência amiga GOB, o Ritual prevê que os ramos do Esquadro sejam desiguais (*equivocadamente, diz o escritor Pedro Juk*). Nesse caso, ele informa o seguinte:

“Pelo que exara o ritual, o lado menor (sic), que deveria corretamente ser denominado como ‘ramo’, fica disposto à esquerda do Orador (oficiante – grifei – já que na Grande Loja de Goiás nem sempre é o Orador) no momento em que ele estiver abrindo o Livro da Lei (coincide com a sua mão esquerda), a despeito de que a Dignidade mencionada estará, na oportunidade, de costas para o Ocidente. Em síntese, é o lado Norte do Oriente, se é que assim se pode dizer.”

ESQUELETO

Figura nas alegorias maçônicas como símbolo da morte e aniquilamento do corpo físico, com seus encantos, ambições, vaidades, orgulho e materialismo. (*Dicionário Maçônico*)

ESSÊNIOS

Do hebraico (asha) = curador. Segundo outros autores, significa piedosos. Os essênios eram também conhecidos como “terapeutas”. Viviam em pequenas comunidades e estavam localizados em Engadi, do lado ocidental do Mar Morto, no Egito.

Os essênios praticavam o Rito Místico, eram vegetarianos, castos (abstinham-se de sexo), sacrificavam animais, observavam o sábado, praticavam a cerimônia do pão, vinho e sal, que depois foi incorporada ao Cristianismo (Santa Eucaristia) e à Franco-Maçonaria. (*Wikipédia*)

ESTANDARTE

É o símbolo representativo da Loja, caracterizado por uma bandeira que a representa. Espécie de insígnia usada pelas Lojas Maçônicas, e serve como bandeira da Oficina. (*Rituais*)

ESTRASBURGO

Antiquíssima cidade, outrora denominada Argentorato. Foi um dos maiores estabelecimentos romanos nas Gálias e celebrou-se nos fatos maçônicos dos antigos grêmios e confrarias dos construtores por ter sido a sede do primeiro poder central fundado pelos Franco-maçons na Alemanha.

Havia ali um colégio de arquitetos que acompanhava o exército romano e ali construíram um importante centro cultural. (*Dicionário*)

ESTRELA FLAMEJANTE

Colocada ao Oriente da Loja, no Dossel, acima da cabeça do Venerável. Simboliza o homem perfeito, Deus manifestando-se plenamente no homem, o Iniciado, o Microcosmo. (*Rituais*)

ETAPAS DO APRENDIZADO MAÇÔNICO

Fato interessante acontece no aprendizado maçônico: recebemos as instruções regulamentares de cada grau simbólico, ministrados e assistimos nas Lojas as apresentações de trabalhos e peças de arquitetura alusivos à história da maçonaria, suas fases de desenvolvimento, suposições e afirmativas sobre sua origem e respectivas datas etc., mas, na reunião seguinte ou nos momentos de passarmos adiante os ensinamentos recebidos, considerados, naquela oportunidade, como superimportantes e merecedores inclusive dos nossos marcantes elogios, somos, via de regra, surpreendidos pela amnésia total da matéria.

Por isso acreditamos ser enorme perda de tempo o fato de apenas “entendermos ou compreendermos” um assunto maçônico exposto e não “aprendê-lo”.

ENTENDER ou compreender não é a mesma coisa que APRENDER. Claro que sem entender jamais vamos aprender. Ambas as coisas são essenciais e fazem parte do passo a passo na escalada do aprendizado maçônico.

Vale salientar que para os estudiosos no assunto memorização, aqueles que consideram os termos “entender e aprender” como obra concluída do aprendizado estão enganados.

Após essas etapas vem a “RETENÇÃO”. Estudos indicam que, ao gravarmos na memória algo que nos foi ensinado, obtemos o sentimento de que aquilo nos é útil; caso contrário, não memorizamos, tal como o provérbio: “entrará por um ouvido e sairá pelo outro”.

Muitos de nós, maçons, entendemos que, uma vez gravados na memória, os ensinamentos históricos e ritualísticos em geral sobre a Ordem constituem o aprendizado final, já que o conhecimento foi conquistado.

É claro que a retenção desses ensinamentos na memória é muito importante, mesmo porque os fatos podem ser reprisados no futuro.

No entanto, sabe-se, até no meio bíblico, que o conhecimento adquirido e não utilizado não tem utilidade e nem muito valor social, muito menos no meio maçônico, parecendo, até, comportamento egoísta.

“PRÁTICA – DISSEMINAÇÃO” seria a etapa seguinte. Colocar em prática aquilo que entendeu/compreendeu, aprendeu, e rereve na memória.

Colocar em prática os ensinamentos maçônicos recebidos não é tão simples como pode parecer, pois envolve algo muito complexo na natureza humana: a mudança de hábitos. Há também o fato de que não basta dizer “faça o que falo e não o que eu faço”. Ao disseminador, não basta parecer; terá de ser exatamente como prega para dar o exemplo.

O ser humano é uma “máquina de repetição”. Quando aprendemos a fazer alguma coisa, normalmente a repetimos até o final de nossas vidas. Podemos até mudar alguns hábitos, desde que situações relevantes nos forcem a isso, o que significaria “sair da zona de conforto”, demandando, para isso, esforço ou disciplina. Nesse caso, duas forças nos moveriam: “**motivação e cobrança**”.

Motivação, em nosso caso de maçons, significa compreender os benefícios e o real valor do conhecimento maçônico. Em outras palavras, o maçom empreenderá esforço e energia necessários para colocar o conhecimento em prática se compreender uma coisa básica: “**o que eu ganho com isso?**”.

Corre-se ainda o risco de, colocando-se o ensinamento maçônico em prática, o inconsciente compreender que o valor do possível benefício não é suficiente para justificar o esforço empreendido, por dois motivos: 1) O esforço não é igualitário; 2) O maior beneficiado seria a Loja, o dirigente, a instituição etc., e não ele.

Mais um motivo para não se colocar o ensinamento em prática. **Por autossabotagem:** “O ser humano ainda possui muito senso irracional. Constantemente faz coisas que prejudicam a ele mesmo, conscientemente. Exemplo: fumamos, exageramos na bebida alcoólica, nos alimentamos mal, sabendo que esse uso prejudica a saúde.”

Quantas dicas excelentes o homem recebe e na hora de aplicar esquece, ou lembra, mas continua agindo como sempre agiu.

Quando uma motivação (*força interna*) exercida pelo *entendimento/compreensão*, pela *retenção na memória* e pela *prática/disseminação* não é bastante suficiente para levar o maçom à mudança dos seus próprios hábitos, resta a ação de uma força externa: **“uma cobrança do superior, a recordação de um juramento, de um compromisso, os regulamentos que punem etc.”**.

Sintetizando, na maçonaria, ensinar o que se aprendeu constitui na melhor etapa do aprendizado, podendo ser o maior motivo de agradecimento. Trata-se de verdadeira realização pessoal.

Porém, não são somente os outros que se beneficiam dessa disseminação (*ensinamento*); ao ensinar, o maçom fixará ainda mais na própria memória os ensinamentos recebidos: **“Ensina-se aprendendo, aprende-se ensinando”** (*disse uma mentora espiritual*).

“CRIAR” – Finalmente, trata-se da última parte do aprendizado, o qual evolui a partir do momento em que o maçom o utiliza para gerar novos conhecimentos; é quando o Iniciado estudioso se sente “*alçando voo*” nos estudos, tornando-se autônomo para aprender, livre, corajoso e resoluto nas pesquisas.

CRIAR, na maçonaria, significa estar preparado para receber, para ouvir, a exemplo da terra que foi preparada para o plantio.

Significa o maçom de mente aberta para outras opiniões, ideias, para compreender a natureza, para acessar novas ferramentas de pesquisas, para conhecer novos e antigos ensinamentos maçônicos, outros modelos, sem, no entanto, despersonalizar-se e muito menos contrariar as leis de sua subordinação maçônica. (*A adaptação tem referência no estudo apresentado pela Actavox Consultoria.com.br*).

EXALTAÇÃO

Aumento de salário do Companheiro ao Grau de Mestre.
(*Rituais*)

EXÉQUIAS

Diz-se, de forma resumida, da cerimônia fúnebre. Também denominada de “Loja de Dor”, quando a cerimônia é executada com formalidades. (*Rituais*)

Exigência (1ª) legal para abertura dos trabalhos

Venerável: *Irmão Orador, o que é necessário para a abertura dos trabalhos?*

Orador: *Que estejam presentes pelo menos sete Irmãos, dos quais, pelo menos três Mestres e que todos estejam revestidos de suas insígnias.*

Por que essa pergunta?

Por que o próprio Venerável não faz a verificação?

Tem simbolismo nos Templos do passado, quando, nessa passagem dos trabalhos, estavam na condição de penumbra (não havia iluminação adequada) e, a distância, o Venerável não teria condições de ver.

Há, ainda, a simbologia de cada Oficial ser chamado a desempenhar as suas funções. Nesse caso, apesar de ser o Secretário a confirmar sobre a condição exposta pelo Orador, sobre a quantidade de Obreiros em Loja, é o Chanceler que confirma esse número, pelo fato de ele estar de posse do livro de presenças.

Portanto, hoje, especulativos que somos, simbolicamente, o Venerável não consegue divisar quantos irmãos existem em Loja.

Observar que, mesmo diante da confirmação de que a Loja está coberta e de que estamos entre Iniciados, supondo com isso que o Venerável pode “abrir a Loja”, devem existir condições. Essas condições são anunciadas pelo Orador. Ele informa que deve haver a presença mínima de sete Irmãos, três deles devendo possuir a condição de Mestre e que todos estejam revestidos de suas insígnias.

Isto se dá pela necessidade desses três Mestres virem, obrigatoriamente, a ocupar os cargos de Venerável e dos Vigilantes, exigência do X Landmark.

O Orador não só verificará essa condição, bem como previne que todas as dignidades e Oficiais devem estar revestidos de suas insígnias, isto é, dos seus colares indicativos de suas posições. É importante lembrar que os aventais não significam insígnias e que esse item de verificação é de competência do 1º Vigilante; já foi verificado, mas, como pode passar despercebido, deve ser observado pelo Orador, a título de ajuda e cuidado. (*Rituais*)

Exigência (2^a) legal para abertura dos trabalhos

Venerável: *Irm.: M.: de CCer.:, a Loj.: está composta?*

M.: CCer.: Sim, Ven.: M.:, os cargos estão preenchidos e todos os presentes se acham revestidos conforme o uso da Ordem.

O cargo de Mestre de Cerimônias é um dos cargos de real importância de uma Loja Maçônica. Além das atribuições que lhe são de Regulamento, ele deverá ser um exímio executor da ritualística,

dos SS.: e das PPal.: dos graus simbólicos. Deve ter total domínio do Cerimonial Maçônico, tanto nas Sessões Econômicas quanto nas Magnas.

Além de tudo isso, deve ser um fiel cumpridor do Ritual em uso, lendo, entendendo e explicando aos demais Irmãos quando se fizer necessário. Nada deve retirar ou acrescentar ao que está no Ritual em uso.

Alguns Rituais de Grandes Lojas, como o que está em uso na nossa GLEG, mencionam: “conforme o uso da Loja” e não “conforme o uso da Ordem”, como é o correto.

Isso se prende à interpretação sobre a liberdade de ação nas Grandes Lojas do Brasil se estender às Lojas, e algumas regiões assim procedem.

O significado desse anúncio do Mestre de Cerimônias é transcendental, equivale a anunciar que a “obra está completa”, pois a Loja representa o Universo.

O Grande Arquiteto, que é Justo, que criou a obra Perfeita e não há como o homem contestar, jamais erraria na composição da Loja.

Portanto, a disposição dos Obreiros, ocupando os cargos, sejam seus titulares ou não, é feita após o anúncio do Mestre de Cerimônias.

Supondo-se que um titular chegue atrasado, não poderá ocupar o seu lugar, sob pena de desequilibrar a obra definitiva. O Grande Arquiteto criou o universo, além de perfeito, definitivo. (*Rituais*)

EXOTERISMO E ESOTERISMO **NA MAÇONARIA**

Nicola Aslan, em seu livro *Comentários ao Ritual de Aprendiz*, ao analisar esses dois modos de ser da Maçonaria, faz uma série de observações esclarecedoras: a Maçonaria apresenta dois aspectos, que lhe conferem duas personalidades muito distintas, o exotérico

e o esotérico: o primeiro assegura-lhe a qualidade de sociedade civil perante os poderes públicos e trata da organização do governo da Instituição, através de leis e regulamentos (mais ou menos semelhantes aos das demais associações profanas); o segundo, o mais importante, confere-lhe o aspecto de associação moral e espiritual, única razão de ser da Instituição Maçônica (trata-se dos Ritos Iniciáticos, da liturgia e, também, do ensino simbólico, esotérico e filosófico da Ordem). (*Diário de Cuiabá*)

EXPERTOS

Dignitários das Lojas simbólicas e substitutos imediatos dos Vigilantes, seguindo-se ao 2º Vigilante na ordem hierárquica, ou seja, na falta do 1º Vigilante, assume o seu lugar o 2º Vigilante, e em seu lugar assume o 1º Experto, e, por conseguinte, o seu lugar é ocupado pelo 2º Experto.

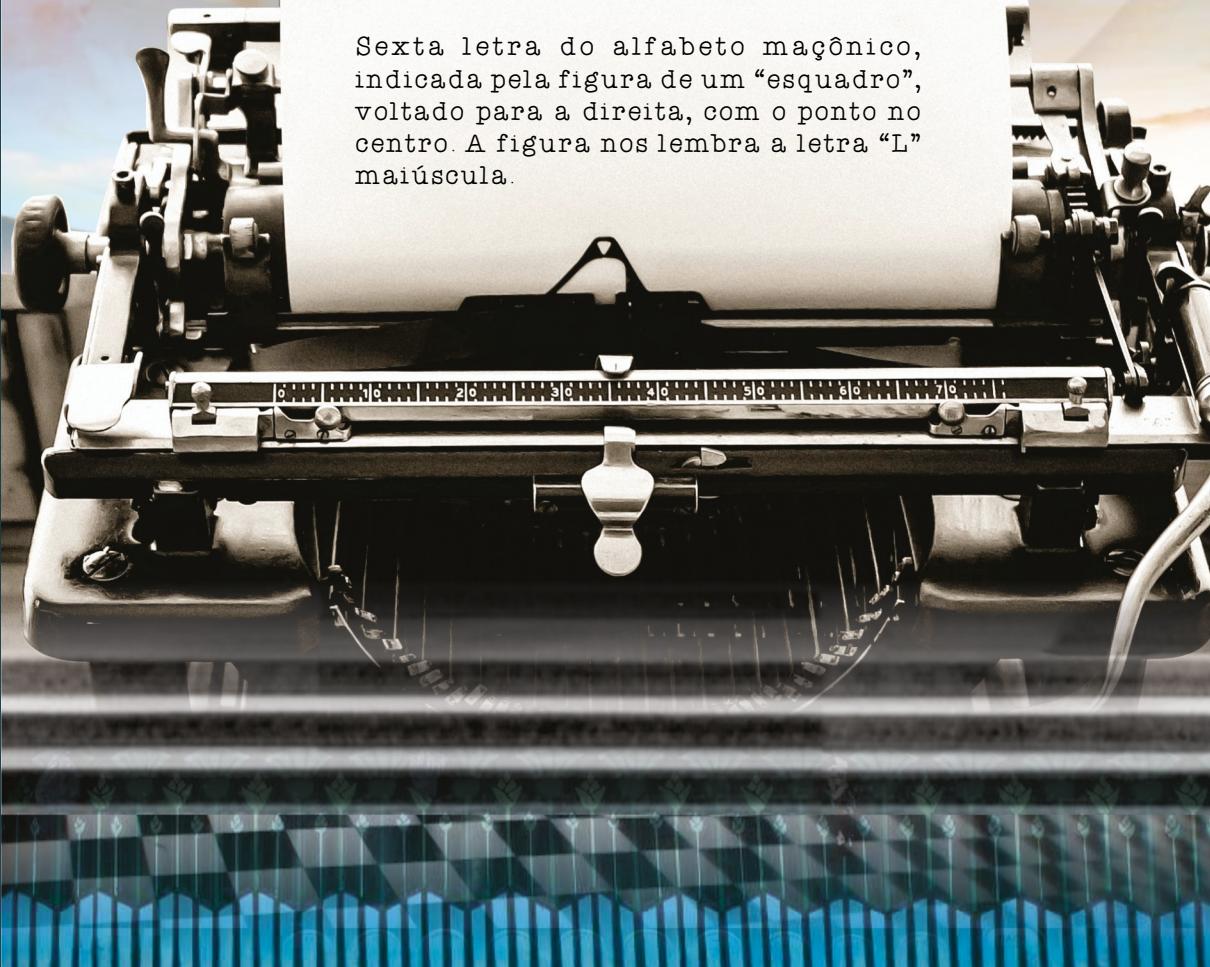
São informes de alguns escritores, embora muito raramente se veja, no entanto faz muito sentido, não se sabendo, portanto, se seria mais uma invencionice. (*Rituais*)



Sexta letra do alfabeto maçônico, indicada pela figura de um “esquadro”, voltado para a direita, com o ponto no centro. A figura nos lembra a letra “L” maiúscula.



Sexta letra do alfabeto maçônico, indicada pela figura de um “esquadro”, voltado para a direita, com o ponto no centro. A figura nos lembra a letra “L” maiúscula.



Pintura: Valdson Ramos



FAIXA – FITÃO

Faixa que alguns maçons de determinados graus usam a tiracolo. É inspirada na faixa em que ficava a espada na época da Cavalaria. (*Dicionário da Maçonaria*)

Insígnia usada pelos maçons, que varia de cores segundo o grau e é decorada conforme os símbolos que esteja representando. Geralmente se usa do ombro esquerdo para o direito. (*Dicionário Encyclopédico Maçônico do Rito Escocês Antigo e Aceito*)

FALANGE

Cada um dos pequenos ossos que compõem os dedos das mãos e dos pés.

Designa na Ordem Maçônica os vários acampamentos do Príncipe do Real Segredo.

Reunião das entidades que se encontram dentro de uma mesma linha ou da mesma faixa de vibração. (*Wikipédia*)

FAZER FOGO

Significa “beber” na linguagem dos banquetes. (*Rituais*)

FÊNIX

Na mitologia egípcia, é um belo e solitário pássaro fabuloso, do porte da águia, que viveu no deserto árabe por um tempo estimado em mil anos. Findo esse tempo, se consumiu no fogo, ressurgindo posteriormente de suas próprias cinzas, renovado, para reiniciar outra vida igualmente dilatada.

Simboliza a ressurreição na Eternidade; simboliza ainda a roda da vida a girar incessantemente, como o dia e a noite, o renascimento ou reencarnação da alma humana. (*Maçonaria.net*)

FIAT LUX

Significa “faça-se luz”; palavra bíblica (Gên. 1:3). Uma das palavras do Grau 20, significando a luz da sabedoria. (*Rituais*)

FIÉIS E VERDADEIROS

Título dos Irmãos de um dos Graus Filosóficos do Rito Escocês Antigo e Aceito. (*Rituais*)

FILHO DA VIÚVA

Denominação dada a todo maçom, mormente do 3º Grau, simbolicamente filho da viúva, como o foi o arquiteto Hiram Abif, da tribo de Naftali (I Reis 7:14).

Ísis, a “grande viúva” de Osíris, buscando os membros esparsos de seu esposo, é igualmente encarada como a mãe de todos os maçons, os quais, a seu exemplo, procuram o corpo de seu mestre Hiram Abif, que, segundo a lenda, foi assassinado pelos três maus companheiros, que personificam os vícios capazes de aniquilar a alma: *a Inércia, a Sensualidade e o Orgulho*.

Para alguns estudiosos, a frase “filhos da viúva” significa: “*Iniciados nos mistérios menores*”; enquanto que “filhos da virgem” significa: “*Iniciados nos mistérios maiores*”. (*Recanto das Letras*)

FILHOS DA VERDADE

Denominação aos Príncipes das Mercês, Grau 26 do REAA :.. Dependendo da região, há outras denominações. (Rituais)

FILHOS DE HIRAM

Denominação a todos os maçons, especialmente os Mestres. (Rituais)

FILIAÇÃO

Ato de se filiar, adotar, admitir ou incorporar um Irmão numa Loja. (*Constituição da GLEG*)

FILOSOFIA

Conhecimento exato e racional de coisa determinada. Nessa ciência, temos a influência das escolas de Pitágoras, Platão e Aristóteles, encontradas na estrutura doutrinária.

A que mais influenciou, no entanto, foi a Escola Pitagórica, por meio de sua doutrina da harmonia numérica, do simbolismo dos números e do pentagrama (Estrela Hominal).

A Liberdade de pensamento, a Igualdade entre os homens de qualquer credo e a Fraternidade universal constituem o tripé que faz da Maçonaria uma escola de pensamento filosófico, em busca da felicidade interior, do bem-estar social, anulando toda e qualquer aspereza que asfixia o homem, no exercício do amor ao próximo. (*Wikipédia*)

FIO A PRUMO

O mesmo que “prumo” em posição de trabalho. Orna o colar do 2º Vigilante e é tomado como emblema da retidão que deve caracterizar a conduta dos Irmãos durante suas horas de lazer ou ausência das atividades da Loja, de sorte a levarem sempre uma vida de graça e beleza.

Na tradição maçônica, a escolha do prumo para simbolizar a retidão do caráter do Irmão tem a sua justificativa na visão do profeta Amós, que diz: “Mostrou-me também isto: *Eis que o Senhor estava sobre um muro levantado a prumo; e tinha um prumo na mão. O Senhor me disse: Que vês tu, Amós?*”. (Wikipédia)

FOGO

Os quatro elementos são: Água, Terra, Ar e Fogo. A sua origem no Ocidente foi na Grécia pré-socrática, onde defendiam a ideia de que a matéria se originava ora no fogo, ora na água.

Alguns gregos da linha Pitagórica e Aristotélica acreditavam haver um quinto elemento, mais sutil e chamado de quinta-essênci, ou perfeito, sendo esse um elemento cósmico e não terrestre. Existem historiadores que creditam tal elemento aos chineses, que o chamam de elemento sutil, sabendo-se que o conhecimento científico veio do Oriente para o Ocidente.

O mais sutil, ativo e puro dos quatro elementos da terra (Terra, Água, Ar e Fogo); é o princípio animador, masculino (em oposição à água, e fonte de energia).

Por sua qualidade quente e seca, vermelha representa a inteligência brilhante etc. (Freemason)

FOGO SAGRADO

Imagina-se um fogo que não queime, mas se ache em forma líquida como a água.

Assim definiam os adeptos de Zoroastro, o fogo que não consumia combustível, simbolizava a Vida Divina.

O fogo sagrado em nossos Templos pode estar simbolizado nas velas em torno do Altar dos Juramentos, as quais não devem ser apagadas pelo sopro, para não ser poluído pelo hálito humano, segundo a antiga tradição persa. (*Scribd*)

FORÇA

Uma das três colunas simbólicas: Sabedoria, Força e Beleza. É também o significado simbólico do primeiro degrau de subida ao Oriente no trabalho persistente do Obreiro na escalada evolutiva. (*Rituais*)

FORMATO DO TEMPLO

O formato do Templo é um quadrilongo, sendo o comprimento o triplo de sua largura, incluído o Átrio; apresenta-se no Oriente a proporção métrica do comprimento igual a sua largura; o Ocidente tem no seu comprimento uma vez e meia maior que a sua largura, enquanto que o átrio tem no seu comprimento a metade de sua largura.

É composto por uma sala retangular e sem janelas. É uma representação do mundo e do Cosmos e é simbolicamente orientado de oeste para leste. (*Wikipédia*)

FRANCO-MAÇOM

Membros da Franco-Maçonaria, genericamente chamados maçons.

FRANCO-MAÇONARIA

Sociedade cujos ensinamentos são simbólicos e iniciatórios.

A **Franco-Maçonaria**, como a conhecemos hoje, estabeleceu-se em 24 de junho de 1717, quando quatro lojas de Londres se reuniram na taverna **O Ganso e a Grelha**, no adro da igreja de São Paulo.

Formaram a primeira Grande Loja do mundo. Inicialmente, ela se resumia a uma festa anual para Lojas, mas, em 1721, por meio de uma “comunicação trimestral”, começou a se estabelecer como um corpo regulador, atraindo para suas reuniões Lojas fora de Londres.

O objetivo mais profundo foi o de apresentar ao mundo uma perfeita imagem simbólica da Iniciação, confiando os rudimentos de todas as Artes Iniciáticas da antiguidade: Hermetismo, Cabala, e outras, nas quais se encontravam preciosas tradições atinentes à simbologia das cores, números, astrologia, mitologia etc. (*Ópera Mundi*)

A Franco-maçonaria tem por lema o “Direito do Homem” e advoga três princípios fundamentais: Liberdade, Igualdade e Fraternidade, enquanto a Co-Maçonaria (*ou Maçonaria Mista Universal*) tem por lema o “Direito Humano”, que não distingue sexo na outorga ou reconhecimento de direitos.

Vários são os agrupamentos da Ordem Maçônica que perderam de vista o seu objetivo principal (*simbólico iniciático*) e passaram a operar como simples agrupamentos políticos fechados ao público. Sem estudos e sem entendimento do simbolismo como alavanca de reforma íntima, como mola propulsora da aproximação dos seres.

Ainda bem que, devido à imutabilidade, não deixaram de recomendar, mesmo que às vezes sem muita convicção, a tolerância, solidariedade, caridade, reto cumprimento do dever, conduta exemplar, estudo (*mesmo que não haja e quando há o entendimento é escasso*) e a sociabilidade. (*Freemason*)

FREE-MASON

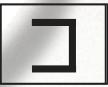
Maçom, Pedreiro-Livre em inglês. (*Wikipédia*)

FUSTE

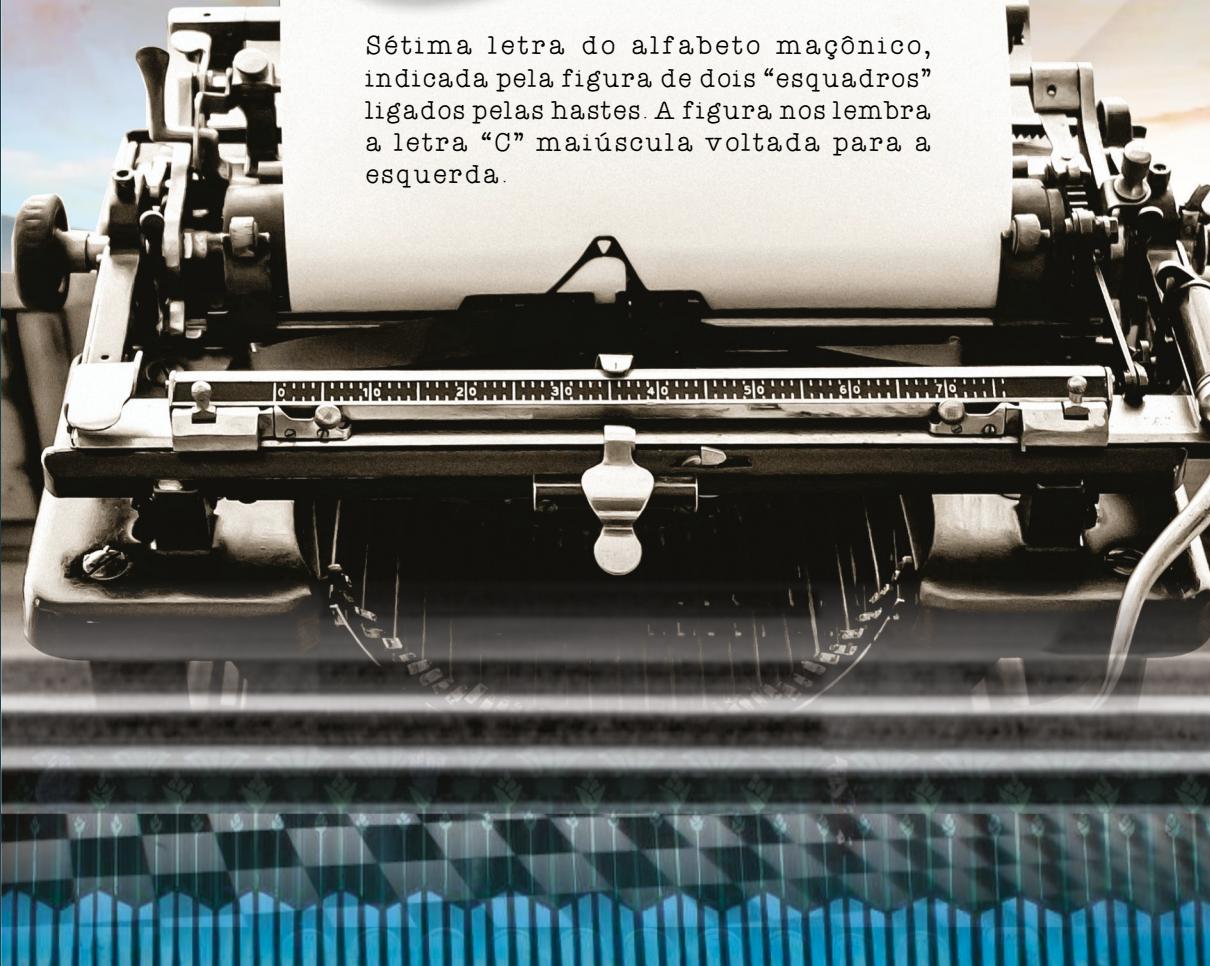
Parte das colunas que figura nas Lojas, ou mais propriamente a parte central, o corpo das colunas – base, fuste e capitel são as principais partes de uma coluna. (*Rituais*)



Sétima letra do alfabeto maçônico, indicada pela figura de dois “esquadros” ligados pelas hastes. A figura nos lembra a letra “C” maiúscula voltada para a esquerda.



Sétima letra do alfabeto maçônico, indicada pela figura de dois “esquadros” ligados pelas hastes. A figura nos lembra a letra “C” maiúscula voltada para a esquerda.



Pintura: Valdson Ramos



GABAON

Na Sagrada Escritura, Gabaon é uma cidade grande, da Palestina, ao norte de Jerusalém, forte e importante para aquela região. Era formada por valentes e fortes guerreiros. Mas Deus prometeu dar a Josué e a seu povo toda a terra que seus pés pisassem e Gabaon era uma delas. (*Wikipédia*)

Significa “colina”, está no livro de (Josué, 9:3), designando a cidade real dos heveus, situada a 13 quilômetros de Jerusalém. Foi entre os gabaonitas que ficou depositada a Arca da Aliança enquanto se aguardava a edificação do Templo de Salomão.

No Rito Francês Moderno designa o MM.; no Rito Escocês designa o MI., sendo ainda “palavras” de vários outros graus (filosóficos) do Rito Escocês e outros.

GABAONA

Designa a viúva de todo maçom, para distingui-la das viúvas dos profanos. (*Wikipédia*)

GABAONITAS

Habitantes da cidade de Gabaon que foram serviçais no Templo de Salomão. (*Wikipédia*)

GANSO E A GRELHA

Nome da Loja Maçônica que em 24 de junho de 1717, juntamente com três Lojas Maçônicas, formaram a Grande Loja da Inglaterra. (*Freemason*)

GARANTE DE AMIZADE

Diz-se Garante de Amizade à função de um Mestre Maçom, nomeado pelo Grão-Mestre ou pelo Soberano Comendador para representar a Potência, junto a uma Potência coirmã; uma espécie de embaixador. (*Constituição GLEG*)

GARRA DE LEÃO

Nome também dado à “G.: do M.:”. (*Ritual*)

GEÔMETRA

A Maçonaria denomina Deus como o “Grande Geômetra” e “Grande Arquiteto do Universo”. (*Dicionário Encyclopédico Maçônico do Rito Escocês Antigo e Aceito*)

GIMEL

A letra “G”, que corresponde a GIMEL (camelo), terceira letra do alfabeto hebraico, que representa um “princípio de coagulação e condensação”. (*Wikipédia*)

Em hebreu, gimel é simbolizado por um comprido pescoço de camelo.

Como o nome de Deus começa com a letra “G” em numerosas línguas (*Gad, na siriaca; Gada, na persa; Gud, na sueca; Gott, na alemã; God, na inglesa etc.*), essa é uma das razões por que tem sido e é tomada como símbolo sagrado da Divindade.

Colocada entre as duas hastas de um compasso, entrelaçadas com as de um esquadro, constitui, com esses instrumentos, o emblema comum dos maçons. (*Biblioteca.com*)

GNOSE

O termo gnose deriva do termo grego “gnosis”, que significa “conhecimento”. É um fenômeno de conhecimento espiritual vivenciado pelos gnósticos (*cristãos primitivos sectários do gnosticismo*).

Para os gnósticos, gnose é um conhecimento que faz parte da essência humana. É mais conhecido do gnosticismo, em que significa um conhecimento espiritual ou percepção da verdadeira natureza da humanidade como divina, levando à libertação da centelha divina dentro da humanidade das restrições da existência terrena. (*Wikipédia*)

GRANDE

Título dado aos Oficiais da Grande Loja, mencionando o cargo ocupado antes do nome, conforme norma ritualística. (Exemplo: *Grande 1º Vig.: - Irmão fulano*)

Há regiões que usam a palavra Grande em outros graus da Maçonaria Filosófica com o mesmo sentido da Maçonaria Simbólica. (*Rituais*)

GRANDES LOJAS – ORIGENS

Eram assim chamados os grandes locais onde os Pedreiros-Livres se estabeleciam em corporações com a finalidade de ajuda mútua.

GRANDES LOJAS – HISTÓRIA

A primeira foi fundada através da reforma feita pelo Reverendo Anderson em 24 de junho de 1717, em Londres, quando tornou a

Maçonaria filosófica-social. As quatro primeiras Lojas Maçônicas que fundaram a Grande Loja da Inglaterra foram: “O Ganso e a Grelha”, “A Coroa”, “A Macieira”, “O Copázio e as Uvas”.

A liderança da iniciativa coube à Loja da Taberna “O Ganso e a Grelha”, que era também chamada de Loja de São Paulo, já que realizava suas reuniões formais no pátio da Igreja de São Paulo, em Londres. Esta Potência Maçônica serviu e serve de base para todas as outras Potências. A Constituição de Anderson foi publicada em 1723.

O termo surgiu na Idade Média, na Alemanha. Eram confrarias onde os trabalhadores se reuniam, também conhecidas como corporação de ofícios (steinmetzen – ou canteiros), e serviam para regulamentar o processo produtivo artesanal nas cidades que contavam com mais de 10 mil habitantes.

Essas unidades de produção artesanal eram marcadas pela hierarquia (mestres, oficiais e aprendizes) e pelo controle dos segredos das técnicas do ofício. Com o crescimento das Lojas, foi necessário instituir uma que centralizasse e unificasse todas as outras, daí então cunhou-se a primeira Loja Principal, ou Grande Loja.

O crescimento continuou e a necessidade de mais organismos centralizadores foi crescendo e foram criadas mais cinco Grandes Lojas: em Colônia, Estrasburgo, Viena, Zurique e Magdeburgo.

Depois da Constituição de Anderson, cada região pode ter apenas uma Grande Loja. Hoje, para cada Estado há uma Grande Loja. (*Wikipédia*)

GRANDES LOJAS – POTÊNCIA MAÇÔNICA

Trata-se de uma Federação de Lojas Maçônicas, composta de no mínimo três Lojas Simbólicas, chamada de Potência Maçônica. É um Corpo Superior, Independente e Soberano em cada Estado da Federação, não está sujeita à autoridade, à soberania e nem ao

controle de qualquer outra Potência Maçônica, ou qualquer outra entidade maçônica nominada a qualquer título. A uma Grande Loja estão subordinadas as Lojas Simbólicas a ela filiadas. (*Wikipédia*)

GRANDES LOJAS NO BRASIL

As primeiras Grandes Lojas do Brasil foram fundadas por Carta Constitutiva expedida pelo Supremo Conselho do Grau 33 do Rito Escocês Antigo e Aceito da Maçonaria para a República Federativa do Brasil a partir do ano de 1927, após o célebre manifesto de Mário Behring. (*Wikipédia*)

GUTURAL

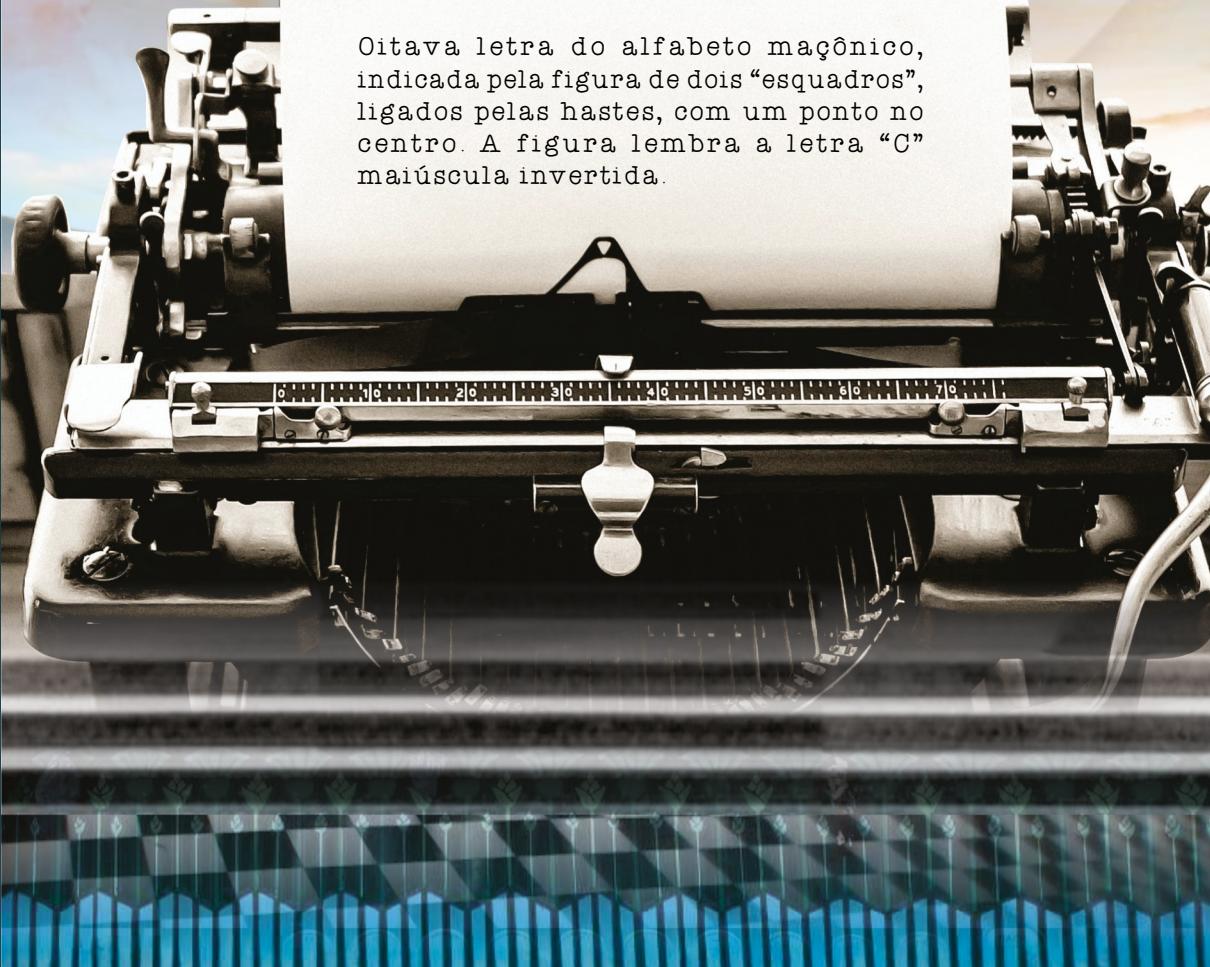
S.: de O.: de um dos GGr.: SSimb.:, significando a pref.: de se mutil.: a revel.: os sseg.: do gr.:.



Oitava letra do alfabeto maçônico, indicada pela figura de dois “esquadros” ligados pelas hastes, com um ponto no centro. A figura lembra a letra “H” maiúscula invertida.



Oitava letra do alfabeto maçônico, indicada pela figura de dois “esquadros”, ligados pelas hastes, com um ponto no centro. A figura lembra a letra “C” maiúscula invertida.



Pintura: Valdson Ramos



H.: A.:

Abreviatura do nome Hiram Abif, o encarregado da ornamentação do T.º de Salomão (*ver adiante maiores informações sobre o personagem*). (*Rituais*)

HARMONIA

O mesmo que música. Os gregos consideravam a harmonia como similares na natureza, porque todas as almas são harmônicas. (*João Fábio Braga*)

HEPTAGRAMA OU SEPTAGRAMA

É uma estrela composta por sete pontas, feita por sete linhas retas. É um símbolo de síntese e místico devido às suas ligações com o número sete. (*Wikipédia*)

HERMES

Nome grego de Mercúrio, correspondente ao Toth egípcio, também denominado Hermes Trimegisto ou “três vezes grande”.

Referência a toda iniciação e fonte de toda ciência, provém da doutrina chamada Hermetismo, na qual estão ligados todos os

alquimistas e boa parte dos ocultistas do ocidente, e até mesmo a cabala. (*Maçonaria.net*)

HEXAGRAMA

O hexagrama ou Selo de Salomão é formado por uma estrela de seis pontas, representada por dois triângulos equiláteros entrelaçados, o que o diferencia da Estrela de David, cujos triângulos se sobrepõem. Ele simboliza a harmonia dos opostos, cujo significado é múltiplo. (*Wikipédia*)

HIERARQUIA

Venerável-Mestre é o tratamento dado ao presidente da Loja Maçônica. Este, juntamente com o 1º e 2º Vigilantes, respectivamente, constitui as Luzes da Loja, que, ao lado do Orador e do Secretário, compõem as Dignidades da Loja.

Além das Dignidades, compõem o corpo administrativo das Lojas os assim titulados OFICIAIS, nomeados pelo Venerável-Mestre, aos quais é reservada a missão, ou o ofício (daí o nome de Oficial), de auxiliar nos trabalhos de qualquer sessão. (*Rituais*)

HIRAM

Do hebraico (vida + elevado). Rei de Tiro, manteve aliança com Davi e depois com Salomão, fornecendo madeira para a construção do Grande Templo de Jerusalém. (*Freemason*)

HIRAM ABIF

Também chamado de Hiram-Abif (II Crônicas, 2: 13:14), filho de uma viúva da tribo de Neftali (I, Reis 7:14), do arraial de Dan.

Decorador e metalúrgico, levado pelo seu homônimo para decorar as colunas do referido Templo, tornou-se o herói central do

drama iniciático da maçonaria (franco-maçônico) no último grau simbólico.

O relato bíblico (I Reis, cap. VII) não descreve ou menciona a morte de Hiram Abif, descrevendo, sim, pormenorizadamente fatos de menor importância, donde se deduz que a lenda e seu martírio foram criados posteriormente.

Na verdade, esses altos e divinos Heróis-Mártires personificam o Astro-Rei, o Sol, tomado na antiguidade como o mais majestoso símbolo da Divindade, eternamente se sacrificando para aquecer, iluminar e libertar a humanidade das trevas, morrendo e renascendo nos signos inferiores do Zodíaco, “sepultado” durante o solstício de inverno para depois “ressuscitar” no equinócio da primavera.

A Franco-Maçonaria mantém a linha de conduta dos três principais arquitetos do Templo de Jerusalém, quanto às tradições místico-religiosas, no que diz respeito à tendência de cada ser: Salomão, herdeiro da linha de secessão derivada de Moisés, iniciado nos mistérios egípcios; Hiram, rei de Tiro, conservando a descendência Caldeia, e Hiram Abif, descendente de uma linha independente dessas duas, porém de origem e costumes mais tribais, primitivos e até mesmo sanguinários.

Portanto, hoje, a Maçonaria continua, em escala mais ampla, a fortalecer em todo o mundo as três colunas emblemáticas dos superiores atributos representados por esses três personagens, de cuja estabilidade e progresso dependem a felicidade dos povos: *A Sabedoria de Salomão, a Força de Hiram, e a Beleza de Hiram Abif, devendo o maçom buscar o sentido místico e moral das lendas, do que os fatos simplesmente históricos.* (Wikipédia)

HIRAMITAS

São os Franco-maçons, que creem e representam a linha de Hiram Abif, sucedido por Adoniram. (Wikipédia)

HONORÁRIO

Título concedido ao membro de outra loja. (*Constituição*)

HORROR

Um dos SS.: dos Iniciados no Grau de M.:, para mútuo reconhecimento, só podendo ser revelado em Loja regular, J.: e P.:, ao maçom do 3º Gr.:.. (*Rituais*)

HORUS

Deus egípcio, da Trindade Osíris, Ísis e Hórus. (*Wikipédia*)

HUR

Significa liberdade, usado na maçonaria em alguns ritos.

HUZE

Em maçonaria, HUZZÉ é uma exclamação e, como tal, deve ser clamada com um sopro forte, quase gritado, em dois sons, para que possa ser respeitada a harmonia musical do vocábulo, a fim de que se conserve todo efeito esotérico desta saudação ao GADU, significando que Deus é sabedoria, força e beleza. (*Wikipédia*).

Grito de aclamação do maçom escocês. A palavra Huzzé tem origem hebraica, posto em árabe seja pronunciada “Huzzá”.

Há várias formas de escrevê-la: Uzé, Huzzé, Houzzé, Huzzá. Em árabe: “Força e Vigor”.

Tomou Davi a ajuntar todos os escolhidos de Israel, em número de 30 mil. Levantou-se e partiu com todo o povo que estava com ele de Baalim de Judá, para fazerem subir de lá a Arca de Deus, sobre a qual é invocado pelo nome de Jeová dos Exércitos, que se assenta sobre os querubins. Colocaram a Arca de Deus sobre um carro novo, e levaram-na da casa de Abinadab, que estava sobre o outeiro; “Huzzá”

e Ahio, filhos de Abinadab, guiavam o carro novo. Levaram-no com a Arca de Deus da casa de Abinadab e Ahio ia adiante da Arca.

Davi e toda a casa de Israel dançavam diante de Jeová com todas suas forças, com cânticos, e ao som de harpas e saltérios, e tambores, e pandeiros e címbalos.

Quando chegaram à eira de Nacon, lançou Huzzá a mão à Arca de Deus e pegou nela, porque os bois tropeçaram.

A ira de Jeová se acendeu contra Huzzá e Deus o feriu ali pela sua temeridade. Huzzá ali morreu junto à Arca de Deus”.

Esse episódio, que entristeceu Davi, certamente, foi relevante, eis que Davi batizou o local de Perez-Huzzá.

No livro *Eram os Deuses Astronautas*, o autor aventa a probabilidade de a Arca de Deus ter sido uma pilha, quiçá atômica, daí, Huzzá ter sido “fulminado” por uma descarga elétrica. Não há, propriamente, uma razão plausível de ser invocada apenas a referência ao seu nome, pela semelhança do som, pela sua origem.

Para os antigos árabes, Huzzá era o nome dado a uma espécie de Acácia consagrada ao Sol como símbolo da imortalidade e sua tradução significa: Força e Vigor, palavras simbólicas que fazem parte da tríplice saudação feita na Cadeia de União em alguns ritos: Saúde – Força – Vigor, ou Saúde – Força e União.

A nossa literatura maçônica é pobre quanto à descrição e significação de aclamação. No Pequeno Dicionário de Maçonaria, lemos: Houzzé (*pronuncia-se, entre nós, Huzzé*), “grito de alegria dos Maçons do Rito Escocês”.

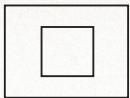
Outras referências

Na verdade, esotericamente a palavra é formada com duas sílabas que, por constituir uma aclamação, são pronunciadas com voz forte, servindo de uma verdadeira “descarga” de dentro para fora, para purificar o ser.

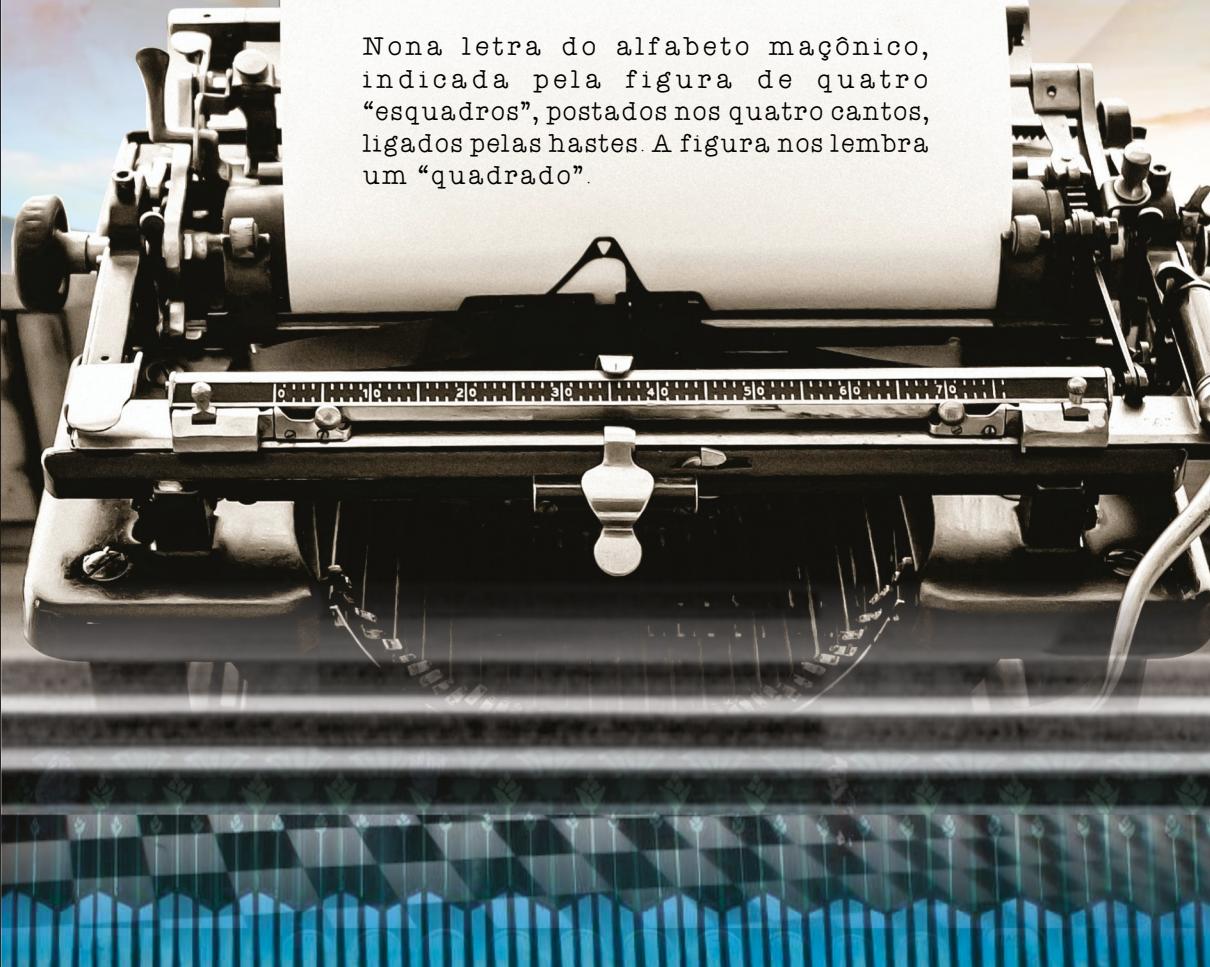
As vibrações que se formam pelas vozes de muitos atingem a todos, propiciando os benefícios necessários para aquela ocasião.

A aclamação Huzzé é feita apenas duas vezes em cada reunião: por ocasião da abertura dos trabalhos e por ocasião do encerramento.
(Freemason)

Nona letra do alfabeto maçônico, indicada pela figura de quatro “esquadros”, postados nos quatro cantos, ligados pelas hastes. A figura nos lembra um “quadrado”.



Nona letra do alfabeto maçônico, indicada pela figura de quatro “esquadros”, postados nos quatro cantos, ligados pelas hastes. A figura nos lembra um “quadrado”.



Pintura: Valdson Ramos



IDADE

A idade do Grau a que pertence o maçom. Existem na maçonaria duas idades: idade na ordem e idade simbólica. A primeira se conta desde a data de Iniciação de Aprendiz; a segunda é a do grau atual, a mais comumente usada. (*Freemason*)

IDADE DA SABEDORIA

Diz-se de quem atingiu o Grau de Cavaleiros de Kadosh.
(*Freemason*)

IDADE MAÇÔNICA

Senha de reconhecimento de maçom em cada Grau. Perguntar a idade a um maçom equivale a perguntar o seu Grau. No REAA, cada Grau corresponde a um número simbólico.

IDENTIFICAÇÃO MAÇÔNICA

Faz-se ao visitante, antes da entrada no Templo, pelo “Trolhamento” ou pela carteira de identificação maçônica, podendo ser solicitada a identificação pessoal e profana e, ainda mais, a P.: Sem .:, de forma ritualística, caso o visitante pertença à mesma

potência maçônica, e seja desconhecido de todos os Irmãos do quadro da loja. (*Rituais*)

IEVE

Nome inefável de Deus. A verdadeira pronúncia não é conhecida; é um dos mistérios do interior do Templo de Israel e só um sumo-sacerdote a conhecia e tinha permissão para pronunciá-la no Dia da Exiação, o 10º da lua do primeiro mês do calendário judaico.

Os estudos nos conduzem mais um pouco ao entendimento e mostram que IEVE significa: IOD HE VAU HE, sendo:

IOD = letra cabalística que significa o Princípio. Princípio ativo, o ser que pensa, que manda.

HE = Corresponde ao sopro que, saindo do interior, se espalha. Sopro animador, a vida emanada de IOD para propagar-se.

VAU = Em hebraico, a mesma função da consoante V.

VAU tem a função de ligar o abstrato ao concreto. É o meio, é o ambiente por onde o sopro (HE) se espalha.

HE = Repete-se no final para exprimir o resultado da operação. Ainda não é a obra realizada. É o pensamento concebido, a determinação dada ou ordem formulada. (*Freemason*)

ILUSTRE

Tratamento dado aos maçons revestidos de grau e dignidade elevados.

Designa, ainda, oficiais dos graus filosóficos e do Supremo Conselho do Grau 33, do REAA... (*Rituais*)

IMORTALIDADE

Condição do que não morre. Exemplo: no grau de MM., a imortalidade é representada por um R.: deAc... (Rituais)

IMPOSTOR

Profano fazendo-se passar por maçom. O nosso famoso e insistente “goteira” (texto sobre “Cowan”). (*Freemason*)

INCENSO

Qualquer substância que produz odor agradável quando queimada, utilizada em cerimônias religiosas e ritualísticas desde a antiguidade.

Diz o escritor Jules Boucher:

O incenso e sua fumaça possuem uma ação antisséptica certa, e essa ação física é acompanhada de uma ação psíquica; ele procura um estado de alma particular, propício à elevação espiritual.

É por isso que deveria ser utilizado na Maçonaria, sobretudo durante as cerimônias de Iniciação.

O incenso da igreja não é uma resina pura. É uma mistura de diversas resinas, nas quais, às vezes, não entra nenhum grão de incenso puro.

O escritor citou alguns incensos puros: Mirra, Benjoim, Madeira de Sândalo, Estoraque.

Aconselhou, no entanto, para a Maçonaria, o seguinte preparo: (Olíbano, três partes); (Mirra, duas partes); (Benjoim, uma parte).

Essa mistura, que produz odor muito agradável, simboliza, no conceito do escritor, os três mundos: Divino, Humano e Material.

INICIAÇÃO

Vem do latim “initia”. Significa adquirir os primeiros rudimentos de uma ciência.

Maçonicamente, significa admissão ritualística aos mistérios da Franco-Maçonaria ou de um grau maçônico.

Iniciação é um dos costumes mais antigos no mundo, embora perca a sua importância, mesmo na Maçonaria, quando segredos simbólicos se tornam tão expostos.

Só uma Iniciação não se perderá jamais: a de que “muitos são chamados e poucos os escolhidos”. A iniciação bíblica de que poucos estão devidamente preparados para trilhar o “caminho estreito”, como o fio da navalha, para se chegar à perfeição e ser admitido no Reino de Deus. (*Freemason*)

INSÍGNIAS

São as alfaias e atributos que servem para identificar os maçons de diversos graus e ritos, bem como para distinguir vários dignitários das Oficinas. (*Wikipédia*)

INSTALAÇÃO

Cerimônia de fundação ou inauguração de uma nova Oficina, devidamente autorizada e com a respectiva administração regularmente constituída, ou de posse de um novo Venerável no REAA... (*Rituais*)

INTERSTÍCIO

Intervalo de tempo entre a recepção e a mudança de Grau do Iniciado na Maçonaria, geralmente o tempo para serem ministradas as instruções do Grau. (*Rituais*)

INVESTIDURA

Significa a instalação formal de uma pessoa no cargo. Termo usado quando um maçom recebe o mais alto grau do REAA – diz-se que o maçom foi investido no Grau 33. (*Rituais*)

ISIS

Deusa da mitologia egípcia; era a deusa do amor e da magia, considerada a mãe do Egito, esposa de Osíris. Segundo a lenda, Isis ajudou a procurar o corpo de Osíris, que tinha sido despedaçado por seu irmão.

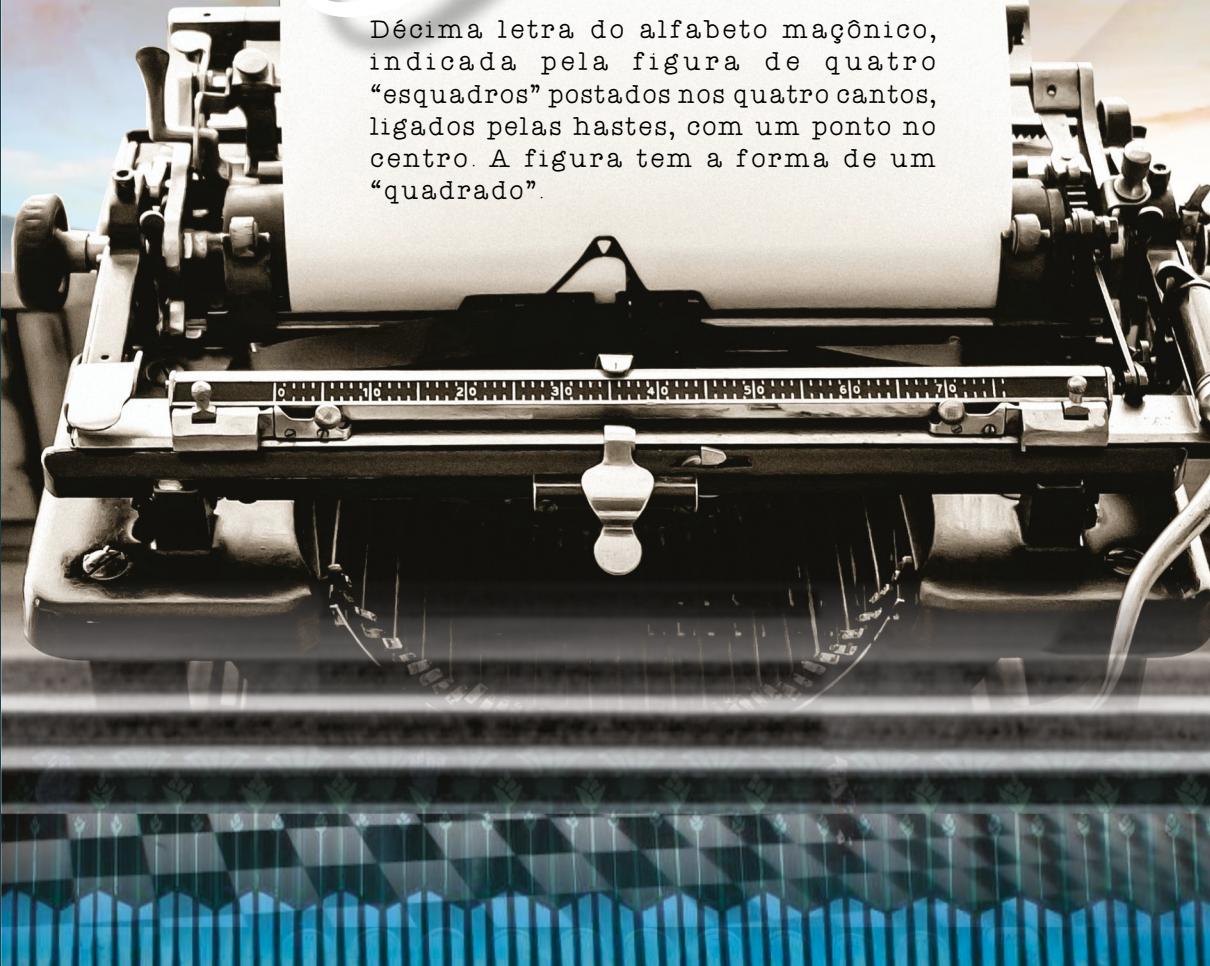
Quando ainda estava no Grau de Aprendiz, ensinaram-me que a viúva da qual se fala na maçonaria é Isis, viúva de Osíris. (*Grifo do autor*)



Décima letra do alfabeto maçônico, indicada pela figura de quatro “esquadros” postados nos quatro cantos, ligados pelas hastas, com um ponto no centro. A figura tem a forma de um “quadrado”.



Décima letra do alfabeto maçônico, indicada pela figura de quatro “esquadros” postados nos quatro cantos, ligados pelas hastas, com um ponto no centro. A figura tem a forma de um “quadrado”.



Pintura: Valdson Ramos



J N R J

Iniciais do Tetragrama “Jesus Nazareno, Rei dos Judeus”.
(Wikipédia)

JACKIM – JAKIM – JAQUIM

O quarto filho de Simeão (Gênesis 46:10). Descendente dos Jaquinitas, constituía uma das famílias simeonitas de Israel.

É derivado de “jah” = abreviatura de Jeová; e “achim” = estabelecer. Jaquim é também o quinto filho de Salomão.

Seu nome é lembrado em uma das Colunas do Templo (a segunda), localizada ao sul, portanto à direita de quem entra. Seu nome é lembrado em vários Graus do REAA. Palavra hebraica que significa estabilidade, firmeza ou força. Que se traduz: “Minha força está em Deus”. (*Dicionário Enciclopédico Maçônico do REAA*)

JACÓ (OU JACOB)

Traduzido como aquele que “segura pelo calcanhar”. Jacó era filho de Isaac e Rebeca, irmão gêmeo de Esaú e neto de Abraão. Sua história ocupa 25 capítulos do livro de Gênesis. Jacó foi o patriarca das 12 tribos de Israel. (Wikipédia)

JOÃO BATISTA

São João Batista nasceu numa pequena aldeia chamada Aim Karim, a cerca de seis quilômetros a oeste de Jerusalém. Era filho de Zacarias e Isabel. Era considerado por muitos um homem consagrado. São João foi contemporâneo de Jesus Cristo. (*Dicionário Encyclopédico Maçônico do REAA*)

JOÃO EVANGELISTA

São João Evangelista ou Apóstolo João foi um dos 12 apóstolos de Jesus e, além do *Evangelho segundo João*, também escreveu as três epístolas de João (1, 2, e 3) e o *Livro do Apocalipse*.

João seria o mais novo dos 12 discípulos, tinha provavelmente cerca de 24 anos de idade à altura de ser chamado por Jesus. Consta que seria solteiro e vivia com os seus pais em Batsaida. Era pescador por profissão, e consertava redes de pesca. Trabalhava junto com seu irmão Tiago, e sem provável sociedade com André e Pedro. (*Dicionário Encyclopédico Maçônico do REAA*)

JOIAS FIXAS

A Prancheta da Loja

Utilizada pelo Mestre na orientação dada ao Aprendiz, serve para desenhar e traçar o caminho que ele deve seguir para o seu próprio aperfeiçoamento, a fim de poder progredir nos trabalhos da Arte Real.

Também serve para recordar ao Aprendiz que deve se empenhar na busca de conhecimentos elevados, para que no futuro saiba através dela traçar seus planos de trabalho quando chegar ao grau de Mestre. Essa prancha contém a base do alfabeto maçônico e esse ensinamento virá a nós em outros momentos, pois ainda somos Aprendizes e não

dominamos o conhecimento suficiente para nos expressarmos por meio da escrita.

Pedra Bruta

Representa o próprio Aprendiz, em seu estado anterior ao de sua entrada em nossa Augusta Instituição, cuja inteligência, costumes e atos estavam desfocados pela convivência no mundo profano. Serve para nela trabalharem os Aprendizes, utilizando o maço e o cinzel, marcando-a e desbastando-a, até que atinja a qualidade de Pedra Cúbica, quando do julgamento do Maçom, atingindo a sua devida forma, para poder entrar na construção do edifício. Tornando-se um membro culto e produtivo, um amplificador de nossa Doutrina Maçônica.

Pedra Polida ou Cúbica

É o material perfeitamente trabalhado, de linhas e ângulos retos, que o Compasso e o Esquadro mostram estar talhado e polido de acordo com as exigências de nossa Arte Real. A sua forma geralmente termina em pirâmide. Na Pedra Cúbica estão muitas vezes inscritos emblemas diversos da ciência maçônica.

A Pedra Cúbica é a obra-prima que o Aprendiz deve realizar com a ajuda do Malhete e do Cinzel. É a obra que constitui o objetivo de cada maçom, a sua própria perfeição moral e intelectual, e a sua contribuição para o aperfeiçoamento moral e intelectual do ser humano. (*Rituais*)

JOIAS MÓVEIS

Assim, sabiamente, criou-se o termo “Joias Móveis”, que faz referência ao aspecto rotativo dos cargos que governam uma Loja Maçônica.

Ninguém na Maçonaria pode ser governo, mas, sim, estar no governo, sendo que aquele que despontou no Oriente como o Sol da

Sabedoria deve retornar ao Ocidente para, humildemente, guardar a porta do Templo. (*Rituais*)

JUBELAS

Nome de um dos três companheiros que assassinaram Hiram Abif. (*Dicionário Encyclopédico Maçônico do REAA*)

JUBELOS

Nome de um dos três companheiros que assassinaram Hiram Abif. (*Dicionário Encyclopédico Maçônico do REAA*)

JUBELUM

Nome de um dos três companheiros que assassinaram Hiram Abif. (*Dicionário Encyclopédico Maçônico do REAA*)

JUSTO E PERFEITO

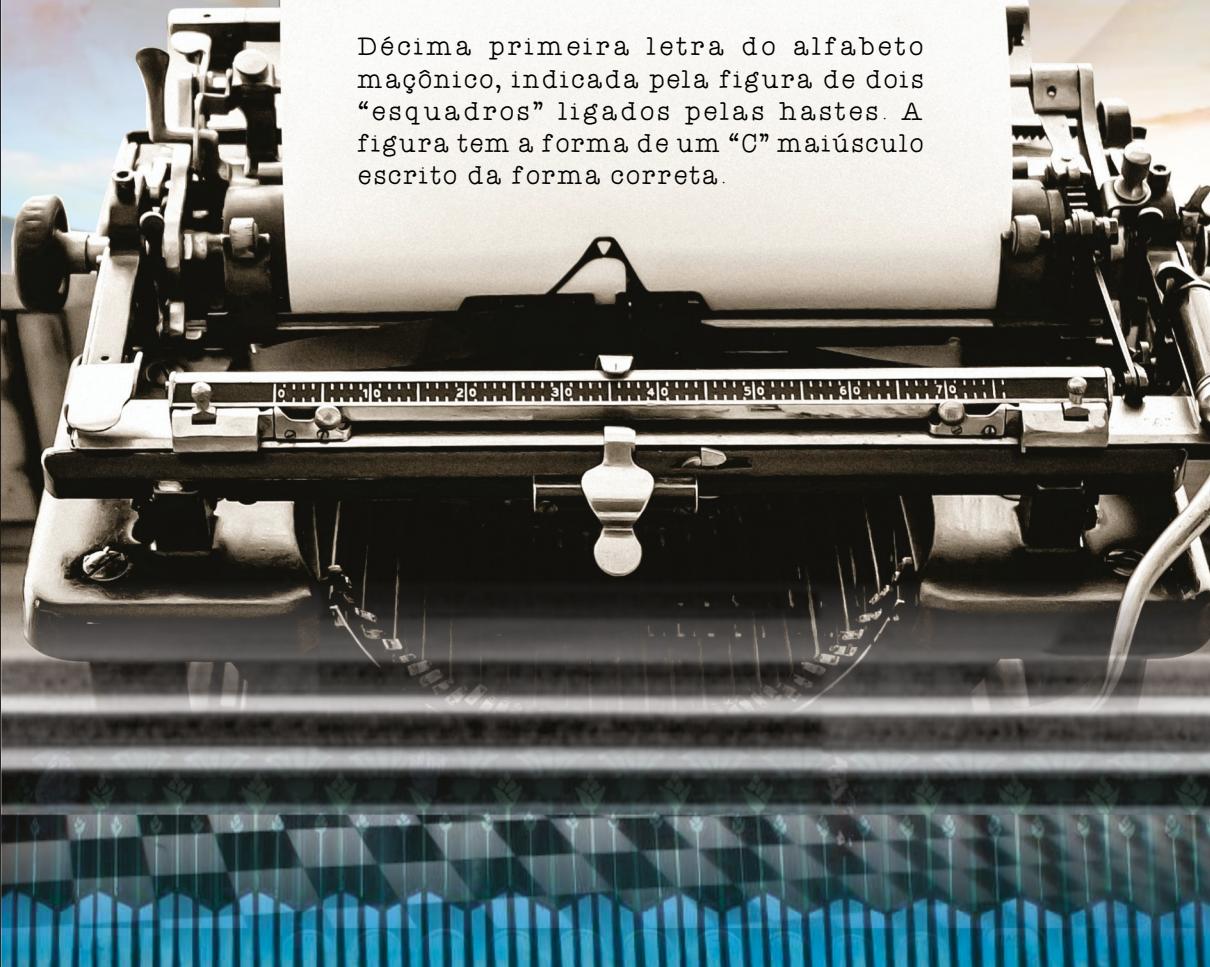
Frase encontrada no *Livro da Lei* em Gênesis 6-9: Noé era homem justo e perfeito em suas gerações; Noé andava com Deus. Na Maçonaria Operativa, desde tempos remotos, os construtores sempre verificaram a exatidão das construções com o Prumo, ou Perpendicular, e com o Nível, proclamando, ao constatar essa exatidão, que “tudo estava Justo e Perfeito”.

A expressão acima não constitui nenhum grau ou simbolismo de grau. É apenas uma expressão comum na linguagem maçônica e na linguagem ritualística. Se um trabalho ficou do agrado de todos ou da maioria, ele é “justo”, ou seja, houve justiça. Se o trabalho atingiu o objetivo desejado, então ele foi “perfeito”, ou seja, o mais bem feito possível. (*Dicionário Encyclopédico Maçônico do REAA*)

Décima primeira letra do alfabeto maçônico, indicada pela figura de dois “esquadros” ligados pelas hastes. A figura tem a forma de um “C” maiúsculo escrito da forma correta.



Décima primeira letra do alfabeto maçônico, indicada pela figura de dois “esquadros” ligados pelas hastes. A figura tem a forma de um “C” maiúsculo escrito da forma correta.



Pintura: Valdson Ramos



KADOSH

Do hebraico, significa “Consagrado ou Santo”. (*Rituais*)

KIPA, QUIPÁ OU SOLIDÉU

Significa (em hebraico, “cúpula”, “abóbada ” ou “arco”) “boina”; é um pequeno chapéu em forma de circunferência utilizado pelos judeus em determinados ritos da Maçonaria. Em respeito a Deus. (*Dicionário Encyclopédico Maçônico do REAA*)



Décima segunda letra do alfabeto maçônico, indicada pela figura de dois “esquadros” ligados pelas hastas. A figura tem a forma de um “C” maiúsculo, escrito da forma correta, com um ponto no centro.



Décima segunda letra do alfabeto maçônico, indicada pela figura de dois “esquadros” ligados pelas hastas. A figura tem a forma de um “C” maiúsculo, escrito da forma correta, com um ponto no centro.



Pintura: Valdson Ramos



LAÇO SIMBÓLICO

É representado pelos nós dados na Corda de 81 nós que circunda o Templo Maçônico.

Na Maçonaria, o símbolo, conhecido como o “laço da união”, aponta para os deveres na vida; uma espécie de ascensão espiritual mediada pelos deveres humanos, a obrigação, sendo, portanto,, a representação da união dos homens com o universo. (*Dicionário de Símbolos Maçônicos*)

LÂMPADA MÍSTICA

Representa o Grande Arquiteto do Universo (ou Luz Divina) e é colocada no centro do teto da Loja dos Rituais.

LANDMARK

Palavra de origem inglesa, dentre outros, em Maçonaria menciona as suas regras e limites adquiridos nos tempos primitivos. Figuradamente, é um ponto máximo que não se pode ultrapassar. É o marco, o limite, a baliza, a raia.

São antigos preceitos maçônicos, inalteráveis. A maior riqueza da Maçonaria Universal. Define-se Landmark como uma regra e não

como um símbolo ou como uma alegoria (*Dicionário do REAA*) / (*Pedro Juk*)

LENDA

Trata-se de narrativas transmitidas por tradição. Via de regra, fornecem esclarecimentos bem aceitáveis, principalmente para coisas que não têm explicações da ciência. Na Maçonaria, o REAA é recheado de lendas. (*Freemason*)

LIBERDADE

Lema da revolução francesa de 1789, que a Maçonaria adota como lema emancipador e regenerador das classes sociais. (*Dicionário Encyclopédico Maçônico do Rito Escocês Antigo e Aceito*)

LIVRE E DE BONS COSTUMES

Qualidade que devem ter todos os que desejam ingressar na Maçonaria. Anteriormente, “ser livre” significava não ser escravo. Hoje significa estar livre de todo preconceito. (*Rituais*)

LIVRO DA LEI NA MAÇONARIA

Abertura do Livro da Lei

O Livro da Lei ou Livro Sagrado na Maçonaria trata-se da Bíblia Sagrada. É aberto para marcar o início real dos trabalhos numa Loja Maçônica; é, pois, um ato, embora simples, porém solene, de grande importância, pois simboliza a presença efetiva da palavra do Grande Arquiteto do Universo, que é Deus.

Os trabalhos de uma Loja Maçônica somente são considerados abertos após serem colocadas no Altar dos Juramentos: as três Grandes Luzes Emblemáticas da Maçonaria, ou seja: (L.: L.: E.: C.:).

Nesse instante, o 1º Vig.: levanta a Coluneta do seu Altar, enquanto o 2º Vig.: abaixa a do seu; o presidente dos Trabalhos, abertos com força e vigor, passa a comandar o todo.

É a Força (1º Vig.:) que obedece a Sabedoria, porém, comandando a Beleza (2º Vig. :.), que se submete, ou seja, a força do símbolo masculino sobre a graciosidade do feminino.

Infelizmente, dependendo de cada ritual em uso, cabe a um Oficial a abertura do L.: L.: na Loja Maçônica.

Fechamento do Livro da Lei

A colocação de alguns rituais quanto ao “Obreiro” – que abriu o Livro e será quem vai fechá-lo – causa confusão.

Na verdade, quem é escalado, tanto para a abertura como para o fechamento do L.: L.:, pertence ao cargo e não o obreiro.

Assim, no nosso entendimento, fica sanada a dúvida quanto ao obreiro que abriu o Livro da Lei e teve de se ausentar dos trabalhos antes do encerramento da sessão.

Enquanto houver ser humano na face da Terra, também haverá dúvidas.

Às vezes cabe ao mais moderno dos ex-Veneráveis e na sua falta, ao 1º Experto, como é o caso do ritual em uso na Grande Loja de Goiás.

Alguns rituais preveem que a abertura do Livro da Lei seja feita pelo orador, não havendo substituto, já que não se abre a Loja sem o orador.

Na Maçonaria, a exigência da presença da Bíblia em lugar específico partiu da Grande Loja Unida da Inglaterra desde 1813 (união dos Antigos e dos Modernos), que acabaria por preconizar a presença obrigatória do Livro Sagrado, geralmente sem ser necessária a sua abertura em locais definidos.

Já na vertente francesa, outros Ritos viriam a preconizar a abertura do Livro da Lei – alguns em local apropriado, de acordo com o grau de trabalho da Oficina. No caso do Rito Escocês Antigo e Aceito, filho espiritual da França, embora nascido em berço deísta, manteve-se fiel, apenas em alguns aspectos, ao teísmo haurido dos Stuarts (jacobitas, católicos), o que faria exigir na sua liturgia e ritualística, embora de doutrina deísta, a presença, abertura e leitura de trecho específico (versículos) da Bíblia.

O Livro da Lei é aberto em passagens bíblicas, de acordo com o grau em que a Loja esteja trabalhando, no REAA :: 1º Grau – Salmo 133; 2º Grau – 7,7– 8; 3º Grau – Eclesiastes 12,1-7.

Significado do Livro da Lei em Loja Maçônica

O Livro da Lei representa o Código Moral que cada indivíduo ou obreiro deve respeitar e seguir, a Fé que governa e anima a todos os maçons. Significa ainda o traçado espiritual para o aperfeiçoamento do maçom. Também regula nossa conduta no lar, no trabalho e na sociedade, mostrando e inspirando a vivermos sempre praticando o bem.

Analisando no sentido exotérico, após aberto o Livro da Lei em Loja e feita a leitura correspondente, a Loja não mais estará nas trevas, mas, sim, iluminada, emanando energia cósmica, que é recebida pela luz do altar dos juramentos.

Na Maçonaria, o costume da abertura do L.: L.: vem dos Templos e Tabernáculos hebraicos, onde, no dia do perdão, quem penetra esse lugar sagrado para orar e pronunciar a P.: Secreta é somente o sacerdote mais graduado (ou o sumo-sacerdote).

O lado místico relata que, nesse momento, fatos muito interessantes ocorriam no recinto do Templo: Deus surgia pelo som ou pela luz sobre a Arca da Aliança, sendo percebido pelos presentes. (*Arte Real...*)

LOJA DECADENTE

Uma Loja Maçônica demonstra estar decadente quando constata a ausência dos valores filosóficos e administrativos.

O fato da decadência pode levar a Loja a abater colunas, ou seja, suspender os seus trabalhos regulamentares, o que será de péssimo gosto para todos os Irmãos, muito mais para o Venerável Mestre em exercício.

A responsabilidade disso, à primeira vista, seria dos dirigentes. Mas, principalmente em Lojas pequenas, todos são dirigentes. Não importa em qual cargo esteja investido, todos opinam e decidem; todos têm a responsabilidade primeira de frequentar e contribuir financeiramente com a Loja. Então, a responsabilidade é dividida, embora o sentimento de fracasso recaia mais potencialmente sobre o Venerável.

Rizzardo da Camino diz que o maçom “sonolento” gosta de deixar todas as iniciativas para outrem, sem se conscientizar de que faz parte da corrente, como “elo” ativo. (*Rizzardo*)

LUZES DA LOJA

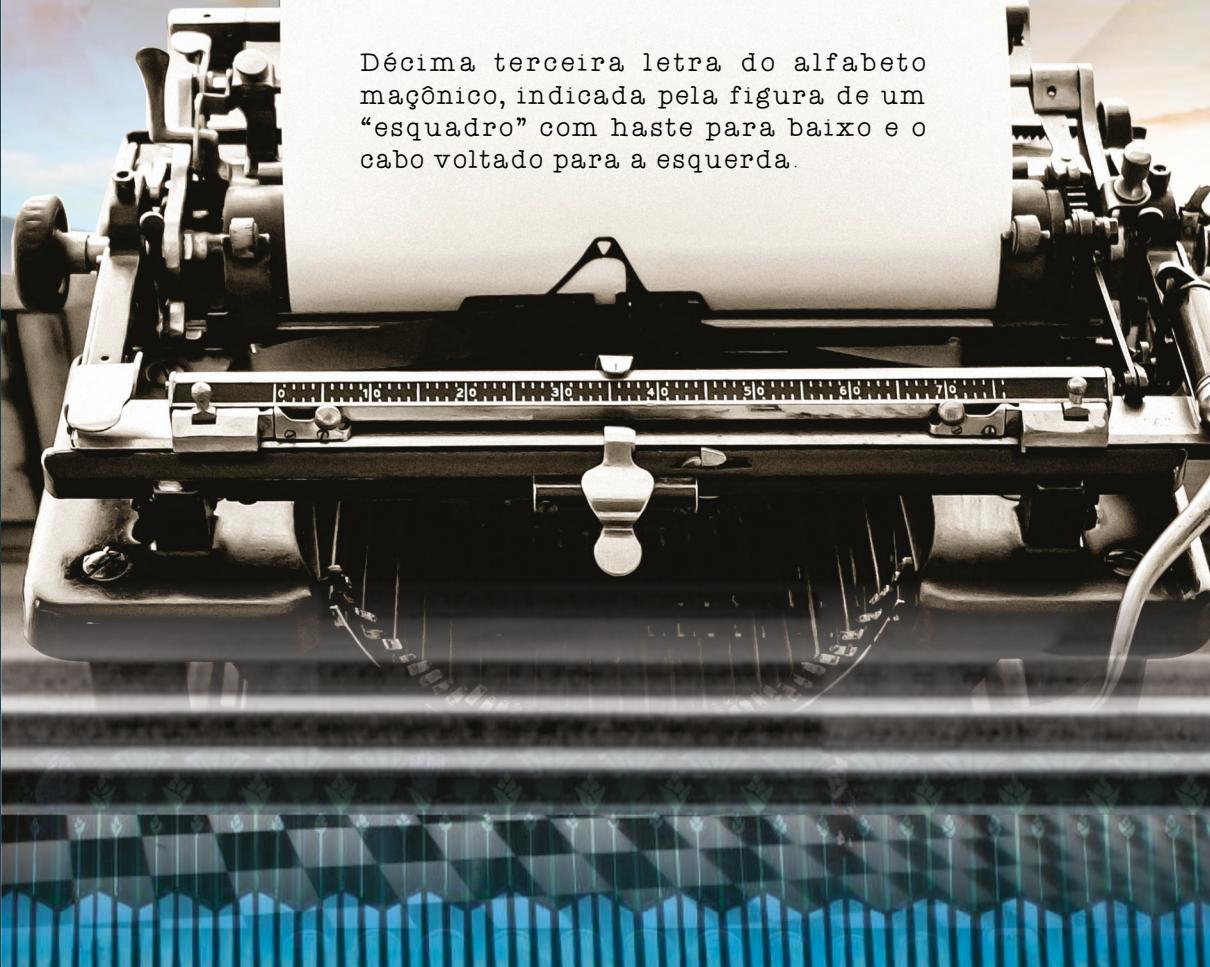
As três primeiras dignidades se chamam Luzes. Assim, o Venerável, o 1º Vigilante e o 2º Vigilante são as Luzes da Loja. (*Rituais*)



Décima terceira letra do alfabeto maçônico, indicada pela figura de um “esquadro” com haste para baixo e o cabo voltado para a esquerda.



Décima terceira letra do alfabeto maçônico, indicada pela figura de um “esquadro” com haste para baixo e o cabo voltado para a esquerda.



Pintura: Valdson Ramos



MACHADO

Usado na antiguidade com duplo corte, foi durante muito tempo o símbolo do poder. Dele derivou o malhete maçônico, tido como símbolo do poder e da autoridade. (*Dicionário Encyclopédico Maçônico do Rito Escocês Antigo e Aceito*)

MACKEY, ALBERT GALLATIN

Historiador maçônico (1807 – 1881), natural da Carolina do Sul, responsável por diversas obras maçônicas, dentre elas, sem dúvida, a mais importante foi a compilação dos Landmarks Maçônicos em 25 Landmarks, o que é adotado pela grande maioria das Potências Maçônicas em todo o mundo. (*Dicionário Encyclopédico Maçônico do Rito Escocês Antigo e Aceito*)

MAÇO

O maço é um instrumento de madeira rija, enfiado em um cabo grosso que serve para trabalhar as pedras. É o instrumento simbólico do trabalho do Aprendiz maçom e tem origem no prolongamento do braço do homem. (*Dicionário Encyclopédico Maçônico do Rito Escocês Antigo e Aceito*)

MAÇOM

Etimologicamente, esse nome provém do baixo latim *machio* (cortador de pedras) ou também do inglês *mason*, do francês *Maçom* (pedreiro). Membro da Maçonaria, iniciado ritualisticamente em uma Loja Regular, sendo esta membro de uma Potência Reconhecida e Regular. (*Dicionário Enciclopédico Maçônico do Rito Escocês Antigo e Aceito*)

MEIO-DIA À MEIA-NOITE

Os rituais de Lojas Simbólicas do Rito Escocês Antigo e Aceito trazem, logo na abertura – e, também, no encerramento dos trabalhos –, perguntas acerca do horário de trabalho do maçom. A informação é que eles iniciam os trabalhos ao meio-dia, se estendendo até a meia-noite. (Texto de Alexandre Acioli)

O Vigilante, com a resposta de que trabalhamos do meio-dia à meia-noite, está confirmado a máxima maçônica da “igualdade”.

É que ao meio-dia, com o Sol a pino, um Obreiro não faz sombra ao outro; portanto, todos são iguais no trabalho da construção.

Pergunta: Como no Brasil as Lojas Maçônicas são geralmente operadas e os candidatos iniciados à noite, como justificar esse aparente paradoxo?

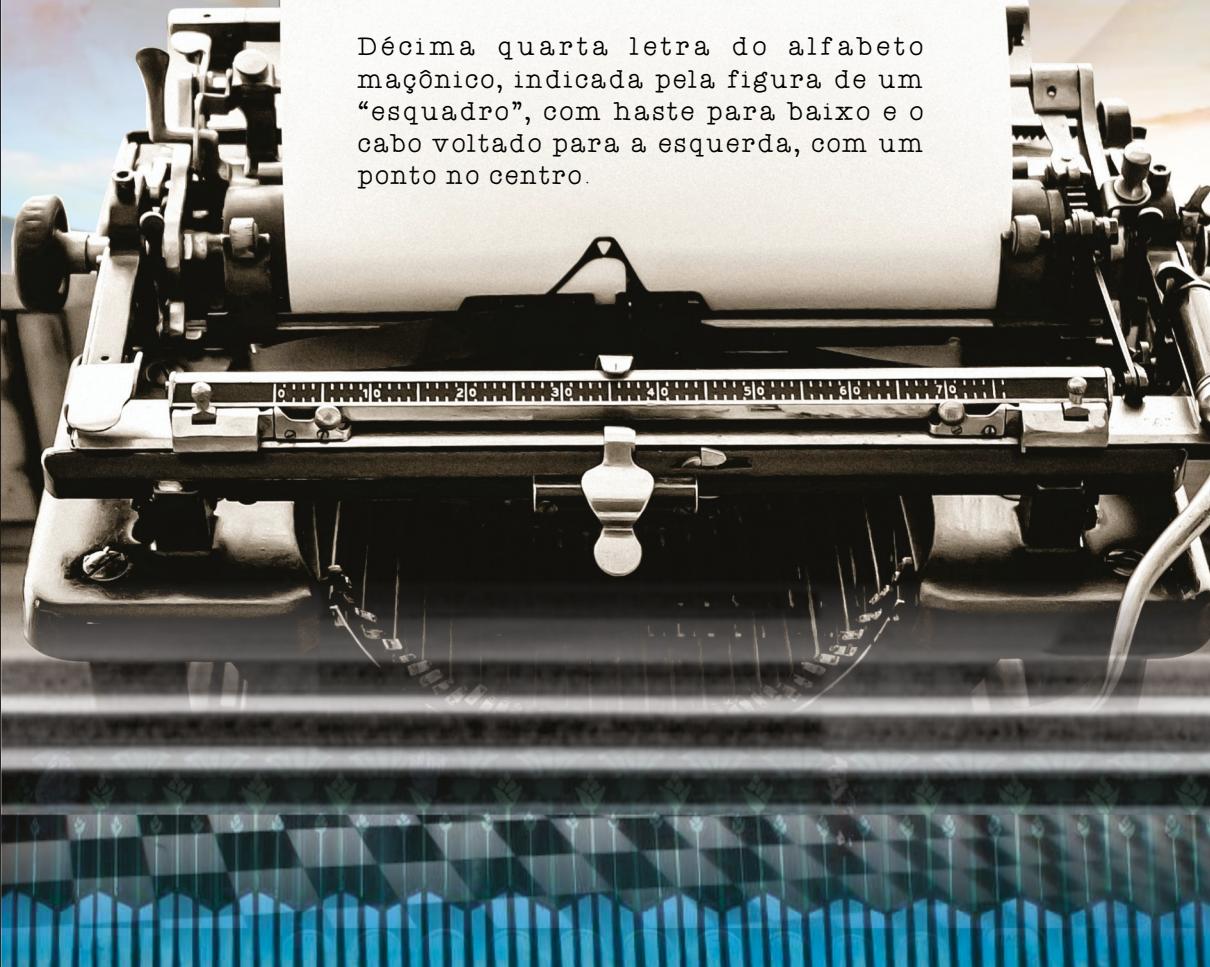
Resposta: “Sendo o Sol um corpo fixo e a Terra tendo uma rotação constante sobre o seu eixo, e sendo a Maçonaria uma ciência universal, difundida por todo o globo, o Sol está, forçosamente, sempre no seu meridiano no que à Maçonaria diz respeito.”

A Maçonaria adotou essa passagem em homenagem a Zoroastro, que, com seus discípulos, iniciava seus trabalhos ao meio-dia e os terminava à meia-noite, com a realização de um ágape fraternal, priorizando, sempre, a igualdade. (*Pedro Juk*)

Décima quarta letra do alfabeto maçônico, indicada pela figura de um esquadro com haste para baixo e o cabo voltado para a esquerda, com um ponto no centro.



Décima quarta letra do alfabeto maçônico, indicada pela figura de um “esquadro”, com haste para baixo e o cabo voltado para a esquerda, com um ponto no centro.



Pintura: Valdson Ramos



NAVE

Do grego, *naos*, referente ao espaço fechado de um templo, e do latim medieval *navis*. A nave é o termo referente à ala central de um templo onde se reúnem os fiéis de modo a assistirem ao serviço religioso. (*Dicionário Enciclopédico Maçônico do Rito Escocês Antigo e Aceito*)

NAZARÉ

Cidade da Galileia, situada a 12 quilômetros do Monte Zabor, local onde nasceu Maria, mãe de Jesus, e onde ele passou a sua infância. Nos rituais maçônicos, os Cavaleiros Rosa Cruz passam simbolicamente por Nazaré. (*Dicionário Enciclopédico Maçônico do Rito Escocês Antigo e Aceito*)

NEM NU NEM VESTIDO

Lembra a simplicidade e a pureza de corações que deve possuir o maçom. Significa a neutralidade, um estado de consciência incompleto e um desejo de vestir-se adequadamente. (*Dicionário Enciclopédico Maçônico do Rito Escocês Antigo e Aceito*)

NE VARIETUR

Aquilo que não varia, ou seja, inalterável. Assinatura com o próprio punho apostila nos documentos maçônicos e no livro de presença. (*Dicionário Enciclopédico Maçônico do Rito Escocês Antigo e Aceito*)

Décima quinta letra do alfabeto maçônico, indicada pela figura de dois “esquadros”, ligados pelos cabos, com as hastes para baixo. A figura lembra a letra “U” voltada para baixo.



Décima quinta letra do alfabeto maçônico, indicada pela figura de dois “esquadros”, ligados pelos cabos, com as hastes para baixo. A figura lembra a letra “U” voltada para baixo.



Pintura: Valdson Ramos



O QUE É A MAÇONARIA

A Maçonaria é uma irmandade universal, possivelmente nascida, segundo alguns estudiosos, da união de trabalhadores que, na Idade Média, se dedicavam a edificar catedrais. Eles teriam instituído sua própria associação, conhecida como Maçonaria Operativa. Esses construtores iam de obra em obra, livres, sem a exigência de pagar impostos ou de dar satisfações à nobreza ou à Igreja.

Daí serem chamados de Pedreiros Livres – Freemasons ou franc-maçon –, pois, diferentemente dos outros profissionais desse ramo, eles tinham o poder de lapidar a pedra bruta.

Essa sociedade foi profundamente influenciada pelas mudanças ocorridas durante o Renascimento. A Reforma Protestante, o intenso desenvolvimento científico e as mudanças de paradigma abriram espaço para a concepção de Deus como o Grande Arquiteto do Universo, criador de um universo regido por leis imutáveis. A crença nessa visão de Deus caracterizaria fortemente a Maçonaria.

Como meio de se protegerem dos impostores, os pedreiros livres criaram maneiras de se identificar diante dos outros, e a partir do século XVII, com término das construções das obras arquitetônicas, homens de destaque na sociedade foram aprovados como “pedreiros aceitos”. Com o passar do tempo, estes predominaram sobre os obreiros, caracterizando a Maçonaria, desse momento em diante,

como um grupo de natureza filosófica, não mais operativa. (*Opinião e pesquisa de Ana Lucia Santana Tweetar*)

ORDEM DO DIA

A Ordem do Dia trata-se de um espaço de tempo previamente programado pelo Venerável Mestre, por meio do Secretário, com o conhecimento do Orador no que lhe competir (ou que diga respeito às Leis) e do Instrutor Litúrgico (quando se tratar de instrução).

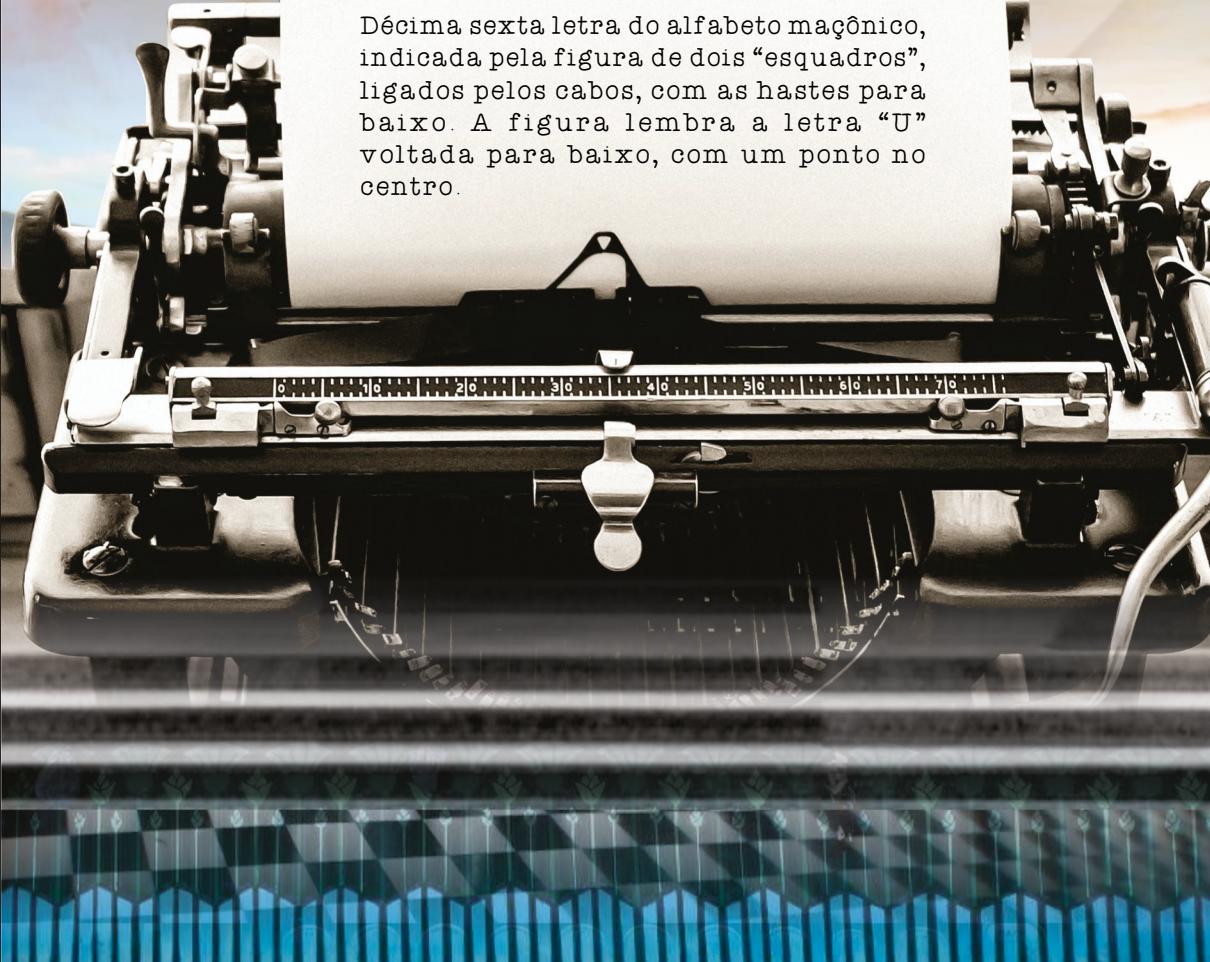
Os assuntos da Ordem do Dia são os mais variados e, discutidos, são efetivamente votados, aprovados ou reprovados. Geralmente são assuntos programados com bastante antecedência ou pendentes da Bolsa de Propostas e Informações.

Os assuntos não programados com antecedência só serão discutidos na Ordem do Dia: a) se houver tempo disponível; b) se apresentarem extrema urgência; c) se o Venerável entender que o momento (emocional) é próprio. (*Rituais*)

Décima sexta letra do alfabeto maçônico, indicada pela figura de dois “esquadros”, ligados pelos cabos, com as hastes para baixo. A figura lembra a letra “U” voltada para baixo, com um ponto no centro.



Décima sexta letra do alfabeto maçônico, indicada pela figura de dois “esquadros”, ligados pelos cabos, com as hastes para baixo. A figura lembra a letra “U” voltada para baixo, com um ponto no centro.



Pintura: Valdson Ramos



PALAVRA SEMESTRAL

A Palavra Semestral da tradição maçônica é sempre renovada, de seis em seis meses, na passagem dos solstícios e destina-se a comprovar a regularidade do maçom em visita a outras Lojas e serve para reforçar a segurança da cobertura. (*Rituais*)

PAINEL DO GRAU

Entre os degraus de subida ao Oriente e o Altar dos Juramentos está o “Painel do Grau”, aberto de acordo com o grau em que a Loja esteja trabalhando. O estudo do Painel deve ser sistematicamente realizado, de acordo com as instruções ritualísticas. (*Rituais*)

PALAVRA A BEM DA ORDEM EM GERAL E DO QUADRO EM PARTICULAR

É o momento em que todos os presentes podem fazer uso da palavra, para abordar o assunto que escolherem. Não sendo permitidos apartes, discussões ou diálogos. Aconselha-se que todos utilizem o bom senso para que o assunto seja abordado de forma sucinta.

Qualquer tema que gere algum tipo de polêmica deve ser tratado na Ordem do Dia, previamente agendado com o V.: M.: ou Sec... .

Em Sessões Magnas, a palavra deve ser utilizada exclusivamente sobre o ato realizado. (*Rituais*)

PAVIMENTO MOSAICO

No Ocidente, o soalho é representado pelo Pavimento Mosaico, composto de quadrados brancos e pretos, representando, inclusive, as diversidades encontradas pelos maçons, tanto no solo terrestre como entre os seres que o habitam, com os quais deve conviver pacificamente.

O Pavimento Mosaico deve ser em todo o Ocidente. Fora disso, ele é representativo do todo, portanto, com o mesmo significado, o mais usado nas Lojas brasileiras. (*Livro Símbolos Maçônicos*)

PODEROSO

O tratamento “Poderoso” comumente utilizado por muitos Irmãos na Maçonaria Simbólica, em várias potências, acreditamos não ter respaldo literário. Nem mesmo encontramos citações sobre o assunto e não sabemos onde os usuários buscaram tal “demonstração de prestígio”.

No entanto, a única forma de encontrarmos relação do fato é buscarmos o mesmo tratamento, ou quase, na ritualística do Grau 4 do REAA . . ., quando o Presidente tem o tratamento de Três Vezes Poderoso Mestre.

Mas a possibilidade da origem do referido costume é bem pequena, devido à maioria dos Mestres optar por não iniciar nos graus filosóficos.

Resumindo, entendemos que o tratamento “Poderoso” é indevido nas Lojas Simbólicas, bem como nas correspondências. Em seu lugar, aconselha-se (conforme escritores) o termo “Ilustre Irmão”.

Consultado, o Irmão Kenryo Ismail disse não estar familiarizado com tal tratamento no simbolismo e sim no filosofismo.

POLÊMICA

É importante salientar que polêmica não é sinônimo de brigas ou discórdia hostil. Muitas obras literárias nasceram num contexto de polêmica, defendendo ou refutando uma determinada tese. É mesmo frequente citar a polêmica como algo necessário para o avanço do conhecimento nesses campos. (*Wikipédia*)

À oportunidade, registramos um acontecimento ocorrido na gestão do Irmão RUY ROCHA DE MACEDO (1999/ 2002), quando nos convidou para auxiliá-lo no cargo de Grande Mestre de Instrução.

Naquela oportunidade, disse o Irmão Ruy que, ao me colocar na relação dos Irmãos a serem convidados para a composição do futuro quadro da Grande Loja naquela gestão, foi aconselhado por um ou mais Irmãos a não solicitar o meu concurso, devido me terem como de comportamento polêmico.

Mesmo assim ele disse acreditar no meu potencial, efetivou o convite, aceitei, não só participando dessa administração, mas das duas outras posteriores, então auxiliando os Irmãos José Alvarenga dos Santos (2002/2005) e João Batista Fagundes (2005/2008), sendo, ainda, reconvocado pelo Irmão Ruy para a sua reeleição após o Irmão Fagundes, embora, infelizmente, não tenha podido ajudá-lo.

Nossa participação contou como nove anos na Grande Loja e pôde ser classificada, na opinião individual da grande maioria dos Obreiros e das Lojas assistidas pela Grande Comissão de Ritualística e Liturgia, como boa e excelente.

Sobre a tal opinião de alguns Irmãos sobre a minha aparente disposição à polêmica, parece-me, apenas, que alguns Irmãos não admitem ser contrariados em suas posições, pensamentos ou propostas, mesmo que não se demonstrem versados sobre o assunto.

Acontece que faz parte do meu estilo de vida (“personalidade”) sempre questionar assuntos que me causam dúvidas; prefiro oferecer minhas opiniões, quase sempre, com base nos ensinamentos, estudos e pesquisas e, principalmente, constituídas de lógica. Enfim, sempre defendo meus pontos de vista.

Confesso-me desconfortável em participar de projetos ou instruções mal explicados, deixando os assistentes mais confusos que antes. Também não consigo me manter em silêncio diante de debates, do tipo: “do jeito que quiserem, eu também quero”, como faz o famoso *“Maria vai com as outras”*.

Procuro embasar-me para participar de igual para igual, contribuir. Entendo o quanto é correta a colocação de um pensador: *“O mal não está no barulho dos maus; e sim no silêncio dos bons.”*

Apesar desta minha condição de participante ativo nos agrupamentos de que participo, incorporo e cumpro o preceito ritualístico maçônico de: *“...submeter a minha vontade...”*.

Porém, *“uma vez voto vencido, me comporto como Obreiro calado, em plena harmonia e Operativo”*.

Por outro lado, tal observação de alguns Irmãos, no passado, com relação à minha posição como polêmica, pode ser ilustrada por um fato levantado por um Irmão muito querido, que na época era Venerável de minha Loja e teria me dito, sem agredir: *“Irmão Milton, não é o que você fala, mas como fala.”* Foi uma grande lição.

Refleti e procurei, a partir daí, não só na Maçonaria, controlar-me na qualidade da fala; no tom de voz; na expressão facial e nas *“verdades que devem sempre ser ditas, mas que podem ser adiadas”*. (Chico Xavier)

Antes que me esqueça, quero registrar nesta obra que tenho grande admiração pelo Irmão Ruy Rocha de Macedo, a quem devo muitas obrigações.

POSIÇÃO DOS PÉS

Na Maçonaria, em Loja aberta, estando o Obreiro parado, o Ritual prevê que ele esteja na posição de Ordem, ou seja, com os pés em esquadria, 90º com os calcanhares unidos; que durante a marcha, a cada passo, deve juntar os calc.^{os}, voltando a formar a esquadria.

Não esclarece, no entanto, como deve ser formado esse ângulo: se com a abertura para a direita, em "L" ou mesmo para a frente, como seria o correto diante do REAA, praticado na nossa potência.

Cabe-nos, neste momento, divulgar os estudos e pesquisas realizados (*Irmão Kenryo Ismail – CMSB*)

A posição de se estar com o pé esquerdo apontado para frente não é prática tradicional do Rito Escocês Antigo e Aceito, embora, como dito, uma grande maioria dos nossos Irmãos ainda assim procedam, como é o caso da GLEG (*grifo do autor*).

O piso do Templo (Ocidente e Átrio) deveria ser colocado na diagonal para os pés serem abertos para frente e não em 90º para a direita.

No Rito Escocês Antigo e Aceito, que deve possuir o Pavimento Mosaico de maneira oblíqua, os pés devem formar a esquadria de tal maneira que as plantas dos pés fiquem orientadas no mesmo sentido oblíquo do pavimento e os calcanhares coincidam com a intersecção dessas linhas oblíquas.

Justificativas

Ritual de 1928 (1º Grau, pág. 44), o Venerável Mestre manda o Mestre de Cerimônias conduzir o iniciando ao 2º Vigilante "... para que lhe ensine a dar os primeiros passos de Ap.' M.', no ângulo do quadriláter..."

Tanto é que o maior ritualista maçônico brasileiro, o saudoso e pranteado Irmão Theobaldo Varoli Filho, à página 270 do seu Curso de Maçonaria Simbólica – I Tomo – assim se expressa sobre a questão:

“É pelos ladrilhos do Pavimento Mosaico que se regulam os passos. Por isso, em ritos como o Escocês Antigo e Aceito, os ladrilhos devem ser dispostos em diagonal.”

O mesmo Theobaldo Varoli Filho, à página 25 do seu Ritual e Instruções de Aprendiz-Maçom do Rito Escocês Antigo e Aceito, editado em 1974 pela editora “A Gazeta Maçônica”, em São Paulo, nos ensina que:

“Os ladrilhos devem ser de tamanho que proporcione a medida dos Passos Regulares, que no Rito geralmente são seguidos com os pés em Esquadro, abertos para a frente, isto é, da maneira mais natural.”

A forma ora recomendada pelo Ritual em uso na nossa Grande Loja de Goiás é, com certeza, usada no Rito Moderno, sendo o pavimento quadriculado e, consequentemente, os pés acompanham o piso, ou seja, abertos em 90º para a direita. (*Kennyo Ismail*)

PRANCHETA DA LOJA

Dizem os ritualistas que a Prancheta da Loja serve para o Mestre desenhar e traçar o que simbolicamente exprime.

O Mestre guia os Aprendizes no trabalho por ela indicado, alternando o caminho que eles devem seguir para o aperfeiçoamento, a fim de que possam progredir nos trabalhos da Arte Real.

Os desenhos retratados na Prancheta da Loja dizem respeito aos caracteres para se decifrar o alfabeto maçônico, estudo reservado aos Mestres Maçons.

PRIORIDADE DA LOJA SIMBÓLICA

Afinal, o que é Prioridade?

Prioridade é a condição de algo que necessita ocorrer de maneira “preferencial”.

Alguns exemplos: “É preciso dar prioridade à questão dos desabrigados em decorrência das enchentes.”

“É preciso dar prioridade aos estudos, do contrário, não conseguiremos ser aprovados.”

Normalmente a prioridade está relacionada a algo importante que ocorre em primeiro lugar em relação aos demais assuntos.

Prioridade também se refere a uma condição prevista em lei que determina que algumas pessoas têm preferência na ordem de atendimento em determinados serviços, podendo passar à frente de outros em filas, por exemplo.

Enfim, existem várias modalidades de prioridade ou preferência: “a idosos de maneira geral”, “às gestantes”, “aos doentes”, “aos processos na justiça”, “às leis votadas por legisladores”, “à locomoção de uma pessoa idosa”, “aos assentos no transporte público” etc.

Prioridade também é sinônimo de IMPORTÂNCIA. Significa o nosso gosto por alguma prática, exercício de qualquer natureza, profissão, estudo etc.

A palavra IMPORTÂNCIA tem origem do latim *importans*, de *importare*, que significa “ser significante em”. Ou o mesmo que dizer que uma coisa cai no nosso gosto e tem o status de “mérito”, “merecimento”, “interesse”, “dimensão”, “magnitude”, “poder”, “status”, “autoridade”, “influência”, de “RELEVÂNCIA”, entre outros.

Destacamos, nesta oportunidade, o significado da palavra RELEVÂNCIA.

Um objeto RELEVANTE pode ser entendido como algo VALIOSO e PRECioso, que possui muita importância, que merece atenção por seu significado.

No âmbito jurídico, de acordo com o artigo nº 121 do Direito Penal, em caso de homicídio simples provocado por RELEVANTE VALOR SOCIAL OU MORAL, o culpado terá direito à diminuição da pena entre um sexto e um terço do tempo total estabelecido pelo juiz.

Assim sendo, sem sombra de dúvida, entendemos que podemos classificar a Iniciação Maçônica como IMPORTANTE; RELEVANTE; DE PROFUNDO TEOR EXOTÉRICO; MOTIVO DE EXTREMA CURIOSIDADE PARA QUEM PRATICA E MUITO MAIS PARA QUEM NÃO É DO MEIO; DE ALTA DIMENSÃO NO SENTIDO ESPIRITUAL; DE ALTÍSSIMA MAGNITUDE; DE ALTO PODER NA REFORMA ÍNTIMA DO HOMEM; QUE CONDICIONA STATUS E CONFIANÇA NO MEIO PROFANO (COMUM); QUE TRANSMITE CARÁTER DE AUTORIDADE PELO SABER; QUE CONTRIBUI NA INFLUÊNCIA E NO TRÂNSITO NO MEIO SOCIAL.

Então, como não classificar a prática maçônica (dentre os Iniciados), como um todo, como prioritária, relevante, importante e de compromisso firmado que deve ser cumprido?

O Iniciado na Ordem Maçônica se submete a um juramento solene e firma um compromisso na presença de várias pessoas do meio, tudo documentado e dado reconhecimento a todos os maçons do Universo, de cumprir e fazer cumprir as leis emanadas da instituição.

Ademais, entendemos que o futuro membro, quase sempre, tem (ou deveria ter) condições de saber, antes de assumir tão sério compromisso, se a sua formação profissional, carga ocupacional, influência de parentes, aversão religiosa em relação à Ordem Maçônica etc. poderiam, no futuro, impedi-lo de cumprir o compromisso a ser firmado com a Irmandade. Embora seja verdade que existem acontecimentos imprevisíveis, felizmente mais raros.

No entanto, mesmo ciente de tudo isso, nossa opinião é de que o primeiro compromisso firmado ao ingressar na Maçonaria é com a *LOJA SIMBÓLICA*. Portanto, o bom senso indica que não devemos assumir compromissos em datas coincidentes com o funcionamento da nossa Loja Simbólica, mesmo que seja no âmbito e a bem da Ordem, sem considerarmos pelo menos alguns principais fatores relativos:

Dificuldades administrativas da Loja que requerem nossa presença:

Dificuldades de funcionamento por falta de quórum “principalmente”;

Cargo ocupado na direção litúrgico/ritualística e administrativa da loja.

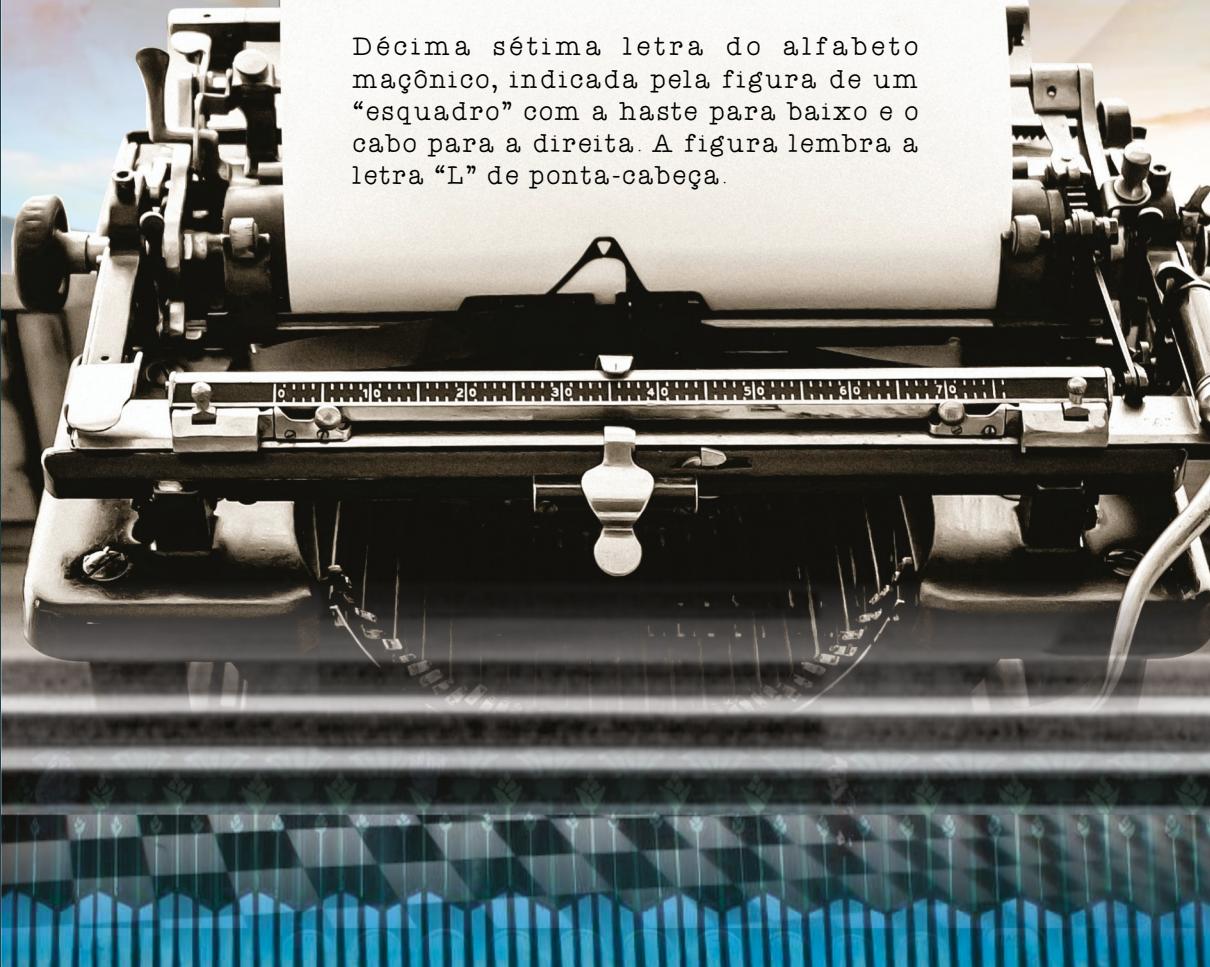
(Autoria do escritor do livro).



Décima sétima letra do alfabeto maçônico, indicada pela figura de um esquadro com a haste para baixo e o cabo para a direita. A figura lembra a letra L de ponta-cabeça.



Décima sétima letra do alfabeto maçônico, indicada pela figura de um “esquadro” com a haste para baixo e o cabo para a direita. A figura lembra a letra “L” de ponta-cabeça.



Pintura: Valdson Ramos



QUARTO DE HORA DE ESTUDOS

Período reservado para estudos maçônicos no grau em que a Loja esteja trabalhando. (*Dicionário Enciclopédico Maçônico do Rito Escocês Antigo e Aceito*)

QUINTESSÊNCIA OU QUINTA-ESSÊNCIA

Quintessência é uma alusão a Aristóteles, que considerava que o Universo era composto de quatro elementos principais – Terra, Água, Ar e Fogo, mais um quinto elemento, uma substância etérica que permeava tudo e impedia os corpos celestes de caírem sobre a Terra.

Só em 1998 é que três astrofísicos reintroduziram o termo para designar um campo dinâmico quântico que é repulsivo.

QUIT PLACET EX-OFÍCIO

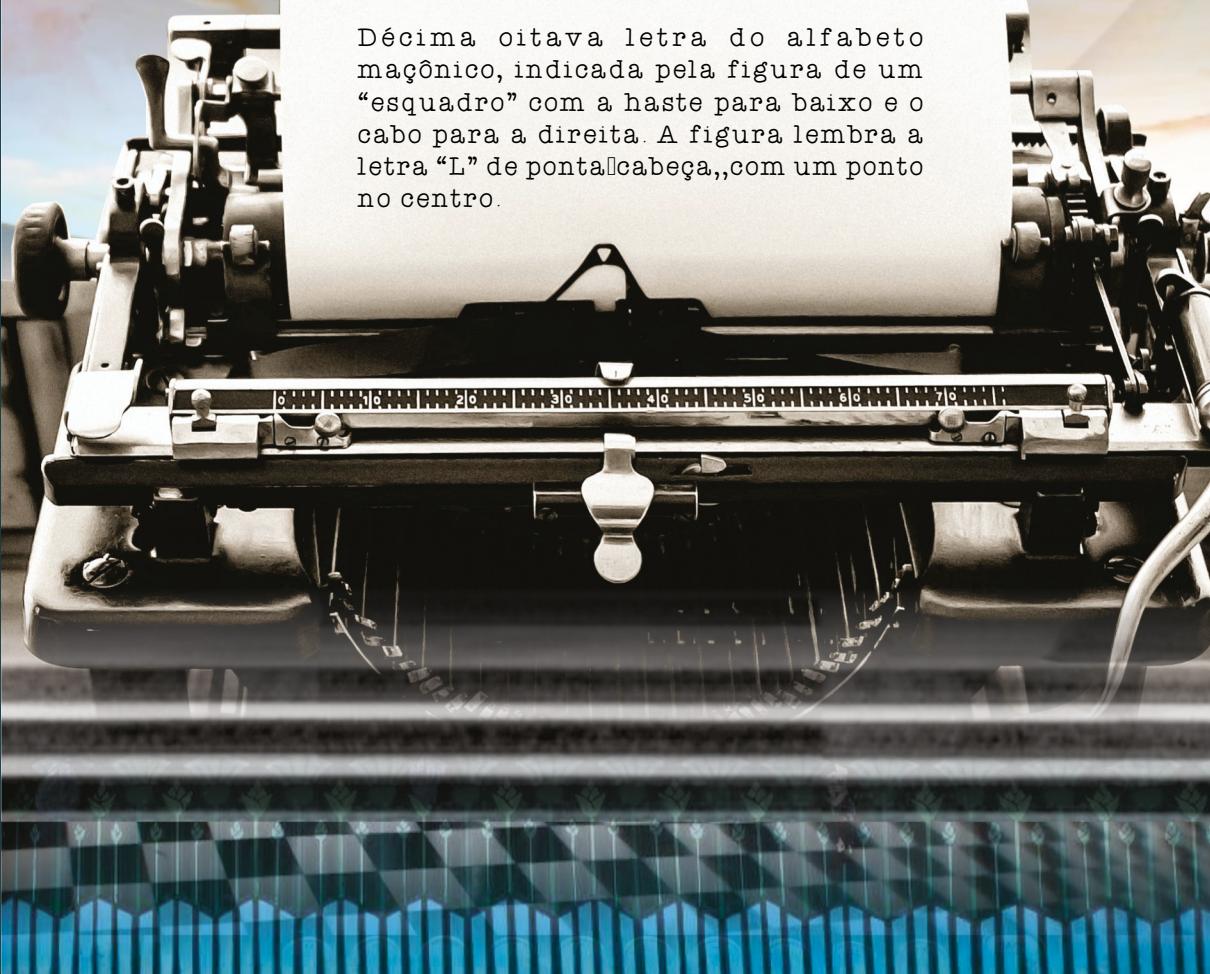
Toda Loja tem a prerrogativa de propor o desligamento definitivo, do seu quadro de Obreiros, do maçom que se tornar inconveniente ou nocivo ao ambiente maçônico. A proposta deve ser apresentada em Sessão de Mestre e deve ser aprovada pela maioria absoluta dos Obreiros presentes. Em seguida, a proposta de emissão do Quit Placet Ex-Ofício deve ser encaminhada à Potência Maçônica em que a Loja for subordinada para que o documento seja emitido.



Décima sétima letra do alfabeto maçônico, indicada pela figura de um esquadro com a haste para baixo e o cabo para a direita. A figura lembra a letra “L” de ponta-cabeça.



Décima oitava letra do alfabeto maçônico, indicada pela figura de um “esquadro” com a haste para baixo e o cabo para a direita. A figura lembra a letra “L” de ponta-cabeça,, com um ponto no centro.



Pintura: Valdson Ramos



LETRA “R”

Inicial da palavra Rabannin (Divino em hebraico). Letra que aparece na Joia dos Graus 12, 25, e 17 do Rito Escocês Antigo e Aceito de algumas regiões. (*Dic. Enc. Maçônico*)

RAMO DE ACÁCIA

Símbolo da imortalidade, da vitória e da inteligência, respectivamente. Aparece na lenda do Grau 3 do simbolismo. (*Dic. Enc. Maçônico*)

RAMO DE OLIVEIRA

Denominação que aparece no Grau 4 do Rito Escocês Antigo e Aceito. (*Dic. Enc. Maçônico*)

RECIPIENDÁRIO

Na Maçonaria, é o candidato à Iniciação, quando ele é recebido em Loja. (*Dic. Enc. Maçônico*)

RECONHECIMENTO

Acordo celebrado entre Potências Maçônicas, por meio da sua legalidade de funcionamento. Pode condicionar as relações exteriores, as visitas recíprocas ou as intervisitas. Resulta também da aplicação de regras, quase sempre de caráter administrativo, ditadas por algumas Obediências ou Potências, para assim determinar as opções sobre as suas relações. (*Dic. Enc. Maçônico*)

REMIDO

Em geral é estar livre do compromisso de pagamento à Loja e à Potência a que se está subordinado, isenção concedida ao maçom após 25 anos de frequência regular na jurisdição da Potência a que ele pertence.

No entanto, hoje, há grande variação nesse comportamento entre as regiões. Há regiões que isentam o obreiro remido dos pagamentos junto à Grande Loja, por exemplo, e não das despesas das Lojas jurisdicionadas. (*Constituições*)

RITO

Trata-se de um conjunto de regras (de uma religião; culto; doutrina; qualquer ceremonial; cada um dos sistemas da organização maçônica). (*Dic. Enc. Maçônico*)

RITUAL (LIVRO)

Manual que contém os rituais e as lendas de cada Grau Maçônico. (*Dic. Enc. Maçônico*)

Décima nona letra do alfabeto maçônico, indicada pela figura de um “esquadro” com as duas pontas para frente, mais parecido com a letra “V” maiúscula, escrita na posição correta.



Décima nona letra do alfabeto maçônico, indicada pela figura de um “esquadro” com as duas pontas para frente, mais parecido com a letra “V” maiúscula, escrita na posição correta.



Pintura: Valdson Ramos



SALA DOS PASSOS PERDIDOS

A designação Sala dos Passos Perdidos foi copiada pela Maçonaria do parlamento inglês, constava de uma antecâmara onde o cidadão esperava até ser atendido, ou recebia decisões e despachos de assuntos de seu interesse. Era quando esse cidadão perambulava sem destino para descarregar sua ansiedade; algo semelhante à sala de preocupações do Tio Patinhas, onde o personagem anda em círculos até afundar o piso sob seus pés pelas mesmas razões.

Os Irmãos são recebidos numa antessala, chamada Sala dos Passos Perdidos, posicionada antes do Átrio, a fim de que se preparem para a entrada no Templo.

Nessa sala colocam-se poltronas e mesas, onde poderão estar livros e revistas alusivos à Maçonaria, bem como o livro de presenças do Quadro de Obreiros e Visitantes.

A Sala dos Passos Perdidos também possui seu significado esotérico, representando a nossa presença fora do Templo. Ou seja, a vida extrassensorial, vagando pelo Cosmo, de forma ampla, onde o maçom poderá encontrar toda sorte de aventuras espaciais e mentais. Simboliza que o homem fora do Templo pode se perder.

Ali o maçom começa a sua preparação mental para a entrada no Templo Sagrado, despindo-se das energias oriundas das atividades profanas. Nessa sala, o maçom reencontra os Irmãos, depois de uma

semana ausentes da Loja, e devem exercitar as virtudes da amabilidade, cortesia e irmandade. É o momento de preparação para assimilarem bem as energias reinantes no interior do Templo.

A denominação Passos Perdidos refere-se ao fato de que até esse local os passos são livres, tanto quanto no mundo profano, mas, a partir daí, eles devem obedecer ao ritual estabelecido.

SALMO

É uma palavra de origem grega que quer dizer canção ou hino. A maioria dos Salmos foi escrita e musicada para uso no Templo, nas reuniões de adoração. Em hebraico, o seu título é “Livro de Louvores”.
(O ponto dentro do círculo)

SALMO 133 – ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO

“Oh! Quão bom e suave é que os irmãos vivam em união. É como o óleo precioso sobre a cabeça. Que desce sobre a barba, a barba de Aarão, e que desce à orla dos seus vestidos. É como o orvalho de Hermom, que desce sobre os montes de Sião; porque ali o Senhor ordenou a bênção e a vida para sempre.”

Grande parte do ceremonial maçônico tem sua origem nos ritos da antiguidade, adaptado às exigências modernas. Dos ritos antigos, a influência mais visível é da hebraica. (*Castellani, 1993, p. 19*)

No dizer do citado autor, a Maçonaria moderna é considerada como a herdeira dos ritos, práticas e tradições hebraicas, a começar pelo Templo de Jerusalém, que é o arquétipo das Igrejas, e indiretamente dos Templos Maçônicos.

Para que pudesse analisar o Salmo 133, denominado Salmo da Fraternidade ou da Concórdia, o trabalho foi dividido em duas partes.

A primeira, desenvolvida de forma descritiva, procura situar dois personagens bíblicos dentro de um contexto histórico: Aarão, citado nominalmente, e David, tido como autor do citado salmo. Da mesma forma, dois pontos geográficos também mereceram análise: os montes Sião e Hermom.

O autor comentou, também, a relação existente entre os Landmarks e a obrigação da abertura de um Livro da Lei, no nosso caso a Bíblia, cujos salmos fazem parte da abertura dos trabalhos nas Lojas Maçônicas brasileiras, em sua grande parte.

Para a consecução do objetivo, o autor disse ter se apoiado em várias fontes: a Bíblia Católica, livros, Revista Trolha, boletins de lojas e vários sites da internet, todos relacionados na bibliografia.

Landmarks

Antes, devemos “grifar” no trabalho do autor, salientando o termo Landmark e qual deles determina a obrigatoriedade do uso do Livro da Lei nas Lojas Maçônicas.

Landmark, palavra cuja origem é inglesa, no seu sentido etimológico, pode ser entendida como “limites fronteiriços” (land = terra e mark = marca, limite) que delimitam um território e que, por isso, não podem ser alterados ou removidos.

A Grande Loja Maçônica de Minas Gerais define os Landmarks como “... as mais antigas leis que regem a Maçonaria Universal, pelo que se caracteriza pela antiguidade”. O escritor Alec Mellor (1989) define os Landmarks como:

“Landmarks são as regras de conduta que existem desde tempos imemoriais – seja sob a forma de lei escrita ou não escrita –, que são coessenciais à sociedade [maçônica], que são imutáveis, e que todo maçom é obrigado a manter intactas, em virtude dos mais solenes e invioláveis compromissos.”

Nos primórdios da nossa Ordem, não existiram normas e regras escritas, diferentemente dos Templários, que as tinham escritas. O Irmão Francisco José Lucas, da A.R.L.S. Baden Powell n. 173 da G L S P., assim se exprime a respeito:

“... O pensamento filosófico ia se formando oralmente, se consolidando e sendo transmitido por herança dos mestres aos discípulos, pois sempre existe quem ensinasse e que ouvisse e aprendesse.

Toda a tradição oral, no entanto, se sujeita a alterações e interpretações e somente com princípios básicos é que essa filosofia de vida pode subsistir e se manter até agora. Tais são os veneráveis Landmarks da Franco-Maçonaria Regular Universal.“

No mesmo trabalho, o Irmão Francisco nos diz que os Landmarks não foram escritos por nenhum legislador. Não é menos verdade que, por mais que o historiador maçônico procure as suas origens, ele encontra textos relacionados à sua existência. Diz textualmente:

“... Desde a era operativa, os Olds Charges (obrigações de um maçom) mencionam os principais deles: crença em Deus, respeito à Lei Moral, Loja, segredo, masculinidade.

No presente trabalho interessa-nos o vigésimo primeiro (XXI) Landmark, que diz: ’É indispesável a existência no Altar de um Livro da Lei, o livro que, conforme a crença, se supõe conter a verdade revelada pelo GADU. Não cuidando a maçonaria de intervir na peculiaridade da fé religiosa de seus membros. Exige, por isso, esse Landmark, que um Livro da Lei seja parte indispesável dos utensílios de uma loja.’

Donde se conclui que os Landmarks são regras de conduta que existem a longo tempo (sem podermos precisar quando – diz o autor), quer seja sob a forma de lei escrita ou não, e que são imutáveis e que todo maçom é obrigado a manter intactas. Reforça ainda o autor que, em 1723, a Franco-Maçonaria proclamou nos Estatutos de Anderson que os antigos Landmarks sejam escrupulosamente preservados.

O Livro da Lei

É interessante saber: Por que o Livro da Lei em Loja Maçônica? Porque nele encontramos os preceitos religiosos. É a palavra escrita, é o “Verbo”, a representação simbólica da Sua Presença entre nós.

A designação de Livro da Lei deve ser entendida como o “Livro da Lei Sagrada”, logo, ele pode mudar de acordo com a religião dos próprios obreiros, já que para ser maçom há a necessidade de se acreditar em um ente supremo, criador de todas as coisas. Definitivamente, o maçom não pode ser ateu.

O Livro da Lei na Maçonaria pode ser:

- Livro dos Mortos – para os egípcios.
- A Bíblia para os católicos.
- Vedas – para os hindus.
- O Torah para os judeus.
- O Alcorão para os muçulmanos.

A Bíblia

Livro impresso por Gutemberg (Inventor alemão, considerado o Pai da Imprensa), no século XV, e o mais vendido da história. A Bíblia reúne escrito fundamental para as três grandes religiões monoteístas: Judaísmo, Cristianismo e Islamismo. Na verdade, a Bíblia é uma biblioteca de 73 livros escritos em momentos históricos diferentes.

Até hoje os arqueólogos não encontraram nada que pudesse comprovar a autoria de nenhum livro bíblico. A discussão sobre a autoria dos textos é pesada, diz o autor.

É preciso ter em mente que a formação da Bíblia foi lenta e muito complicada. É o resultado do trabalho de várias mãos que durou séculos, onde a tradição oral era o forte.

No Boletim “O Aprendiz”, da Loja Duque de Caxias, de nº 99, p. 16, encontramos a seguinte citação que corrobora nossa afirmativa: “A Bíblia foi escrita num período de 1600 anos, desde 1500 a. C. até o ano de 900 d. C., quando João escreveu seu Santo Evangelho, na Ásia Menor. Foi escrito originalmente em hebreu, aramaico e grego, em folhas de papiro e depois em pele de carneiro.”

Abertura da Bíblia em Salmo 133

A abertura do Livro Sagrado marca o início real dos trabalhos numa Loja Maçônica, pois o ato, embora simples, porém solene, é de grande importância, pois que simboliza a presença efetiva da palavra do Grande Arquiteto do Universo.

Num artigo publicado pela Revista Trolha de agosto de 1997 (disse o autor), lê-se que esta prática de se usar o Livro da Lei foi estabelecida em 1717, a partir da Grande Loja da Inglaterra, embora haja referência ao seu uso a partir de 1670.

Segundo Castellani, a leitura do salmo foi usada pela primeira vez perto da metade do século XVIII, por algumas Lojas do Yorkshire, na Inglaterra, quando ainda nem havia um rito plenamente organizado.

Em pouco tempo, esse hábito foi abandonado e, já a partir da adoção do rito inglês de Emulation (que indevidamente fala se em “de York”), abria-se a Bíblia em qualquer lugar, sem leitura de versículos.

Todavia, esse hábito foi retomado por algumas Grandes Lojas norte-americanas, principalmente a de Nova York.

Nos EUA, no simbolismo, só se pratica o rito de York, pois o REAA só é praticado nos Altos Graus.

Da Grande Loja de Nova York, o salmo foi introduzido no Brasil e em algumas outras Obediências da América do Sul, no REAA. Nesse, na verdade, tradicionalmente se abre o Livro em João e são lidos os versículos 1 a 5 do capítulo 1.

Há variedades em termos da abertura da Bíblia: o Grande Oriente Paulista, no Grau de Aprendiz, adotou iniciar a reunião lendo João, 1.1 a 5, o que confirma os dizeres do Irmão Castellani.

Têm-se notícias de que o Livro de Ruth IV é aberto em algumas Lojas dos EUA e na Inglaterra. É também chamado de Salmo. Pelo que sabemos, tratando-se das Grandes Lojas, abre-se a Bíblia, no Livro dos Salmos, e lê-se o de número 133, o qual, especificamente, ressalta Concórdia.

Cavaleiros templários

É importante registrar que a leitura deste salmo já era adotada pelos antigos cavaleiros templários, nas suas iniciações, no ano de 1128, conforme demonstra Gomes (1999), o qual, no seu livro *A Regra Primitiva dos Cavaleiros do Templo*, às páginas 81 e 149, traduz os “Cânones do Ritual da Recepção na Ordem do Templo”.

REI DAVI

A Bíblia define o rei David como o cantor dos cânticos de Israel, pela habilidade em tocar a citara (instrumento de cordas parecido com a harpa), graças à qual entrou para a corte do rei Saul.

Davi ou Rei David era um excelente salmista e os historiadores não sabem precisar quantos salmos podem ser-lhe atribuídos: 73 são designados com a fórmula “Le David”, que pode significar “de David”, mas também pode significar “a respeito” de David.

“Oh! Quão bom e suave é que os irmãos vivam em união. É como o óleo precioso sobre a cabeça. Que desce sobre a barba, a barba de Aarão, e que desce à orla dos seus vestidos. É como o orvalho de Hermom, que desce sobre Sião; porque ali O Senhor ordenou a bênção e a vida para sempre.”

Bíblia de Jerusalém (em uso na GLEG)

Vede como é bom, como é agradável habitar todos juntos, como irmãos. É como óleo sobre a cabeça, descendo pela barba, a barba de Aarão, descendo sobre a gola de suas vestes. É como o orvalho de Hermom, descendo sobre os montes de Sião; porque aí manda Iahweh a bênção, a vida para sempre.

Interpretação: Oh! Quão bom e suave é que os irmãos vivam em união!

Essa primeira frase é o canto de David pela confraternização dos romeiros, que passam o dia reunidos na grande esplanada do Templo. Gente de toda Israel, que mal se conhece, vinda de todas as regiões, ali se congregam como irmãos e irmãs, como membros de uma grande família, de uma mesma nação, que vive sob a alegria profunda de adorar um só Deus, Javé = Jeová.

Transportando essa imagem para os dias de hoje, não é o que vemos nas nossas romarias nas cidades de Juazeiro do Norte, Congonhas, Belém do Pará, Trindade-GO? (*grifo nosso*)

A televisão nos mostra os muçulmanos fazendo a sua peregrinação anual às cidades de Meca, Medina. Ou os católicos nos santuários de Aparecida, em São Paulo, ou de Fátima, em Portugal, ou em Lourdes, na França? Ou a Festa da Páscoa, atualmente, na Terra Santa?

Da mesma forma, poderíamos interpretar os cânticos das lideranças, nessas oportunidades, uma réplica do “canto de Davi”, via Salmos, aos peregrinos da época. (*grifo*).

É como o óleo precioso sobre a cabeça...

Encontramos na Bíblia, em Lev: 8.12, alusão a essa passagem que diz: “... derramou do azeite da unção sobre a cabeça de Aarão e ungiu-o para santificá-lo.” Esse óleo era um perfume à base de mirra e oliva usado unicamente para ungir os reis e sacerdotes, pelo que se depreende da leitura de Ex. 28.15.

O verbo derramar, aí conjugado no passado – “derramou” –, significa que ele “jorrou”, isto é, sem parcimônia, sem reservas, o óleo sobre a cabeça e tão abundante foi que desceu pela sua barba, daí a alusão: “e que desce sobre a barba, a barba de Aarão”.

Na tradução da Bíblia vulgata, entende-se por cabeça o ouvido, a visão, o paladar, o olfato, as mãos, ou seja, o tato.

Logo, a “fronte”, “a cabeça”, também significa os cinco sentidos, e o óleo derramado, a purificação deles.

E que desce à orla dos seus vestidos

Significa que nos trabalhos em Loja Maçônica, quando todos estão unidos, harmonizados e concentrados, esse “óleo precioso” vem até nossas cabeças, e nos infunde gradativamente a Energia Divina.

As vestes, nesse caso, representam o nosso corpo físico, a nossa parte externa. Conclui seu raciocínio dizendo que o óleo precioso (Energia Divina), antes de encharcar nossas vestes (novo corpo), derrama-se sobre nossas cabeças e barbas (receptores das manifestações vindas da presença de Deus), até a orla dos seus vestidos (são as emanações que se distribuem por todo o nosso corpo).

É como o orvalho de Hermon...

Israel faz divisa pelo norte com o Líbano e a oeste, com a Síria; o Monte Hermom assinala as divisas entre esses países.

Pela sua altura, de 2.814 metros, seus picos estão permanentemente cobertos de neve. Nas regiões desérticas, a evaporação da umidade concentra-se nas montanhas e retorna durante a noite sob a forma de orvalho, suprimindo assim a falta de chuvas e propiciando as condições para uma boa colheita e, dando com isso, as condições para a fixação do homem à região.

Por outro lado, o degelo da neve do Monte Hermom é fonte alimentadora do Rio Jordão, que abastece toda a região, irrigando o solo palestino, trazendo, como alimento (bênção) para o povo, pão para comer. O Monte Hermom, na visão de David, através do seu orvalho, é sinal de vida.

Que desce sobre Sião...

O Monte Sião tem aproximadamente 800 metros de altitude, daí, portanto, a expressão: "... descer sobre Sião", que quer dizer "sobre as colinas de Sião", porque nos salmos 87:2 e 51:18, em mais de 179 vezes, Jerusalém é chamada de Sião. No Salmo 125:1-2, há uma bela referência a esse respeito:

"Os que confiam no Senhor são como o Monte de Sião, que não se abala, mas permanece para sempre. Como estão os montes à volta de Jerusalém, assim o Senhor está em volta do seu povo desde agora e para sempre." (*grifo do autor*)

Porque ali o Senhor ordenou a bênção e a vida para sempre

David, ao conquistar a fortaleza de Sião, transportou para ali a Arca da Aliança e construiu para ela um Tabernáculo. Com isso, Sião tornou-se a "cidade do Senhor", local da Sua morada, local do seu repouso: "... este é o meu repouso para sempre; aqui habitarei, pois o desejei" (Salmo 132:13-14).

Com a presença da Arca da Aliança, Sião tornou-se a capital religiosa dos israelitas, um lugar santo, sagrado, conforme se depreende da leitura do Salmo 154:21, que nos diz: "... bendito seja o Senhor, desde Sião, que habita em Jerusalém."

David compara o óleo descendo sobre a cabeça de Aarão com o orvalho descendo sobre Sião.

Aarão é sumo-sacerdote, o chefe religioso da nação israelita, é a "cabeça" espiritual do povo hebreu, da mesma forma que Sião é a

capital espiritual de Israel. O primeiro purifica, consagra um sacerdote para o serviço do Senhor, tornando Aarão um homem puro, justo e perfeito para as funções sacerdotais.

Na segunda imagem, o orvalho sobre Sião é a água, que, além de purificar, torna possível a vida ao redor de Jerusalém. É como o óleo (água) caindo sobre Aarão (Jerusalém), porque ali em Sião, (Javé) o Senhor (representado pela Arca da Aliança) havia ordenado a Sua bênção para sempre.

O fato de os romeiros estarem ali reunidos fazia com que a bênção descesse para todos. Isso para David é algo concreto. Manifesta-se na natureza, no óleo, no orvalho, nas chuvas, nas águas do Rio Jordão, que irriga a terra e a torna fértil, tornando possível a posse da Terra Prometida. David emprega uma linguagem prática para mostrar que Sião é o centro religioso de Israel, pois ali o Senhor havia escolhido para Sua morada.

O simbolismo da Arca da Aliança

A Arca era o símbolo mais importante da fé judia e serviu como a única manifestação física de Deus na Terra. A importância da Arca pode ser vista pela sua localização no Tabernáculo, e posteriormente no Templo (Sanctus Santorum), bem como as restrições em torno dela, como, por exemplo, de que somente o sumo-sacerdote (Aarão) poderia adentrar no lugar santíssimo e isso só uma vez no ano, por ocasião do Dia do Perdão (Yom Kippur) (Lev: 16.2). Da leitura do livro do Ex: 25-22 depreende-se que ela representava o Trono de Deus no interior do Tabernáculo, que estava ali para julgar as ações do povo hebreu e para transmitir os princípios e ensinamentos de sua palavra.

Segundo a tradição, a Arca continha o Decálogo (os Dez Mandamentos ditados por Deus a Moisés), o cajado de Aarão e um recipiente com maná. Para os israelitas, a Arca representa Deus acompanhando os judeus durante a travessia do deserto. A Arca

desapareceu na tomada de Jerusalém, em 586 d.C., embora seja mencionada em lendas posteriores.

Conclusão

O Salmo 133 é conhecido como o Salmo da Fraternidade. A vivência dessa belíssima exortação deve ser a base da nossa conduta, o sustentáculo da sociedade, não só maçônica, mas profana.

A palavra divina, os ensinamentos do G A D U, que devemos seguir para realizar com perfeição, chegam-nos como o óleo, como o orvalho chega até Sião, pois ele mesmo nos disse para “amarmos ao próximo como Eu vos amei”.

A nossa fraternidade, ou aquela que entendemos como tal, não deve ter o mesmo conceito do mundo profano. Pelo próprio fato de pertencermos a uma Ordem à qual juramos fidelidade, já é o bastante para torná-la diferente.

Aqui o meu vizinho é meu irmão (frater) e como o orvalho que cai sem obstáculo, assim deve ser também a amizade: sem sofismas, reservas. Pois só assim fazendo, teremos a certeza de que o Senhor fará derramar a vida e a Sua bênção entre nós para todo o sempre.

(Pesquisa do Irmão Antônio Guilherme de Paiva – M.:M.:da R.:L.: Charitas ll, Or.'. S. João Del-Rei, MG)

SALOMÃO

Nono filho de David, filho de Bete-Seba. Salomão foi o terceiro Rei de Israel, governou Israel por 40 anos com muita paz e sabedoria. Salomão foi o construtor do Templo de Jerusalém. Antes, renovou a aliança comercial com Hiram, Rei de Tiro. (*Dic. Enc. Maçônico*)

Para a construção do Templo, recebe de Tiro a ajuda de um mestre em construções, chamado Hiram, filho de uma viúva da cidade

de Naftali. No quarto ano do seu reinado, tem início a construção do Templo de Jerusalém.

SÃO JOÃO, NOSSO PADROEIRO

Desde que surgiram as primeiras associações de ofício organizadas – hoje englobadas sob o rótulo geral de “Maçonaria Operativa” ou “Maçonaria de Ofício” –, cada ofício tinha o seu padroeiro.

A primeira organização de que se tem notícia é a dos “Colegia Fabrorum”, criados em Roma, no século VI a.C., por necessidade oriunda da atividade bélica: era a época em que as legiões romanas espalhavam-se pelo mundo, conhecido em sua ânsia conquistadora, destruindo, com a guerra, as povoações conquistadas. Os “Collegiatis” seguiam os legionários, para reconstruir o que fosse destruído por esses.

A princípio, os patronos dos ofícios eram os deuses do panteão greco-romano – que a igreja depois chamaria de “pagãos” –, havendo, posteriormente, na Era Cristã, a adoção de outros padroeiros.

Com o declínio dos “Collegiatis”, após a queda do Império Romano do Ocidente, os ofícios passaram para o domínio exclusivo da Igreja, com as Associações Monásticas, que, evidentemente, buscavam seus protetores entre os santos e, principalmente, entre os mártires da Igreja.

Com a evolução dos ofícios, os frades passaram a ensinar a leigos que se colocavam sob a sua proteção, daí surgindo, no século XI, as Confrarias, que, embora formadas por leigos, sofriam forte influência do clero católico, do qual aprenderam a arte da arquitetura e o cunho religioso aos trabalhos.

Quase na mesma época surgiram as Guildas, que eram, inicialmente, entidades simplesmente religiosas, passando, a partir do século XII, à forma de corpos profissionais. Tanto as Confrarias

quanto as Guildas, pela influência religiosa, mantinham o hábito do culto protetor dos ofícios.

Deve-se considerar, também, por essa época, o “Compagnonnage”, criado pelos Templários para o serviço em suas comendadorias do Oriente. Cada um dos ofícios que compunha o “Compagnonnage” também possuía o seu santo protetor: “São José” para os carpinteiros, “Santa Ana” para os marceneiros, e assim por diante.

Só depois do século XII é que surgiria a organização profissional por excelência, que foi a dos Ofícios Francos, ou Franco-Maçonaria. A palavra “franco”, na Idade Média, designava não só o que era livre, em posição ao servil, mas, também, todos os indivíduos, ou todos os bens que escapavam às servidões e direitos senhoriais.

Os Ofícios Francos eram formados por grupos privilegiados de artesãos dos poderes real e feudal e com liberdade de locomoção. Esses grupos, dedicados à arte de construir, tinham os seus privilégios concedidos e garantidos pela Igreja, que era o maior poder da época, fazendo com que eles fossem bastante apegados a ela, aos seus santos e aos princípios religiosos.

Essas corporações de ofício consumavam comemorar, festivamente, o início do verão e do inverno, ou seja, as datas solsticiais, ou solstícios. Solstício é a época do ano na qual o Sol, tendo-se afastado do Equador o mais possível, parece estacionar, durante alguns dias, antes de tornar-se a aproximar daquela linha.

O Solstício de inverno, no hemisfério sul, ocorre a 21 de junho, enquanto o de verão acontece a 21 de dezembro, invertendo-se no hemisfério norte, onde o de verão acontece a 21 de junho e o de inverno, a 21 de dezembro.

Por influência da Igreja, mentora das corporações, essas datas solsticiais acabaram se confundindo com as datas dedicadas a São João, o Batista (24 de junho) e São João, o Evangelista (27 de dezembro), que não são exatamente as mesmas dos solstícios.

E, graças a isso, os dois São Joãos foram considerados os patronos das corporações, hábito que chegou, em alguns casos, à Maçonaria dos Aceitos (por ser formada por homens não ligados à arte de construir, mas aceitos pelos operativos), também chamada “Especulativa”.

Esclareça-se, entretanto, que não é em todos os Ritos teístas que isso acontece. Para a Maçonaria inglesa, por exemplo, a grande festa maçônica é a de São Jorge, Padroeiro da Inglaterra. Para os Ritos adogmáticos, como o Moderno, ou francês, não há padroeiros, já que o Rito, em respeito à concepção metafísica de cada maçom, evita símbolos religiosos.

O Grande Oriente da França, que criou a Palavra Semestral, em 1777, e que implantou a racionalidade sem dogmatismo e sem imposição de crenças, continua a considerar as exatas datas solsticiais para a emissão da Palavra.

Pode-se notar, também, que, quando se fala nos demais Ritos teístas, como o Escocês, em “São João, Nossa Padroeiro”, a referência não é apenas a um, mas a dois santos da Igreja Católica: São João Batista e São João Evangelista. (*Consultório Maçônico IV, JOSÉ CASTELLANI*)

SATISFAÇÃO DOS OBREIROS

Venerável: E os obreiros estão satisfeitos, Irmão 1º Vigilante?

1º Vigilante: Eles assim o afirmam Venerável Mestre.

Essa afirmação do 1º Vigilante vem após os Irmãos baterem com a mão direita sobre a coxa direita, em sinal positivo.

Sendo evidente a satisfação dos obreiros, manifestam esse estado de espírito e o fazem na forma convencionada no Ritual.

Além da manifestação dos obreiros, o 1º Vigilante tem a faculdade de, no decorrer dos trabalhos, observar se realmente a sessão foi proveitosa para os Irmãos.

É compreensível que, dentro de um grupo grande de obreiros, nem todos tenham, durante os trabalhos, obtido o salário desejado, de acordo com seus anseios e necessidades.

Constatada a insatisfação de alguns, cabe ao Venerável, ao final dos trabalhos, formar a Cadeia de União e distribuir, equitativamente, o salário, para que o pagamento possa ser Justo e Perfeito.

Embora o nosso ritual não preveja, há informações de que mesmo se formando a Cadeia de União para uma finalidade que não seja a de transmitir a Palavra Semestral, ela, a Palavra Semestral deve ser transmitida, mesmo que já tenha sido feita regularmente.

A concórdia entre os maçons que a Ordem exige de seus membros, recomendando a Harmonia, muito particularmente nos trabalhos em Loja, cita Mackey em sua obra: “É um dever especialmente confiado ao 1º Vigilante da Loja, que, figuradamente, é suposto presidir durante as horas de Trabalho, atuando de modo que ninguém possa sair da Loja insatisfeito ou descontente. Assim, a harmonia deve ser sempre preservada, porque, de acordo com o que diz o Ritual, a harmonia é a força e o apoio de todas as instituições bem dirigidas.”

E se algum obreiro não estiver satisfeito?

Bem, nesse caso, somente o Venerável Mestre, com a sua Pureza, com a Luz da Sabedoria, imbuído da Verdade, virtudes estas estampadas nos degraus que compõem o Sólio que se eleva para sustentar o seu Trono e Altar, poderia responder.

Vejamos o que responderia o Venerável Mestre, com o carinho de um pai bondoso:

“Há... Meu Irmão, por que não estaria satisfeito um dos Filhos da Luz, após, por mais ou menos duas horas, estar na presença espiritual do Grande Arquiteto do Universo?

Seria pela discordância aos Irmãos em relação a alguns dos seus projetos e ideias, fazendo sobrepor-lhe o estado egocentrista que infelizmente ainda impera em todos nós?

Seria pela afloração, em seu íntimo, do sentimento traiçoeiro da titulação de propriedade da verdade única, do direito individual e único, do poder absoluto, do mando autoritário e profano?

Ou seria, ainda, a presença em seu interior de sinais profanos dos que ainda amam os dons dos déspotas e cultivadores dos desejos de bens materiais?

Finalmente, meu Irmão, devemos informá-lo que a pergunta formulada no ritual “Se os obreiros estão satisfeitos” equivale ao fato do contentamento daqueles que trabalharam o dia todo na construção do Templo do GADU (no caso dos maçons especulativos se trata do Templo Humano, a nossa reforma íntima), tendo a certeza de que deram tudo de si, que cumpriram seus deveres e que tiveram “alimento abundante” como recompensa.

Simbolicamente, o trabalho que cada obreiro prestou, em Loja, foi o da participação, da cooperação, do debate sadio, da concordância, da amabilidade, da humildade, do amor pelos assuntos propostos, do respeito aos pares e, principalmente, da tolerância.

Lembre-se, meu Irmão, que todos receberam, equitativamente, “alimento abundante” durante a jornada de trabalho.

Alimento abundante, meu Irmão, se trata do alimento da alma, vindo do agradecimento dos dirigentes e demais participantes quanto à presença e participação nesta Sessão; da sua própria satisfação pelo dever cumprido; da certeza de que se esteve realizando um trabalho em prol da humanidade; enfim, da energia que lhe abasteceu o agregado homem/espírito, quando você se colocou em condições

de merecer todos esses legados e todos os presentes estiveram lhe dirigindo bons pensamentos.

Agora, meu caro Irmão, se com esses argumentos não conseguimos convencê-lo a estar satisfeito após os nossos trabalhos, só o seu coração, com o tempo, lhe responderá. Vá em Paz.”

Todos os Irmãos devem deixar o Templo em absoluto silêncio, a fim de que se mantenha a energia salutar, que nesses momentos finais foi produzida, a qual permanecerá intacta até a chegada dos trabalhadores, na próxima reunião. (*Freemason*)

SAUDAÇÃO HONORÍFICA

Quando uma Loja se fizer representar, noutra, por uma comissão acompanhada do seu estandarte, essa comissão terá ingresso incorporada, com as horas de Grande Representante, indo o Porta Estandarte para o Oriente, bem como os Irmãos que de acordo com sua hierarquia a isso tiverem direito. (*Rituais*).

SAUDAÇÃO MAÇÔNICA

É a saudação que o maçom faz, ao entrar ou sair da Loja, ao Venerável Mestre, ao 1º e ao 2º Vigilantes, às autoridades e aos irmãos do quadro. (*Rituais*)

SEGREDO MAÇÔNICO

Ao contrário do que muitos acreditam, a Maçonaria não é uma sociedade secreta e não esconde sua existência. Suas Constituições e Estatutos são registrados em Cartórios de Títulos e Documentos e publicados em Diário Oficial. O maçom novato pode ficar embaraçado por não poder explicar aos demais membros de sua família tudo o que presenciou nas cerimônias de seu ingresso. É verdade que os maçons têm modos de reconhecimento, Ritos e assuntos que não interessam aos vizinhos.

Tudo o que existe publicado pode ser discutido livremente, existindo milhares de livros em bibliotecas ou livrarias. A Maçonaria não é uma sociedade secreta, mas uma sociedade com segredos, não escondendo a sua existência aos olhos públicos.

O trabalho maçônico não é o que se pode chamar de frívolo. É inteiramente sério e, uma vez que o novo membro é admitido, ele recebe instruções que o capacitam a realizar trabalhos em Loja, de natureza filosófica espiritual. (*Wikipédia*)

SEITA

Do latim *secta* = “seguidor”, proveniente de *sequire* = “seguir”. O termo é utilizado para designar um grupo numeroso de uma determinada corrente religiosa, filosófica ou política que se destaca da doutrina principal. Uma seita pode também ser considerada uma “divisão”, “partido” ou “facção”.

De forma geral, é um conceito complexo utilizado para designar, em princípio, simplesmente qualquer doutrina, ideologia, sistema filosófico ou político que divirja do sistema dominante. (*Wikipédia*)

SEMANA SANTA

– Como se determina

Esse assunto não trata, sistematicamente, de maçonaria. No entanto, intrigava tanta gente que achamos por bem divulgar, neste exemplar, por saber que o maçom é eterno pesquisador, principalmente da história e origem das coisas em geral.

Todos sabemos que a Semana Santa geralmente não possui data uniforme em todos os anos, assim como a realização do carnaval, e não acontece numa data fixa como a maioria dos eventos, como o Ano Novo, o Natal, Corpos Christi, São João, São Pedro... e por aí vai.

Pois bem, há pouco recebemos um vídeo de um Irmão maçom (não lembramos o nome) nos explicando o fato:

Primeiro: estabeleceu-se que a Lua Cheia mais próxima do dia 25 de dezembro é tomada como base, podendo esse fenômeno (Lua Cheia) acontecer antes ou depois do dia 25 de dezembro.

Segundo: conta-se, dessa data, quatro luas cheias para frente e a sexta-feira mais próxima desta 4^a Lua Cheia será a Sexta-feira Santa ou da Paixão. Resumindo, toda Sexta-feira da Paixão é Lua Cheia.

Terceiro: quanto para se determinar o dia de realização do carnaval, tome-se por base a Sexta-feira Santa ou da Paixão, e recue 40 dias. (*Wikipédia / Autor desconhecido*)

SEMENTE DE ROMÃ

Simboliza a universalidade da solidariedade e da prosperidade dos maçons. O grande número de grãos que a romã possui fez com que ela fosse considerada, na simbologia popular, a representante da fecundidade e da riqueza. Esse, talvez, seja o significado mais correto para as romãs colocadas sobre as colunas de Salomão. No entanto, também, são simbolizadas como sendo a força impulsionadora para o trabalho e dispêndio de energia. (*Wikipédia*)

SESSÃO ADMINISTRATIVA

Reunião Maçônica realizada com fins específicos de assuntos internos e administrativos de uma Loja, geralmente em dependências fora do Templo. (*Rituais*)

SESSÃO ECONÔMICA

Reunião Maçônica regular, reunidos em um determinado Grau para tratar de assuntos administrativos e ritualísticos. Esse é

o ritual de uma Sessão Econômica no Rito Escocês Antigo e Aceito, na maioria das Lojas Maçônicas. (*Rituais*)

SESSÃO MAGNA

Reunião solene, realizada com fins específicos. Podem ser privadas somente aos maçons, visando à: Iniciação, Regularização de Obreiro, Elevação, Exaltação, Posse, Regularização de Loja, Sagração de Templo etc., e com admissão de não maçons para: Adoção de Lawtons, Confirmação de Casamento, Pompa Fúnebre, Conferência, Palestras, Festividades e Reuniões Cívico-Culturais. (*Rituais*)

SETE VÍCIOS MAIS PREJUDICIAIS

Avareza, Inveja, Luxúria, Vaidade, Violência, Gula e Egoísmo.
(*Wikipédia*)

SETENTRIÃO

É uma palavra de origem latina que significa Setentriones, deriva de *sptem* e *trines* (sete trios, literalmente) – em alusão à constelação da Ursa Maior. É também utilizada como sinônimo de Polo Norte e era usada pelos romanos para designar o vento norte, que representa a Estrela Polar. Essa estrela está localizada próxima ao Polo Boreal. De setentrião deriva o adjetivo para as coisas relativas no Norte. No Rito Escocês Antigo e Aceito, é o lugar do 1º Vigilante, também chamado de setentrional ou boreal. (*Wikipédia*)

SHIBOLET

Palavra originária do hebraico que quer dizer espiga de grãos (trigo, centeio, cevada). (*Dicionário Encyclopédico Maçônico do Rito Escocês Antigo e Aceito*)

SIÃO

Em hebraico, *shofar*. É uma das quatro colinas onde está construída a cidade de Jerusalém. Originalmente, era o nome dado especificamente à fortaleza jesuítica em Jerusalém. A fortaleza original ficava na colina a sudeste de Jerusalém, chamada de Monte Sião. (*Dicionário Enciclopédico Maçônico do Rito Escocês Antigo e Aceito*)

SIC TRANSIT GLORIA MUNDI

“Assim Passa a Glória do Mundo.” (*Rituais*)

SIGILO MAÇÔNICO

Segredo inviolável que os maçons devem observar sobre tudo o que viram e ouviram em uma sessão maçônica. (*Rituais*)

SÍMBOLO, ALEGORIA E EMBLEMA

Em linhas gerais, o ensino maçônico abrange a História da Maçonaria, Ritos, Ritualística e Liturgia, Simbolismo, Direito e Legislação Maçônica, Administração Maçônica, Ética e Moral Maçônica, Filosofia.

Todavia, a Maçonaria transmite a maior parte das suas ideias e seus ensinamentos por meio de símbolos, alegorias e emblemas. Daí a importância do estudo do simbolismo.

Os símbolos, na Maçonaria, são uma forma de transmissão velada, exatamente para que seus ensinamentos e ideias sejam acessíveis somente aos Iniciados. Os não Iniciados, por maior esforço e livros que leiam sobre Maçonaria, jamais chegarão ao conhecimento dos augustos mistérios maçônicos. Essa é uma prática comum adotada por várias escolas iniciáticas do passado.

Em muitos estudos maçônicos, escritos ou orais, são feitas referências ora a símbolos, ora a alegorias e emblemas. No entanto,

nem sempre fica claro para o estudioso maçom o que vêm a ser símbolo, alegoria e emblema.

Quando citamos, por exemplo, isoladamente, o Compasso ou o Esquadro, estamos, sob o ponto de vista do simbolismo maçônico, nos referindo a eles como símbolos. Todavia, quando juntos, Esquadro e Compasso formam um emblema. Assim, quando temos Compasso, Esquadro e Livro da Lei juntos, temos as Três Grandes Luzes Emblemáticas da Maçonaria. São Luzes porque levam ao esclarecimento, à sabedoria, ao conhecimento. Essas Luzes, isoladamente, podem ser vistas como símbolos, mas, quando reunidas, formam um Emblema na Maçonaria.

Mas vamos, passo a passo, fazer a distinção necessária entre Símbolo, Alegoria e Emblema.

Símbolo, segundo o Irm. Joaquim Gervásio de Figueiredo, é a representação gráfica ou pictórica de uma ideia ou princípio. Assim, quando nos deparamos em um texto maçônico com uma escada, podemos interpretá-la como um símbolo, ou seja, como uma representação pictórica que exprime a ideia de ascensão.

No dizer do Irm. José Castellani, os Símbolos Maçônicos representam a maneira velada com que a instituição maçônica dá, aos seus Iniciados, as lições de moral e ética que fazem parte de sua doutrina. E eles são, de maneira geral, os instrumentos ou figuras, ligados à arte da construção, e tanto podem ter uma interpretação alegórica ou mística.

Embora haja certa liberdade quanto à interpretação dos símbolos, é bom que se diga que eles têm uma origem definida e têm significados específicos. Assim, não é lícito, em nome de um pretenso esoterismo ou ocultismo, sair por aí dando interpretações completamente descabidas. A Loja Maçônica não é um lugar de psicanálise, onde cada qual interpreta os Símbolos como lhe aprouver, diz o Irm. Theobaldo Varoli Filho. Ele fala isso em resposta àqueles que afirmam que as Colunas Vestibulares são os órgãos masculino

e feminino, que o Esquadro e o Compasso unidos representam o coito, que a letra “C” alude ao órgão gerador masculino. Ora, tudo isso não só é pura licenciosidade, como tolice e irresponsabilidade, pois não atenta para um mínimo de lógica, coerência e bom senso.

Portanto, a liberdade na interpretação dos símbolos deve vir acompanhada da necessária responsabilidade.

Alegoria é a exposição de um pensamento sob forma figurada. Alegoria é palavra de origem grega que significa “falar de outra maneira”. No dizer do mesmo Irm. Castellani, representa uma imagem literária que, além do significado literal, possui um sentido oculto, sendo as abstrações, ou coisas inanimadas, representadas por personagens, situações ou enredos e, sempre, por meio de uma contínua linguagem figurada. Em geral, as alegorias envolvem ensinamentos de ordem moral. Na Maçonaria, muitas lendas utilizadas em seus vários graus são pura alegoria.

Um exemplo típico de uma alegoria é o quadro de um Aprendiz desbastando uma pedra bruta. Por isso se diz “Painel Alegórico do Aprendiz”. Ao observarmos esse quadro, extraímos imediatamente vários ensinamentos ocultos relativos ao aprendizado do 1º Grau. Já o Painel do Grau de Aprendiz está repleto de símbolos relativos à arte da construção. Devido a isso, ele é chamado de Painel Simbólico do Grau de Aprendiz. Mas também existe um Painel no Grau de Aprendiz que contém alegorias. É chamado de Painel Alegórico do Grau de Aprendiz.

Emblema é o distintivo ou insígnia de uma dada instituição, sociedade ou associação. É a mais simples representação de uma ideia. Em geral, o emblema não requer grandes interpretações, pois o seu significado é fixo e de rápida percepção, o que o diferencia bastante de um símbolo ou de uma alegoria. Assim, quando vemos uma âncora, de imediato, a ideia que nos vem à mente é a Marinha. Uma mulher com os olhos vendados, segurando em uma das mãos uma balança e na outra uma espada, nos leva à associação, de pronto,

com a Justiça. Um Esquadro e um Compasso com a letra “G” ao centro lembram a qualquer um, maçom ou não, a Maçonaria. Uma pomba, a paz.

É importante, ainda, ressaltar que, embora os símbolos maçônicos sejam praticamente os mesmos nos vários Ritos, no que diz respeito ao Rito Moderno, eles devem ser interpretados sob os aspectos ético e ideológico, excluindo-se interpretações de ordem metafísica, mística ou religiosa. Isso porque o Rito Moderno, embora deísta em sua origem, evoluiu sob a influência do iluminismo. Assim, a interpretação dos símbolos no Rito Moderno deve ser feita basicamente sob a ótica do racionalismo, entendendo-se este como a posição filosófica que afirma a primazia da razão humana. Nesse sentido, o Delta Radiante, nos Ritos teístas simboliza a divindade, enquanto no Rito Moderno (Triângulo Luminoso) representa a ciência que ilumina e há de iluminar sempre e cada vez mais a humanidade. O olho aberto, no interior do Delta, simboliza a sabedoria que observa e prevê a vitória do bem sobre o mal.

Vejam, portanto, como varia a interpretação de um mesmo símbolo de um Rito para outro. Isso, contudo, não significa que a interpretação desse ou daquele Rito é a mais correta. Significa apenas que, em Maçonaria, a interpretação de um determinado símbolo deve levar em conta os princípios e diretrizes estabelecidos pelo Rito. (*Ir.º Robson Rodrigues da Silva*)

SOU REALMENTE MAÇOM?

(**Thiago Andrei Pereira**)

Nenhum de nós, em plena faculdade moral, pode se dizer maçom, simplesmente por ter sido iniciado na Sublime Ordem, estar frequentando uma Loja e estar quite com suas obrigações pecuniárias.

Embora seja o mais comum entre nós, é necessário esclarecer que a relação do obreiro para com sua Loja é apenas 10% de tudo

o que ele abraça na Maçonaria. Os outros 90% dizem respeito ao maçom para consigo mesmo e junto à sociedade.

Não são propósitos precípuos da Maçonaria o conhecimento de nossas leis, nem a leitura de nossas instruções e nem a prática automatizada de nossos rituais.

Somos chamados a cumprir as leis, praticar as instruções e a compreender como marchar, tocar e sinalizar na vida profana nossa condição de maçons.

Mas como saber se somos realmente maçons? Avalie-se dentro desses 12 itens e responda para si mesmo:

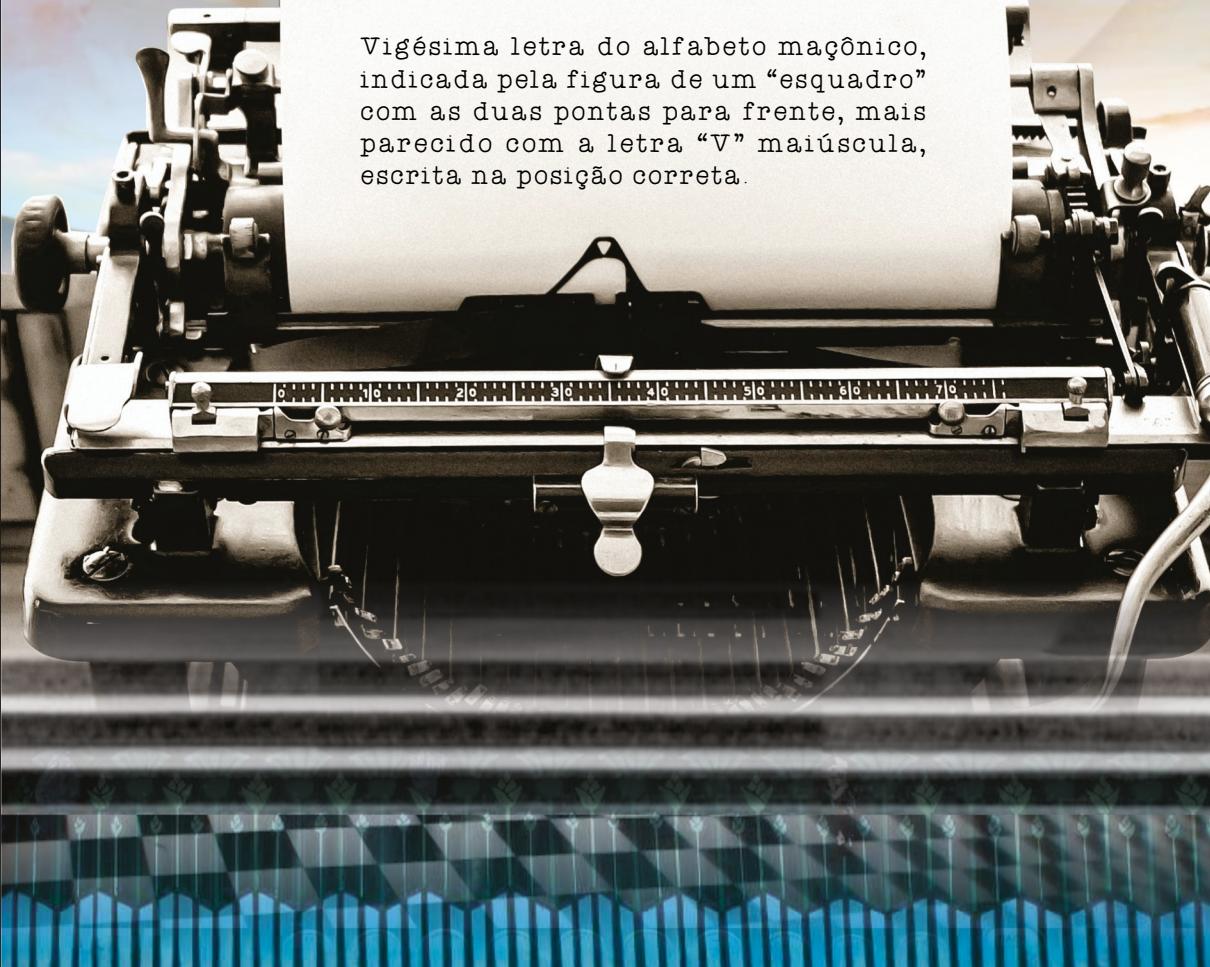
- 1 – a retidão em nosso modo de viver e de agir;
- 2 – a força e cabimento do nosso espírito de tolerância;
- 3 – o cuidado e honestidade na condução de nossas atividades profissionais;
- 4 – o encaminhamento educacional que estamos dando aos nossos filhos;
- 5 – os bons exemplos que estamos oferecendo cotidianamente aos nossos familiares;
- 6 – a dedicação e sincera amizade que dispensamos aos nossos amigos;
- 7 – o modo pelo qual acatamos as leis;
- 8 – os ensinamentos e as luzes que poderemos levar aos ignorantes;
- 9 – a colaboração que prestamos aos serviços comunitários;
- 10 – o grau de nossa solidariedade e cooperação e COMPROMETIMENTO com as atividades de nossa Loja Maçônica;
- 11 – o que fazemos em favor do nosso próprio aperfeiçoamento;
- 12 – a forma pela qual aceitamos as críticas construtivas que nos façam.

QUE NOSSA CONSCIÊNCIA SEJA O JUIZ!

Vigésima letra do alfabeto maçônico, indicada pela figura de um “esquadro” com as duas pontas para frente, mais parecido com a letra “V” maiúscula, escrita na posição correta.



Vigésima letra do alfabeto maçônico, indicada pela figura de um “esquadro” com as duas pontas para frente, mais parecido com a letra “V” maiúscula, escrita na posição correta.



Pintura: Valdson Ramos



TÁBUA DE DELINEAR

Tábua de Delinear ou Prancheta da Loja, segundo Castellani, é substantivo feminino (diminutivo de prancha), designa a prancha estreita e delgada, de forma retangular, sobre a qual se desenha.

Em Maçonaria, a Prancheta, também chamada de Tábua de Delinear, é onde o Mestre Maçom, simbolicamente, traça e delineia os projetos da construção. A Prancheta, já presente no Painel do Grau de Aprendiz Maçom, mostra, nela gravados, dois símbolos, que servem como chave do alfabeto maçônico: a Cruz Quádrupla (ou grega) – formada por duas paralelas cruzadas –, que simboliza a limitação da capacidade do Homem, e a Cruz de Santo André – em formato de “xis”, com quatro ângulos opostos pelos vértices –, que simboliza o infinito, os opostos e as diádes. (*Rizzardo*)

TAÇA DA AMARGURA

Taça pela qual o neófito toma um líquido específico para lembrar-se de que a vida não é só alegria e, também, para lembrar que não pode ser perjuro ao compromisso que assumiu ao ingressar na Ordem. (*Rituais*)

TAÇA SAGRADA

Taça pela qual o neófito toma um líquido de sabor doce. Ocasião em que lhe é lembrado que esse sabor pode se alterar. No sentido simbólico, a taça significa que cada ser humano começa a colocar o conteúdo que um dia terá de beber por meio de suas ações, como o uso que nós fizermos de nosso livre-arbítrio, bom ou mau, tornando-nos assim responsáveis pelos atos que praticarmos em pensamentos, palavras e ações. (*Rituais*)

TAU

Décima nona letra do alfabeto grego, tem a forma de um “T”, que é usado invertido no Avental do Venerável Mestre de uma Loja Simbólica e, em algumas regiões, também do Mestre Instalado ou Ex-Venerável. (*Arte Real Trabalhos Maçônicos*)

Segundo o Irm.: Joaquim Gervásio de Figueiredo, in *Dicionário de Maçonaria*, o Tau é um “antigo símbolo egípcio de iniciação”. (*Arte Real Trabalhos Maçônicos*)

O Irm.: Nicola Aslan, in *Grande Dicionário Encyclopédico de Maçonaria e Simbologia*, afirma que o Tau, entre os antigos, era um símbolo sagrado e universal, tendo aparecido inicialmente entre os fenícios (*nota: tanto Hiram era rei da cidade-estado fenícia de Tiro, quanto Hiram Abif era um fenício de Tiro*), e representava as forças naturais do Sol fecundador, da terra fertilizada e, consequentemente, a vida universal. (*Arte Real Trabalhos Maçônicos*)

A forma do Malhete, símbolo do poder, tem a forma do Tau. E conclui que, enquanto o Tau representa sacrifício e morte para alguns, simboliza para outros a vida, a eternidade e a luz que regula a parte material do homem e a própria divindade. (*Arte Real Trabalhos Maçônicos*)

Quanto ao fato de o Tau ser usado invertido no Avental dos Mestres Instalados, o Irm.’ F.P. Castells, in *The Genuine Secrets in*

Freemasonry, nos ensina que a Maçonaria adotou o Tau na posição invertida, chamando-o geralmente de Hiram, como um símbolo do poder e indicando a dignidade do Mestre Instalado. (*Arte Real Trabalhos Maçônicos*) / (*Dicionário Etimológico Maçônico do REAA* :.)

TELHAR OU TROLHAR

(Veja “Trolhamento ou Telhamento mais adiante”)

Trata-se da ação ao visitante desconhecido dos Irmãos do quadro, exame que pode lhe dar ingresso aos trabalhos da Loja. Trolhar é o termo usado pelas Grandes Lojas; enquanto no Grande Oriente se fala telhar. (*Pedro Juk e Kenryo Ismail*)

TEMPLÁRIO

Denominação dos Graus: 19, 20, 24, 25, 26, 27 e 29 do Rito Escocês Antigo e Aceito. (*Dicionário Encyclopédico Maçônico do Rito Escocês Antigo e Aceito*)

TEMPLÁRIOS ORDEM

Ordem militar religiosa, chamada de A Ordem dos Templários, Ordem do Templo ou Ordem dos Pobres Cavaleiros de Cristo e do Templo de Salomão, foi fundada em 118. (*Dicionário Encyclopédico Maçônico do Rito Escocês Antigo e Aceito*)

TEMPLO MAÇÔNICO DO R.: E.: A.: A.:

Em linguagem maçônica, é o local onde os maçons realizam as suas reuniões. O Templo Maçônico do REAA., cuja decoração é azul-celeste, tem a forma de um quadrilongo; suas paredes representam os quatro pontos cardinais. Uma única porta, dando comunicação com o exterior, situa-se na parede do Ocidente, a meia distância entre o Norte e o Sul. Ao fundo, ocupando um terço do comprimento, está

o Oriente, em nível mais elevado e ao qual se chega subindo quatro degraus. (*Aslan*)

TRONCO DE SOLIDARIEDADE

Circulando da mesma forma que a Bolsa de Propostas e Informações, agora pelas mãos do Hospitaleiro, todos devem introduzir a mão direita para ali colocar seu óbolo, cuja única finalidade é a prática da beneficência maçônica. Qualquer um que se retirar definitivamente, antes da circulação dessa bolsa, precedendo ao juramento de sigilo, deve deixar sua contribuição no recipiente.

Óbolo (ou óbolo) é uma benemérita contribuição que se dá aos desfavorecidos, trata-se de expressão emblemática da participação de todos nas iniciativas de caridade, um gesto que se reveste de valor profundamente simbólico enquanto sinal de comunhão e de atenção às necessidades dos irmãos.

Aqui não se aplica a regra do “quem tem põe e quem não tem retira”.

Na Maçonaria, o Irmão em dificuldades é ajudado por todos, claramente, cotizando-se para essa finalidade. (*Rizzardo da Camino*)

TRONO, DOSSEL, DELTA SAGRADO E DELTA LUMINOSO

Na parte Oriental, sobre três degraus denominados Pureza, Luz e Verdade, é colocado o Trono do Venerável Mestre, tendo à sua frente um altar e sobre ele um Dossel, o mesmo que sobrecéu, sustentado, simbolicamente, por duas colunas da ordem Toscana. Sobre o altar estão: uma espada Flamígera, um malhete, um candelabro de três braços, uma coluneta da Ordem Jônica e material de escrita.

À frente do Altar do Venerável estão a Carta Constitutiva e a Prancheta da Loja. Essa prancheta retrata a chave do alfabeto

maçônico, dado conhecer a sua decifração aos maçons somente no 3º Grau.

Ao lado do Trono (cadeira do Venerável) há mais duas cadeiras, simbolizando a presença dos dois Vigilantes, embora estes estejam no Ocidente.

Em frente ao Dossel, na sua fralda (ou sobre ele) estará um triângulo equilátero denominado “Delta Sagrado”, onde se lê a palavra hebraica IOD, simbolizando o nome do Grande Arquiteto do Universo.

Na parede ao fundo, embaixo do Dossel, sem ser encoberto quando o Venerável estiver de pé, encontra-se outro triângulo equilátero, de nome Delta Luminoso, e dentro dele um olho humano, lado esquerdo, representando a presença do Grande Arquiteto do universo.

TETRAGRAMA

Palavra originária do grego, que quer dizer quatro letras. Refere-se às quatro letras hebraicas “IHVH” (Iod, He, Vau, He) que formam o nome impronunciável de Deus.

Traduzido nas bíblias geralmente como Javé ou Jeová, como um dos nomes de Deus, cuja pronúncia é desconhecida. A ideia de que seu nome (IHW) era sagrado começou com o decreto, transscrito por Moisés, no Decálogo, de que o nome de Deus não deveria ser invocado em vão (Ex. 20:3). “Não acrescentais à palavra que vos mando, nem diminuireis dela, para que guardéis os mandamentos do IHVH, vosso Deus, que eu vos mando” (Dt, 4:2). (*Da Camino*)

TIMBRE

Carimbo usado para autenticar documentos maçônicos. Nos Graus Simbólicos, a tinta a ser usada é a de cor negra. Nos Graus Filosóficos, varia de cor conforme cada Câmara. (*Dicionários de Maçonaria*)

TOQUE

Senha de reconhecimento por contato físico entre os maçons. Cada grau tem o seu toque particular, sendo que o toque de aprendiz é universal. É por ele que se inicia qualquer prova de reconhecimento. (*Nicola Aslan*)

TRAJE MAÇÔNICO

Terno preto ou azul-marinho completo, camisa branca, sapato e gravata pretos. Há regiões que permitem o uso do balandrau em sessões econômicas, para Mestres Maçons, abotoado na gola e de comprimento “talar”. (*Rituais*)

TRATAMENTO NAS LOJAS SIMBÓLICAS

Grandes Lojas e Grande Oriente			
Cargo	Sessão de Mestre	1º e 2º Graus	Vocativo
V.º Mestre	Respeitabilíssimo	V.º Mestre	V.º Mestre
1º Vigilante	Venerabilíssimo	Ir.º 1º Vig.º	Tratamento + O Título
2º Vigilante	Venerabilíssimo	Ir.º 1º Vig.º	
Demais IIr.º	Veneráveis Irmãos	Irmãos	

Venerança: Ato do Cargo de Venerável. (Ex.: “Ele exerce a venerança.”)

Veneralato: Espaço de tempo (período) da Gestão. (Ex.: “Ele exerce o seu veneralato por um ano.) (*Kennyo Ismail*)

TRÊS PONTOS

Pontos colocados junto à assinatura dos maçons, simbolizando a Trindade. São dispostos em forma de triângulo. Servem também para abreviar. Veja tripontuação.

É um símbolo da discrição que faz parte do comportamento dos membros da Maçonaria e funciona como uma lembrança dos valores discretos que devem ser seguidos pelos maçons. (*Wikipédia*)

TRÊS VEZES PODEROSO

Tratamento dado ao Presidente de Lojas de diversos Graus do Rito Escocês Antigo e Aceito. (*Rituais*)

TREVAS

Termo para designar o estado em que se acha o homem que não conhece a Luz, isto é, o homem profano. (*Rituais*)

TRÍADE

Os três termos de um ternário: Deus, Pátria e Família; Nascer, Zenith e Ocaso; Passado, Presente e Futuro; e tantos outros. (*Dicionário Encyclopédico Maçônico do Rito Escocês Antigo e Aceito*)

TRÍPLICE ABRAÇO

Tríplice Abraço ou Abraço Fraternal consiste em passar o braço direito por cima do ombro esquerdo do Irmão e o braço esquerdo por baixo do braço direito dele. Estando os dois nessa posição, batem brandamente com a mão direita as pancadas que constituem a bateria do Aprendiz. Por fim, invertem-se novamente, voltando à primeira posição, repetindo-se, sempre, a formalidade da bateria. Dá-se o abraço fraternal toda vez que um Oficial eleito ou nomeado vai assumir o cargo. Não se dá o Abraço Fraternal fora de Loja, principalmente à vista de profanos. (*Pedro Juk*)

TROLHA

Do latim *Trulia*, colher pequena, conhecida como colher de pedreiro, que era usada pelos Maçons Operativos nos serviços das construções. Hoje, a trolha é adotada na Maçonaria como instrumento simbólico da benevolência para com todos.

Sua utilização, para entender o emboço e cobrir todas as irregularidades, faz parecer o edifício como formado por um único bloco, e por isso a Trolha pode ser considerada como um emblema de tolerância e de indulgência com que todo maçom deve dissimular as faltas e defeitos de seus Irmãos.

Símbolo que ensina a propagar os sentimentos de afeto e bondade que unem a todos os membros da família maçônica numa sólida fraternidade, a trolha tornou-se um emblema de benevolência para todos, de conciliação e de silêncio.

Recorda, portanto, que se deve perdoar os defeitos dos Irmãos, transformando em docura as suas palavras, por mais amargas que sejam. Passar a trolha significa, pois, esquecer as injúrias ou as injustiças, perdoar um agravo, dissimular em ressentimento, desculpar uma falta. Essa palavra também é usada para designar colher nos Banquetes Ritualísticos. (*Recanto das Letras*)

TROLHAMENTO OU TELHAMENTO

Trolhamento é um ato de examinar um Irmão desconhecido para certificar-se de sua condição de maçom e sua regularidade.

Exemplo de uso da palavra Trolhamento: O Irmão deseja participar da sessão ou assistir a uma Reunião Maçônica... Então, se não for conhecido, é necessário fazer o Trolhamento.

Muitos irmãos considerados intelectuais de maçonaria já dissertaram sobre qual o termo correto para o exame de proficiência aplicado em visitantes desconhecidos em Lojas Maçônicas. Isso

porque as Grandes Lojas brasileiras adotam o termo “trolhamento” enquanto o GOB adota o termo “Telhamento”.

Diz o trabalho pesquisado (do Irmão Kennyo Ismail), que todos os que se deram ao trabalho de escrever sobre o referido tema, incluindo aí José Castellani, Rizzato da Camino, e muitos outros, concordaram que o correto é “Telhamento”, justificando que “Telhamento” tem relação com telhado, cobertura, que simboliza a proteção da Loja, já que o telhado protege o Templo das intempéries.

Isso significa dizer que a forma que praticamos nas Grandes Lojas está incorreta. SERÁ MESMO? Vejamos as colocações do Irmão Kennyo Ismail:

“Consultando o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (dicionário do chamado “português europeu”, visto que o REAA praticado no Brasil tem suas raízes na França e em Portugal, com muitos maçons brasileiros do século XIX tendo se iniciado na Maçonaria quando dos estudos em Lisboa), encontramos, entre alguns poucos, o seguinte significado para a palavra “trolha”:

“Operário que assenta e conserta telhados.” Sendo assim, no bom e velho português, “trolhamento” é assentar e consertar telhados. Já o termo “telhador” significa, no mesmo dicionário, “aquele que telha”, e o verbo “telhar” significa “cobrir com telha”.

Sim, é exatamente isso que você pensou: se você mora em Lisboa e está com uma goteira em casa, você chama “o trolha” para consertar seu telhado. Ele faz um “trolhamento”, ou seja, um exame para verificar onde está o problema, e então realiza o conserto.

Dessa forma, pode-se entender que “Telhamento” é fazer um telhado, enquanto que “trolhamento” é consertar um telhado.

Ora, o Templo já está concluído. O examinador apenas verificará se não há uma “telha” fora do lugar ou defeituosa, de forma a evitar uma “goteira”. Então, qual é o termo que melhor se encaixa à ação do examinador? Trolhamento. O examinador está sendo um “trolha”, assentando, ou seja, avaliando se os visitantes têm o nível (grau)

necessário para participar dos trabalhos, e impedindo assim a entrada de “uma goteira” em nosso lar maçônico. (*Kennyo Ismail*)

TRONO DE SALOMÃO

Simbolicamente, a cadeira onde fica o Venerável Mestre em uma Loja Maçônica. No Trono de Salomão somente poderá estar sentado o Venerável Mestre e, quando for o caso, o Grão-Mestre ou o Grão-Mestre Adjunto, quando na direção dos trabalhos.

Na presença do Grão-Mestre ou do Grão-Mestre Adjunto, o Venerável Mestre sentar-se-á à esquerda do Trono, lugar que será cedido pelo Delegado do Distrito Maçônico, se estiver presente. (*Rituais*)

TUBALCAIM

Filho de Lameque e Zilá, mestre da arte da construção de metais. Foi irmão de Naamá, Jubal e Jabal. Segundo a Bíblia, Tubalcaim teria sido o primeiro homem a fazer uso do cobre e do ferro nas construções da humanidade. (*Freemason*)

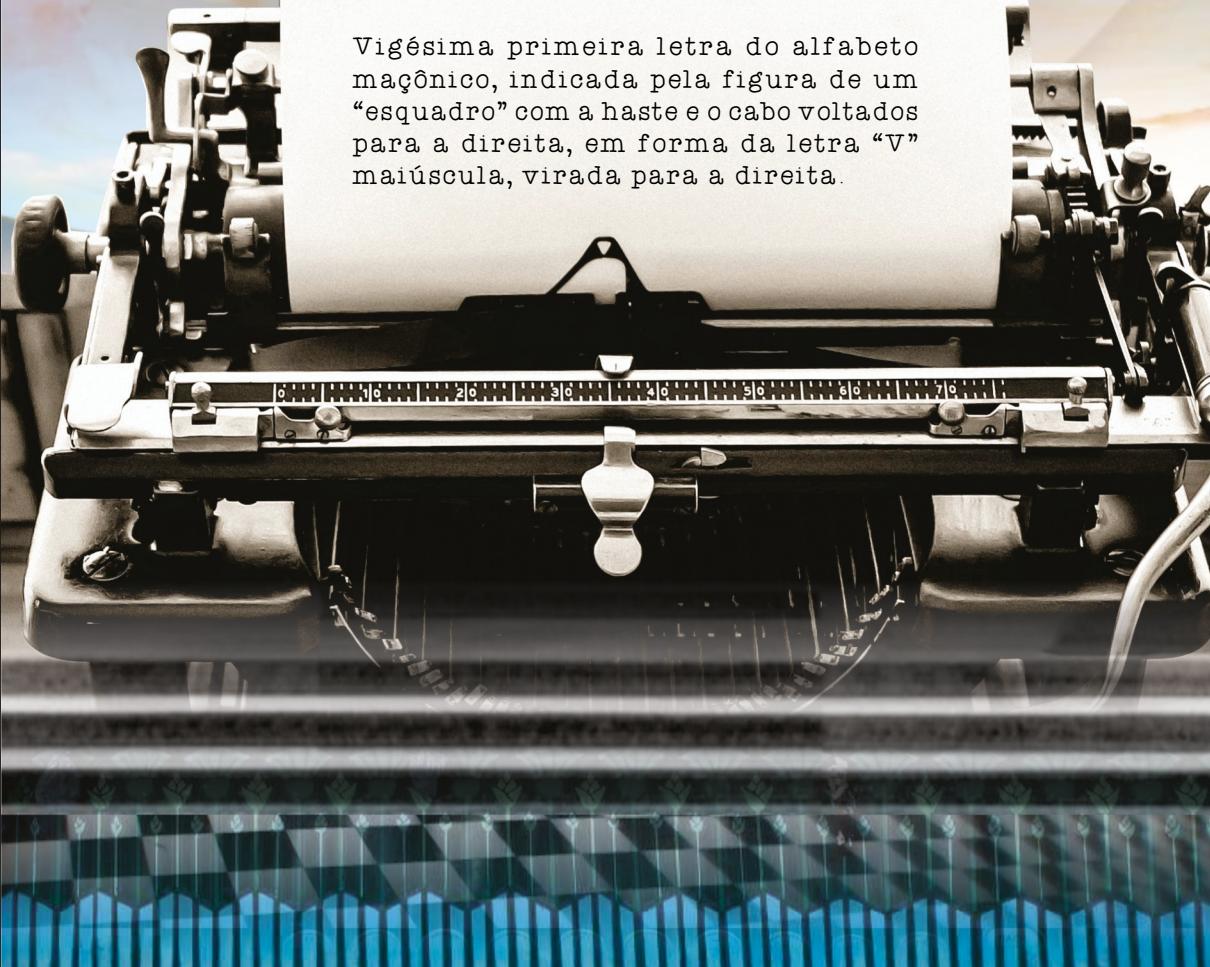
TURÍBULO

Recipiente de metal, pedra ou cerâmica, usado para incensar a Loja. (*Dicionário Encyclopédico Maçônico do Rito Escocês Antigo e Aceito*)

Vigésima primeira letra do alfabeto maçônico, indicada pela figura de um “esquadro” com a haste e o cabo voltados para a direita, em forma da letra “V” maiúscula, virada para a direita.



Vigésima primeira letra do alfabeto maçônico, indicada pela figura de um “esquadro” com a haste e o cabo voltados para a direita, em forma da letra “V” maiúscula, virada para a direita.



Pintura: Valdson Ramos



U.:

Abreviatura maçônica de Universo, letra que aparece em um dos estandartes do Grau 32 do Rito Escocês Antigo e Aceito. (*Dicionário Enciclopédico Maçônico do Rito Escocês Antigo e Aceito*)

UNIVERSAIS OU UNIVERSAL

São os três primeiros Graus da Maçonaria Simbólica: Aprendiz, Companheiro e Mestre. (*Dicionário Enciclopédico Maçônico do Rito Escocês Antigo e Aceito*)

UNIVERSI TERRARUM ORBIS ARCHITECTONIS AD GLORIAM INGENTIS – ORDO AB CHAO

“À Glória do Grande Arquiteto do Universo da Terra e de Todo o Universo – Ordem do Caos.” Frase usada nos cabeçalhos das correspondências dos corpos no Grau 33 do Rito Escocês Antigo e Aceito. (*Dicionário Enciclopédico Maçônico do Rito Escocês Antigo e Aceito*)

URNA DO MANÁ

Vaso de ouro, que estava na Arca da Aliança, contendo o “Maná”, juntamente com as Tábuas da Lei e a Vara de Arão. (Ex.: 16:33 e Hb. 9:4). É lembrada no Grau 4 do Rito Escocês Antigo e Aceito. (*Dicionário Encyclopédico Maçônico do Rito Escocês Antigo e Aceito*)

O que era o “maná”

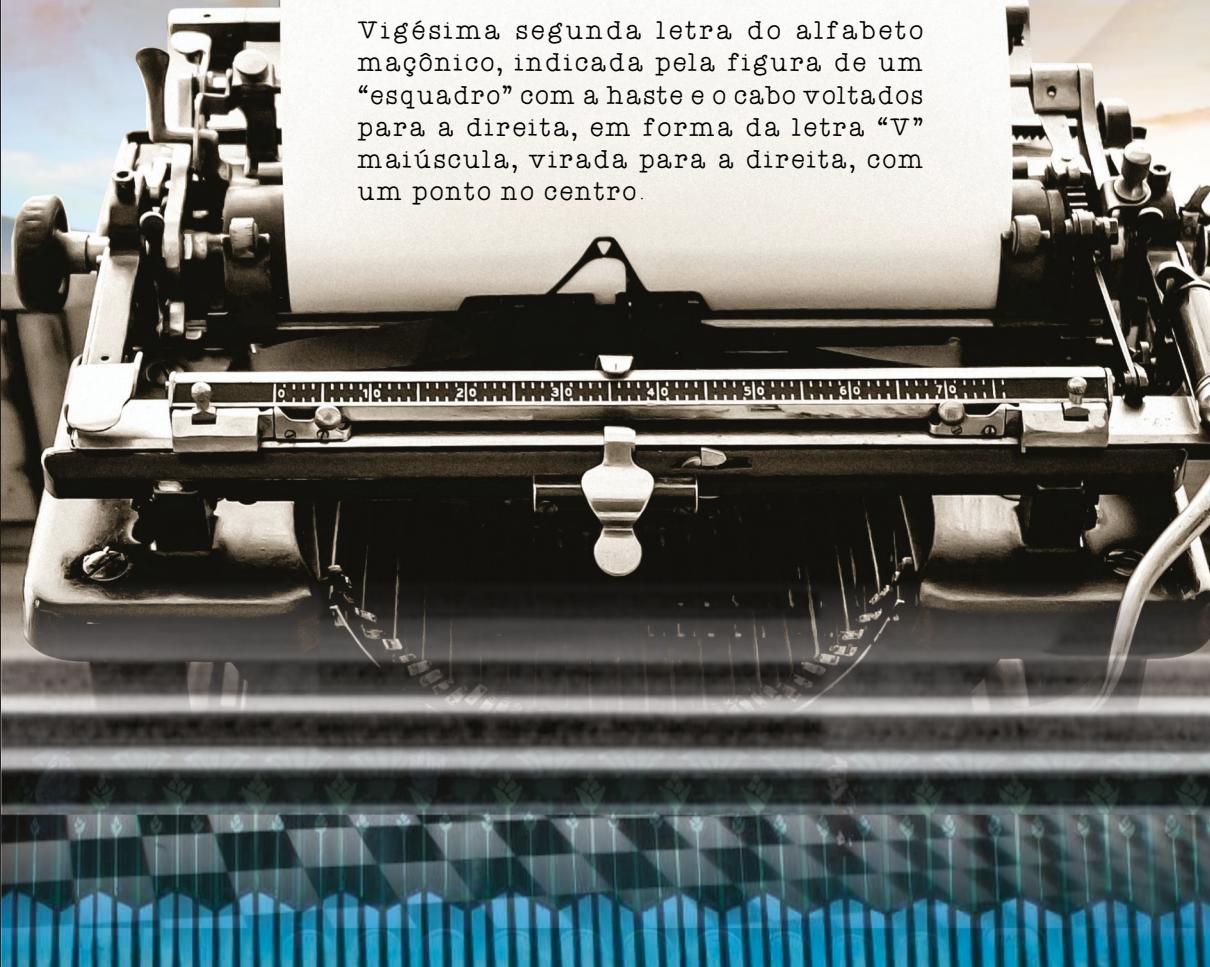
O livro bíblico de Êxodo descreve maná como um alimento produzido milagrosamente, sendo fornecido por Deus ao povo Israelita liderado por Moisés, durante toda sua estada no deserto rumo à terra prometida. Segundo o Êxodo, após a evaporação do orvalho formado durante a madrugada, aparecia uma coisa miúda, flocosa, como a geada, branca, descrita como uma semente de coentro, e como bdélio, que lembrava pequenas pérolas. Geralmente era moído, cozido, e assado, sendo transformado em bolos. Diz-se que seu sabor lembrava bolo de mel.

Ainda segundo a Bíblia, o maná era enviado diariamente e não podia ser armazenado para outro dia. Também não era fornecido aos sábados; por isso Deus enviava uma quantidade maior às sextas-feiras, e nesse caso o maná podia ser guardado para o sábado sem se deteriorar. (*Dicionário Encyclopédico Maçônico do Rito Escocês Antigo e Aceito*)

Vigésima segunda letra do alfabeto maçônico, indicada pela figura de um “esquadro” com a haste e o cabo voltados para a direita, em forma da letra “V” maiúscula, virada para a direita, com um ponto no centro.



Vigésima segunda letra do alfabeto maçônico, indicada pela figura de um “esquadro” com a haste e o cabo voltados para a direita, em forma da letra “V” maiúscula, virada para a direita, com um ponto no centro.



Pintura: Valdson Ramos



VALE

Local onde se situa uma Loja de Perfeição, Sublime Capítulo ou outros Corpos Filosóficos. (*Rituais*)

VASO DAS ABLUÇÕES

Pequeno vaso usado para purificações. É usado no Grau 24 do Rito Escocês Antigo e Aceito. (*Rituais*)

VAU

Sexta letra do alfabeto hebraico. Equivale à nossa letra “V” e tem em hebraico a mesma função da nossa letra conjunção “e”. (*Dicionário de Maçonaria*)

VELAS MÍSTICAS

São as velas que circundam o Altar dos Juramentos. (*Dicionário de Maçonaria*)

VENERANÇA OU VENERALATO

Algumas diferenças existem nas explicações dos escritores maçônicos.

O Dicionário Enciclopédico Maçônico do Rito Escocês Antigo e Aceito diz o seguinte:

Venerança: “Na Maçonaria, é o termo usado para designar o ato do cargo do Venerável Mestre de uma Loja.”

O sufixo do latim “*anca, ância, antia*” tem o sentido de ação ou o resultado dela. (Ex.: governança, andança, venerança, presidência etc.).

Exemplo: É o Venerável Mestre que exerce a venerança (*ou a presidência*) de uma Loja Maçônica.

Veneralato: Na Maçonaria, é o termo que se dá ao espaço de tempo (período) em que o Venerável Mestre ocupa o cargo na venerança de uma Loja. O sufixo do latim “*atu*” tem o sentido de situação ou posse. (Ex.: reinado, bispado, generalato, mandato etc.). O Venerável Mestre exerce o seu veneralato por um período de um ano em uma Loja.

Alguns autores, citando dicionários maçônicos, inclusive o Irmão Kenryo Ismail – CMSB/Brasília – (noesquadro.com.br), dizem o seguinte:

VENERANÇA: Verbo “venerar” + sufixo “nça”. O sufixo “nça” é um sufixo nominalizador, ou seja, transforma um verbo em um substantivo abstrato. O sentido desse substantivo derivado do verbo + sufixo “nça” é de ação, estado, qualidade. Isso porque vem do latim “*antia*”, que significa ação ou estado.

Exemplos: vingança = ato de vingar; aliança = ato de aliar; andança = ato de andar.

Dessa forma, o termo “venerança” pode ser entendido como “ato de venerar”. Ex.: “Eu não entendo essa venerança toda da minha tia. Ela vai à missa quase todo dia.”

VENERALATO: Verbo “venerar” + sufixo “ato”. O sufixo “ato” vem do latim “*atu*”, e indica posse, grau ou situação, e geralmente

está relacionado com dignidades, funções ou encargos. Em alguns casos pode ser substituído pelo sufixo “ado”.

Ex.: bacharelato = grau alcançado pelo bacharel; bispado = dignidade de bispo (*Dicionário Ruth Rocha*)

Se ainda cabe alguma dúvida, os dicionários “Michaelis” e “Priberam” não possuem a palavra venerança, mas apresentam o seguinte curioso significado para Veneralato: s.m. “Cargo ou grau de Venerável, na Maçonaria”.

Dessa forma, com base tanto na etimologia como no significado contido nos dicionários, fica evidente que o termo correto é “Veneralato”.

Minha opinião

Com toda consideração aos escritores maçônicos, principalmente ao Irmão Kenryo Ismail, a quem dedico todo meu respeito e admiração pelo trabalho de esclarecimento aos maçons brasileiros, prefiro a primeira colocação, do *DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO MAÇÔNICO DO RITO ESCOCÊS ANTIGO E ACEITO*:

“Venerança: Na Maçonaria, é o termo usado para designar o ato do cargo do Venerável Mestre de uma Loja.”

“Veneralato: Na Maçonaria, é o termo que se dá ao espaço de tempo (período) em que o Venerável Mestre ocupa o cargo na venerança de uma Loja. O sufixo do latim “atu” tem o sentido de situação ou posse. (Ex.: reinado, bispado, generalato, mandato etc.).”

“O Venerável Mestre exerce o seu veneralato por um período de um ano em uma Loja.” (*Kenryo Ismail*)

(Se non è vero è ben trovato). (grifo do autor)

VENERAR

Verbo transitivo: do latim *venerari*. Tratar com o mais profundo respeito. (*Dicionário de Maçonaria*)

VENERÁVEL IRMÃO

Denominação dada aos Irmãos em Câmara do Meio. (*Rituais*)

VER A LUZ

Termo usado para definir que o neófito foi aceito na Ordem e está apto a receber os conhecimentos do 1º Grau. (*Rituais*)

VERDADEIRA LUZ

O conhecimento maçônico. O ano da Verdadeira Luz, o Ano Maçônico. (*Dicionário de Maçonaria*)

VERGONHA

Conjunto de comportamentos induzidos pelo conhecimento ou consciência de desonra, desgraça ou condenação. O verdadeiro maçom não pode sentir vergonha, pois os seus atos devem ser do mais alto valor ético e de moral. (*Dicionários*)

VILÕES

Do latim *villanus*, uma pessoa ligada a uma vila (não pertencente à nobreza). Na tradição maçônica, são os três assassinos do Mestre Hiram Abif. (*Dicionário de Maçonaria*)

VIOLAÇÃO OU VIOLAÇÃO DO JURAMENTO

A violação do juramento prestado na iniciação é o delito mais grave que um maçom pode cometer. Essa falta é irrevogável e contra ela não cabe nenhum recurso nem apelação de nenhum gênero. É punida com a degradação perpétua e a expulsão da Ordem. (*Nicola Aslan*)

VIOLÊNCIA

A Maçonaria abomina e, ainda mais, ensina inconsistentemente, por meio das instruções ritualísticas, a reforma íntima aos Iniciados, incluindo também o afastamento dos vícios, os quais induzem o homem à prática da violência.

Segundo a OMS, violência é o uso de força **física ou poder, em ameaça ou na prática, contra si próprio, outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade que resulte ou possa resultar em sofrimento, morte, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação**.

A violência está baseada na intenção do indivíduo que pratica (deliberadamente) o ato violento. Pode ser definida a partir de quem sofre: **física, psicológica, patrimonial, moral e sexual**. Podemos acrescentar outra forma de violência, tão grave como as anteriores: **violência por “privação e abandono”**.

Tão triste quanto as formas de violência acima citadas é a de submeter a família à fome, por causa do vício, da preguiça, da indisposição da liberdade (prisão) por erros injustificáveis etc.

Violência física (visual): é aquela entendida como qualquer conduta que ofenda a integridade ou saúde corporal da mulher. É praticada com o uso de força física pelo agressor, que machuca a vítima de várias maneiras ou ainda com o uso de armas. Exemplos: Bater, chutar, queimar, cortar e mutilar.

Violência psicológica (não visual, mas muito extensa): qualquer conduta que cause danos emocionais e diminuição da autoestima da mulher. Nesse tipo de violência, é muito comum a mulher ser proibida de trabalhar, estudar, sair de casa, ou viajar, falar com amigos ou parentes.

Violência sexual (visual): a violência sexual está baseada fundamentalmente na desigualdade entre homens e mulheres.

Logo, é caracterizada como qualquer conduta que constranja a mulher a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada; quando a mulher é obrigada a se prostituir, a fazer aborto, a usar anticoncepcionais contra a sua vontade ou quando a mesma sofre assédio sexual, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade.

Violência patrimonial (visual-material): caracterizada em qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de objetos pertencentes à mulher, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades.

Violência moral (não visual): entende-se por violência moral qualquer conduta que importe em calúnia, quando o agressor ou agressora afirma falsamente que alguém praticou crime que não cometeu; difamação; quando o agressor atribui à mulher fatos que maculem a sua reputação, ou injúria, ofende a dignidade da mulher. (Exemplos: Dar opinião contra a reputação moral, críticas mentirosas e xingamentos). Obs.: Esse tipo de violência pode ocorrer também por intermédio da mídia, em suas várias modalidades. (*Wikipédia*)

VIRTUDE

Objetivo de suma perfeição moral. É a disposição para o bem, para o que é justo e ético, a origem de sentimentos honestos e de

ações corajosas. É o protótipo ideal que persegue um verdadeiro maçom. (*Dicionários*)

VIÚVA

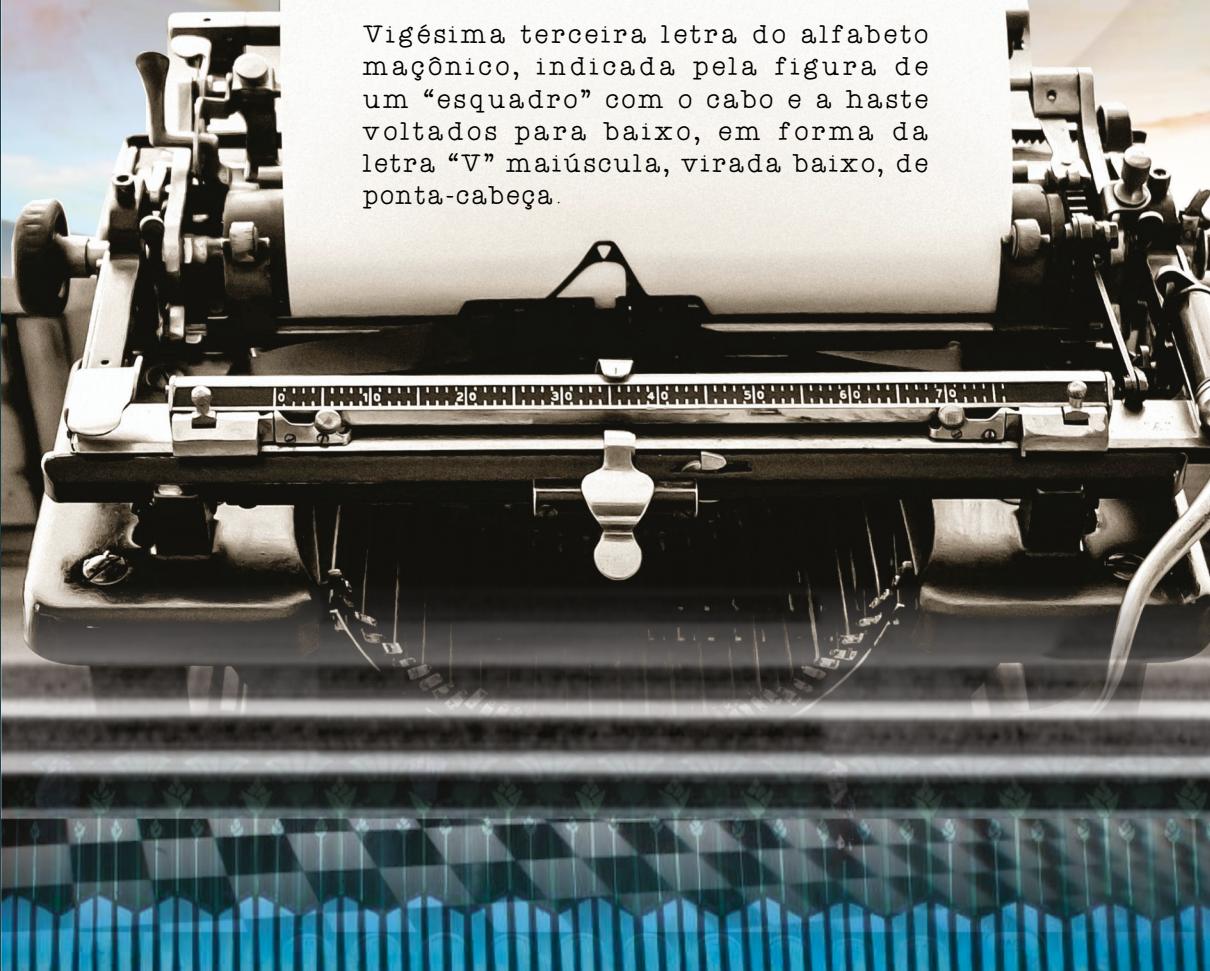
Na Maçonaria, é representada pela mãe de Hiram Abif. Uma lenda conta que ele era filho de uma viúva, da cidade Naftali (Reis 7:13-14). Quando um Iniciado se torna maçom, é chamado de filho da viúva. Palavra esta que faz parte de uma frase usada no Grau de Mestre, em pedido de socorro. (*Wikipédia*)



Vigésima segunda letra do alfabeto maçônico, indicada pela figura de um “esquadro” com a haste e o cabo voltados para a direita, em forma da letra “V” maiúscula, virada para a direita, com um ponto no centro.



Vigésima terceira letra do alfabeto maçônico, indicada pela figura de um “esquadro” com o cabo e a haste voltados para baixo, em forma da letra “V” maiúscula, virada baixo, de ponta-cabeça.



Pintura: Valdson Ramos



WENCESLAU BRÁS

Wenceslau Brás Pereira Gomes nasceu na cidade de Brasópolis-MG, em 26 de fevereiro de 1868, e faleceu na cidade de Itajubá-MG, no dia 15 de maio de 1966.

Foi advogado e 9º Presidente do Brasil de 15 de novembro de 1914 a 15 de novembro de 1918.

Em 7 de março de 1896, foi iniciado na Loja “Caridade Mocoquense”, de Mococa-SP, da jurisdição do Grande Oriente do Brasil. Por intermédio do Supremo Conselho, foi elevado ao Grau 30. (*Wikipédia*)



Vigésima quarta letra do alfabeto maçônico, indicada pela figura de um “esquadro” com o cabo e a haste voltados para baixo, em forma da letra “V” maiúscula, virada baixo, de ponta-cabeça, com um ponto no centro. A figura é parecida com a letra “A” maiúscula.



Vigésima quarta letra do alfabeto maçônico, indicada pela figura de um “esquadro” com o cabo e a haste voltados para baixo, em forma da letra “V” maiúscula, virada baixo, de ponta-cabeça, com um ponto no centro. A figura é parecida com a letra “A” maiúscula.



Pintura: Valdson Ramos



XELEMONTE

Palavra que aparece nos Graus 6 e 11 para representar a perfeição. (*Rituais*)

XEKINÁ – SHEKINAH – (CHEQUINÁ)

Palavra hebraica para habitação ou presença de Deus. Esse nome é muitas vezes usado na palavra Deus. (*Wikipédia*)

XICO TROLHA

Francisco de Assis Carvalho (1934 – 2002), natural de Londrina-PR, foi um dos baluartes da Maçonaria no Brasil. Iniciado em 1965 e tinha o Grau 33 pelo Rito Escocês Antigo e Aceito. Xico Trolha fundou a Editora Trolha, uma das mais importantes editoras maçônicas do Brasil. Publicou 30 livros sobre maçonaria. (*Biografia*)



Vigésima enajila letra do alfabeto maçônico, indicada pela figura de um “esquadro” com o cabo e a haste voltados para baixo, em forma da letra “V” maiúscula, girada para baixo, de ponta-cabeça, com um ponto no centro. A figura é parecida com a letra “A” maiúscula.

O



Vigésima quinta letra do alfabeto maçônico, indicada pela figura de um “esquadro” com o cabo e a haste voltados para a esquerda, em forma da letra “V” maiúscula, virada para a esquerda.



Pintura: Valdson Ramos



YOD (IOD)

Letra Sagrada dos Maçons do Rito Escocês Antigo e Aceito.
Representa a inicial de Jafé ou Jeová.

Letra do alfabeto hebraico, equivalente à letra Y, a Letra Sagrada dos Maçons. (*Dicionário de Maçonaria*)

YORK

Cidade inglesa, célebre pela influência da Maçonaria. Foi construída no século I a.C. pelas Sociedades de Construtores que acompanhavam as Legiões Romanas que se converteram nas célebres Confraternidades dos Construtores.

A Carta de York é um documento histórico, que constitui um dos mais antigos documentos sobre a Maçonaria Operativa e sob a qual são baseadas as principais Constituições que se conhece. Segundo os historiadores, foi no ano de 925 que o Rei Adeslstan, neto de Alfredo o Grande, educado por sacerdotes arquitetos, e que, como era também arquiteto, educou seus filhos baseado nessa arte. Fazendo um de seus filhos, Edwin, Grão-Mestre da Confraternidade, que compilou os documentos existentes e criou a Carta de York. (*Wikipédia*)

YORK, A LENDA

Um dos primeiros documentos maçônicos, no qual os maçons alegam que seus ancestrais diretos narram que havia uma organização de maçons que tinha como finalidade a fraternidade entre seus membros, com responsabilidades mútuas. Vai do reinado de Henrique VI ao Período Elisabetano, durante cerca de um século e meio.

Esses documentos mostram a evolução de uma lenda da Maçonaria, começando antes da enchente e culminando no restabelecimento do ofício da Maçonaria em York durante o reinado do Rei Athelstane. (*Autor desconhecido*)

YORK, RITO

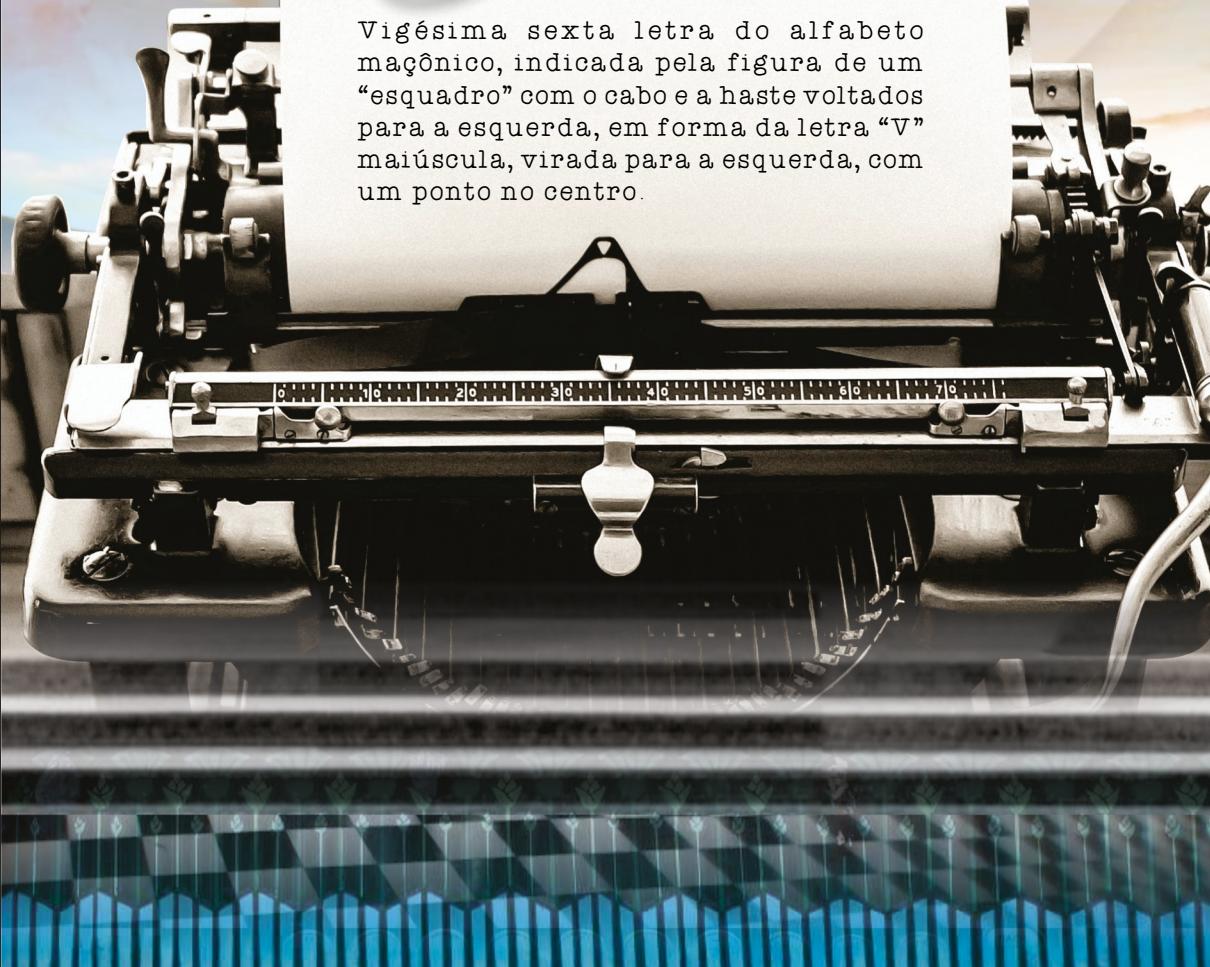
Acredita-se ter sido criado em 1743, pelos jesuítas. Foi levado à Inglaterra por volta de 1777, inicialmente foi composto de 4 graus, hoje possui 13 (14), atualmente é o rito mais difundido no mundo.

Rito York, ou Rito Americano, é o Rito praticado pelas Grandes Lojas dos Estados Unidos. Apresenta 14 graus, sendo 3 Graus Simbólicos e mais 11 Altos Graus. Normalmente, os maçons americanos praticam os três primeiros graus da Loja Simbólica em Rito de York e o restante no Rito Escocês Antigo e Aceito. (*Wikipédia*)

Vigésima sexta letra do alfabeto maçônico, indicada pela figura de um esquadro com o cabo e a haste voltados para a esquerda, em forma da letra "V" maiúscula, virada para a esquerda, com um ponto no centro.



Vigésima sexta letra do alfabeto maçônico, indicada pela figura de um “esquadro” com o cabo e a haste voltados para a esquerda, em forma da letra “V” maiúscula, virada para a esquerda, com um ponto no centro.



Pintura: Valdson Ramos



ZACHARIAS

Significa “Lembrança do Senhor” em hebraico. Palavra ligada ao Grau 32 do Rito Escocês Antigo e Aceito. Teria sido um dos dez profetas. (*Reis 15:8*)

ZARASTRO (OU ZARATUSTRA)

Nome grego dado a Zoroastro, célebre legislador persa que viveu 6500 anos antes de Platão e foi fundador da religião do zoroastrismo, também chamada de masdeísmo, matismo ou parsismo, é uma religião monoteísta fundada na antiga Pérsia. (*Dicionário de Maçonaria*)

ZEBULON (OU ZABULON)

Sexto filho de Jacó (Gênesis 30:20), dando origem ao povo Zebulonita. Nome lembrado no Grau 13 do Rito Escocês Antigo e Aceito. (*Wikipédia*)

ZENITE

Ponto imaginário que se supõe situado diretamente sobre nossas cabeças (oposto ao Nadir). Esse termo é utilizado para descrever a altura de uma Loja Maçônica. (*Dicionário de Maçonaria*)

ZILÁ OU ZILAH

Uma das mulheres de Lameck, a mãe de Tubalcaim (Gênesis 4:22) (*Dicionário Encyclopédico Maçônico do Rito Escocês Antigo e Aceito*)

ZODIACAL

O que pertence ao Zodíaco. As 12 colunas que circulam os Templos Maçônicos e sobre cada uma delas se vê um dos 12 signos zodiacais. (*Dicionário Encyclopédico Maçônico do Rito Escocês Antigo e Aceito*)

Índice onomástico

A

A COBERTO	53
A GUINOSE (OU GNOSE).....	53
A MIM, MEUS IRMÃOS.....	53
Justificativas	54
O COMANDO “PELA SAUDAÇÃO”	
Dois (ou mais) podem ser os objetivos desse movimento.	55
O COMANDO PELA BATERIA.....	56
O COMANDO PELA ACLAMAÇÃO	
Aclamação = Ato ou efeito de aclamar; ovação.....	57
ABATER COLUNAS	58
ABERTURA DOS TRABALHOS	58
(Representação do Caos)	58
Abertura e Encerramento dos Trabalhos – I	
(Caráter moderno – Especulativo).....	59
Abertura e Encerramento dos Trabalhos – II	
(Representação dos maçons antigos).....	60
ABÓBADA.....	61
ABÓBADA CELESTE	62
ABÓBADA DE AÇO	62
ABÓBADA ESTRELADA	62
ABRAÇO FRATERNAL (OU “ACOLADA”)	64
ABRILHANTAR	66

ACÁCIA	66
UM TRABALHO MAÇÔNICO SOBRE A “ACÁCIA”	67
A lenda	67
ACANTO – CAPITEL CORÍNTIO	71
Lenda I	71
Lenda II	72
ACEITO	72
ADJUNTO	73
ADOÇÃO DE LOWTONS	73
Significado de Lowton / Lowtons.....	73
ADONIRAMITAS	74
ADORMECIDA E ADORMECIDO.....	74
ÁGAPE.....	75
AGNÓSTICO	75
ÁGUIA BICÉFALA.....	75
ÁGUIA DE DUAS CABEÇAS – ORIGEM.....	76
ALAVANCA	76
ALEGORIA	76
ALFABETO MAÇÔNICO	76
ALFAIAS – ADORNOS – PARAMENTOS	77
ALFANJE	77
ALQUIMIA	77
ALTAR	78
ALTAR DAS ABLUÇÕES	78
ALTAR DO 1º VIGILANTE	78
ALTAR DO 2º VIGILANTE	79
ALTAR DO VENERÁVEL MESTRE	79
ALTAR DOS JURAMENTOS	80
ALTAR DOS PERFUMES	80
ALTO CORPO	81
ALTURA DA LOJA	81
AMOR	81
AMOR FRATERNAL	81
AMPULHETA	83

ABC DOS SIGNIFICADOS MAÇÔNICOS	361
ÂNCORA	83
ÂNGULO RETO	84
ANO LUCIS OU ANO-LUZ	84
ANO MAÇÔNICO	85
Era Vulgar e Era da Verdadeira Luz (Parte do texto do escritor Pedro Juk sobre o assunto) ...	85
ENTENDENDO O TERMO	
“MAÇONS ANTIGOS, LIVRES & ACEITOS”.	
Kennyo Ismail – CMSB	86
ANTIMAÇÔNICO	89
APRENDIZ	89
AR	89
ARCA DA ALIANÇA	90
ARITMÉTICA	90
ARQUITETO DO UNIVERSO	90
ARQUITETURA	91
ARRANHA-CÉU	92
ARTE REAL	92
ASSENTOS DOS RECÉM-INICIADOS	92
ASSENTOS NO ORIENTE	94
ASTROLOGIA	94
ASTRONOMIA	95
ATA	95
ATO	95
ÁTRIO	95
AUMENTO DE SALÁRIO	96
A.: U.: T.: O.: S.: A.: G.:	96
AVENTAL	96
AVISO	98
AZEITE	98
AZUL	98
BABEL	101
BABILONIA	101
BALANDRAU	101

BALAUÍSTRE	102
BANCO MAÇÔNICO	103
BANDA OU VENDA	103
BANDEIRA	103
BANDEIRA DO BRASIL.....	103
BANQUETE MAÇÔNICO	107
BASTÕES.....	108
BATERIA	110
BATISMO MAÇÔNICO	110
BEIJO	110
BELEZA.....	110
BEM GERAL	111
BENEFICÊNCIA.....	111
BÍBLIA	112
BÍBLICA.....	112
BODE	112
BODE EXPIATÓRIO	113
O Levítico menciona pela primeira vez, na Bíblia,	
o Bode Expiatório.....	113
BODE NA MAÇONARIA	114
BOLAS	116
BOLSA	116
BOLSA DE PROPOSTAS E INFORMAÇÕES	116
BOOZ OU BOAZ	117
BORDA OU ORLA DENTADA	117
BORLAS.....	118
BRANCO	119
BRASIL.....	119
1º – Período “Colonial”.....	119
2º – Período “Monárquico”.....	120
3º – Período “Republicano”.....	120
BRINDES.....	121
BURILAR.....	121

C

CABALA (KABALÁ)	125
CABALA – ÁRVORE DA VIDA.....	126
CADEIA DE UNIÃO	126
Círculo ou cadeia formada pelos maçons no curso de uma cerimônia.....	126
CAIFÁS	130
CAIM	130
CALENDÁRIO	130
CALENDÁRIO MAÇÔNICO	131
CÁLICE OU TAÇA.....	131
CAM.....	131
CÂMARA	131
CÂMARA DE REFLEXÕES	132
ÁGUA.....	132
O Batismo de Jesus.....	133
PÃO	134
V.I.T.R.I.O.L.....	134
Definição.....	135
GALO.....	136
CAN:	137
CANAPÉ	137
CANAPÉ CELESTE	137
CÂNCER	138
CANDELABRO	138
CANDELABRO DE SETE BRAÇOS	138
CANDIDATO	138
CANHÃO	138
CÂNONE OU CAPTAÇÃO	139
CANTEIROS.....	139
CAOS	139
CAPITAÇÃO.....	139
CAPITÃO.....	140
CAPITEL	140

CAPÍTULO	140
CARACTERES MAÇÔNICOS	140
CARGOS EM LOJAS	140
Venerável	141
1º Vigilante	141
2º Vigilante	141
Orador	141
Secretário	141
Tesoureiro	142
Mestre de Cerimônias	142
CARIDADE	142
CARTA CONSTITUTIVA	142
CATAFALCO	143
CAVALEIRO	143
CAVEIRA	143
CENTROS DE FORÇA	143
CERIMÔNIA FÚNEBRE	143
CERTIFICADO	145
CÉU	145
CHAMAS	146
CHAPÉU	146
CHARLESTON	146
CHAVE	147
CHAVES CRUZADAS	147
CHOVER	147
CIMENTO	147
CINZEL	147
CIRCULAÇÃO	148
CÍRCULO	148
COBERTURA DO TEMPLO	149
CÓDIGO MAÇÔNICO	149
COMPOSIÇÃO DA LOJA MAÇÔNICA	150
COLMEIA	151
COLUNA	152

Colunas Simbólicas Pontos Cardeais	152
COLUNA DA HARMONIA	153
COLUNA FUNERÁRIA.....	153
COLUNAS DO TEMPLO MAÇÔNICO	153
COLUNAS SOLSTICIAIS	154
Coluna “B”	154
Coluna “J”.....	154
COLUNETAS	155
Do Venerável	155
Do 1º Vigilante.....	156
Lenda.....	156
Coluneta do 2º Vigilante.....	157
Lenda	157
CONSTITUIÇÃO.....	157
CONSTITUIÇÃO DE ANDERSON.....	158
ANDERSON	159
COR DO TEMPLO.....	160
CORDA DE 81 NÓS	160
CORTEJO	161
COWAN (OU “GOTEIRA”)	161
CRUZ	165
CURIOSIDADES NA MAÇONARIA.....	166
Curiosidade I	166
Curiosidade II.....	166
Curiosidade III.....	166
Curiosidade IV.....	167
Curiosidade V	167
Curiosidade VI.....	167
Curiosidade VII	168
Curiosidade VIII	168
Curiosidade IX.....	168
Curiosidade X.....	169

D

DECORAÇÃO DA LOJA	173
DECRETO	173
DEGRAUS	173
Resumindo	174
DELTA	174
DEPUTADO	175
DESBASTAR	175
DESPOJAR DE METAIS E VALORES	175
DEUS	175
DEUS MEUMQUE JUS	176
DEUS VULT	176
DIA DO MAÇOM	176
DIÁCONO	176
DIGNIDADES	177
DIGNITÁRIOS	177
DIONISO OU DIONÍSIO	177
DOSSEL	177
DOUTRINA MAÇÔNICA	178

E

EDUCAÇÃO E MORAL – LOJA MAÇÔNICA	181
EGRÉGORA	181
(EGRÉGORA – ENERGIA CONCENTRADA)	
José Eduardo Stamato, M.I. ARLS Hórus 3811, REAA	
Santo André – Grande Oriente de São Paulo, Brasil.....	181
AS ONDAS E SUAS FINALIDADES CONFORME	
A CIÊNCIA	183
EGRÉGORA DA MAÇONARIA	184
(grifo nosso)	184
NOTAS	185
EL HANAN	186
ELEIÇÃO	186
ELEITO	187

ELEMENTOS	187
ELEVAÇÃO	187
ELIAH	187
ELOAH	187
EMMANUEL	187
ENTRADA DE RETARDATÁRIOS	187
ESTAR ENTRE COLUNAS	188
EQUINÓCIO	189
ERA MAÇÔNICA	189
ERA VULGAR	190
ESCADA	190
ESCADA DE JACÓ	190
ESCADA EM CARACOL	191
ESCOCÊS (RITO; ESMOLER)	192
ESCOCÊS PRIMITIVO (I)	193
ESCOCÊS PRIMITIVO (II)	193
ESCOCÊS PRIMITIVO (III)	193
ESCOCÊS REFORMADO (IV)	193
ESMOLER	193
ESOTERISMO	193
(Grego – esotérikos= “interno”).	193
ESPADA	193
ESPADA FLAMÍGERA	194
ESPAÑHA	194
ESPÍRITO SANTO	194
ESQUADRO	194
Ramos do Esquadro (Pedro Juk – jukirm@hotmail.com).	195
ESQUELETO	196
ESSÊNIOS	196
ESTANDARTE	196
ESTRASBURGO	196
ESTRELA FLAMEJANTE	197
ETAPAS DO APRENDIZADO MAÇÔNICO	197
EXALTAÇÃO	200

EXÉQUIAS	200
Exigência (2 ^a) legal para abertura dos trabalhos	201
EXOTERISMO E ESOTERISMO NA MAÇONARIA	202
EXPERTOS	203

F

FAIXA – FITÃO	207
FALANGE	207
FAZER FOGO	207
FÊNIX	208
FIAT LUX	208
FIÉIS E VERDADEIROS	208
FILHO DA VIÚVA	208
FILHOS DA VERDADE	209
FILHOS DE HIRAM	209
FILIAÇÃO	209
FILOSOFIA	209
FIO A PRUMO	210
FOGO	210
FOGO SAGRADO	211
FORÇA	211
FORMATO DO TEMPLO	211
FRANCO-MAÇOM	211
FRANCO-MAÇONARIA	212
FREE-MASON	213
FUSTE	213

G

GABAON	217
GABAONA	217
GABAONITAS	217
GANSO E A GRELHA	218
GARANTE DE AMIZADE	218
GARRA DE LEÃO	218

ABC DOS SIGNIFICADOS MAÇÔNICOS 369

GEÔMETRA	218
GIMEL	218
GNOSE	219
GRANDE	219
GRANDES LOJAS – ORIGENS	219
GRANDES LOJAS – HISTÓRIA	219
GRANDES LOJAS – POTÊNCIA MAÇÔNICA	220
GRANDES LOJAS NO BRASIL	221
GUTURAL	221

H

H.: A.:	225
HARMONIA	225
HEPTAGRAMA OU SEPTAGRAMA	225
HERMES	225
HEXAGRAMA	226
HIERARQUIA	226
HIRAM	226
HIRAM ABIF	226
HIRAMITAS	227
HONORÁRIO	228
HORROR	228
HORUS	228
HUR	228
HUZE	228
Outras referências	229

I

IDADE	233
IDADE DA SABEDORIA	233
IDADE MAÇÔNICA	233
IDENTIFICAÇÃO MAÇÔNICA	233
IEVE	234
ILUSTRE	234

IMORTALIDADE	235
IMPOSTOR	235
INCENSO	235
INICIAÇÃO	236
INSÍGNIAS	236
INSTALAÇÃO	236
INTERSTÍCIO	236
INVESTIDURA	237
ISIS	237

J

J N R J	241
JACKIM – JAKIM – JAQUIM	241
JACÓ (OU JACOB)	241
JOÃO BATISTA	242
JOÃO EVANGELISTA	242
JOIAS FIXAS	242
A Prancheta da Loja	242
Pedra Bruta	243
Pedra Polida ou Cúbica	243
JOIAS MÓVEIS	243
JUBELAS	244
JUBELOS	244
JUBELUM	244
JUSTO E PERFEITO	244

K

KADOSH	247
KIPA, QUIPÁ OU SOLIDÉU	247

L

LAÇO SIMBÓLICO	251
LÂMPADA MÍSTICA	251
LANDMARK	251

ABC DOS SIGNIFICADOS MAÇÔNICOS 371

LENDA.....	252
LIBERDADE	252
LIVRE E DE BONS COSTUMES	252
LIVRO DA LEI NA MAÇONARIA	252
Abertura do Livro da Lei.....	252
Fechamento do Livro da Lei.....	253
Significado do Livro da Lei em Loja Maçônica.....	254
LOJA DECADENTE.....	255
LUZES DA LOJA.....	255

M

MACHADO.....	259
MACKEY, ALBERT GALLATIN.....	259
MAÇO	259
MAÇOM	260
MEIO-DIA À MEIA-NOITE.....	260

N

NAVE	263
NAZARÉ	263
NEM NU NEM VESTIDO	263
NE VARIETUR	264

O

O QUE É A MAÇONARIA	267
ORDEM DO DIA	268

P

PALAVRA SEMESTRAL	271
PAINEL DO GRAU	271
PALAVRA A BEM DA ORDEM EM GERAL E DO QUADRO EM PARTICULAR.....	271
PAVIMENTO MOSAICO	272
PODEROSO	272

POLÊMICA	273
POSIÇÃO DOS PÉS	275
Justificativas	275
PRANCHETA DA LOJA	276
PRIORIDADE DA LOJA SIMBÓLICA	277

Q

QUARTO DE HORA DE ESTUDOS	283
QUINTESSÊNCIA OU QUINTA-ESSÊNCIA	283
QUIT PLACET EX-OFÍCIO	283
LETRA “R”	287

R

RAMO DE ACÁCIA	287
RAMO DE OLIVEIRA	287
RECIPIENDÁRIO	287
RECONHECIMENTO	288
REMIDO	288
RITO	288
RITUAL (LIVRO)	288

S

SALA DOS PASSOS PERDIDOS	291
SALMO	292
SALMO 133 – ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO	292
Landmarks	293
O Livro da Lei	295
A Bíblia	295
Abertura da Bíblia em Salmo 133	296
Cavaleiros templários	297
REI DAVI	297
Bíblia de Jerusalém (em uso na GLEG)	298
E que desce à orla dos seus vestidos	299
É como o orvalho de Hermon	299

Que desce sobre Sião...	300
Porque ali o Senhor ordenou a bênção e a vida para sempre	300
O simbolismo da Arca da Aliança	301
Conclusão	302
SALOMÃO	302
SÃO JOÃO, NOSSO PADROEIRO.....	303
SATISFAÇÃO DOS OBREIROS	305
E se algum obreiro não estiver satisfeito?	306
SAUDAÇÃO HONORÍFICA.....	308
SAUDAÇÃO MAÇÔNICA	308
SEGREDO MAÇÔNICO	308
SEITA	309
SEMANA SANTA – Como se determina.....	309
SEMENTE DE ROMÃ	310
SESSÃO ADMINISTRATIVA	310
SESSÃO ECONÔMICA.....	310
SESSÃO MAGNA	311
SETE VÍCIOS MAIS PREJUDICIAIS.....	311
SETENTRIÃO	311
SHIBOLET.....	311
SIÃO.....	312
SIC TRANSIT GLORIA MUNDI	312
SIGILO MAÇÔNICO.....	312
SÍMBOLO, ALEGORIA E EMBLEMA.....	312
SOU REALMENTE MAÇOM?	315
(Thiago Andrei Pereira).	315

T

TÁBUA DE DELINEAR.....	319
TAÇA DA AMARGURA	319
TAÇA SAGRADA	320
TAU	320
TELHAR OU TROLHAR	321
(Veja “Trolhamento ou Telhamento mais adiante”).	321

TEMPLÁRIO.....	321
TEMPLÁRIOS ORDEM.....	321
TEMPLO MAÇÔNICO DO R.: E.: A.: A.:	321
TRONCO DE SOLIDARIEDADE	322
TRONO, DOSSEL, DELTA SAGRADO E DELTA LUMINOSO	322
TETRAGRAMA	323
TIMBRE.....	323
TOQUE	324
TRAJE MAÇÔNICO	324
TRATAMENTO NAS LOJAS SIMBÓLICAS.....	324
TRÊS PONTOS.....	324
TRÊS VEZES PODEROSO	325
TREVAS.....	325
TRÍADE	325
TRÍPLICE ABRAÇO	325
TROLHA	326
TROLHAMENTO OU TELHAMENTO	326
TRONO DE SALOMÃO	328
TUBALCAIM	328
TURÍBULO	328

U

U:	331
UNIVERSAIS OU UNIVERSAL.....	331
UNIVERSI TERRARUM ORBIS ARCHITECTONIS AD GLORIAM INGENTIS – ORDO AB CHAO	331
URNA DO MANÁ	332
O que era o “maná”	332

V

VALE	335
VASO DAS ABLUÇÕES.....	335
VAU	335
VELAS MÍSTICAS	335

ABC DOS SIGNIFICADOS MAÇÔNICOS	375
VENERANÇA OU VENERALATO	335
Minha opinião	337
VENERAR	338
VENERÁVEL IRMÃO	338
VER A LUZ	338
VERDADEIRA LUZ	338
VERGONHA	338
VILÓES	338
VIOLAÇÃO OU VIOLAÇÃO DO JURAMENTO	339
VIOLÊNCIA	339
VIRTUDE	340
VIÚVA	341
W	
WENCESLAU BRÁS	345
X	
XELEMONTE	349
XEKINÁ – SHEKINAH – (CHEQUINÁ)	349
XICO TROLHA	349
Y	
YOD (IOD)	353
YORK	353
YORK, A LENDA	354
YORK, RITO	354
Z	
ZACHARIAS	357
ZARASTRO (OU ZARATUSTRA)	357
ZEBULON (OU ZABULON)	357
ZENITE	357
ZILÁ OU ZILAH	358
ZODIACAL	358

Referências

Autores pesquisados:

- Rizzato da Camino.
- Nicola Aslan.
- Xico Trolha.
- José Castellani.
- Theobaldo Varoli Filho.
- Kennyo Ismail (CMSB – Brasília).
- Dicionário Enciclopédico Maçônico do REAA.
- Dicionário de Termos Maçônicos – José Castellani.
- Rituais da Grande Loja do Estado de Goiás.
- Rituais da Grande Loja do Estado de Alagoas.
- Rituais da Grande Loja do Estado de São Paulo.
- Rituais da Grande Loja do Estado do Mato Grosso.
- Trabalhos Maçônicos de vários Irmãos de todo o Brasil via grupo virtual.
- Biblioteca Maçônica Pensamento.
- Biblioteca Digital – CMSB.
- Grande Oriente do Brasil – Biblioteca Virtual.
- E ainda, vários escritores lidos através dos mais de 92 livros.
- Freemason (site).
- O Ponto dentro do Círculo.

- Trabalhos de diversos Irmãos de todo o Brasil.
- Orientações do saudoso Irmão José Inácio, de Alagoas (*in memoriam*).
- Wikipédia.

SOBRE O LIVRO

Formato: 16x23 cm

Fonte: Minion Pro

Número de Páginas: 380

Todos os direitos reservados ao autor.

Acesse o E-book:



Encontra-se disponível no site
www.leg.com.br

GRANDE LOJA MAÇÔNICA DO ESTADO DE GOIÁS

R. J-52, N. 550 - St. Jaó, Goiânia/GO, 74674-180

Fone: (62) 3207-1020

Site: www.leg.com.br | Facebook: @gleggo

AGML – ACADEMIA GOIANA MAÇÔNICA DE LETRAS

Rua Armogaste José da Silveira, 250

St. Centro Oeste, Goiânia/GO, CEP 74560-900

www.agml.com.br

2023

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

MANIFESTAÇÃO DE UM GRANDE IRMÃO E AMIGO

Milton de Souza, com humildade e profunda sabedoria, irradia luminosidade para todos que dele se aproximam. Estudioso da ritualística e mistérios da maçonaria, tem prazer em dividir seus conhecimentos, este ebook é a maior prova disto.

Muito mais que um simples abecedário, trata-se de verdadeiro dicionário informal, aberto ao conhecimento, cada verbete não se propõe a esgotar o tema, ao contrário, indica que a Sublime Ordem é um constante aprendizado. Leitura agradável, para pesquisa e aprofundamento, sendo uma obra viva, estará sempre pronta para receber novos verbetes ou aprimorar os aqui contemplados.

AMÉLIO DO ESPÍRITO SANTO

MAÇONARIA E INTELECTUALIDADE

«Maçonaria, em seu sentido mais amplo e abrangente, é um sistema de moralidade e ética social, e uma filosofia de vida, de caráter simples e fundamental, incorporando um humanitarismo amplo e, embora tratando a vida como uma experiência prática, subordina o material ao espiritual; é moral, mas não farisaica; exige sanidade em vez de santidade; é tolerante, mas não indiferente; busca a verdade, mas não define a verdade; incentiva seus adeptos a pensar, mas não lhes diz o que pensar; que despreza a ignorância, mas não reprova o ignorante; que promove a educação, mas não propõe nenhum currículo; ela abraça a liberdade política e de dignidade do homem, mas não tem plataforma ou propaganda; acredita na nobreza e utilidade da vida; é modesta e não militante; sendo moderada, universal, e liberal quanto a permitir que cada indivíduo forme e expresse sua própria opinião, mesmo sobre o que a Maçonaria é, ou deveria ser, e convida-o a melhorá-la, se puder.»(Coils Masonic Encyclopedia, COIL & BROWN, 1961, p. 159)

Texto selecionado por JOSÉ MARIANO LOPES FONSECA

ISBN 978-65-87737-61-4